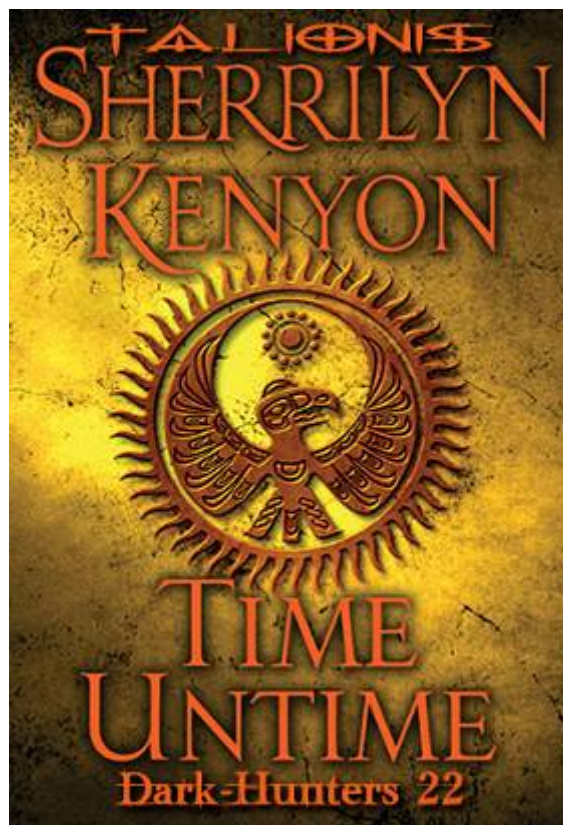


Talionis apresenta:



Sherrilyn Kenyon

Time Untime

Dark-Hunters 22

Os Maias não são os únicos com uma profecia para 2012...

Muito antes de a história ser registrada, havia um guerreiro Keetoowah¹ tão temido que todos tremiam diante sua ira. Apenas uma brutal traição de alguém próximo a ele poderia derrotá-lo. Mas nem mesmo a morte seria o fim para um homem tão forte. A aproximação do Tempo sem tempo...

Kateri Avani foi assolada toda a sua vida com sonhos que não compreende. Imagens de lugares que nunca esteve e de um homem que nunca viu. Sua busca por respostas a levou a Las Vegas, onde espera finalmente silenciar os demônios em sua mente. O que ela nunca antecipou, era ficar cara a cara com o guerreiro que a tem assombrado a vida inteira. Um que pertence a um mundo que a cientista nela se recusa acreditar que é real.

Ren Waya voltou dos mortos para impedir que a profecia que começou se torne realidade e acabe com o mundo. Por milhares de anos ele lutou contra o mesmo mal que uma vez o possuiu. Mas agora esse mal encontrou uma pessoa com a qual ele não pode lutar. A única pessoa que, contra sua vontade, tem a parte mais sagrada dele. Seu coração. Mas se ele não matar Kateri, o mais mortal dos males vai ressurgir e destruir todo o planeta. Foi um sacrifício que ele fez uma vez. Ele será capaz de fazer isso novamente?

¹ **Kituhwa** era capital cherokee, que servia de centro espiritual. Os cherokees nessa terra se dividiam em dois termos o "Povo Principal" e o "Povo Keetoowah", o primeiro usado nas conversas sobre as nações cherokees para mostrar superioridade e o outro sendo mais espiritual. Os tradicionalistas referem a si mesmos como Ah-ni-ki-tu-wa-gi (soletrado em diferentes dialetos locais em Oklahoma como ki-tu-wa ou Gi-du-wa), que são as Pessoas Keetoowah. A adição do "gi" indica "unir pessoas", já que "gi" significa "combinar". Ki-tu-wa significa "a cidade mãe" ou "o centro (espiritual)". A palavra ki-tu-wa-gi, é uma reunião religiosa/social das pessoas. Keetoowah por si define ao local, um monte na cidade, e a originalização dos cherokees como um conjunto espiritual.





Livro Traduzido e Revisado do Inglês

Equipe de Revisão Talionis

	Rev. Inicial	Rev. Final
Prólogo	Khaleesi	Elen Mariano
Capítulo 01	Khaleesi	Elen Mariano
Capítulo 02	Khaleesi	Elen Mariano
Capítulo 03	Ni	Livia
Capítulo 04	Elen Mariano	Livia
Capítulo 05	Elen Mariano	Livia
Capítulo 06	Elen Mariano	Livia
Capítulo 07	Elen Mariano	Livia
Capítulo 08	Elen Mariano	Livia
Capítulo 09	Elen Mariano	Livia
Capítulo 10	Rita	Elen Mariano
Capítulo 11	Rita	Elen Mariano
Capítulo 12	Dani A.	Elen Mariano
Capítulo 13	Dani A.	Elen Mariano
Capítulo 14	Dani A.	Elen Mariano
Capítulo 15	Dani A.	Elen Mariano
Capítulo 16	Luna	Elen Mariano
Capítulo 17	Luna	Elen Mariano
Capítulo 18	Dani A.	Livia
Epílogo	Dani A.	Livia

Envio do Arquivo: Δίκη

Formatação: Greicy **Capa:** Élica

Colaboração: Ειρήνη

Comentário da Revisora Livia: A Sherrilyn caprichou no drama, o Ren é um homem muito sofrido. Gente vocês vão querer segurar o Ren no colo, abraçá-lo e dar muito carinho pra ele. Em alguns momentos eu tive vontade de matar o pai e o irmão dele, homens odiosos.

A mocinha, Kateri, é alegre e ela vai virar o mundo do Ren de cabeça para baixo, ele vai ficar louco por ela. A história dos dois é linda! Divirtam-se!

Comentário da Revisora Elen Mariano: Em 11 mil anos vagando pela Terra, Ren Waya, o mais antigo guerreiro Dark Hunter que se tem notícia, acredita que nada mais poderá surpreendê-lo. Sua tarefa é salvar o mundo do iminente Apocalipse, para isso ele precisa romper todos os



laços que o ligam à Terra, destruir seu irmão e proteger Kateri Avani, a última descendente de uma linha de poderosas mulheres, que pode parar o fim do mundo.

E a única mulher capaz de mostrar a Ren que o amor não é uma obrigação, é uma emoção, nascida do respeito mútuo e da generosidade, não é cruel e traz em si o desprendimento total e absoluto pelo benefício do outro.

Sentimentos que Ren nunca experimentou, e não acredita que possam existir, e pior, está certo que não é merecedor de tal sorte, porém o que Kateri mostra a Ren, é que para conseguir resgatar o mundo, ele precisará resgatar sua alma e perdoar seu pior algoz: ele mesmo.

Só depois de libertar-se do peso da culpa que carrega, depois de perdoar-se é que Ren poderá levar adiante sua tarefa, interromper o Fim dos Tempos, ainda que para isso ele precise destruir a única mulher que mostrou a ele o valor do amor.

Uma das histórias mais comoventes da série.

"Você não tem que acreditar em algo, para que seja real".

Glossário de Termos e Personagens

Termos

Ato de Vingança: Noite em que um Dark-Hunter utiliza para se vingar de quem o traiu e causou sua morte. Termina com o amanhecer.

Apolita: Descendentes amaldiçoados de Apolo que morrem em seu 27º aniversário ou escolhem converter-se em Daimon.

Arcadianos: Seres humanos que podem adquirir forma animal. São descendentes de um pai Humano e uma mãe Apolita.

Caçada de Sangue (Blood-Hunt): Busca de um Dark-Hunter rebelde. O êxito da caça termina com a morte da presa.

Portal de Fuga (Bolt-Hole): Abertura astral entre dimensões que pode ser usada pelos Were-Hunters ou Daimons. Também se chamam portais.

Buffys: Caçadores humanos de vampiros.

Carmilas: Mulheres que buscam Daimons para convertê-las em vampiros imortais.

Daimon: Um apolita que escolheu roubar almas humanas para manter seu corpo com vida.

Dark-Hunter: Alguém que vendeu sua alma a Artemis em troca de um só Ato de Vingança e agora passará a eternidade caçando Daimons.



Day-Dreamers/Dream Hunters: Oneroi, Skoti e Caminhantes dos Sonhos que não têm que estar ao lado da pessoa para manejá-los. São os mais poderosos de sua raça.

Day-Slayer/Assassino da Aurora: Mito dos Daimons sobre aquele da sua raça que pode mover-se durante o dia e que algum dia virá guiá-los para voltar a ganhar o favorecimento de Apolo.

Diktyon: Rede de caça da Artemis.

Dream-Walkers/Caminhantes dos Sonhos: Humanos que podem canalizar seus sonhos e fazerem se passar por Oneroi ou Skoti.

Illuminati: Grupo de Daimons Spathi guarda pessoal de Apollymi, liderados por Stryker, que consiste entre trinta e quarenta membros. Incluindo os mais velhos e poderosos Spathi.

Kalosis: Termo Atlante para "inferno." É o lugar onde se encontra presa Apollymi, para poder ver ao mundo humano, mas não participar dele. Também é onde vivem os Daimons Spathi, em uma perpetua escuridão. Nenhum Dark-Hunter pode entrar, e poucos Were-Hunters são permitidos viver depois de visitar essa dimensão, mas é acessível para os Daimons através dos Portais de Fuga ou brechas.

Katagaria: Termo no plural para se referir ao ramo animal dos Were-Hunters. São animais que podem tomar forma humana.

Katoteros: O lugar misterioso e desconhecido onde vive Acheron.

Kalosis: Termo Atlante para onde reside a Destruidora.

Kyrios: Termo Atlante respeitoso para "senhor."

M'gios: Palavra Atlante para "meu filho".

Omegrion: Conselho governante dos Were-Hunters. Similar a um senado, apenas um representante de cada raça de Arcadianos e Katagaria é enviado para os representar. Fazem leis que regem a todos os Were-Hunters e são responsáveis por fundar os Santuários.

Oneroi: Campeões dos Dream-Hunters, que protegem as pessoas em seus sonhos.

Oráculo: Qualquer pessoa que se comunique com os deuses.

Quatro Reinos: Tempo, Espaço, Terra, Sonhos. Estes são os reinos que a Pirâmide de Proteção protege. Existe somente um pequeno grupo de indivíduos capaz de percorrer os quatro.

Skoti: Predadores de sonhos que se infiltram ao dormir para manipular e seduzir os sonhadores.

Sfora: Esfera que as pessoas no Katoteros podem utilizar para observar eventos em outras dimensões, incluindo o reino humano. As vezes aqueles que são observados podem sentir que alguém os observa.

Sifón: Ato de infiltração aos sonhos para se alimentar das emoções alheias.



Spathi: Classe de guerreiros Daimons que perseguem e matam aos Dark-Hunters.

Escudeiros: Serventes ou ajudantes dos Dark-Hunters. Para ajudá-los a parecerem “normais”, Acheron fundou um Conselho de Escudeiros humanos que os servem. Trabalham com eles, geralmente vivendo na mesma casa e, para o mundo exterior, simulando serem os donos. São pagos extremamente bem por seus serviços.

Tártaro: Versão grega do inferno. A dimensão onde os humanos são castigados pelos pecados de sua vida.

Ypnsi: Sonho sagrado que Orasia liberou uma vez no hall sagrado do Katoteros, na época em que os antigos deuses Atlantes governavam a terra.

Phonoi: são as netas de Ares, Deus grego da Guerra e são a personificação da matança.

Dolophoni: são os filhos das Fúrias, aqueles enviados pelos deuses para punir os inimigos ou os que eles vêem como ameaça. São um exército que pode ser convocado pelos Dark-Hunters ou pelos Dream Hunters.

Shapeshifter: alguém que muda de forma, de animal para humano e vice-versa.

Tsakali Katagaria: Chacal Katagaria

Malachai: ser ancestral de extremo poder, foi criado por Mavromino para combater a Fonte, tem a capacidade de aniquilar e absorver os poderes de um deus.

Personagens



O Herói: Renegade Waya (Ren)

Um dos Keetoowah míticos que sobreviveram ao naufrágio da sua ilha, Ren é um homem perseguido por um passado tão brutal, que nem a passagem do tempo aliviará sua consciência. Mas o sangue em suas mãos não é a única cicatriz de seus crimes. Ele arruinou seu próprio irmão para sempre, e destruiu a vida de ambos. Agora, ele tem a chance de salvar um mundo que outrora tentou destruir, mas poderá encarar seus demônios mais uma vez? O Mal, em sua forma mais pura, o possuíra, de corpo e alma. Assim que os portões dos sete mundos se abrirem e libertarem os seus prisioneiros no mundo humano, ele deverá encontrar uma força que não tem certeza de que a possui. O relógio está correndo...



A Heroína: Kateri Wynd Avani (Kat)

Kateri Avani tem sofrido por toda sua vida com sonhos estranhos que ela não entende. Imagens de lugares nos quais nunca estivera, e de um homem que ela nunca viu. Mas agora que ela está sendo perseguida e como prato principal para seres que ela não consegue identificar, é forçada a viajar para Las Vegas, onde ela espera finalmente calar os demônios em sua mente e parar os do lado de fora que querem acabar com sua vida. Mas o que nunca imaginou, era ficar cara a cara com o guerreiro que a tem assombrado a vida inteira.

A História, por trás da história

Depois que terminei *Retribution*, não poderia deixar esses personagens para trás. Mesmo que eu estivesse desesperada para voltar para a equipe de Nova Orleans, Ren não me deixou. Para não mencionar, assim como uma mulher de herança mestiça de Cherokee (Eu também descendo dos Maia como muitos Cherokee, algo que meu tio Carlos nunca me deixa esquecer), eu queria escrever um pouco mais sobre Choo, Ren e todos os outros. E não pude resistir à tentação de toda essa coisa da profecia de 2012. Eu não posso esperar para vocês verem o que eu fiz com isso. Preparem-se para se divertirem!

Uma das muitas coisas que eu amo sobre escrever qualquer livro é as surpresas inesperadas. Coisas de livros anteriores que se tornam extremamente importantes, como *Sunshine* e seus irmãos. A forma como as coisas se unem... Mais do que isso, era o quanto os mitos e história dos Cherokee e Maias, se relacionam umas com as outras. Eu tive vontade de brincar com os mitos de ambos há um muito tempo, e agora, adoro o motivo de Cabeza ter esse apelido. Se vocês pensarem sobre isso e sobre o fato de que ele era um sacerdote maia, provavelmente poderão descobrir facilmente. É realmente histórica ambas as razões :) E isso é tudo que vou dizer sobre isso, até que leiam no livro. Estou muito satisfeita com a forma na qual o livro acabou. Foi muito difícil deixá-lo e seguir em frente para o próximo. Eu ainda acho que uma das minhas partes favoritas no livro é quando Talon está falando com Cabeza e diz: "Não está em seu melhor dia, Cabeza. Mas sinta-se livre para continuar fantasiando sobre mim. A maioria das mulheres faz." Eu amo o jeito que os caras brincam uns com os outros. E a parte de Nick e Ash também foi uma completa surpresa, que eu não esperava. Uau! Agora tudo faz sentido.

Eu sabia sobre parte dela, mas não tinha percebido de onde "isso" viera. Oooooo!



Prólogo

Num passado distante, sem registro.

Não era divertido ser porteiro para o inferno. A única coisa pior era ser a puta do mal, e Makah'Alay Omawaya também fora isso.

De bom grado.

Um tique martelava em sua mandíbula esculpida enquanto os ventos fortes batiam em seus longos cabelos negros, açoitando-os enquanto ele estava em cima de um alto precipício, seu corpo musculoso e revestido de armas refletido pela lua do caçador. Com a alma doente e cansada, ele examinava o desfiladeiro vermelho que estava inundado com a lua e com as sombras dançantes que lhe lembravam do seu passado.

Como poderia um homem arruinar a vida de tantos outros?

Não, arruinar não.

Destruir.

Ele já não possuía o direito de viver. Não depois de todo o sangue que ele avidamente derramou com sua faca e flechas. Não depois de todas as atrocidades que ele cometeu. No entanto, aqui estava ele. Sozinho.

Envergonhado.

Morto-vivo.

Um guardião designado duas vezes para um mundo que ele obstinadamente tentou aniquilar. Sim, não fazia sentido para ele também. Os espíritos eram sempre um mistério. Ele não podia sequer começar a entender o seu raciocínio em lhe permitir voltar aqui.

Mas então, uma lição que aprendera através de tudo isso era verdadeira no velho ditado, — *um homem tem responsabilidade, não poder*. Após todos esses anos, ele finalmente entendia o que aquilo significava.

Eu não falharei com eles.

Ou consigo mesmo.

Estou decidido...

Ele viveria sua vida atual por decisão consciente, não por acaso. Os espíritos não o escolheram para essa tarefa. Ele se ofereceu. Sem mais desculpas cegas e impedimentos, ele iria fazer as mudanças para o melhor.

Dessa vez ele seria motivado pela excelência e não manipulado pelo mal. Ele seria útil e não utilizado. Sobressair-se-ia ao invés de competir. A partir desse momento, ele confiaria em sua própria sabedoria interior e ignoraria os conselhos e as opiniões dos outros. Sua auto-piedade inútil finalmente terminou, ele iria se esforçar para aprender a autoestima.

Para viver a vida honrada que ele deveria ter vivido todo o tempo.



Seu olhar desviou para a profunda caverna abaixo onde uma vez lutou contra um poderoso imortal por um ano e um dia. Ele ainda não sabia como ou onde ele encontrou forças para a luta. Mas então, sua adrenalina e anos de um passado humilhante que ainda estava preso em sua garganta o impediu de sentir qualquer dor. Impediu de sentir qualquer cansaço ou lesão. Esse desencadeamento de décadas de fúria enjaulada o ajudou mais do que o leite materno.

Se apenas ele tivesse esse consolo agora. Mas com o efeito da luta e do sangue em suas mãos, sentia-se cansado e doente. Desgostoso. Ele queria culpar alguém. Qualquer outra pessoa. Porém, no final ele não poderia fugir da simples verdade.

Ele, sozinho, fez isso para si mesmo. Ele tomou sua decisão e não permitiria que seus pensamentos fossem controlados por outro.

Agora era o momento de fazer as pazes.

Você não está livre, Makah'Alay. Você nunca estará livre de me servir. E agora eu o tenho por toda a eternidade.

"Não, você não tem," ele retrucou em sua mente alto o suficiente para transportá-la desse reino a Terra Oeste, onde o Espírito Grizzly estava preso.

Esperava que para sempre.

O Espírito Grizzly possuía Makah'Alay Omawaya.

"Makah'Alay Omawaya está morto." Morto pela trapaça de seu próprio irmão. E isso, também, foi justificado.

Agora, ele renasceu como Ren Waya —o lobo traiçoeiro— e sua alma estava nas mãos de uma imortal de uma terra distante.

Ár-te-mis. Ela engendrou a magia que o trouxera de volta a esse reino. E ele jurou a si mesmo, proteger o mundo de criaturas como seu irmão, que atacavam as almas da humanidade. Ele não perdeu a simetria e a ironia disso.

Mas então o seu povo sempre acreditou em ciclos e círculos...

Seja gentil com todos, pois você ira encontrá-los outra vez. Foi por isso que seu clã não nunca acreditava em dizer adeus. As pessoas eram sempre as mesmas, mas as circunstâncias mudavam.

E Artêmis possuir sua alma depois de tudo o que fizera, parecia certo. Sem mencionar que lhe permitia observar seu irmão e se certificar de que o Coyote não deixasse ainda mais cicatrizes na terra do que Ren fez quando ele fora seu supervisor.

Mesmo assim, não podia negar que mesmo que o Espírito Grizzly estivesse preso na Terra Oeste, o bastardo ainda possuía uma parte dele que foi corrompida para sempre. A parte que ele esperava estar selada tão firmemente como o portão que aprisionava o Espírito Grizzly.

No entanto, lá no fundo, com os poderes com que Ren fora amaldiçoado desde o momento de seu nascimento, ele viu o que estava por vir. Esses portões enfraqueceriam. E embora ele fosse forte, um homem, até mesmo um morto-vivo, só tinha força até certo ponto. *Grandfather Time*² estava sempre marchando para frente e enquanto ele espiralava através das terras, ele as modificava para sempre.

Suas mãos fortes moldavam e davam forma a essa terra.

² *Grandfather Time* – a tradução direta seria "Avô Tempo", mas como se trata de um nome ou título, foi mantida a grafia original.



Como Ren, ele a marcava.

Um dia, o Grandfather Time viria por ele e exigiria o acerto de contas por tudo o que ele fizera.

Por tudo o que ele *não* fizera.

Que os bons espíritos ajudassem a todos quando esse dia chegasse. Mudanças nunca são sem medo e sacrifício. E embora ele conhecesse os seus pontos fortes, ele também conhecia os seus pontos fracos.

Assim era o Espírito Grizzly e sua serva Windseer. Já o tinham reivindicado como deles.

Da próxima vez, quando eles lutassem, Ren lutaria com tudo que tinha. Mas sabia que não seria o suficiente.

Eles o teriam novamente, e então...

Ren estremeceu com suas visões do futuro e do que esperava esse mundo infeliz que não tinha ideia sobre as coisas que homens como ele mantinham distante.

Não importava e não mudava nada. Ele iria lutar pelo bem mais arduamente do que ele lutou pelo mal. Se ele ganhasse, tudo ficaria bem. E se ele perdesse...

A morte não viria sem seus benefícios.

Capítulo 1

10 de dezembro de 2012

Las Vegas, Nevada

03h00min A.M.

— As penas estão se formando no céu e a Lua Fria está quase acima de nós. Logo o Father Snake abrirá os olhos e com eles, os sete portões.

Ren inclinou a cabeça para baixo quando ouviu o profundo sotaque britânico próprio de Choo Co La Tah, perturbando a escuridão solene onde ele estava sentado, ouvindo o silêncio à sua volta. Essas penas eram a coroa sobre a cabeça da constelação da Serpente, que governava o antigo calendário. Com as penas completando a plumagem e alinhadas ao solstício do inverno, os portões entre esse mundo e o outro iriam abrir. E nesse mundo seria derramado todo o mal que havia sido expulso, não só por seu povo, mas os dos outros seis continentes também.

Onze dias.

21/12/12. 11h11min a.m. Naquele preciso momento o coração do Universo atravessaria a árvore da vida. A cabeça, o coração e o corpo seriam alinhados pela primeira vez em séculos. Quão perfeito era isso? Se alguém duvidasse do equilíbrio e dos ciclos do universo, isso deveria ser prova o suficiente para convencê-los de que, embora tudo possa parecer aleatório, não era. Ninguém, exceto o Grande Criador, poderia ter acertado esse tempo tão perfeitamente.

Onze dias para o Reajuste.



Ren podia ouvir as batidas do relógio. Cada pulsação os trazia para mais perto do inevitável. Mas perto da explosão que soltaria todo o inferno.

Seria um bom momento para dizer no trabalho que estava doente.

Se apenas pudesse. Mas tais luxos pertenciam aos seres humanos, não aos imortais como ele. Para criaturas como ele, nunca havia um dia para doenças ou até mesmo para a preguiça. Ganhando, perdendo ou empatando, iriam lutar até o mais amargo fim e levar muitos inimigos com eles como podiam.

Unidos venceremos.

Unidos morreremos.

E para um imortal, a morte era muito mais assustadora do que era para um ser humano. Quando você morria sem alma, era uma total agonia para toda a eternidade.

Sua existência não seria nada como o inferno se ele caísse.

Ren inclinou sua cabeça respeitosamente a Choo Co La Tah.

— Eu estive observando os sinais. — Durante o que ele teve uma visão que ainda o assombrava. Mesmo com os olhos bem abertos, ele a via claramente. Sentia sua presença, como se ela estivesse aqui, agora.

Mas ele não tinha ideia de quem *ela* era. Um simples lapso de uma mulher com a coragem de um *ogro do penhasco*³, ela vinha a ele através da escuridão. Vestida em camurça amarela, ela prendia o cabelo castanho escuro e o atava com penas brancas. Como a deusa que levou sua alma, ela se ajoelhou ao seu lado enquanto ele estava ferido no chão. Sua doce voz o acalmava quando ela cantava em uma língua que ele não tinha ouvido uma mulher falar em mais de dois mil anos.

A morte o segurava firmemente até que ela colocou sua pequena mão em sua sangrenta bochecha. Inclinando-se para frente, ela continuou a cantar, sua respiração caindo contra sua pele. Seu toque gentil e sua voz suave levavam embora sua dor até que ele não sentiu mais nada, exceto o calor de sua pele contra a dele. Seu olhar preso ao dela enquanto ela beijava seus lábios. Um tão leve, parecendo as asas de um beija-flor.

— Estou aqui por você, — ela sussurrou um instante antes de esfaqueá-lo diretamente através de seu coração. Quando a dor o queimou, ela riu, em seguida o deixou sozinho para morrer ali.

Ele mal terminou sua visão antes que Choo Co La Tah aparecesse em seu quintal. Pela última meia hora, ele esteve observando solenemente o céu, procurando algo que desmentisse o que ele sabia que estava vindo por eles.

Ninguém podia parar um trem. O melhor que podia fazer era sangrar como gado apanhado nos trilhos.⁴

³ **Ogro do Penhasco** É um conto dos nativos norte-americanos, em que um monstro (um ogro) chuta as pessoas sobre um penhasco, para que possam ser consumidos por sua ninhada.

⁴ É uma metáfora, quer dizer que é impossível parar o progresso do que está acontecendo, e se for suficiente tolo e obstinado em tentar fazê-lo será atropelado por ele.



Ren se levantou lentamente no meio do quintal de sua casa, então se virou para enfrentar o antigo imortal. Séculos atrás, eles tinham estados juntos no mesmo clã. Choo Co La Tah foi o amigo mais confiável e conselheiro de seu irmão.

Mas as coisas mudavam. E assim o fazia as pessoas. Muitas vezes você despertava para descobrir que a pessoa que era mais próxima de você era a única que você menos conhecia. E como Ren tinha aprendido em primeira mão, um amigo inundado em maldade era a única coisa a se temer mais. Enquanto os inimigos podem ferir seu corpo, um mau amigo fere seu coração e mente... duas coisas que podem ser fatais.

— Não há sinal da Protetora, — Choo Co La Tah olhou para as Plêiades⁵ acima deles onde o primeiro portão estava. As mesmas estrelas que Ren esteve focado. E as que ocupavam um lugar especial em seu coração. — E se ela já estiver morta?

— Um bom amigo uma vez me disse para não temer o futuro. De uma forma ou de outra, ele virá. O truque é ir ao seu encontro de braços abertos, para que quando ele me atropelasse, não quebrasse nada.

Choo riu. — Eu era muito jovem e muito mais flexível naqueles dias.

Ren riu com o antigo que parecia ser fisicamente um homem bem musculoso em seus trinta anos. Vestido com um casaco de camurça bege e calça jeans, Choo usava seu longo cabelo preto trançado abaixo em suas costas... o mesmo estilo de Ren. E cada um de seus oito dedos tinha um anel de prata protegido por uma pedra sagrada. Como ele, Choo foi o melhor dos guerreiros de seu clã. Eles foram a guerra juntos e eles lutaram um contra o outro. Ironicamente, Ren foi o único que já derrotou Choo Co La Tah.

Algo que ele tinha se enganado ao fazer.

Felizmente, Choo não guardava rancor.

Muito.

Ren cruzou os braços sobre o peito, quando percebeu o quão fresco se tornou o ar da noite. Enquanto esteve meditando, não prestou atenção que à queda da temperatura. Agora, o vento frio do deserto se tornou conhecido.

— Além disso, não é sua morte que devemos temer, tanto quanto a possibilidade de que sua pedra agora esteja nas mãos de algo que não deveria estar.

Choo Co La Tah assentiu.

⁵ **Plêiades** Grupo de estrelas na constelação de Touro. Facilmente visíveis a olho nu, consistem várias estrelas brilhantes e quentes, de espectro predominante azul. Elas têm vários significados em diferentes culturas e tradições. Na tradição cherokee há um mito que havia um grupo de amigos, sete meninos, que sempre estavam juntos, e muitas vezes perdiam a noção do tempo e não voltavam para casa na hora do jantar. Um dia, os meninos estavam jogando um de seus jogos favoritos e se atrasaram e foram recebidos na porta da aldeia pelas sete mães, que estavam zangadas, os meninos ficaram bravos pela repreensão e mais ainda por terem ficado sem o jantar, mas apenas com sopa de pedra. Eles resolveram ir a colina próxima onde sempre brincavam. Lá começaram a cantar: “Espíritos de nosso povo, nos leve para o céu tão azul. Nossas mães não nos querem e nós queremos estar com vocês” Enquanto eles cantavam as mães começaram a procurá-los, todas se dirigiram a colina e viram que seus filhos cantavam e já se erguiam do chão. No desespero elas saltavam tentando pegar os meninos e apenas uma delas conseguiu, onde esse caiu, nasceu um pequeno pinheiro, todos os outros subiram aos céus. Tempos depois, as seis mães notaram que estrelas se formavam onde haviam vistos seus filhos pela ultima vez. E eles são chamados de Plêiades. Por isso que os cherokees olham para as plêiades para orar. É um lembrete de que a vida pode mudar em um instante, trazendo-lhes alegria ou uma tristeza imensurável como a das mães que perderam seus filhos.



— E isso é o que eu mais temo. A *Ghighau*⁶ já deveria ter me contatado agora. Desde que ela não o fez... — Sua frustração era tangível. — Eu nem sei quem ela é nessa vida

Nem Ren. Para protegê-la de todos os predadores que a matariam se pudessem, os Espíritos nunca permitiam aos Guardiões saberem sua identidade até que fosse uma necessidade. Onde os Guardiões eram imortais, a Protetora não o era. Uma criança humana, a quem a pedra sagrada era passada de mãe para filha, junto com a história de seu sagrado dever. Sempre que o tempo se Redefinia, a Protetora sempre enviava um sonho a Choo Co La Tah, para que ele soubesse quem ela era.

Com dois dos quatro Guardiões mortos, Choo e o irmão de Ren o Coyote, eram os únicos que poderiam ajudá-la a redefinir o calendário e manter os portões fechados.

Um Guardiã que iria protegê-la.

Seu irmão que iria matá-la.

Ren, que fora um Guardiã até que seu irmão roubou sua posição, agora estava entre os dois. Enquanto pretendia ficar e lutar com Choo Co La Tah com o melhor de suas habilidades, ele ainda não tinha certeza do que faria contra seu irmão.

Uma parte dele ainda odiava o Coyote por uma vingança que o deixou amargo. Mas abaixo, a culpa era tão profunda que não estava nem mesmo zangado que o Coyote o torturasse no ano passado, quando ele capturou Ren.

Como ele podia estar, quando ele fez muito mais mal ao Coyote?

Traições nunca eram simples. Quando elas vinham de um desconhecido, elas eram desprezíveis. Quando elas vinham de um amigo, eram ofensivas e quando vinham da família...

Elas eram mordazes...

Ele deu um tapa nas costas de Cho Co La Tah.

— Olhe o lado positivo. Pele menos ninguém destampou o Anikutani⁷.

— Ainda assim, meu caro. Lembre-se, ainda temos onze dias para irmos. Um momento de “Oh merda” pode desfazer todos os nossos melhores esforços para proteger esse mundo, e não há nada mais perigoso nessa existência do que um idiota em uma missão.

Ren bufou com seu otimismo.

— Claro que há, Choo.

— E isso seria?

— Um com uma conexão à internet e um pacote de seis de Red Bull. — Mas todas as brincadeiras à parte, Choo Co La Tah estava certo. Se alguém removesse o selo de pedra que mantinha os irmãos de Ren presos durante o Tempo Sem Tempo...

Ele realmente diria no trabalho que estava doente.

⁶ *Ghighau* significa “Mulher Amada” para o povo Cherokee, é um título concedido a uma mulher que toma uma posição poderosa, suas palavras têm um grande peso porque os Cherokees acreditam que o Grande Espírito frequentemente fala através da ‘mulher amada’. É como um guia do conselho espiritual cherokee, uma sábia.

⁷ *Anikutani* era um antigo sacerdócio dos Cherokees. De acordo com a lenda, eles foram mortos em massa pelo próprio povo cherokee, essa revolta foi pelo fato de Anikutani ter se tornado corrupto e conduzindo-os a impropriedades sexuais. O Anikutani que é ‘sacerdócio do fogo’ existiam em tempo históricos, eles eram uma classe clerical. Eram parte de um clã antigo e misterioso com controle sobre as forças da natureza, e controlavam a função religiosa da nação cherokee.



E encontraria um buraco para se esconder dentro.

Com o simples pensamento de seus retornos, seu estômago apertou e arrepios correram em seus braços como se seu inconsciente tentasse avisá-lo de que já era tarde demais para contemplar se esconder. Era como o selo estivesse quebrado.

Pare. É o vento.

O qual ele não tinha nenhuma dúvida a respeito. Mas a questão era o vento vinha do deserto?

Ou sendo lançado do Anikutani?

Capítulo 2

10 de dezembro de 2012

Tuscaloosa, Alabama

04h00min A.M.

Kateri Avani sacudiu-se em seu sono enquanto seus sonhos a atormentavam. Não era mais uma mulher madura, era novamente uma menina, sentada na casa de sua avó, brincando com as bonecas que sua avó havia feito para ela e sua prima Sunshine Runningwolf com o milho que crescia nos fundos do jardim. Quase com doze, Kateri escovava sua pequena mão sobre o cabelo de palha negra de seu boneco masculino. Ela não sabia por que, mas sempre fazia um pequeno arco para ele segurar.

Sua avó estava sentada ao seu lado, na mesa da cozinha de um vermelho antiquado, descascando as ervilhas enquanto falava com Kateri nesse tom sempre gentil, que nunca deixava de fazê-la sentir-se segura em um mundo em que nada fazia.

— Sabe, Ter, é um ditado comum entre as pessoas de que o amor ao dinheiro é a raiz de todo o mal. Mas não poderia ser mais errado. — Ela jogou os fios e as extremidades do caule da ervilha no balde de adubo em seus pés. — Antes da invenção do dinheiro, ou mesmo do sistema monetário, havia muito mal ao redor.

Não sabia por que sua avó lhe dizia isso, Kateri arqueou uma sobrancelha com um tom sério.

O cabelo branco como a neve de sua avó estava trançado e torcido em torno de sua cabeça em um intrincado caracol que Kateri tentou mais e mais dominar. Ao contrario de sua avó, seu cabelo sempre acabava em uma confusão que deixava suas tranças soltas, assim que se movesse rapidamente.

Depois de empurrar seus óculos de volta com seus nódulos, sua avó parou sua dissertação para puxar mais cascas dos caules na cesta de palha feita à mão na mesa e colocá-las na panela prateada que segurava no colo. Apontando para Kateri com um caule longo de ervilha, ela perfurou-a com aqueles olhos dourados que detinham todo o fogo de uma forte curandeira espiritual.



— Preste atenção ao meu aviso, criança. Nem o dinheiro, nem a ganância destruíram a humanidade, e eles definitivamente não arruinaram a vida de um único indivíduo. Pelo contrario, é algo muito mais sinistro. Esses são apenas os sintomas da doença verdadeira que pode apodrecê-la de dentro para fora.

Os olhos de Kateri se arregalaram.

— O que apodrece as pessoas, Vovó?

— Inveja, — disse em um tom arrepiante. — Ela é a mais mortal de todas as coisas, criança. Foi o que motivou o primeiro crime conhecido pela humanidade, quando irmão feriu irmão e o deixou-o para morrer, não por outra razão além do fato de que ele achava que seu irmão era mais favorecido. Superficialmente, é uma palavra muito bonita. Mas, como todo mal verdadeiro, a beleza é enganosa e atrai as presas descuidadas e os arruína. Assim como o redemoinho do diabo, antes que você perceba, você está se afogando nele e não pode escapar, não importa quão duro você o tente.

Seu coração batia forte em seu peito. Essas palavras a assustaram. Ela nunca, nunca queria sentir isso. O problema era que ela não sabia o que *isso* era.

— O que significa *inveja*?

Sua avó afastou as ervilhas, seus movimentos mais frenéticos que antes.

— Vem do latim *invidi*, significa causar ressentimento ou calcular a má vontade para com os outros, a inveja é a incapacidade de sentir felicidade pela boa sorte de outra pessoa ou de desejar-lhe bem, embora eles mereçam. É quando você inveja alguém por seu momento ao sol ou apenas pelo fato de eles terem uma vida que você acha que é melhor ou mais fácil que a sua. Mas escuta minhas palavras, criança, todos nós temos mais do que nossa quota de dores e tristezas. Constrangimentos e coisas que nos assombram. Das quais, ninguém está imune, não importa quão boa ou perfeita seja a vida que você acha que eles vivem. Vergonha e magoa não poupam ninguém.

— Nunca faria uma coisa dessas, Vovó, — Kateri a assegurou. — Eu sei melhor que isso.

Sua avó sorriu gentilmente.

— Eu sei, querida. Mas vale repetir o aviso. É tão fácil cair nas garras da inveja e deixar o ódio e a amargura destruírem sua própria felicidade. — Ela entregou a Kateri varias ervilhas cruas para comer enquanto ela continuava as descascando. — Quando eu era uma menina da sua idade, minha avó me contou uma historia que seu avô havia lhe contado. Mesmo que eu fosse jovem quando a ouvi, ela ficou comigo durante toda a minha vida.

Kateri mastigava as ervilhas enquanto a ouvia. Ela sempre amou os contos de sua avó.

— Um dia, um jovem rapaz foi até seu avô, que era um velho líder Cherokee. “*Edudi*⁸?” Perguntou o garoto. “*Porque você está tão triste?*”

— O velho líder mordeu o lábio e esfregou a barriga, como se seu estomago doesse impiedosamente. “*Há uma luta terrível dentro de mim, Uhgeeleesee*, disse o líder severamente. *Uma que não me deixa dormir ou que me deixa alguma paz.*”

⁸ *Edudi* significa Avô em cherokee.



Ela tocou um talo de ervilha no nariz de Kateri enquanto ela imitava o espanto nos olhos arregalados do menino.

— *“Uma luta, avô? Não estou entendendo. Que tipo de luta dentro de você?”*

Kateri roubou outro punhado de ervilhas da panela de sua avó.

— O velho líder se ajoelhou na frente do menino para explicar. *“No fundo do meu coração, eu tenho dois lobos. Cada um forte o suficiente para devorar o outro, eles estão presos em uma constante guerra. Um deles é totalmente mal. É vingança, tristeza, arrependimento, raiva, ganância, estupidez, superioridade, inveja, culpa, mentira, ego, falso orgulho, inferioridade, insegurança, desconfiança e ressentimento. O outro lobo é totalmente bom. É feito de paz, tranquilidade, felicidade, sabedoria, amor e alegria, esperança e humildade, compaixão, benevolência, generosidade, verdade, fé e empatia. Eles circulam um ao outro dentro do meu coração e lutam entre si em todos os momentos. Dia e noite. Não há trégua. Nem mesmo quando durmo.”*

— Os olhos do menino se arregalaram quando ele respirou bruscamente. *“Que horrível para você”. Seu avô negou com a cabeça ao ouvir essas palavras e bateu ao lado direito do peito do menino, onde se localizava seu coração. “Não é horrível apenas para mim. Também está acontecendo essa mesma luta dentro de você e em cada pessoa que caminha nessa terra como a gente.”*

Kateri tocou seu coração enquanto ela se perguntava se os lobos estavam dentro dela também.

— Essas palavras apavoraram o menino, — sua avó continuou. — *“Então me diga, avô, qual dos lobos vai vencer essa luta?”* O velho líder sorriu para seu neto e segurou seu jovem rosto antes que ele respondesse com uma simples verdade. *“Sempre o que alimentarmos.”*

A voz de sua avó ecoou nos sonhos de Kateri enquanto ela tentava o seu melhor, para acordar a si mesma. *Cuidado com o que a alimenta, criança. Porque essa besta vai segui-la a casa e vivera com você até que você quiserá fazer uma cama para ela ficar ou encontrar a ousadia de expulsa-la.*

Mas sua avó não tinha terminado os avisos. Ela pegou a mão de Kateri e puxou-a para frente através do tempo. Em um lugar que era estranho e estrangeiro e ao mesmo tempo, era familiar. Como se tivesse estado aqui antes e se esquecido.

Ou o banido.

Embora os ventos arrebatadores estivessem quentes, eles fizeram seu sangue gelar de medo, como se houvesse algo simplesmente mal aqui. Algo que a queria morta. A volta delas, estalagmites⁹ e estalactites¹⁰ formavam animais deformados que aumentavam seu desconforto. As paredes de barro vermelho lembravam a de uma paisagem marciana. Mais do que isso, essas paredes esboçavam batalhas passadas entre guerreiros e uma serpente emplumada que se erguia acima deles, cuspidando fogo de suas narinas enquanto tentava derrotá-los.

— Esse foi o começo do fim.

⁹ É uma formação rochosa, sedimentar, que cresce a partir do solo de uma gruta ou caverna em direção ao teto.

¹⁰ É uma formação rochosa, sedimentar, que cresce a partir do teto de uma gruta ou caverna em direção ao solo.



Antes que ela pudesse perguntar a sua avó o que ela quis dizer, Kateri viu uma sombra se mover no chão. A agarrou por trás e empurrou-a contra a seu peito duro. Ela sentiu-se engolida pelo tamanho do homem que a segurava com uma facilidade que a aterrorizava. Vestido com uma camisa de linho branca, colete preto e jeans, ele tinha longos cabelos de ébano que caíam no meio de suas costas. Os olhos escuros brilhavam em um rosto tão perfeitamente esculpido que não parecia real.

O estranho era familiar, ela relaxou.

Até que ele falou.

— Para toda a eternidade, — ele sussurrou em seu ouvido um instante antes de ele mergulhar profundamente uma faca em seu coração, então, jogou-a no chão para morrer. Sua ultima visão foi ele se transformar em um corvo, de modo que pudesse voar para longe dela.

Agitada e com medo, Kateri acordou suando frio ao som de seu despertador estridente. As 04h30min da manhã, o quarto ainda estava escuro pelo breu, mas mesmo assim ela sentia uma presença perto da sua cama. Mais que isso, ela sentia um fraco cheiro de hortelã e loção Jorgen¹¹.

O perfume de sua avó. Houve apenas uma outra vez quando havia despertado com essa sensação e aroma, na noite que sua avó morreu enquanto ela estava na faculdade. Calafrios correram sobre seu corpo, enquanto as lágrimas enchiam seus olhos.

— Eleese? — ela suspirou, usando a palavra Cherokee para avó.

Relâmpagos destacavam as sombras em seu quarto. Kateri ofegou ao ver uma sombra num canto que parecia a forma sólida de uma mulher.

Só que não era sua avó. Ao invés disso era retorcida e horrível. Feia.

Pior, a sombra investiu contra ela.

Reagindo por puro instinto, Kateri jogou o braço para cima e sussurrou as antigas palavras de proteção com que sua avó havia incutido dentro dela para que pudesse combater seus pesadelos, sempre que eles viessem por ela. Como foi ensinada, empurrou contra o invasor com seus pensamentos, desejando que partisse dessa existência ao reino que o gerou. A criatura gritou enquanto chegava a sua cama e seu rosto ficou a centímetros do seu. Seus olhos vazios piscavam com chamas antes que recuasse como se estivesse sendo atingida por um campo de força. Com um grasnido estridente, explodiu em uma criatura raivosa que se retorceu e voou pela janela em forma de um corvo.

Não. Não um corvo comum.

Um *Raven*.¹²

Arrepios correram sua espinha enquanto suas memórias a levavam em um tempo e lugar que ela não queria ir. *É um corvo zombeteiro*¹³. Seres murchos que se revelavam àqueles prestes a morrer.

¹¹ *Jorgen's Jurgens Natural Glow Express* é uma loção hidratante/autobronzeadora, muito conceituada nos EUA. Contém manteiga de semente de manga e vitamina E para a umidade extra.

¹² "Raven" - Corvo, trata-se de um tipo maior, daqueles que são vistos sobrevoando animais mortos em círculos. O outro "corvo" (crow), é pequeno do tamanho de uma pomba.

¹³ O **Corvo Zombeteiro** (Raven Mocker), ou ka'lanu ahkyeli'ski, é um ser maligno da mitologia Cherokee. Ele rouba a vida das pessoas e com isso adiciona um ano para a sua vida por cada ano que o morto viveria. Muito parecido com um banshee, o som de



Para as almas que pretendiam devorar.

Kateri sacudiu sua cabeça fortemente. Não, ela não acreditava nessas coisas. Ninguém ou nada poderia possuir a alma de uma pessoa. Essas eram historias que a avó lhe contava para se divertir ou assustá-la quando era uma criança. Lendas antigas.

Sou uma cientista. Sei que não há tal coisa como metamorfose animal que rouba alma de moribundos.

Era impossível.

Mas sua avó acreditava neles, assim como muitos dos Cherokees que viviam na reserva que sua avó prestava serviços. Tanto que sua avó fora convocada cada vez que alguém estava morrendo. Dia e noite, até que eles morressem, sua avó mantinha a vigília para protegê-los na morte dos corvos zombeteiros.

Tenho lutado contra muitos deles nos meus dias, criança. E como eu, um dia terá a capacidade de vê-los também. Para combatê-los contra as almas que vêm roubar. É sua honra ser minha sucessora. E quando chegar minha hora, quero que você segure minha mão enquanto atravesso a próxima aventura e proteja a minha alma para mim até estar livre desse corpo velho e em segurança através dos portões do céu. Então vou viver entre as estrelas e olhar para baixo para você todas as noites enquanto cuido de você.

Foi um sonho que nunca se tornou realidade. Ao invés de morrer tranquilamente em seu sono como imaginou, sua avó foi assassinada por um invasor em sua casa enquanto Kateri estava a milhares de quilômetros de distancia.

Não pense nisso. Cada vez que o fazia, a raiva, escura e suja, a incendiava e era necessário tudo que ela tinha para não virar uma justiceira raivosa. Sua avó foi a criatura mais amável, mas gentil que já nasceu e algum psicopata tinha chutado a porta e...

Pare! Ela tinha que começar a trabalhar para que...

Seus pensamentos se dispersaram enquanto seu olhar se dirigia a cômoda. Lá em cima, ao lado da pequena imagem dela e de sua prima Sunshine sentada no colo de sua avó, estavam as bonecas de milho que tinha sonhado. Bonecas que não via há anos. Desde o verão, quando tinha dezesseis anos e sua avó levou-a em um ritual para simbolizar sua caminhada desde sua infância até adulta.

Essas bonecas haviam sido reduzidas a cinzas aquele dia, e depois seus restos foram espalhados no jardim para alimentar a nova safra de milho, simbologia da vida e do ciclo de nascimento, renovação, morte e renascimento...

Mas a presença em sua cômoda não é o que realmente a assustou.

Enquanto ela dormia, alguém tinha entrado em seu quarto e escrito em seu espelho com uma barra de sabão, algo que sua avó sempre tinha feito quando Kateri ficava com ela. Pequenas notas como *"Eu te amo"*, *"Boa sorte com seu teste"*, *"Tenha um bom dia na escola"*, *"Não se esqueça do seu suéter"*, ou alguma coisa assim.

Mas essa nora não era doce.

um corvo zombador significa que alguém vai morrer em breve. Corvos zombadores são temidos e invejados pelos outros bruxos do folclore Cherokee



Pegue minha nayu no Vale do Fogo, onde a terra pura deve amansar o corvo. Ouça o búfalo e proteja a borboleta. Juntos, você é mais forte do que qualquer inimigo. E lembre-se, Waleli,¹⁴ quando o coioete vem e as serpentes atacam, ou você come o urso ou o urso como você.

No meio do dia seria irritante para ler. No início da manhã era totalmente cruel.

Não estou com humor para essa porcaria.

— Quem esta aqui? — ela gritou.

Apenas o próprio som de seu coração lhe respondeu. Ela chamaria a policia, mas com que propósito? *Ei, oficial, eu acordei e encontrei essa mensagem realmente enigmática em meu espelho, escrito por alguém que alto ou bêbado ou... Não, oficial, eu não estou de modo algum ligada¹⁵. E não, eles não estão aqui agora e eu não tenho ideia do porque fariam algo como isso, mas você poderia descobrir quem são eles e pedir-lhes para não me deixarem mais notas? De quem eu suspeito? Não tenho ideia. Só minha falecida avó me deixava notas como essa.*

Sim, não iria ser muito bom, e com sua sorte, eles a prenderiam por apresentar queixa falsa.

Ou pior, chamariam a unidade psiquiátrica para ela.

Mas o que realmente a estava perturbando sobre a nota é que a chamaram de *Waleli...* Beija-Flor. Foi seu primeiro nome verdadeiro o qual sua avó o tinha dado em seu nascimento. Um que não tinha sido escrito na papelada da sua certidão de nascimento que sua mãe pediu. Ninguém vivo sabia disso.

Ninguém.

Assim, ou sua avó a tinha visitado ou...

Você não acredita em fantasmas.

Verdade, mas que outra explicação poderia haver? Porque um completo estranho entraria em sua casa, não roubaria nada, não fazendo mal a ela e escreveria isso? O raciocínio desafiava sua lógica.

Como é que eles sabem sobre a nayu de sua avó havia aparecido em sua correspondência endereçada a ela após o dia que sua havia morrido, ou sobre o nome que sua avó usava somente quando estavam sozinhas?

Kateri sacudiu a cabeça.

Talvez fosse isso que o corvo zombeteiro estava fazendo.

Sim, tudo bem, a ideia do corvo zombeteiro escrever com sabão em seu espelho soava ainda mais ridícula e absurda do que a teoria do fantasma, mas o que restava?

Uma vez que você elimina as impossibilidades, aquilo que permanece, não importa o quão improvável, deve ser a verdade. Ela revirou os olhos enquanto sua mente lembrava-se da citação de Senhor Arthur Conan Doyle.

— Eu não acredito nessa merda, Avó!, — Ela gritou para o teto. Ela nunca tinha. Paranormal, corvos zombeteiros, tsinooks¹⁶, espíritos e tal... tolíces piegas.

¹⁴ *Waleli* significa beija-flor em cherokee.

¹⁵ Referência a estar bêbada ou drogada.

¹⁶ Em *Retribuição* (livro do Jess) eles lutam contra os Tsinoos e Jess explica que eles eram humanos que cometeram crimes tão inefáveis e horríveis que os ventos do inverno transformaram seus corações em gelo. E então eles vinham atrás das almas dos humanos.



Ela era uma cientista. Ela só acreditava no que podia ver, provar, tocar, cheirar e ouvir. Quantificar.

O resto era porcaria de romancistas e de Hollywood. Eles simplesmente não existiam fora dos sonhos.

Não o faziam.

De repente, algo rangeu. Kateri estalou a cabeça na direção do som que tinha vindo da cômoda.

Ali em seu espelho, apareciam mais palavras enquanto ela assistia.

Eu acredito em você, Waleli. Não me decepcione.

Acima de tudo, não me deixe sozinha.

Capítulo 3

Meio-dia

Enquanto apontava hora e data em suas notas sobre a amostra de solo que estava examinando, Kateri sentia como se estivesse tentando avançar com a marcha ré engrenada. Com membros pesados, cada movimento lento e difícil. Como se o mundo inteiro estivesse fora de sintonia e ela presa entre duas forças concorrentes. E não importava quanto tentasse duramente se concentrar no trabalho, não conseguia evitar que sua mente repetisse os sonhos loucos.

O que comi ontem à noite?

Sorvete de banana.

É isso. De agora em diante, está fora do menu.

Depois de horas de debate interno que a deixaram duvidando da própria sanidade e se condenando pela estupidez ao pensar dessa maneira, finalmente conseguiu convencer-se que todo o ocorrido até que foi ao banheiro escovar os dentes foi um sonho causado por muito estresse, sorvete e...

Algo retrógrado¹⁷. Teria que verificar com sua prima mais tarde. Sunny sempre sabia sobre coisas estranhas. Se alguém podia dizer que planeta ou signo astrológico estava brincando de destruir sua vida, era Sunny.

Mesmo assim, Kateri não podia esquecer a imagem desse guerreiro de cabelo escuro. Claro, ajudaria se o homem estivesse vestindo uma camiseta cada vez que a visitasse em seu inconsciente. Que tipo de pessoa não tem decência suficiente para permanecer vestido enquanto se intromete em seus sonhos?

Um pouco de modéstia nunca é demais.

Sim, mas colocar roupas em um corpo tão lindo era por si só obsceno.

Shh, mente, tenha você mesma um pouco de decência.

¹⁷ Algo voltado para trás, para o passado.



Mas era difícil, quando tudo o que via era a dor nos olhos escuros enquanto a sustentava em um abraço quente e acolhedor. Enquanto o fôlego causava cócegas na pele. Inclusive agora, podia sentir o coração do homem pulsando contra o ombro. Quase sempre que sonhava com ele, ele pressionava a bochecha contra a dela enquanto parecia saborear a proximidade. Nesses momentos, sempre se sentia tão serena. Tão feliz.

Até que ele a matava.

É apenas um sonho estúpido.

Realmente acreditava. Quando voltou para o quarto para vestir-se, o espelho já não possuía nenhuma inscrição, e não viu nenhum sinal dos punhos, nem do corvo zombeteiro, nem nada fora do normal.

O que demonstrava que sua imaginação estava ativa como sempre.

E meus amigos me perguntando por que nunca experimentei drogas. Com seus antecedentes familiares, não se atreveu a fazê-lo. Havia loucura suficiente sem elas. O último que precisava era acrescentar mais.

Desde que sua avó morreu, teve “visões” que não podia explicar. Cavernas no deserto e petroglifos¹⁸ antigos pintados nas paredes de pedra. Animais que a enfrentavam. Mas a única coisa que sempre foi uma constante em todas era o homem de cabelo escuro que, ou lutava a seu lado, ou...

Apunhalava-a mortalmente.

De repente, a porta do laboratório abriu para revelar seu assistente, Enrique Martínez, que chegava com um pacote gigante nas mãos. Com vinte e três anos, era bonito, e muito consciente disso. Algo que tirava grande vantagem com as companheiras femininas, cada vez que elas precisavam de “tutela.” A lista de pretendentes a “noiva” era tão longa que Kateri deixou de tentar seguir o ritmo semanas atrás.

—Olá, doutora Avani. — Saudou-a apoiando a enorme caixa na mesa ao lado.

Sentada no banquinho, ela sorriu. Disse a ele milhares de vezes que a chamasse de Teri ou Kateri. Mas por alguma razão, ele nunca deixou a formalidade.

—Olá, bonito. Como foi no encontro de ontem à noite?

Ele fez um som de irritação com a língua.

—Não tão bem como esperava. Ela foi como um balde de água fria. Mas bom. Não estou mal por isso. Tampouco ela era o que estava procurando.

—Como é isso?

Sorriu, fazendo covinhas aparecerem no rosto.

—Reclamava tanto ao garçom sobre a comida que me deu medo de comer a minha. A gente nunca sabe quando um cozinheiro irado vai condimentar a carne com algo extra-especial. A última coisa que preciso é uma mulher que seja uma cadela. Sabe ao que me refiro, não?

¹⁸ (do prefixo latino *petra,ae*, "rochedo, pedra", este do grego *pétra,as*, "rochedo, rocha", com o sufixo grego *glúphó*, "esculpir, gravar") são imagens geometrizadas e representações simbólicas, geralmente associadas, que registram fatos e mitos e eram gravadas nas rochas das paredes internas e externas de cavernas por populações neolíticas ou calcolíticas. São encontrados em todo o mundo.



Rindo, esticou-se para pegar o pacote e abri-lo. Droga¹⁹, isto estava pesado. Alguém mandou uma pilha de tijolos? Agora possuía um novo conceito da força de Enrique.

—Ria de minha miséria, doc, mas “A vingança de Montezuma²⁰” não é algo para rir.

Ela o olhou zangada.

—Alguma vez vai esquecer esse acidente?

—Não foi você que teve que encerrar-se no banheiro durante três dias, doc. Obrigado por esse presente de aniversário, por certo.

Ela bufou.

—Sim, bom, ao menos sempre vai lembrar disso. Que nunca diga que não sei como deixar uma impressão duradoura.

Esta vez ele riu com ela, enquanto tirava uma navalha borboleta do bolso posterior, abriu-a e cortou a fita adesiva no pacote.

Arqueando uma sobrancelha, ficou bastante impressionada com as habilidades dele com a faca, e não queria pensar porquê um estudante de geologia possuía uma arma como essa.

—Isso não é ilegal?

Sua expressão faria um anjo chorar ante a inocência.

—É?

Adorava que sempre respondesse as perguntas que não gostava com outra pergunta. Desviar o tema era algo em que se destacava, e era um professor da manipulação. Negando com a cabeça, abriu a caixa para encontrar-se com uma tonelada de bolinhas de isopor e algo empacotado com fita de tal forma que abri-lo parecia uma provocação.

Genial. Justo o que queria. Uma unha quebrada e os dedos machucados por puxar a fita.

Enrique deslizou a navalha no bolso antes de levantar o caderno de notas que estava apoiado na mesa.

—Lindo desenho, doc. É seu noivo, ou algo assim? —Havia um brilho estranho nos olhos. Se não o conhecesse melhor, diria que o reconheceria.

O calor escaldou as bochechas ao dar-se conta do que Enrique segurava. *Por que não o fechei?*

Porque estava distraída convencendo-se que o tema do desenho era uma ilusão por ver muitas comédias românticas.

—Não. De vez em quando desenho para me distrair.

Essa foi a tentativa para tirar o guerreiro misterioso dos pensamentos e assim poder enfocar na investigação e nos exames.

Não funcionou. Mas foi uma boa tentativa que explodiu no rosto. Em vez de esclarecer as ideias, cada linha do cinzelado rosto, e do esculpido corpo ficou agora permanentemente gravado

¹⁹ No original a palavra usada é Dang. Está palavra é uma gíria usada por sulistas americanos para palavra Damn, que quer dizer: maldição, droga, etc.

²⁰ Os turistas que viajam ao México temem a ameaça da chamada vingança de Montezuma: dizem que é só beber a água local para sofrer de diarreia. Mas a explicação é outra: A comida mexicana, fortemente condimentada provoca no estrangeiro, fortes desarranjos intestinais, também chamada de vingança de Montezuma, imperador Azteca da região invadida pelos espanhóis que ao se alimentarem com refeições apimentadas, eram castigados pelas cólicas.



na mente.

Por alguma razão, o desenhou de perfil, olhando para a esquerda com a luz caindo sobre o rosto e iluminando suas feições e seu peito nu em uma pose tão sexy, que estava segura que era ilegal em vários estados.

Esboçou-o com o comprido cabelo solto e pescoço despojado do colar prata, branco e turquesa que usava nos sonhos. Nas mãos, sustentava um porrete de guerra enorme. Lembrava um remo, exceto a ponta que estava cheia de partes de vidro incrustados. Uma arma esquecida, que o homem moderno só conhecia através de glifos pré-históricos, a plataforma possuía um extremo plano que permitia aos Maias nocautear as vítimas e deixa-las inconscientes enquanto o vidro de obsidiana ²¹ podia cortar através da pele e o osso mais rápido que um bisturi ou uma serra cirúrgica. Não sabia por que o via com uma arma Maia, mas era a que usou várias vezes no sonho.

Inclusive sem ela, era letal e poderoso. Atraente e absolutamente delicioso.

Coisas que não queria que Enrique soubesse que pensava. Nunca. Arrebatou-lhe o caderno das mãos e o fechou.

Com um sorriso diabólico que dizia que ele sabia mais do que deveria, Enrique não fez comentários a respeito.

—Ouviu o que aconteceu ao doutor Drake?

—Que doutor Drake? —Havia quatro no campus, e dois deles no departamento de geologia onde ela e Enrique viviam a maioria do tempo.

—O doutor Drake que foi à escavação o verão passado no México. Está em seu correio eletrônico. O mandei mais cedo. Faleceu em um avião faz uns dias.

Ela inspirou chocada com sua falta de tato. *Droga, sua mãe não o educou melhor que isso? Não se bombardeia uma pessoa com notícias assim tão trágicas...*

Um pouco mais de tato teria sido agradável.

O Drake ao que se referia era Fernando Drake, do departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade do Millsaps no Mississippi. Foram amigos desde que se conheceram no Reed Hall como estudantes na Universidade da Georgia, Fernando foi suficientemente amável para matar ao inseto de seu quarto que a aterrorizou durante dias.

Algo que fez com estilo, enquanto a escutava gritar, pedindo um sapato para matar à besta. Com uma bota, Doc Martens ²² com chamas vermelhas, na mão, ele atravessou a porta aberta e o matou no chão junto à cama de sua companheira de quarto.

E o que fazia o sucesso ainda mais heroico era que levou os restos do inseto e deu um enterro no mar, no banheiro de homens.

Ninguém podia acusar Fernando de não ser o mais cavalheiresco de todos.

²¹ **Obsidiana** é um tipo de vidro vulcânico, formado quando o magma solidifica rapidamente, por exemplo, arrefecendo sob água. Consiste em 70% ou mais de sílica (SiO₃ - dióxido de silício). A obsidiana não é um mineral por não ser cristalino e, além disso, é muito similar na composição do aço, granito e riólito. É classificada às vezes como um mineralóide.



²²



E como ainda não estava nem com trinta anos, Fernando ainda era muito jovem para que acontecesse algo assim. Nunca o viu doente, nem sequer com dor de cabeça.

—O que?

—Sim, e também foi algo muito estranho. Disseram que não havia nenhuma marca no corpo, mas que quando fizeram a autópsia, faltava o coração. Estranho, não? Como algo saído de Fringe²³, conhece-o?

A sala parecia dar voltas, enquanto velhas histórias sussurravam na mente. Literalmente sentiu como se estivesse em queda livre. Esticando-se, agarrou a mesa para estabilizar-se antes de cair do banquinho.

—É uma brincadeira?

—Por que faria uma brincadeira com algo tão macabro? Não sou tão insensível, — franziu o cenho. — Está bem, doc? Está um pouco pálida.

Sentia-se nauseada, enquanto a mente ia a um lugar que definitivamente não queria ir. Dizia-se que os corvos zombeteiros comiam o coração das vítimas e não deixavam nenhum rastro físico. A única forma de ver a ação era abrir o peito da vítima e descobrir que o coração já não estava.

Incapaz de respirar através da garganta fechada, abriu o correio eletrônico para poder ler o artigo sobre a morte de Fernando. Mas nada a acalmou. E ainda a fez sentir-se pior.

Enrique estava certo. Fernando estava voltando para casa quando a aeromoça tentou despertá-lo, para que pudesse colocar o assento em posição vertical para a aterrissagem. Ela descobriu que estava morto e deduziu que fosse um ataque cardíaco. Entretanto, durante a viagem, algo ou alguém, tirou o coração com precisão cirúrgica sem deixar marcas em nenhum lugar do corpo.

Não era algo que se visse todos os dias. Não a menos que a gente estivesse completamente louco, ou fora uma curadora ou curador cuidando os corações e as almas dos moribundos.

Sim, claro.

Não acredito em corvos zombeteiros, ao menos isso era o que seguia repetindo a si mesma. Pena que a mente não a escutava.

Uma e outra vez, escutava as histórias de sua avó e via a figura sinistra de seus sonhos que saía voando pela janela.

Basta! Este é o século vinte e um, não o século um. Estava sentada em um laboratório de última geração na Universidade de Alabama, não em uma choça de palha e barro no bosque, ao norte da Geórgia.

Forçou-se a olhar ao redor da sala. Não estava rodeada de pinturas equestres e plantas de procedência duvidosas, que agiam como alucinógenos. Estava neste lugar com gás e cromatógrafos de íons²⁴, espectrômetro de massas²⁵ por ionização, microsonda eletrônica²⁶,

²³ *Serie de televisão criada por J. J. Abrams. Drama que explora a tênue linha entre a ficção e a realidade.*

²⁴ *Aparelho para cromatografia: técnica para separar os componentes de uma solução. Este método é importante, pois a partir dele é possível determinar os prováveis íons presentes em certa solução.*

²⁵ **Espectrometria de massa** é um método para identificar os diferentes átomos que compõe uma substância. Um espectrômetro de massa bombardeia uma substância com elétrons para produzir íons, ou átomos eletricamente carregados. Os íons atravessam um



espectrômetro de massas de isótopos radiativos, microscópio de elétrons...

Seu mundo consistia em coisas como fontes geradoras de ondas sísmicas, geófonos simples e de três componentes, sistemas de aquisição sísmica StrataVisor, perfilador de subsolo marinho CHIRP para capas de sedimentos. Era uma cientista, não uma curadora que preparava poções de coisas que cresciam no jardim.

Negava-se a acreditar em tudo isto. Tem que haver uma explicação lógica para o que causou a morte de Fernando.

Precisa haver.

—O que acredita que aconteceu? —perguntou ao Enrique.

Como ela, ele era um cientista que não acreditava em coisas sobrenaturais.

—O Chupacabras²⁷.

Bom, aí ficou a teoria. Pôs os olhos em branco.

—De verdade? Um chupacabras? Pelo que sei sobre eles, tomam sangue de animais. Nunca escutei de um que roubasse um coração humano.

—Sim, mas a gente nunca sabe, — seu sotaque mudou do inglês ao latino, algo que só acontecia quando estava ansioso ou zangado. — Minha *abuela*²⁸ estava acostumada a me contar histórias do *peuchén*²⁹ quando era menino.

E ela bobamente pensou que conhecia todas as lendas de terror. Obviamente, Enrique encontrou uma que nunca escutou.

—O *peuchén*?

—*Sí*. É uma serpente alada gigante, ou às vezes pode mudar a forma a outras coisas, mas, mais que nada, é uma serpente com asas emplumadas que caça de noite. E é como um primo do *chupacabras*. Minha abuela estava acostumada a me contar como vinha e chupava o sangue das pessoas ou comia corações. Durante a manhã, encontravam as vítimas em campos, ou perto de arroios. Sua mãe era a *machi*³⁰ do povo, e para protegê-lo, ela o afastava com sons de tambor quando começava a alimentar-se. Assim, penso que o *peuchén* deve ter estado no avião com ele.

—Então por que disse *chupacabras*?

—Porque ninguém, fora do Chile ou Argentina, escutou alguma vez sobre o *peuchén*. Não é algo que se saiba na América do Norte, sabe? Além disso, nunca soube de um deles indo tão longe ao norte. O *Chupacabras*, por outro lado...

campo magnético que curva suas trajetórias de modos diferentes, dependendo de suas massas. O campo separa os íons em um padrão chamado espectro de massa. A massa e a carga dos íons podem ser medidas por sua posição no espectro. Os cientistas identificam assim os elementos e isótopos presentes na amostra.

²⁶ A microsonda eletrônica combina as facilidades de um microscópio eletrônico de varredura com as do espectrômetro de fluorescência de raio x.

²⁷ É uma suposta criatura responsável por ataques sistemáticos a animais rurais em regiões da América, como Porto Rico, Flórida, Nicarágua, Chile, México e Brasil. O nome da criatura deve-se à descoberta de várias cabras mortas em Porto Rico com marcas de dentadas no pescoço e o seu sangue alegadamente drenado.

²⁸ Avó em espanhol.

²⁹ Cobra sugadora de sangue conhecida pelos Mapuches do Chile meridional como *Peuchen*.

³⁰ Nome dado à pessoa que tem autoridade religiosa.



Embora odiasse admitir, havia um ponto válido. Mesmo assim.

—Não crê realmente nessas coisas, verdade?

—Sei o que você quer que eu diga, doc. Faço-o. Mas... Minha *abuela* sabia coisas. Via coisas. Coisas que ninguém pode explicar, sem importar quanta ciência queira usar. Dizia que eram visões outorgadas a ela pela Mãe Terra. Quando era um menino, ela me disse que eu também podia ver. Mas não quis ver, e então não vi. O fato de que estudemos ciência, não significa que não existam coisas que desafiem nossos argumentos. Por cada coisa que descobrimos, há muito mais que ainda segue sendo um mistério. Coisas que não se podem descobrir com uma prova empírica³¹. — Apontou a tela do computador com o queixo. — E isso, é algo que definitivamente não sabemos.

Estava certo.

Como não queria admitir, voltou a abertura do que parecia uma rocha redonda gigante.

Enrique a ajudou até que descobriram...

Uma rocha redonda gigante.

Enrique também franziu o cenho, quando ela puxou o plástico para revelar uma roda esculpida à mão que não vira desde que deixaram a escavação, meses atrás.

—O que é isso? — Perguntou Enrique.

Ela passou os dedos sobre os desenhos intrincados, enquanto estudava a enorme pedra vermelha que deveria ter milhares de anos de antiguidade, a julgar pela condição desgastada.

—Parece ser um calendário Maia. Mas os glifos não parecem exatamente Maias. — Além disso, havia algo mais escrito. Algo que não eram glifos, e parecia escrito em grego antigo.

Bom... alguém estava brincando com ela. Só podia ser. Um de seus amigos fez como uma brincadeira.

Porque nunca viu nada como isto. Os antigos gregos e os nativos americanos não tinham nada parecido. Não havia forma de que algo assim existisse.

Mas, se fosse algo real?

Não podia ser. Essas culturas nunca se mesclaram. Jamais.

Franzindo o cenho, procurou entre as bolinhas de isopor até encontrar uma nota quase no fundo da caixa. Preparada para ler “Primeiro de Abril”, desdobrou-a.

Teri.

Encontramos este selo no centro da escavação, debaixo de uma lápide ornamentada diferente de qualquer outra coisa que encontrei. Nunca vi este tipo de glifos. A outra inscrição me parece grega, e, sei, anda, ria, porque não pode ser possível. Enviei uma foto da escritura à doutora Soteria Parthenopaeus em Nova Orleans, para ver se ela pode lê-la e também lhe perguntei se tem ideia de como algo europeu pode aparecer em uma pedra pré-clássica³² no

³¹ Na ciência, o empirismo é normalmente utilizado quando falamos no método científico tradicional (que é originário do empirismo filosófico), o qual defende que as teorias científicas devem ser baseadas na observação do mundo, em vez da intuição ou da fé, como lhe foi passado.

³² O surgimento da civilização Maia se remonta a cinco séculos antes de Cristo. As classificações tradicionais consideram que a história maia propriamente dita começou muito depois, em 292 a.C. quando as estelas comemorativas aparecem definitivamente com figuras reais e datas que os cientistas denominam de “série inicial”. Alguns arqueólogos e historiadores recentes preferem denominar o Período Pré-Clássico como “Clássico Pré-dinástico” por detectar antecipadamente uma série de elementos



Yucatán. Minhas provas iniciais me dizem que esta pedra tem quatorze mil anos. Não, não é um engano tipográfico. Acredite, sei que é impossível, mas comprovei mil e uma vezes. Não pode ser, assim mando isto a melhor geóloga que conheço, para que o corrobore. Ou para que me diga que chegou o momento de renovar meu equipamento e conseguir uma melhor ventilação nos poços que estivemos trabalhando. Incluí várias amostras do chão. Por favor, me ligue logo que receba.

Fernando.

Calafrios percorreram pelos braços, enquanto ficava olhando fixamente seu nome no papel e um milhão de lembranças a assaltaram. Inclusive agora, podia recordar vê-lo verão passado, sentado fora da pirâmide com o sol ficando detrás dele. Imundo e suarento, o cabelo enredado e em todas as direções, estava feliz e excitado, apesar de estarem escavando durante dez horas seguidas no pior tipo de clima caloroso.

Com esse sorriso juvenil que possuía, abriu uma cerveja morna e deu a ela.

“Después del trabajo — cerveza!”³³

As lágrimas acumularam nos olhos. Foi a pior cerveja que tomou na vida, mas a companhia transformou em um momento perfeito. Fernando sempre foi um bom amigo dela e sentiria saudades, terrivelmente.

Por que teve que morrer? Ele era muito jovem. Com muitos planos.

Apertando os dentes, e esforçando-se por não chorar, enfocou-se no que Fernando queria que fizesse. O trabalho sempre era a prioridade. Essa era a razão que ele não possuía esposa, nem sequer noiva.

Concentre-se, Teri... Pela data e hora do pacote, foi enviado no mesmo dia que subiu ao avião para voltar para casa. Sem dúvida, era muito pesado para levá-lo consigo na bagagem, além de todas as restrições das companhias aéreas.

Sem mencionar que a pedra era enorme.

Em mais de um sentido. Se realmente tivesse quatorze mil anos e possuía uma inscrição grega, reescreveria completamente a história registrada e mudaria tudo o que pensavam que sabiam do mundo antigo. Tanto na América como na Europa.

Quatorze mil anos era anterior a qualquer sistema de escritura. E agora que pensava, inclusive anterior à antiga Grécia.

Franziu a testa ao pensamento. Quando a Grécia foi fundada? Não sabia. Essa não era sua área de especialização. Nunca gostou muito de história clássica. Fernando possuía esse tipo de conhecimento, e embora ela tivesse conseguido bastante informação nas escavações que participavam, eram em sua maioria Mesoamericanas³⁴ e não Europeias.

considerados característicos da sociedade Maia. Durante este período, coincidentemente com o esplendor da cultura olmeca que influenciou os maias, foram realizadas as primeiras construções de pedra, os terraços e as pirâmides em Uaxactun e Yucantán.

³³ *Depois do trabalho, cerveja!*

³⁴ *(cuja etimologia grega tem o significado aproximado de América intermédia) é o termo com que se denomina a região do continente americano que inclui aproximadamente o sul do México (a partir de uma linha que parte do rio Fuerte e que se prolonga para sul até aos vales do bajo mexicano, rumando depois para norte até ao rio Pánuco), e os territórios da Guatemala, El Salvador, Belize bem como as porções ocidentais da Nicarágua, Honduras e Costa Rica.*



Mas inclusive com suas limitações, sabia que era algo épico até o extremo. Um dos descobrimentos científicos mais importantes de todos os tempos...

Não existem coincidências. O universo e os espíritos sempre nos enviam sinais e presságios. Deve aprender a vê-los e lê-los. Só então será capaz de controlar seu destino.

As palavras de sua avó a perseguiram.

Mas isto era um sinal?

—Acredita que o mundo vai terminar em duas semanas? — Perguntou-lhe Enrique, trazendo os pensamentos de volta ao lugar onde estavam.

—O que?

Assinalou com o queixo o calendário que ela segurava.

—Já sabe, isso dos Maias. Não se supõe que o mundo terminará qualquer dia destes?

Ao menos, isso deu um pouco de humor à tristeza. Ela escutou Fernando queixar-se e gritar a respeito desse tema durante todo o verão. Havia sido seu calcanhar de Aquiles, enquanto o de Kateri era que não suportava as pessoas que deixavam carrinhos de compras no meio do corredor para que ninguém pudesse passar. Gente desconsiderada sempre a enfurecia.

—Não, querido. Não há nada na cultura Maia, nem os escritos sugerem que o mundo terminará este ano. Igual aos Cherokee e outros nativos, eles têm um sistema cíclico de calendários, e o quarto ciclo termina em 21 de dezembro, mas nunca escreveram nada que fosse algo apocalíptico.

Fernando se sentiria tão orgulhoso que ela tivesse escutado todas suas diatribes. Esse pensamento fez a dor rasgar o coração, enquanto terminava a diatribe de Fernando em honra a ele. —Essa foi uma distorção causada nos dias em que somente podíamos ler trinta por cento dos glifos Maias, inclusive uma percentagem menor. Nos anos noventa, todo mundo estava aterrorizado pelo Y2K³⁵, alguns eruditos repetiram a ideia errônea da data e tiraram proveito disso. Assim, na dúvida, não te desfaça de seus pertences. Vai precisar para o dia vinte e dois e algo que faça, não se esqueça de comprar algo a sua mãe e a *abuela* para o Natal. Vão se zangar muito contigo se não o fizer.

Enrique emitiu um som de irritação extrema.

—Assim, aos Maias não importa para nada a data?

—Sim, e não. Eles pensariam nesse evento da mesma forma que nós festejamos em 31 de dezembro e é a mesma razão pela qual festejamos o novo milênio dessa forma. Para eles, é o fim de uma era, e o começo de uma nova. Mas além de compartilhar alguns goles, ou cortar algumas cabeças, já que os Maias se inclinavam a fazê-lo, não é motivo de alarme.

—Salvo se a gente for dono das cabeças que eles procuram.

Ela riu.

—Exatamente.

Enrique suspirou como se estivesse decepcionado de que o fim do mundo não chegasse.

—Bom, que merda. Será melhor que pague a fatura da luz quando chegar em casa. Estava esperançoso de não ter que fazê-lo.

³⁵ Bug do milênio



Antes que ela pudesse emitir algum comentário, uma nova voz os interrompeu.

—Eu não teria pressa em voltar para casa se fosse você. O mundo ainda pode ter um final não tão feliz.

Kateri inspirou de repente ante a acentuada voz masculina que interrompeu a conversa.

Nem hispânico, nem indígena. O acento era uma suave mescla de ambos. Uma que fazia o belo timbre de voz soar exótico.

Franzindo a testa, olhou além de seu assistente para ver o que deveria ser um dos homens mais sexys que viu em carne e osso. Deteve-se debaixo da soleira da porta para olhá-los. Embora duvidando que medisse muito mais que a maioria dos homens, possuía uma aura tão poderosa que parecia encher a sala. Era a intensidade crua que possuía alguém acostumado a ser temido e respeitado... provavelmente ao mesmo tempo.

Vestido completamente de negro, o grosso cabelo ébano recolhido em um rabo de cavalo. Ele a perfurou com um olhar tão perturbador, que provocou tremor nas mãos. Havia algo nele. Algo magnético e aterrador, algo que prendia fogo ao ar que os rodeava.

Literalmente ele chispava.

A pele era da mesma cor que um pedaço perfeito de caramelo, e se movia com passos ferozes de um predador nato. Embora o olhar nunca a abandonasse, ela teve a impressão de que podia ver todo o entorno.

Inclusive, não surpreenderia se também tivesse olhos na nuca.

—Por que diz isso, senhor...? —ela alongou a palavra esperando os dados que faltavam.

Por sorte, ele se deu conta do que perguntava, enquanto se aproximava dela.

—Verastegui, Kukulcan Verastegui. Mas todos me chamam Cabeza.

A forma que disse o nome completo, ela pôde quase saborear algo doce e tentador... como uma taça de chocolate quente.

Exceto por um detalhe que destruiu essa imagem. O fato de que soubesse o que significava o apelido.

—Chamam-lhe... Cabeza? Por quê?

Um lado da boca se elevou, formando um sorriso que era tanto de diversão quanto ameaçador.

—Ora, você nunca vai saber.

Ela desviou o olhar para o anel dourado no dedo mindinho da mão esquerda. Possuía um símbolo Maia, mas não estava suficientemente perto para identificá-lo, e mesmo que fosse melhor que pão, não queria aproximar-se nem um milímetro mais dele. Dava a impressão de ser tão letal que se tentasse aproximar-se, arrancaria o braço.

—O que posso fazer por você senhor Veracity?

—Vê-ras-te-gui — a corrigiu, marcando ao r como um ronrono.

Enrique se moveu para ficar entre eles, forçando Cabeza a parar antes de chegar até ela.

Bem, Enrique, vou te dar de presente vinte e dois pontos no próximo exame. Deus benza este menino por ser tão superprotetor.

O brilho ameaçador nos olhos negros, sem alma, diziam que o senhor Cabeza não gostava



nem um pouco da interferência. Cabeza falou com Enrique em espanhol, mas seu acento era tão pronunciado que Kateri não pôde entender nenhuma só palavra.

Entretanto, era óbvia a forma que Enrique franziu os lábios, antes de responder ferozmente.

De alguma forma, ela pensou que não estavam justamente discutindo o clima, ou indicando como chegar a algum lugar próximo ao campus. Mas fizeram-na recordar uma telenovela.

Cabeza riu, um tom baixo e seco, enquanto dedicava uma expressão petulante.

—Deveria colocar a coleira em seu Chihuahua, *chica*.³⁶ A verdade é que não estou de humor para limpar o sangue de minha roupa.

Enrique deu um passo para ele, e de repente ficou congelado, como se alguém tivesse apertado o botão de pausa. Estava com um braço levantado e seus traços contorcidos pela ira.

Sim, bom... isto não estava bem.

Pigarreando, Kateri deu um passo para trás, somente para se chocar com a mesa do laboratório que impedia a retirada. Merda!

—Relaxe, *bonita*. Se te quisesse morta ou machucada, já estaria.

Certamente... ele não a conhecia se pensava isso.

Com as mãos tremendo pelo medo, colocou uma no bolso da bata para poder agarrar a caneta de autodefesa, algo que seu tio Danny insistiu que sempre levasse, caso alguém quisesse atacá-la. Se Cabeza não a congelasse também, teria uma grande surpresa para ele. Podia ser baixa e pequena em comparação, mas graças a seu tio Danny e aos primos, era puro músculo e estava treinada para brigar sujo.

—O que quer?

—Possui certa peça que quero.

—E essa peça seria?

—Uma pedra.

Isso era como perguntar ao oceano por uma molécula de água.

—Olhe ao redor. Sou geóloga. — Apontou para as prateleiras da esquerda, com filas de caixas com rochas, como ele ficaria se acreditava que daria o que procurava enquanto a ameaçava.

E essa amostra não era nada, em comparação com o que estava em casa.

—Coleciono pedras desde que aprendi a caminhar. Preciso de mais detalhes que só “pedra”.

Algun adjetivo que possa adicionar?

Seu olhar se obscureceu. Tornou-se letal.

—Que tal se cooperar e me der o que preciso?

Kateri tirou a caneta do bolso.

—Me deixe pensar... ehm... não. —Correu para a porta.

Infelizmente, ele correu mais rápido e cortou o passo para seu destino. Ela o atacou com a caneta, mas ele agarrou o punho em um movimento tão rápido, que não o viu até que a imobilizou. Merda, era mais forte que o incrível Hulk, e isso dizia tudo.

—Me dê sua pedra do tempo — grunhiu na orelha.

³⁶ Garota em espanhol



—Minha o que? — Desviou o olhar para o calendário que Fernando enviou. Estaria falando disso?

Bom, podia ficar com isso. O que fosse, definitivamente não merecia sua vida.

—Isso que está ali? — Assinalou para onde estava a pedra. — Leve essa estúpida coisa. É toda tua.

Ele olhou para onde apontava, e jogou uma segunda olhada. Soltou-a tão rápido que cambaleou para trás.

Ela correu para a porta, mas quando tentou abri-la, não cedeu. Onde estava uma granada quando precisava?

Ainda melhor, uma chave.

Com um gesto solene, Cabeza percorreu a antiga escultura com as mãos. Acariciou o calendário como se fosse uma amante que tivesse perdido. — Como o obteve?

—UPS³⁷.

Ele franziu os lábios e olhou-a de cima abaixo, com raiva.

—Onde foi encontrado? Diga-me isso.

Esse não é o tom, amigo.

Nunca foi uma pessoa de aceitar ordens de ninguém, sob nenhum conceito. Nem circunstância. Ignorando a ordem, tratou de abrir a porta outra vez.

Vamos porta, abra, abra, abra!

Por que a maldita coisa não se abria?

Porque este dia ainda não era o suficientemente mau.

Esse pensamento terminou de cruzá-la antes que a porta explodisse em suas mãos. Protegendo o rosto com os braços, se jogou para trás em um esforço por proteger-se. Cabeza se lançou sobre ela. Esquivando seu agarre, correu para a abertura, somente para chocar-se contra uma parede sólida.

Não, uma parede não. Uma massa gigante de homem, que media ao menos dois metros, estava debaixo do marco da porta. Um que grunhiu algo a Cabeza em um idioma que ela nunca ouviu falar.

Kateri, logo que pôde, saiu da linha de fogo antes que ambos fossem um pelo outro com tudo o que tinham.

Atiravam golpes que teriam matado a qualquer ser humano normal. Mas nenhum deles fez mais que grunhir e seguir atacando enquanto continuavam bloqueando a saída.

Era como estar apanhada entre a Godzilla e Mothra.

Sem pensar em nenhuma outra coisa além de sobreviver, correu para o armário na parte de trás. Se não pudesse fazer outra coisa, ao menos tentaria esconder-se ali.

Ao chocar-se contra a última mesa, onde deixara a bolsa, pegou o celular. Tentando chamar a segurança do campus, amaldiçoou ao ver que começava a tocar.

Merda! Melhor que não seja um vendedor.

³⁷ **United Parcel Service**, mais conhecida por **UPS**, é a maior empresa de logística do mundo, distribuindo diariamente mais 14 milhões de encomendas. A sua sede é em Atlanta, Geórgia, Estados Unidos da América.



Abriu a tampa e pensou em dizer a quem estivesse do outro lado que estava um pouco ocupada, quando escutou que era a voz de sua prima.

—Teri? Está tudo bem?

—Sunny! Preciso de ajuda em meu laboratório, agora! Chama a segurança do campus por mim. Estão-me atacando. — Logo que terminou essa frase o celular ficou em silêncio.

—Nós não podemos ter isso, verdade? — Perguntou Cabeza, enquanto chutava à montanha longe dele.

Dirigiu-se para onde ela estava.

Os olhos de Kateri ficaram como pratos ao ver que o outro homem corria para onde estava Cabeza e o empurrava contra a parede. Isso devia doer, mas como estava fazendo um favor, em realidade todo seu apoio era para a montanha, para que ganhasse a briga.

Tenho que sair daqui. Especialmente antes que ambos dirijam os golpes para mim.

Um golpe desses e nunca se recuperaria. Kateri correu para a entrada novamente.

Por favor, espero que tenha escutado, Sunny. Por favor, me consiga ajuda.

Amava a sua prima com todo o coração, mas às vezes a mulher podia ser muito descuidada e esquecida.

Olhou ao Enrique, que ainda seguia congelado.

Ele também precisava de ajuda.

O que faço?

Kateri quase chegara até a porta do armário, quando alguém a agarrou pelo braço para pará-la em seco.

Furiosa, voltou-se para o recém-chegado, com a intenção de atacar. Mas ao levantar o braço para golpeá-lo e focar-se na última causa de irritação, ficou sem ar. O reconhecimento caiu como um jarro de água fria.

—Talon? —Era o marido de Sunny. Um metro noventa e cinco de puro músculo, tatuado com símbolos celtas tribais.

—O que está fazendo aqui?

Estava na cidade? Seria essa a razão da chamada de Sunny?

Ele não respondeu a pergunta, somente ficou diante dela, na linha de fogo, para protegê-la. Seu cabelo loiro ondulado era curto, exceto por duas largas e finas tranças que caíam pelas têmporas. Justo no momento que Cabeza o teria pegado, apareceu um quarto homem que o apanhou e o levantou, lançando-o contra o chão antes de chutar à montanha, afastando-o deles.

—Tira a daqui, Celta! — Grunhiu ao Talon sobre o ombro.

Sem duvidar, Talon a subiu sobre os musculosos ombros como se não pesasse nada e correu com ela para fora da sala. Não era a sensação mais cômoda.

Mas estava muito agradecida de poder sair dali.

Talon não a baixou até chegar ao escritório no final do corredor.

—Enrique ainda está no laboratório.

—Cabeza se encarregará dele.

Ela balbuciou ante o tom displicente.



—Esse é o problema, não quero que o faça.

—Por que não?

Por que não? Sério?

—Pois porque me agrada. É um bom assistente e esses são difíceis de encontrar.

Talon a olhou com o cenho franzido.

—Então por que não quer que o salve?

—Quero que o salvem. Mas não quero que Cabeza o coma.

A testa de Talon marcou ainda mais.

—Ambos estamos falando inglês, verdade?

—Sim.

—Então por que sinto que não é assim?

Antes que pudesse responder, o homem alto que atirou Cabeza contra o piso, apareceu ao seu lado. Literalmente a seu lado.

Como pode correr tão rápido sem que ela o tivesse visto?

Não era algo que realmente importasse neste instante, por que... *Santa Merda... Como era possível que não o tivesse visto até agora?*

Se durante a luta ela mal pode ver o homem. Agora, a ferocidade de sua presença a impactou. Passando o metro e oitenta, com a constituição de um tanque, e essas roupas negras lhe davam um ar sinistro. Embora não precisasse. O cabelo negro era um pouco mais comprido que o do Talon e o usava com uma franja cobrindo uns olhos de obsidiana que a deixaram paralisada no instante em que focaram nela.

Os joelhos afrouxaram de terror. Como apareceu neste lugar sem usar a porta? Ainda estava fechada de quando chegou aqui com Talon, e embora o homem fosse rápido, certamente teria visto a porta abrir e fechar-se. Sem mencionar, ter escutado a campainha.

A diferença dela, Talon não pensava que fosse incomum ele se materializar no escritório.

—Pôde resgatar ao menino? —Perguntou-lhe ao homem.

—Quase. Deixei-o no banheiro. Deve estar seguro ali, até que possa voltar a mover-se. O homem assinalou as janelas com o queixo. —Ajuda a um irmão, Celta. Poderia ter pegado fogo, bastardo. Pensa com antecedência nas coisas. Primeiro me pede ajuda e depois deixa que me assem. Merda. Que classe de amigo é?

—Vá se ferrar, — grunhiu Talon, antes de ir até as persianas e fecha-las. — Se meta comigo pirralho, e te colocarei sob a luz do sol onde quer que esteja.

O homem fez um gesto a Talon que ela assumiu que fosse algo obsceno.

Talon sorriu, burlando-se.

—Nem em seu melhor dia, Cabeza. Mas sinta-se livre para seguir fantasiando comigo. A maioria das *mulheres* o faz.

Ele se burlou, agarrou o “pacote” e o sacudiu. — Sim, aqui tenho a uma mulher para você, Celta. Bem aqui.

Kateri sustentou as mãos em alto antes que começassem uma briga idêntica a que acabava de escapar.



—Esperem, esperem... — Assinalou ao homem. — Seu nome também é Cabeza?

O homem levantou a sobrancelha inquisitivamente.

—Também? Estou bastante seguro que sou o único. Nunca cruzei com outro.

Estava começando a doer a Cabeça.

—O outro homem no laboratório. Ao qual atacou. Disse que seu nome era Cabeza.

—Sua mãe o batizou Cabeça? — Talon riu zombador. — Deus, isso é frio. E eu que pensei que este Cabeza o deixava mal.

—Era um apelido. Seu nome completo era Kukulcan Verastegui.

O Cabeza em frente a ela começou gritar o que pareciam ser maldições em Maia. Não tinha nem ideia do que estava dizendo, mas soava forte e brutal, enquanto gesticulava furiosamente para particularizar cada coisa que dizia.

Ela deu a volta franzindo o cenho para dirigir-se ao Talon.

—O que está dizendo? — Talon deu de ombros. — Sou inglês, não mexicano.

—Esse *pendejo*³⁸, não sou eu. — Cabeza começou a insultar em uma mescla entre Maia e espanhol, e logo trocou novamente ao inglês, mas esta vez o acento era completamente marcado e remarcava os “r” com raiva. — Seu nome, para que saiba, é Chacu. Esse *cabrón hijo de la gran puta*³⁹ se fez passar por mim. Deveria ter talhado o pescoço em meu Ato de Vingança.

—Embora a verdadeira pergunta é, hoje pôde cortar-lhe a garganta?

Com as mãos nos quadris, Cabeza olhou ao Talon da pior forma possível, por haver perguntado isso. — Não, escapou, junto com o... Como é essa palavra? Uh... Pombinho?

—Galinha? — Perguntou-lhe Talon.

—*Sí*, um desses estava com ele. Desapareceram antes que pudesse matá-los.

—Por que estavam brigando? — Perguntou Kateri. — E, por que estão atrás de mim?

Cabeza levantou uma sobrancelha inquisitiva.

—Não sabe?

—Por que perguntaria isso se soubesse? — Voltou sua atenção ao Talon. — E como chegou tão rápido? — Talon e Sunshine viviam em Nova Orleans... Não em Tuscaloosa, Alabama. A última vez que ela fez essa viagem, levou quatro horas, e não dirigia devagar.

—Possivelmente queira se sentar para isto. — Talon tirou a cadeira do escritório para ela.

Uma sensação de mal-estar estabeleceu-se no fundo do estômago.

—Acredito que prefiro ficar de pé. Agora me diga, o que está passando?

Os homens intercambiaram um olhar solene, como se estivessem desejando que o outro falasse primeiro.

—Além de fazer-se passar por mim, disse-te algo mais Chacu?

—Disse que queria minha pedra.

Um tic se fez visível na mandíbula de Cabeza.

—E a outra... criatura que estava com ele? O que foi o que disse?

—Nada. Somente apareceu e Cab... — Kateri se deteve ao ver que os olhos de ébano ardiam

³⁸ Sem vergonha, descarado.

³⁹ Sacana, filho da puta.



ao olhá-la —... Chacu o atacou.

—Tem alguma ideia de por que se fez passar por ti? — Perguntou-lhe Talon.

—Nenhuma ideia. Seu ódio por mim é legendário. Mas ele não está precisamente gravado em meu coração tampouco. Entretanto, em minha “lista dos quero mortos”, é outra coisa.

Kateri esclareceu a garganta para chamar a atenção.

—E ambos estão evitando minhas perguntas.

Talon riu com sarcasmo.

—Isso é porque vai ter um ataque de histeria e nenhum dos dois quer lutar com isso.

Bom, ao menos Talon era honesto.

—Eu não vou surtar, — ela assegurou.

Agora foi a vez de Cabeza fugir.

—Isso é o que todas dizem, *chica*. E logo a todas dá um ataque.

Talon riu novamente, esta vez uma gargalhada honesta, ao olhar a Cabeza aos olhos. —
Recorda a vez quando... — a olhou de esguelha. — Não importa.

Ela ignorou esse comentário completamente.

—Olhem, o que seja, posso dirigi-lo. Não sou uma criança, e Talon, sabe que não reajo assim
ante nada.

Cabeza cruzou os braços sobre o peito. — Isso é verdade?

—Até agora, sim. Mas nunca tive que dizer algo como isto. Sempre há uma primeira vez para
tudo.

Isso a ofendeu. — Até agora? Obrigado pelo voto de confiança, Talon.

Ele levantou as mãos no ar em um gesto de rendição. — Ao menos é algo.

—Melhor que o diga, Celta... antes que venha outro. Precisamos levá-la a um lugar seguro
enquanto podemos.

Kateri definitivamente não gostou de como soava isso.

— Lugar seguro do que?

Talon deixou sair um comprido suspiro.

— Está bem. Você perguntou. Vamos ver se não te dá um ataque de nervos quando eu te
disser que você é a mãe do Armageddon.

Capítulo 4

Kateri ficou completamente imóvel enquanto aquelas palavras penetravam em sua mente. Ela não estava certa sobre qual reação ter a partir das notícias dele. Mas era uma boa coisa ter dito a eles que ela não reagia exageradamente, caso contrário, a despeito de sua bravata, ela estaria correndo para a porta.

Provavelmente gritando por todo o caminho.

Talvez... Se ela pudesse controlar suas pernas trêmulas.



Em vez disso, ela respirou fundo e encontrou o marido de sua prima com o olhar mais calmo que pôde exibir.

— Você esteve no Uncle Danny's *Peyote*?

Talon abriu sua boca para responder, e então a fechou.

Cabeza riu.

Talon lançou um olhar ameaçador em direção a ele antes de suavizar sua expressão.

— Eu sei que é duro para você ouvir isso e eu sei que você não vai acreditar em mim. Mas...

— Ele hesitou enquanto visivelmente procurava as palavras.

Cabeza não deu trégua.

— Nós precisamos sair daqui. Chacu retornará por ela e trará reforços.

— Quem é Chacu? — Kateri perguntou rispidamente, querendo respostas reais deles. — Por que ele está aqui?

Mais importante, por que diabos ele estava atrás *dela*?

Cabeza colocou as mãos nos quadris.

— Você sabe o que o Reino da Cobra era?

Alguma coisa para ser evitada a todo custo, sem dúvida. Mas ela manteve o sarcasmo para ela.

— Nem uma pista.

— É claro que não... — Ele rosnou baixo em sua garganta como se ele achasse a falta de conhecimento dela ofensiva, então ele murmurou em Espanhol sob sua respiração. Depois de um segundo, ele respirou fundo e falou. — Versão realmente curta, o nome de Chacu significa 'pilhar' ou 'assolar'. A outra *puta* com ele, e sim, eu estou usando no feminino de propósito, chama-se Veneno — como em 'peçonha' ou 'maldição'. — Ele estreitou seu olhar para ela. — Não há uma imagem começando a ser pintada em sua mente ainda?

Com uma clareza que a horrorizava. Afinal, seus pais não os chamaram de "Fofinho" ou "Coelhinho". Obviamente Chacu e seu amigo eram durões.

— E essa coisa de pedra do tempo que Chacu quer de mim?

— Em resumo, é chamado o Kinichi. Com isso, ele pode controlar o mundo e até mesmo o tempo em si. Sua avó foi uma das guardiãs sagradas do Kinichi. Sua mãe deveria tê-la seguido nesse papel, mas desde que ela morreu antes de sua avó, esta tarefa coube a você.

Fabuloso. Ela estava tomada de gratidão, e sim, isso foi sarcástico, também.

— Por que eu?

— A pedra passa de filha para filha para garantir a linha de sangue.

*Mama's baby. Daddy's maybe*⁴⁰. Essa foi a filosofia que sua avó usou quando Kateri perguntou por que os Cherokee eram matriarcais, enquanto a maioria das sociedades não era. Todos sabiam, sem dúvida, quem era sua mãe. Mas a paternidade, especialmente no passado,

⁴⁰ É um velho ditado que alguns moradores mais tradicionais da região Sul dos Estados Unidos usam. É forma deles dizerem às jovens garotas e mulheres que elas devem "esperar pelo melhor, mas preparar-se para o pior". Esse ditado geralmente era empregado quando uma mulher ficava grávida, principalmente se for mãe solteira, deixando claro a elas que todos os cuidados do bebê eram de sua responsabilidade, sem necessariamente contar com a ajuda do pai — até porque em alguns casos, não havia certeza a respeito de quem seria o pai.



poderia ser incerta e baseada exclusivamente na moral e no caráter da mãe... desde que ela não fosse estuprada.

Mas isso ainda não a deixava como única herdeira. — Eu não sou a única mulher na minha família. — Ela gesticulou para Talon, que se casou com sua prima.

—Sunshine é meio branca, — Talon disse simplesmente. — A pedra precisa ir para um sangue puro, Teri... Você.

Grande. Ela poderia ganhar na loteria?

Não. Com a sua sorte, ela poderia ganhar na *multi-mega-millions*⁴¹ e ainda terminar devendo um cheque a alguém por isso.

Um sorteio de vez em quando?

Novamente, duplamente não, diabo!

Mãe do Apocalipse...

Bem, é claro, doçura. Venha e pegue seu prêmio.

A vida era tão injusta. E apenas uma vez, Kateri gostaria de ver a fada da má sorte afligir outra pessoa. Preferivelmente não alguém que ela gostasse, mas ainda...

Essa vadia estava entediada hoje? Ou ela realmente não podia encontrar outra vítima?

—Nós ainda temos um grande problema, — Cabeza disse para Talon.

Por todos meios, vamos empilhá-los.

Talon recuou.

— Atrevo-me a perguntar?

Cabeza bufou.

— Eu não o faria. Mas infelizmente, você precisa saber que alguém descobriu o Selo de Anikutani.

Talon olhou para ele com uma escura carranca.

— Você diz isso como se eu devesse saber sobre o que você está falando.

Cabeza murmurou sob sua respiração.

— É um... *kala kratu*... Um... — Ele fez uma pausa, lutando para encontrar a palavra certa. — Como vocês dizem isso em inglês? Pedra Guardiã? Pedra Encantada? Não há palavra certa, mas você sabe o que eu quero dizer. Ela estava localizada sobre a tumba onde os últimos sete guerreiros Anikutani foram aprisionados. Agora que foi descoberta, qualquer um pode convocá-los de volta para esse mundo. Os guerreiros devem um favor a quem fizer isso, e eles farão o que for ordenado. Então eles vão quebrar os portões e usar o mal que eles desencadearam para lutar. Você vê o problema agora, Celta? Chacu sabe que o selo está perdido e ele sabe o que o selo é.

Kateri amaldiçoou ao entender o fato. Não se admira que Chacu tivesse ficado tão interessado no calendário quando ele o viu sobre a sua mesa. Por que ela sentia que de repente estava num filme de terror?

Cabeza agarrou o braço dela e a empurrou para Talon.

⁴¹ Mega Millions é a maior loteria dos Estados Unidos. Seus prêmios podem passar dos 200 milhões de dólares. Mas só funciona em alguns estados e cada estado tem suas regras. Segue o link com os estados onde ocorre: <http://www.megamillions.com/whereto/>



— Pegue-a e vá embora. Nós precisamos levá-la a sua pedra, e depois mantê-la em segurança para que ela possa selar os portões novamente.

—E quanto a você? — Talon perguntou.

Alguém deveria engarrafar a risada maligna de Cabeza e levar a uma casa assombrada. Definitivamente iria colocar o medo da morte dentro de qualquer ser vivo.

— Eu vivo para lutar, *m'ijo*⁴². Se eles são idiotas o suficiente para voltar, eu tenho algumas perguntas que eu quero respondidas e eu estou certo que posso arrancar isso deles... *Adios.*

Talon inclinou sua cabeça a ele.

— *A beber y a tragar, que el mundo se va a acabar.*

Cabeza estava menos do que divertido.

— Você é um bastardo frio, Celta. *Hombre prevenido, vale por dos.* — Com isso dito, ele caminhou para fora do quarto.

Kateri arqueou uma sobrancelha para Talon.

— Eu entendi o seu 'Coma, beba, e seja feliz, porque amanhã nós morreremos'. Mas o que ele disse de volta a você?

—Um homem prevenido vale por dois. Agora vamos levar você...

Antes que ele pudesse terminar a frase, algo escuro agrupou-se ao redor dela. Olhos arregalados, ela chegou a Talon, que pulou em sua direção.

Ele não fez isso.

Assim que seus dedos tocaram os dele, ela foi sugada para dentro de um vórtice em espiral. Náuseas surgiam enquanto ela afundava para baixo. *Eu não sou Dorothy.* Mas se alguém derrubou uma casa sobre ela, seria ainda mais perversa do que a Bruxa Malvada do Oeste⁴³ fora.

Tenha medo de mim...

Pelo menos esse foi o seu pensamento até que ela bateu duro, dentro da mais completa escuridão. Não havia luz alguma. O negrume era tão espesso que fez seus olhos doerem enquanto ela se esforçava para ver alguma coisa. Qualquer coisa. Empurrando-se do chão de barro onde ela caiu, ela tentou obter algum ponto de apoio.

Um lamento baixo soava à distância.

Sua mente lutava para identificá-lo. Cachorro? Criança? Ela não podia dizer com certeza. Ela começou a gritar, então se conteve. Somente para o caso de que alguma coisa quisesse feri-la, a última coisa que ela precisava fazer era deixá-lo saber onde ela estava.

Eu já vi esse filme de terror algumas vezes. Essa estúpida puta sempre grita primeiro.

Pelo menos eu não estou usando saltos altos ou uma saia curta. Gritando ou não, a personagem sempre morria.

Ela estendeu os braços, tentando encontrar uma parede ou mobília ou...

—Ow! Filho da... — Ela pressionou seus lábios juntos enquanto ela se abaixava para esfregar sua canela. Certamente, deveria haver outra finalidade para essa parte do corpo do que encontrar mobília no escuro.

⁴² *Meu filho em espanhol.*

⁴³ *No original, Wicked Witch of the West – Referência a vilã da obra de L. Frank Baum, "O Mágico de Oz".*



Só que ela não bateu na mobília, ela percebeu enquanto ela explorava a superfície dura com a mão. Parecia mais como pedra.

O que eu não daria pela lanterna em minha bolsa.

Alguma coisa roçou contra sua perna.

Ofegando, ela virou, tentando descobrir o que era. *Por favor, não seja um rato...*

Essa era sua pior fobia.

—Onde está a pedra?

Ela pulou á súbita voz rouca. — Quem é você?

—Onde está a pedra? — Essa era outra voz vinda do outro lado da escuridão.

Quando ela não respondeu imediatamente, uma luz foi acesa. Horror a congelou no lugar. Nunca em sua vida vira nada parecido com isso.

A caverna inteira, e agora ela sabia que estava em uma caverna, estava cheia de...

Chupa-Cabra?⁴⁴

*El peuchen?*⁴⁵

Onde estava Enrique quando se precisava dele? Melhor ainda, o tambor de sua tataravó poderia expulsá-los.

Ela estava em pé em uma pequena área cheia de criaturas possuídas com dentes pontudos. Seus corpos estavam pintados da cabeça ao dedão do pé com desenhos que lembrou a ela a caricatura de um totem. Pintura que deu a eles a ilusão de uma carranca de desagrado.

Ainda mais aterrorizante, eles pareciam estar salpicados de sangue seco.

Sua ousadia se foi, ela sabia que nunca poderia ganhar uma luta contra tantos. O grande número deles poderiam abatê-la e assassiná-la.

Um deles atingiu-a nas costas.

— Pedra! — Ele rosnou. — Dê-nos. Agora!

—E-E-Eu não sei o que vocês estão falando.

Resposta errada. Eles bateram as lanças contra os escudos redondos pintados enquanto eles gritavam seu desagrado com ela.

Eu estou tão morta. Com suas pernas tremendo, ela correu para sua direita, onde parecia haver um poço.

Os monstros a interromperam.

Com um movimento que faria inveja a Peyton Manning⁴⁶, ela parou, se esquivou e inverteu a direção, rumo a outro túnel.

⁴⁴ É uma suposta criatura responsável por ataques sistemáticos a animais rurais em regiões da América, como Porto Rico, Flórida, Nicarágua, Chile, México e Brasil. O nome da criatura deve-se à descoberta de várias cabras mortas em Porto Rico com marcas de dentadas no pescoço e o seu sangue alegadamente drenado.

⁴⁵ (Também conhecido como Piuchen, Pihuchen, Pihuychen, Pihuichen, Piguchen, ou Piwuchen) é uma criatura das mitologias Mapuche e Chilote, pertencente ao sul do Chile, que pode se transformar instantaneamente em animal. Tem sido frequentemente descrita como cobra voadora gigantesca que produz estranhos sons sibilantes, enquanto o seu olhar pode paralisar uma vítima pretendida e permitir que ele chupe seu sangue.

⁴⁶ É jogador de futebol americano reconhecido por muitos especialistas do esporte como um dos melhores atletas de sua geração, sendo o jogador com maior número de nomeações de Jogador Mais Valioso (MVP).



Dessa vez, por algum milagre, ela conseguiu. Mas isso não dizia muito. Ela diminuiu a velocidade quando tudo se tornou escuro novamente e ela não podia ver mais coisa alguma.

E novamente o lamento e silvo.

Agora isso estava simplesmente querendo... brincar com ela assim, quando sabiam que ela não podia vê-los. Eles estavam mais do que contentes por estarem em maior número do que ela. Caso contrário...

Eu devo ter perdido a cabeça. Era a única explicação para sua estranha aterrorizada calma. Como alguém podia estar ao mesmo tempo petrificado e em pleno controle de si mesmo?

Seja agradecida. Ela poderia estar gritando...

Então novamente, talvez ela estivesse. Talvez essa calma fosse uma invenção por sua incapacidade de reagir.

A caverna começou a pulsar ao redor dela, como uma profunda pesada batida de coração. Tudo ecoou e pulsou.

Tudo.

Kateri virou-se para correr. Ela mal dera dois passos antes que algo bateu duramente nela, isso a picou.

Não, não picou. Isso a feriu. Repentinamente tonta, ela tocou suas costelas onde mais doíam. Sangue pegajoso cobria seus dedos enquanto os sons ficavam mais altos.

Mais perto.

Eles estavam em todo lugar agora.

Ela se moveu tão rápido quanto ela pode, mas isso não adiantou. Não importava o que ela tentasse, não podia escapar das criaturas atrás dela, o que quer que fossem. Eles continuavam a brincar com ela enquanto sussurravam repetidas vezes, — Dê-nos a pedra.

—Calem a boca! — Ela rosnou. — Eu não a possuo!

Algo bateu em seu rosto.

Ela chutou e estava feliz em ouvir um gemido em resposta. *Bom. Eu espero que você sinta isso por um tempo.*

Mas isso não mudava o fato de que ela estava em sérios apuros. Segurando seu ferimento, ela mancava através da escuridão, esperando encontrar algum tipo de saída.

Eu vou morrer.

Ela sabia disso. Não havia alternativa.

Sua mão tremeu, ela aplicou mais pressão em sua ferida. Não era profunda, mas latejava impiedosamente e tornava mais difícil respirar. Pior, isso estava deixando-a extremamente tonta, e se ela não cuidasse disso, ela poderia esvair-se em sangue.

Através da escuridão, ela ouviu mais gritos estridentes. Diferentes dessa vez.

Gritos que ela conhecia muito bem dos seus sonhos.

Corvo Zombeteiro.

Ainda mais apavorada, ela recuou mais para dentro das sombras, rezando para que eles não a encontrassem.



Quando ela sentiu seu caminho acabar numa parede, ela encolheu-se ao que estava acontecendo. Ela simplesmente não queria acreditar que as histórias de sua avó fossem reais. Elas não podiam ser.

Porque se elas fossem...

Eu não sou essa pessoa. Eu não acredito em mágica ou feitiços.

Mas que outra explicação poderia haver? Ela não era estúpida e, nesse ponto, suas negativas estavam beirando a isso. Não importa o quanto você acreditava em algo, o quanto alguma coisa fora comprovada, parte de ser uma cientista era aprender como aceitar novas descobertas que mudavam completamente a forma como as pessoas viam as coisas.

Então aceite isso. Sua avó estava certa.

Tudo isso era real.

Ainda assim era duro porque ela não queria ter as responsabilidades que sua avó suportou. Todos dependiam dela para cada pequena coisa. Ela fora responsável pela vida das pessoas e por suas almas imortais...

Como se seus pensamentos se movessem através dos mundos, ela sentiu a presença de sua avó no quarto com ela. Cheirava a *Jurgen's* e hortelã.

— Kateri? Ajude-me. Eu preciso de você, criança. Minha alma vai morrer se você não vier.

Instintivamente ela deu um passo à frente, então se segurou. Não era sua avó chamando por ela. Sua avó morreria há anos e ela usaria o nome que apenas as duas conheciam. *Eles estão tentando me enganar.*

—Ajude-me, criança!

Esperando colocar mais distância entre ela e as coisas que a perseguiram, Kateri pressionou suas costas contra a parede de pedra fria e deu outro passo longe da abertura.

Alguém falou em sua orelha.

— Tsc, Tsc. Onde você está indo petisco? Você não está tentando nos deixar tão cedo, está?

Sua visão escureceu quando uma mão ossuda afundou uma garra em seu ombro, perfurando-a com dor. Ao contrário das outras coisas na caverna, ela sabia o que era esse. Isso era um corvo zombeteiro.

De repente, uma profunda voz masculina trovejou, falando uma língua que ela não conhecia.

Mas o corvo zombeteiro conhecia. Ela podia dizer pela sua acentuada raiva ao inspirar. Libertando-a, saltou em direção à voz e gritou tão alto que suas orelhas retiniram.

No momento em que atingiu o homem, luz banhava o pequeno duto com um brilho laranja. Um brilho que vinha da pele do homem...

Kateri queria correr enquanto eles lutavam, mas ela não podia. Ela se sentia congelada como Enrique esteve em seu laboratório. Seu corpo inteiro tenso, ela assistia de perto, rezando para que o recém-chegado fosse amigo e não inimigo.

Ela estava tão acima de sua cota diária de inimigos, e ainda era meio-dia...

Enquanto ela observava, seu olhar foi do retorcido, horrível corvo zombeteiro para o homem que lutava. Envolto da cabeça aos pés de preto, ele era ainda maior do que o corvo zombeteiro. Por causa do estranho brilho que ele estava liberando, ela não podia ver suas feições claramente,



mas seu longo cabelo negro estava solto, caindo no meio das costas quando ele se virou e se esquivou, então atacou o corvo zombeteiro com movimentos tão graciosos que lembravam uma bailarina.

O corvo zombeteiro cortou sua garganta.

Em um elegante, rápido movimento, o homem pulou para trás.

Ao invés de cortar sua garganta, o corvo zombeteiro cortou seu colar de osso e turquesa, que se soltou. Ele voou pela escuridão para cair no chão aos seus pés.

Kateri pegou o colar, então congelou enquanto seu olhar se concentrava no círculo de prata que continha a impressão de um *Thunderbird*⁴⁷.

Do leste, o Thunderbird voará na direção das terras da morte. Cuidado com o Thunderbird, criança. Pois em seu caminho, tudo vai perecer. Ninguém pode ficar contra ele.

Nem mesmo você.

As palavras de sua avó mal sussurraram por sua mente antes do guerreiro aplicar ao corvo zombeteiro um golpe que o fez explodir em brilhantes chamas cintilantes.

O homem voltou-se para ela.

Nesse instante, seu coração parou de bater enquanto ela via seu corpo inteiro claramente. Seus olhos eram tão negros quanto seus cabelos e roupas. Cada linha de sua bela face esculpida com perfeição, ele mantinha uma expressão de lutar sem misericórdia que estava mais acostumado a tirar vidas do que salvá-las.

E quando ele concentrou esse olhar escuro e gelado nela, ela sentiu a morte roçar seu rosto.

Por todo tempo...

Esse era o homem que sempre a matava em seus sonhos.

Capítulo 5

Ren congelou enquanto seu olhar se prendia ao da mulher. Quando Cabeza o chamou e disse que Ixkib, ou ghighau como ela era conhecida em sua língua, fora encontrada e então perdida, ele a imaginou como uma mulher mais velha. Como sempre foi no passado.

Mas ele jamais previu *isso...*

Ou antecipou que fosse *ela...*

Sua presença bateu nele como um inesperado punho em seu intestino. *Essa* mulher em amarelo era quem o matava em suas visões. Repetidamente. A única que, com seu toque suave, sempre o paralisava para dar seu golpe fatal.

Aquela que nunca falhou em desferir um golpe com um sorriso em seus lábios.

— *Eu estou aqui por você.* — Essa voz o assombrava enquanto sua cabeça cambaleava por uma realidade que ele não queria enfrentar.

⁴⁷ É um pássaro mitológico que, segundo os índios norte-americanos, provoca relâmpago e trovão.



Pelas mãos dela, eu vou morrer. E ele não podia negar isso. Suas premonições nunca estavam erradas.

Nunca.

E em carne e osso, ela era ainda mais bonita. Mais atraente, ela tinha seus longos cabelos castanho escuro, presos em um rabo de cavalo. Alguns fios que se soltaram durante sua captura e fuga enrolavam-se em torno do seu rosto em uma atraente confusão que implorava que ele afundasse sua mão e visse se era tão macio quanto pareciam. E ainda que ela fosse bem musculosa para uma mulher, ela era pequena. O topo de cabeça dela, mal chegava ao meio do seu peito.

Assim como em meus sonhos.

Ainda assim, mesmo sabendo que ela iria eventualmente matá-lo, ele não conseguiria agredi-la. Não enquanto seu cheiro doce enchia sua cabeça. Havia alguma coisa sobre ela que parecia suave e delicada. Frágil.

Ou foi o que ele pensou até que ela estreitou os olhos escuros e atacou-o com um objeto na mão.

Reagindo por puro instinto, ele caiu para trás, fazendo-a desequilibrar-se quando não conseguiu contato com seu corpo. Ele apertou seu pulso com pressão suficiente para controlar seu ataque, mas não o suficiente para feri-la. E enquanto ele a segurava imóvel, ele percebeu que ela estava machucada e sangrando.

Demais.

Ele admiraria sua coragem e espírito mesmo que ela não estivesse ferida. O fato que ela lutou quando outros estariam no chão, chorando, disse muito a respeito do seu caráter e determinação.

—Eu não vou deixar você me matar, — ela rosnou em sua face.

Ele abriu a boca para responder, mas antes que ele pudesse traçar uma única respiração, os olhos dela rolaram para trás, e ela desmaiou.

Ren mal a pegou antes que ela entrasse em colapso. Balançando-a em seus braços se debatendo a respeito do que fazer. Ele aventurou-se aqui em sua forma de corvo. E fora um longo tempo desde a última vez que ele tentou teletransportar alguém de uma área para outra, que ele não estava certo se seus poderes iriam funcionar ou não. E então havia o pequeno problema de que seria muito mais difícil teletransportar um peso morto do que alguém cuja energia consciente ele poderia usar como fonte de poder. Sem mencionar, que seu irmão drenara uma boa porção da força de Ren para convocar o Na'ha Ala e trazer a mulher do reino humano para este.

Eu odeio você, Coyote.

Mas não era produtivo se concentrar em algo tão negativo. Especialmente não enquanto outro Na'ha estava entrando em seu pequeno paraíso... e não estava só.

Um grande grupo de amigos cabeludos e fedorentos decidiu participar.

Gostando ou não, Ren não tinha escolha.

Ou ele tentava...

Ou eles morriam.



Esperando pelo melhor, ele reuniu cada particular de poder que ele podia e forçou-se a dar um muito raro salto de fé. Sua cabeça zumbia enquanto ele sentia o impulso.

Luz piscou e ele sentiu seu corpo mudar, mas não como ele queria.

Merda...

Ele não foi longe. Na verdade, ele foi em direção a eles em vez de longe.

Apenas eu tenho esse tipo de sorte. Obrigado aos Espíritos que essa mulher estava inconsciente e não pôde ver sua incompetência. Já era ruim o suficiente que *ele* estivesse acordado para testemunhar isso. Tudo o que ele precisava era dela rindo dele.

Você é um inútil, Makah'Alay. Eu lamento pelo dia que em você foi trazido a este mundo para ser um entrave para todos nós...

Encolheu-se enquanto ouvia a voz sarcástica de seu pai através dos séculos. *Você não deveria estar morto, seu desgraçado? Eu tive o suficiente de você enquanto você vivia.*

Mas às vezes os mortos simplesmente não estavam mortos o suficiente.

Empurrando esse pensamento para fora e forçando a si mesmo a se concentrar apenas em coisas positivas, Ren aumentou seu aperto sobre a mulher.

Com um silvo selvagem, o Na'ha veio para ele, dentes arreganhados, garras brilhantes sob a luz fraca.

Ren torceu a cintura, assim a criatura poderia atingir sua espinha e não a mulher. Então, ele tentou, pelo menos, teletransportá-los de volta para onde eles estavam um momento atrás. O hálito quente do Na'ha chamecou seu pescoço enquanto pinçava uma garra em seu bíceps.

A dor aumentou seus poderes quando ele gritou e raiva tomou conta dele.

Dessa vez, com esse impulso, funcionou.

Num segundo eles estavam na caverna, no próximo ele estava em sua sala de estar...

Com a mão do Na'ha ainda presa ao seu braço.

Curvando seu lábio diante da visão sinistra, ele moveu-se para deitar a mulher em seu sofá, então ele poderia remover a mão e jogá-la dentro da lareira onde ele deixara fogo queimando. Enquanto sua viagem pareceu durar apenas alguns minutos, o tempo aqui passou diferentemente do que lá.

Aqui, já era noite e sua pequena casa estava silenciosa e vazia. Exceto pelo som do fogo crepitando e destruindo os restos físicos de algo que ele esperava que nunca fosse capaz de abrir o portão para esse mundo. Coisas que ele esperava não enfrentar novamente.

Obrigado, Coyote.

Desgraçado. Rato. Bundão.

Filho da barriga de um roedor lambedor de rabo.

Ren se encolheu com o cheiro de carne de demônio queimada, que desencadeou lembranças que ele passara a eternidade tentando esquecer. Mas algumas feridas eram muito mais profunda, além dos ossos. Algumas percorreram todo o caminho até a alma, e elas fisgavam mesmo depois que ele vendeu a mesma alma por paz.

Ou, mais ao ponto, guerra.



Tentando não pensar sobre isso, ele voltou para a mulher e levantou sua camisa para que ele pudesse ver seus ferimentos. No entanto, tudo o que ele realmente viu a princípio, era sua pele lisa e bronzeada. Pele que parecia tão macia quanto o cabelo em que ele realmente queria enterrar o rosto para então inalar seu delicado perfume.

Deus, fora um longo tempo desde que ele dormira com uma mulher. Sentiu sua respiração e mãos na pele enquanto ele se perdia no prazer absoluto.

Por muitas razões, ele fizera o seu melhor para ficar longe das mulheres, tanto quanto possível. Não que ele não confiasse nelas.

Ele não confiava em si mesmo.

Depois de escravizar-se à última mulher com quem ele esteve e permitir a ela, contra toda sanidade, controlá-lo total e completamente, ele não desejava entregar sua vontade ou seu corpo novamente a nenhuma mulher. Nem mesmo o tempo necessário para aplacar um impulso básico.

Não valia a pena.

E isto produziu nele o efeito de lembrá-lo por que ele não precisava pensar nisso como uma mulher atraente no mínimo. Ela era apenas outra estranha que estaria fora de sua vida em questão de dias.

Não mais. Não menos.

No fundo de sua mente, ele viu uma imagem dela esfaqueando-o. Mas isso também ele empurrou para o lado. Ele sabia e esperava por isso. Enquanto ele se mantivesse em guarda, não haveria chance de que ela o prejudicasse. Ele era um guerreiro muito bom para isso. Ele não era o mesmo homem que permitira que Windseer assumisse o controle de seu ódio.

Eu sou o Thunderbird. O mais feroz de todas as lendas. O mais mortífero dos predadores.

A única coisa que já havia derrotado o Thunderbird era o próprio Thunderbird, quando ele permitiu ser enganado pelo Corvo.

E isso não vai acontecer comigo.

Nunca mais.

Seus pensamentos finalmente estavam onde deveriam estar, ele estreitou seu olhar para o corte profundo que se estendia ao longo da caixa torácica dela. Parecia dolorosa e terrível. Tendo recebido mais do que o seu quinhão de ferimentos, ele sabia o quanto uma coisa dessas ardia. Era espantoso que ela durasse tanto antes de desmaiar.

Os Céus sabiam, Coyote nunca fora tão forte.

Sentindo um gosto amargo em sua língua, provocado por essa memória em particular, ele puxou a camiseta sobre a cabeça, e a usou para aplicar pressão com uma mão enquanto ele chamava Talon com a outra para avisar a seu amigo que ele encontrara seu alvo.

Talon não respondeu.

Franzindo a testa, Ren tentou em seguida chamar Choo Co La Tah. Quando Choo não atendeu... isso o fez ficar nervoso. *Não entre em pânico. Eles ainda não voltaram a esse reino. Isso é tudo. Difícil o serviço de telefone celular funcionar quando você está fora do alcance das torres.*



Poderia ser verdade. Cada um foi a um reino diferente para onde a mulher poderia ter sido levada. Desde que eles não sabiam que ele estava com ela, eles iriam continuar procurando por um tempo.

O que significava que ele estava preso com ela até que eles voltassem.

Sozinho.

Não é o mesmo de antes. Ele não era o mesmo.

E ela definitivamente não era Windseer⁴⁸.

Sim, mas veja o que você conseguiu. Um chute nos dentes e na virilha, e um cavalo castrado seriam muito melhor do que a traição e abandono de Windseer.

Isso era o porquê ele não queria ficar sozinho com essa mulher.

Eu posso resistir a tudo exceto à tentação. Mas pelo menos ele conhecia a si mesmo e aceitava. Ele agora entendia do que se resguardar. Foi por isso que ficou recluso no pior sentido da palavra. Por que ele, diferente da maioria dos Dark Hunters, não possuía um escudeiro humano para cuidar dos seus assuntos.

Quanto menos pessoas ao redor dele melhor. Por séculos só confiara sua amizade a Choo Co La Tah. E cem anos atrás, depois que Buffalo já reencarnara e então fora assassinado, Ren tomou seu único amigo verdadeiro sob sua asa para protegê-lo.

Ele não precisava de ninguém mais em sua vida.

Mas enquanto ele cuidava do ferimento dela, e o calor da sua pele o acariciava, ele se lembrou de um tempo quando ele queria muito mais do essa existência estéril. Um tempo quando ele ansiava por ser uma parte do muito. Com amigos e família com quem compartilhar o fogo.

Por quê? Ele não tinha a menor ideia. O mundo nunca o acolhera. Sua família, malditamente certo, também não.

Prove-me que você pelo menos vale o pão que você come. Proteja seu irmão. A todo custo. Mesmo que isso signifique a sua própria vida. Esta foi a sua única utilidade para todos eles.

Sangrar pelos outros.

E essa era ainda a sua única razão para viver. *Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas.*

Rangendo os dentes, Ren empurrou todos esses pensamentos de volta para o lugar de escuridão que eles pertenciam.

Se eles apenas ficassem lá.

Com raiva de si mesmo pela fraqueza que não deveria existir, ele terminou limpando e enfaixando o ferimento dela, então se levantou para descartar sua camisa ensanguentada e pegar uma limpa.

Enquanto ele se afastava, a luz de um relâmpago brilhou, e foi seguido pelo choque de um trovão tão alto, que abalou a casa inteira.

À meia-noite, o Reset iria oficialmente começar. Um festival de dez dias de contagem regressiva para a abertura dos portões. O primeiro dia de diversão seria de violenta tempestade.

⁴⁸ É um espírito imortal, que pode destruir a terra. Ela foi derrotada e aprisionada por um homem. E ela está do lado do Espírito Grizzly.



Seguido por tornados, enchentes e granizo, tão severos que somente um tolo iria se aventurar nele. E com o nascer de cada dia, Windseer estaria um passo mais perto de ser liberta.

Uma vez que ela estivesse solta, então ela iria por livre o Espírito Grizzly.

E então, eles iriam vir atrás dele.

Ren rangeu os dentes enquanto se lembrava do dia em que Windseer o levara diante de seu mestre. Primeiro, Grizzly parecia velho e murcho. E foi somente quando seus olhos se encontraram que Ren entendeu o poder do bastardo imortal. O que seria necessário para restaurar a saúde do antigo ser.

—Liberte-me e eu vou transformar os seus sonhos em realidade.

O Grizzly exigia um sacrifício de sangue de uma criança das Estrelas. Com seu coração cheio de ódio e desprezo pelo mundo que chutara seus dentes mais de uma vez, Ren de bom grado realizou a cerimônia e restaurou o Espírito Grizzly ao reino humano. E assim, também de bom grado, ele deu boas vindas ao Grizzly para usar seu corpo como se fosse do próprio Grizzly.

Em sangue e suor, Ren renascera um novo homem. Mas não um melhor. Estranho como ele realmente não encontrou sua humanidade até depois que ele vendeu sua alma a Artemis. Somente então ele aprendeu o que mais importava na vida.

Somente depois que ele perdeu absolutamente tudo.

Eu estou vindo por você, Makah'Alay. Eu não posso esperar pela nossa reunião. A voz do Grizzly estava ficando mais alta e forte.

E a única coisa que poderia parar uma das criaturas mais antigas e mortais que já andaram na Terra, era um pedaço minúsculo de mulher que dormia em seu sofá. Se não fosse patético, ele riria.

Da porta, ele olhou para ela. Suas feições pálidas e relaxadas, ela respirava tão levemente que ela nem mesmo parecia estar viva. Como poderia alguém tão pequeno levantar-se contra uma criatura que fazia Ren parecer delicado e frágil.

Grizzly iria comê-la viva.

E não importava o quão forte ela era. Se a Guardiã não retornasse para combater Grizzly, não haveria esperança para nenhum deles. Mesmo que ela reiniciasse o calendário, isso não iria mudar nada.

O mal não seria negado. Tendo-o servido uma vez, ele sabia disso como um fato.

Com um suspiro pesado, Ren foi limpar-se.

Toda vestida de branco com a pena de uma águia presa ao cabelo escuro, Kateri seguiu um caminho através de uma densa floresta. O cheiro de pinho forte de pinho suspenso no ar, queimando sua garganta. Ela não sabia por que, mas ela nunca gostou Daquele cheiro.

—Porque seu pai lhe disse para temê-lo quando você era um bebê. Embora você não se lembre dele, você lembra as suas palavras de aviso.

Ela parou ao som da voz de sua avó.

—Vovó?



Sua avó saiu da floresta à sua frente.

— É tão fácil se perder, criança. — Ela apontou para as árvores ao redor delas. — Quando você está no meio de alguma coisa e você está cercada por tantas coisas que te oprimem, é fácil concentrar-se na coisa errada.

— Eu não entendo.

Em vez de responder, sua avó moveu-se para frente enquanto um lobo corria para Kateri.

Ofegando, Kateri caiu para trás.

Sem hesitar, sua avó afugentou o lobo e eram somente as duas novamente.

Sua avó a encarou com um olhar furioso, ameaçador.

— Agora você vê?

Sim, ela via. — Mas isso é apenas um sonho.

— Sonhos são a forma de sua mente lidar com a realidade, Waleli. É por isso que eles são tão importantes, e é por isso que precisamos nos lembrar deles. — Sua avó começou a afastar-se dela.

— Vovó?

Siga-me. A voz estava em sua cabeça e não vinha dos lábios de sua avó.

Kateri avançou para frente até que sua avó parou na beira de um campo. Lá ela viu um estranho prédio de pedra no meio de uma cidade próspera e antiga. Apesar de diferente, a cidade lembrava uma pirâmide Maia. Ela foi cortada em um ângulo agudo com o topo mais arredondado, e tinha coisas que pareciam ser janelas. Ela nunca vira nada parecido. Fernando ficaria impressionado de ver isso.

As pessoas se movimentando ao redor pareciam ser Nativos Americanos, mas suas roupas eram diferentes de tudo o que ela já vira antes. Elas eram mais estilizadas, e tingidas com cores brilhantes com um requintado bordado de contas⁴⁹. Muitas das pessoas usavam penas tanto como joias ou como acessórios para cabelo. E enquanto as mulheres não usavam qualquer maquiagem, os homens que pareciam ser guerreiros, tinham suas faces fortemente pintadas.

Ela não sabia o que sua avó estava tentando dizer sobre essa cidade até que o guerreiro que a salvou saiu de dentro do prédio. Outro homem, alguns centímetros mais baixo, seguia atrás dele. O homem atrás do seu guerreiro estava com o rosto pintado de branco com Brown Buffalo⁵⁰ em suas bochechas, estes pintados de preto. Duas listras vermelhas cortavam um ângulo agudo dos seus olhos até a linha da mandíbula. Outra marca vermelha atravessava sua testa com pontos brancos colocados acima dela.



⁴⁹ No original *Beadwork*, ou “bordado de Contas”. Os Americanos Nativos valorizavam os minérios e metais da terra, por isso as suas contas (beads), tem grande significado. As contas eram parte importante das celebrações, e eram utilizadas nas roupas e/ou cabelos.



⁵⁰ O *bisão-americano* ou *bisonte-americano*, conhecido como **Brown Buffalo**, é uma espécie de bisão (bisonte) que habita a América do Norte, já foi extremamente abundante e antes da colonização europeia das Américas, eram caçados pelos nativos americanos, mas os colonizadores quase os exterminaram. É incorreto incluir o bisão americano entre a espécie dos búfalos (*bubalus bubalis*), destes existem três tipos: o búfalo africano, o asiático e o pigmeu.

Eles desceram até um pequeno pátio na base das escadas como se eles estivessem esperando alguém para se juntar a eles.

Outros enfileirados em todas as direções até que formavam um pequeno exército de homens. A maioria deles estava fortemente armada com pistolas de ar, atlatls⁵¹, ou lanças. Alguns poucos com aqueles terríveis porretes⁵².

Mas não seu guerreiro. Suas únicas armas eram um simples arco e uma pequena faca que estava enfiada na sua bota.

— Eles logo estarão aqui, — o homem mais baixo falou.

Seu guerreiro assentiu. Vestido com uma calça e jaqueta de camurça muito fina e pretas, ele não usava camisa por baixo. E bem, ele não deveria, dado quão cinzelado e rigidamente definido eram seus músculos. A frente de seus longos cabelos negros estava puxada para trás para o alto de sua cabeça, onde estava seguro por um cordão grosso de couro, em suas extremidades foram anexadas a uma pena preta e uma branca.

Ele usava o arco atravessado sobre suas costas, e uma pequena aljava de flechas em sua cintura. Mesmo cercado por guerreiros ferozes, ele se destacava. Não apenas por causa da sua altura, mas por causa da maneira como ele olhava ao seu redor. Como se ele esperasse um ataque a qualquer momento.

E quem poderia culpá-lo? Desprezo sangrava das expressões dos outros cada vez que olhavam em sua direção. Por que eles o odiavam tanto? Ele era tão ruim que eles não suportavam olhar para ele?

Voltando-se, ele falou ao homem ao seu lado com pequenos, rápidos gestos manuais, que de modo algum, faziam sentido para ela.

O homem arqueou uma sobrancelha.

— Por que você acha isso?

Seu guerreiro deu de ombros.

De repente, silêncio caiu sobre os guerreiros reunidos enquanto as portas se abriam. Movimentando-se com deliberados passos lentos, quatro homens mais velhos que estavam vestidos com capas de sacerdotes desceram do prédio. Cada um deles possuía um cocar e máscara diferentes. Um parecia ser um cervo, completo com chifres. Outro era um búfalo branco, seguido por um urso negro, e finalmente um lobo cinza. Eles também carregavam leques de penas ornamentados.

O mais velho começou a falar em uma língua que ela não podia entender. Mas depois de um segundo, as palavras se tornaram claras.

— Foi decidido e acordado. Por sua coragem contra o poderoso javali e por salvar a vida de seu irmão, Coyote nos liderará após a morte de nosso chefe, seu pai. Word foi enviado ao clã dos



51

É uma arma de longo alcance e o dardo pode atingir até 150km/h.



52

No original war club. É uma arma indígena, usada por Nativos Americanos.



Cervos e nós acolheremos sua filha mais forte para ser sua esposa. Então que isso seja feito e que possamos crescer ainda mais prósperos sob a liderança de Coyote e sua esposa, Butterfly!

Kateri ouviu essas palavras, mas era a expressão do seu guerreiro que prendia sua real atenção. Ele olhava como se alguém tivesse chutado seu estômago.

O homem com ele começou a avançar, mas seu guerreiro agarrou seu braço e balançou a cabeça negativamente com firmeza.

— Eles deveriam saber da verdade, — seu amigo disse em um sussurro feroz.

— Eles não se i-i-i-mportam. — Sua gagueira a chocou. Ela nunca esperava isso de um homem tão letal.

— Não está certo! *Você* salvou Coyote. Como ele consegue o crédito quando você é o único que quase foi morto defendendo *ele* e *sua* estupidez? Se não fosse por você, ele estaria morto agora.

Um tique disparou na mandíbula de seu guerreiro assim que ele começou a sinalizar ao seu amigo.

Seu amigo retornou seus comentários com um último gesto que ela assumia deveria ser obsceno, dada à reação irada do seu guerreiro. Virando bruscamente nos calcanhares para que pudesse sair a passos largos, seu amigo o deixou.

— Eles devem ser informados da verdade, — seu amigo resmungou sob sua respiração.

Ignorando-o, seu guerreiro retirou o arco de suas costas. Sua expressão impassível, ele caminhou para frente para deixá-lo aos pés do sacerdote principal, antes ele se curvou.

O sacerdote sorriu em aprovação.

— Uma oferta para nosso futuro chefe de seu irmão mais velho. Obrigado, Makah'Alay. Seu irmão ficará tocado por seu presente. Deixe-o aqui como um exemplo honroso para todos.

— Honroso meu traseiro, — um dos homens disse do lado de fora. — Se não fosse por seu irmão, ele estaria morto.

— Nah, ele deveria ter sido expulso anos atrás. — Eles todos riram enquanto seu guerreiro permanecia ali, nenhum sinal em seu rosto. Era como se fosse uma ocorrência tão comum que ele nem sequer os ouvia mais.

— Nós respeitamos você, sacerdote, mas, por favor, não nos levante um defeito como exemplo de nada a não ser do por que crianças mal formadas devem ser deixadas na floresta para morrer.

O homem veio para frente e arrebatou o arco do chão antes de empurrá-lo nas mãos de Makah'Alay.

— Nosso futuro chefe não precisa do *seu* lixo. Ninguém quer o arco trançado de um deformado, retardado idiota.

O fogo retornou aos olhos de Makah'Alay enquanto ele segurava o arco com tanta força que os nós dos seus dedos embranqueceram. Mesmo Kateri temeu pelo outro homem. Era óbvio que Makah'Alay queria enfiar o arco ofertado em um lugar não muito agradável.

Autopreservação deve ter finalmente se apresentado. Sem outra palavra, o homem rapidamente recuou diante de seu guerreiro.



Com sua cabeça inclinada para o lado e sua expressão sombria e mais mortífera do que antes, Makah'Alay observou os outros com uma ameaça velada de que ele estava planejando a morte deles. Ainda que ele fosse terrível de se ver, havia algo intrinsecamente quente e sexy a respeito daquela pose. Ele era como um predador na natureza que estava a um sopro de atacar.

Qualquer palavra ou movimento errado...

E alguém poderia perder sua garganta.

Finalmente, seu guerreiro puxou o arco ao redor de seu corpo posicionando-o diagonalmente por suas costas. Ele segurava a corda com as duas mãos, então ele se afastou. Somente quando estava de costas para eles e ninguém poderia ver seu rosto ele mostrou a dor. Seus olhos traíram a profundidade do quanto eles o feriram. Mas pior ainda foi a vergonha e autoaversão que ele não merecia sentir. O trágico desespero.

E isso trouxe lágrimas aos olhos dela.

Como as pessoas podiam ser tão más com os outros? Ela nunca compreendera o que havia com algumas pessoas que elas não podiam permitir que alguém tivesse um momento de dignidade. Que tinham que roubar dos outros qualquer semblante de orgulho ou felicidade.

Isso era tão errado.

—Teri?

Ela voltou-se para a voz familiar, mas ela não podia localizá-la.

—Teri? Você pode me ouvir?

Isso vinha de um lugar distante. Mas ela não queria ir em direção à voz. Ela queria seguir o guerreiro e fazê-lo sentir-se melhor. Dizer a ele que os outros estavam errados pelo que eles fizeram...

—Teri!

Ela saltou acordada tão repentinamente que ela teve que agarrar o sofá para não bater no chão. Demorou um segundo antes de seu olhar limpar o suficiente para ver seu primo Rain Runningwolf de pé sobre ela.

Franzindo a testa, ela tentou se orientar.

— O que você está fazendo aqui?

Onde *era* aqui?

—Sunshine não quer que você fique sozinha. Ela ameaçou os garotos se eu não trouxesse meu traseiro até você tão rápido quanto possível. Desde que eu sou um pouco afeiçoado aos meus meninos, — ele deu um sorriso diabólico — aqui estou eu, prima.

Alto, moreno, e irritante, Rain poderia ser lindo se A) não fosse seu primo e B) ele agisse como um homem e não como uma criança de cinco anos de idade.

Ela fez uma careta para o seu penteado, curto militar. Ele costumava se orgulhar de seus longos cabelo de corvo.

— Quando você cortou seu cabelo?

—Um ano atrás quando eu decidi que não queria trabalhar com minha família pelo resto de minha vida. Você realmente não verifica sua página no Facebook, verifica?



Sem uma pausa ele continuou com seu DDA⁵³, — Amo-os, mas a distância faz o coração bater mais forte. E também faz maravilhas com a minha vida social, desde que as mulheres tendem a olhar com menosprezo os homens que trabalham para seus pais e vivem na casa deles.

Ela pressionou sua mão na têmpora como se ela tentasse seguir sua linha de pensamentos. — Eu não entendo. Você ainda vive na casa de seus pais.

— Sim, mas agora elas não sabem que é a casa de meu pai. Eu fui de ser um vagabundo a interessante com uma pequena mudança de emprego.

A profunda risada masculina chamou sua atenção para o homem atrás de Rain.

Seu coração parou enquanto ela olhava para aquele que a resgatou. Aquele que ela queria confortar em seus sonhos. Apenas que ele não parecia tão vulnerável agora.

Ao contrário, ele parecia ser o guerreiro feroz que esteve a um passo de arrancar o coração do homem que o insultara.

Incerta de sua intenção no que dizia respeito a ela, tentou se levantar, mas Rain a parou. — Calma. Ren disse que você foi terrivelmente cortada.

— Ren?

Ele indicou seu guerreiro observando-os.

— O cara intenso ali, me fuzilando com os olhos. Eu sei que você não deixou de notar sua presença, somente Sunshine seria tão distraída.

Então seu nome era Ren e não Makah'Alay.... Muito mais fácil de pronunciar.

Mas ela ainda não estava pronta para baixar sua guarda. Especialmente não com alguém tão letal. — Ele é um amigo?

Rain olhou por cima dele.

— Deus, eu espero que sim. Embora eu seja durão, eu estou certo que ele poderia chutar meu traseiro. Não quero realmente testar isso. Entende o que eu digo?

Sim, ela entendia.

— Onde eu estou?

— Na casa de Ren.

Ela estremeceu enquanto a dor a perfurava e lembrava o quanto o seu ferimento era ruim.

— Eu não deveria estar em um hospital ou algo assim? Por que eu estou aqui? E *onde* é aqui?

— Vegas, e este lugar é protegido para manter você a salvo. Hospitais não são.

Sua cabeça doía tanto que ela mal podia seguir sua estranha rapidez, o que a fez sentir-se como se ela estivesse no meio de um quebra-cabeça com peças faltando.

Como ela chegou a Vegas vinda do Alabama?

Não, ela não podia estar aqui. Rain estava sendo estúpido ou pregando algum tipo de peça.

— Eu não estou em Nevada, Rain. Eu não posso estar.

— Temo que sim, doçura.

⁵³ **DDA** (em inglês ADD), **Distúrbio de Déficit de Atenção** - Pessoas que sofrem de DDA mostram alguns sintomas como fraca supervisão interna, pequeno âmbito de atenção, distração, desorganização, hiperatividade (apesar de que só metade das pessoas com DDA sejam hiperativas), problemas de controle de impulso, dificuldade de aprender com erros passados, falta de previsão e adiamento. A autora aqui faz referência à infantilidade do primo.



Não, não, não. Sua cabeça girava com o que ele estava dizendo. Isso simplesmente não podia ser. Isso não era possível. Ela não podia ter cruzado metade do país sem saber disso. Podia?

Subitamente, um trovão explodiu tão alto, que abalou a casa inteira.

Guinchando em alarme, ela disparou para seus pés, então estremeceu de dor.

— O que no mundo era aquilo?

—Terríveis tempestades e enchentes estão chegando.

Uma sensação estranha passou por ela ante as palavras de Rain. Era o tipo de calafrio que sua avó diria que veio de alguém caminhando sobre a sua sepultura.

Ela captou o olhar na face de Ren.

— Você sentiu isso também, não sentiu?

Mas ele não respondeu. Ao contrário, ele voltou-se e deixou o quarto.

Rain deu de ombros para ela.

— Ele não fala muito. Eu realmente não consegui muito mais do que uma única palavra dele. Talon disse que ter uma conversa com ele é extremamente difícil. E eu aqui, achava que Storm não falava muito. Eu acho que encontrei a única pessoa viva que fala menos do que meu irmão. Quem diria, né?

Era por causa da gagueira...?

Não. Aquilo foi um sonho. Não realidade. Só porque ela viu isso em sua cabeça, não significava que Ren era gago.

Não significava.

Ou podia?

Curiosidade implacável a dominou.

— Eu voltarei em um segundo. — Ela seguiu atrás de Ren, querendo algumas respostas.

—O banheiro é a primeira porta a esquerda, — Rain falou atrás ela.

Ela mal registrou a informação enquanto seguia pelo corredor pequeno, procurando por Ren.

Encontrou-o em um quarto que fora convertido em ginásio, na parte de trás de sua pequena casa em estilo de fazenda. Provavelmente, não mais de 1.800 metros quadrados, a casa era escassamente mobiliada com poucas decorações; Alguma cerâmica antiga, tapetes, mas nada nas paredes exceto por uma TV na sala de estar onde ela acordou e uma menor aqui no ginásio.

Estranho.

Sentado em um banco de peso, Ren estava digitando uma mensagem de texto para alguém. Ele olhou para sua aproximação e levantou uma sobrancelha intrigado.

A beleza de seu rosto a cativou. Se não fosse por aquela esmagadora masculinidade, ele poderia ser considerado belo. E mesmo sentado, ele inspirava atenção. Respeito.

Medo.

Muito medo.

—E-er... Eu queria falar com você. — Contudo, agora que ela estava sozinha com ele em um quarto, essa ideia não parecia tão boa afinal.



Ficando em pé, ele desligou seu telefone e o guardou em seu bolso, mas não disse uma palavra.

Kateri engoliu em seco. *Por que você teve que levantar?* Ele era absolutamente enorme em comparação a ela. O poder de sua presença a fez recuar um passo, mas ela se recusou a ser intimidada por qualquer um. Mesmo alguém que provavelmente poderia alcançar a cesta de basquete sem estender sua mão completamente.

Gah⁵⁴, ele era grande.

Ela limpou a garganta.

— Eu só estou tentando entender tudo, ok? Foi você quem me salvou, certo?

Ele assentiu.

— Onde eu estava? Eu quero dizer, para onde eles me levaram do meu escritório? Como eu cheguei ali e como você me trouxe *para cá*? Nós voamos ou algo assim? — Certamente não seria permitido a um homem entrar num avião com uma mulher inconsciente sem nenhuma identificação? Mas nada mais fazia sentido. — Nós não poderíamos ter dirigido tão longe? Certo?

Ren tentou decidir o que dizer a ela. Por um lado, se ela iria cumprir seus deveres, ela precisava saber, por outro lado...

Sem o retorno do Guardião, a parte dela no ritual não seria realmente importante. O dever de Ixkib era redefinir o calendário. O Primeiro Guardião era o único que poderia escolher novos Guardiões e selar novamente os portões.

Se ele não estivesse aqui...

— Você não vai falar comigo? — Ela perguntou.

Ren hesitou. Ele queria, mas ele não confiava em si mesmo para não fazer algo constrangedor como... gaguejar. Deus, como ele odiava aquela aflição. Embora agora ocorresse muito raramente, fora terrível em sua juventude. Tanto que ele fora implacavelmente ridicularizado, o que só agravou a sua severidade.

Finalmente, ele parou de falar completamente.

Por três anos, ele permaneceu mudo ao invés de ouvir os risos e os insultos dos outros enquanto eles cruelmente imitavam sua gagueira. A não ser por seu amigo, Buffalo, ele nunca mais falou com ninguém.

Diferente do resto do clã, Buffalo não se importava com isso, nem pensava que ele era estúpido por causa disso.

Juntos, eles inventaram sua própria linguagem de sinais então assim Ren podia falar sem usar sua voz.

Ainda assim, não era apenas sua gagueira que o mantinha em silêncio agora. Ele não sabia o que dizer a ela. Ele sempre fora desajeitado com mulheres. Buffalo costumava brincar que Ren poderia liderar um exército de homens numa batalha sem nunca hesitar. Que ele poderia enfrentar um refúgio de ursos com as mãos limpas e não recuar.

Coloque uma mulher na frente dele e ele tremerá como uma criança errante diante de um pai zangado.

⁵⁴ É uma expressão que denota surpresa, e/ou frustração, e/ou entusiasmo(agitação).



Se algum clã quiser nos derrotar, tudo o que eles têm a fazer é enviar uma mulher atrás de você e você vai correr para a floresta gritando.

Isso era porque tanto quanto ele odiava ser zombado e insultado pelos homens, era ainda mais difícil suportá-lo de uma mulher que ele achava desejável. Nada doía mais severamente do que reunir coragem para falar com uma mulher e então ser dispensado antes que ele pudesse ter dito mais do que uma palavra gaguejada.

E se eles rissem dele...

Houve algumas humilhações que ninguém precisava.

Por mais que ele desprezasse isso, ele estava extremamente atraído por esta mulher. Tudo o que ele podia pensar era sobre provar seus lábios. Fazer amor com ela até que ambos estivessem esgotados e tontos.

Em ter um momento em seus braços...

Mas ele não era corajoso o suficiente para se arriscar. Ele fora zombado o bastante em sua vida. Agora, ele apenas queria existir na solidão.

De repente, seu telefone tocou.

Ren poderia ter ignorado se esse não fosse o toque de Talon. Ele ainda precisava dizer a ele que Ixkib estava a salvo.

Puxando seu telefone, ele virou as costas para a mulher e respondeu.

— *Osiyo?*

Kateri congelou em como era profunda e ressonante sua voz quando ele disse “alô” em *Tsalagi*⁵⁵. Isso não parecia nada com os seus sonhos. Isso era muito, muito mais masculino e barítono, como um trovão estrondoso.

E embora suas costas não fossem tão aterrorizantes quanto a careta penetrante que ele usava toda vez que a encarava, era tão bem formada quanto sua frente. O tipo de costas que implorava que uma mulher passasse a mão por ela, para então poder sentir aqueles duros músculos flexionar.

Sua garganta ficou seca enquanto uma onda de desejo a queimava. *Pare com isso, Ter...*

Isso era muito mais fácil falar do que fazer. Havia alguma coisa sobre ele que era absolutamente magnética.

— Ela está aqui. — Então Ren ficou em silêncio novamente enquanto ouvia.

Bem, pelo menos eu não sou a única que ele ignora. Ela estava surpresa que ele não estivesse dando batidinhas no telefone como respostas – uma batida queria dizer sim. Duas para não.

Depois de alguns segundos, ele falou novamente. — Mais tarde. — Ele desligou e fechou o telefone, em seguida voltou-se.

— Então, você *pode* falar, — ela provocou.

Seu rosto completamente sombrio, ele assentiu enquanto deslizava o telefone em seu bolso.

— Eu posso perguntar quem era ao telefone, desde que era obviamente sobre mim?

⁵⁵ *Tsalagi* Gawonihisdi é uma língua iroquês falada pelos Cherokee. É a única linguagem Nativa Americana que permanece sendo falada.



—Talon.

Pelo menos ela finalmente conseguiu uma palavra dele que era surpreendentemente dirigida a ela.

— Você sabe... wow, essas respostas de duas sílabas... impressionante. Posso estimulá-lo a três? Oh diabo, vamos botar pra quebrar e conseguir uma sentença inteira. O que você acha?

Ren queria ficar zangado com ela, mas por alguma razão achou-a encantadora. Ela não o estava atacando... ela estava brincando de provocá-lo sobre as mesmas coisas que Jess, Choo, e Talon provocavam-no.

Por causa da forma como ele fora tratado quando era humano, ele nunca gostou de conversar com pessoas. Era mais fácil fingir que elas não existiam. Afinal, ele fora invisível para a maioria deles enquanto ele viveu. Inferno, mesmo quando morto as pessoas raramente tomavam conhecimento dele. Era por isso que ele mantinha as sombras fora de suas vistas.

—Vamos lá, garotão, — ela disse, levantando-se nas pontas dos pés para que pudesse colocar a mão contra sua mandíbula.

No momento em que ela tocou sua carne, seu corpo inteiro ficou incandescente. Cada hormônio que ele possuía disparou excitado. Por um momento, ele não podia respirar enquanto aquele calor o queimava e ele tentou imaginar que gosto ela teria.

Com um sorriso que fez seu estômago se agitar, ela moveu seu queixo para cima e para baixo.

— Você pode fazer isso. Olhe como é fácil... — Então ela aprofundou a voz para imitar a dele. — Wow, Teri. Eu nunca soube que falar seria tão fácil. Obrigado por me dizer. Eu poderia até querer tentar fazer isso por mim mesmo um dia.

Apesar de si mesmo, ele sorriu para suas palhaçadas. Ninguém nunca fora tão divertido ao redor dele. A maioria mantinha uma grande distância por medo.

Empurrando sua mão longe, ele olhou para baixo até ela.

— Ha ha.

Ela fez uma careta.

— Você realmente não pode ir além de duas sílabas, você pode? O que? Você perdeu uma aposta com um feiticeiro ou algo assim? Se você falar três sílabas sua cabeça explode ou você pega algum tipo de DE?

Disfunção erétil? Ela simplesmente não iria por aí...

Porque de onde ele estava, não havia nenhuma chance disso. Ele estava mais duro agora do que esteve por um longo tempo. E tudo o que ele podia pensar era pressionar sua mão contra a parte dele que estava implorando para ter um gosto dela.

Vamos lá Ren... apenas um pequeno beijo...

Determinado a mantê-la à distância, ele baixou seu olhar para o braço dela.

Sua respiração parou enquanto seu olhar se concentrou em algo que não podia estar certo.

Não. Não é possível. Não podia ser. Era uma ilusão de luz. Sua mente jogando algum tipo de piada de mau gosto...

Devia ser.



Seu coração batendo, ele estendeu a mão para pegar seu pulso direito. Virando-o ele viu a marca fraca na dobra do cotovelo com a forma de uma aranha.

Era uma coincidência...

Mas e se não fosse?

—Onde você conseguiu isso? — Ele perguntou, esfregando sua mão sobre a marca.

Ela olhou para baixo, sua carranca aprofundou-se. — Eu nasci com isso. E eu estou impressionada. Vê, você pode falar uma frase inteira e não entrou em combustão espontânea. Incrível, não é?

Honestamente, ele não registrou uma única palavra do que ela estava dizendo. Ele não podia. Tudo o que ele podia era concentrar-se na marca que apenas outra pessoa já carregara.

Uma que ninguém mais deveria ter.

—O que seu pai diz sobre isso? — Ele perguntou a ela.

Ela encolheu os ombros. — Nada. Ele se afastou de nós quando eu era um bebê e eu não vejo desde então.

Sua cabeça rodando, ele deu um passo para trás enquanto tudo começava juntar-se.

Ela não era apenas a Ixkib. Ela era também a filha do Primeiro Guardião...

Capítulo 6

—O que você não está me contando? — Kateri perguntou, a sutil queda de uma oitava em sua voz, disse a ele que ela suspeitava que devesse ficar assustada. Mas, além disso, ela escondeu muito bem o seu pânico.

Maldição. Ren deveria ter identificado quem ela era no momento em que se conheceram. Estranho como a mente pinta as coisas e as esconde do pensamento consciente. Como algo pode estar debaixo do seu nariz e você perder isso completamente...

Agora que sabia a verdade sobre ela, era óbvio, e ele não tinha ideia de como pôde ser tão estúpido a ponto de ficar cego a isso.

Enquanto seus traços e altura não eram nada parecidos com os do Primeiro Guardião, ela possuía os mesmos misteriosos olhos tingidos de ouro, que realizavam profunda e intensa sondagem, que pareciam despir todas as mentiras, bravatas e falsas aparências, para que seu dono pudesse ver diretamente a alma nua.

A primeira vez que encontrou o Guardião, aqueles olhos penetrantes reduziram-no de volta ao cão encolhido que vivera apenas para obter a aprovação de seu pai. A sombra patética de um ser humano que permitiu que seu próprio irmão passasse por cima dele enquanto ele protegia o bastardo com seu sangue e ossos. O cão que aceitara os chutes de todos que fizeram contato com ele, pensando que não merecia nada melhor do que o seu desprezo.



Durante a maior de sua vida, Ren honestamente acreditou que ao invés de ficar zangado ou amargo, ele deveria ser grato que alguém estivesse disposto a oferecer uma casa a ele. Dignidade era algo reservado para seus superiores.

Por mais que ele convencesse a si mesmo que odiava a seu pai e o Coyote sobre como eles o trataram, a verdade era que odiava muito mais a si mesmo. Ele fora o único a engolir seu abuso e não dizer nada. O único que permitira que o tratasse como se ele fosse inferior.

Todo o tempo, ele possuía a força e habilidades para silenciá-los. Mas ao invés de arriscar sua “casa” e a pouca segurança que conhecia, recebeu seu ataque verbal e fez a si mesmo acreditar que não poderia existir por conta própria.

Que ele era realmente mais fraco.

E no momento em que o Primeiro Guardião olhou dentro de seus olhos e removeu Windseer, o monstro em busca de vingança, ele foi despertado e assim era novamente um ser humano vulnerável, Ren soltou todo esse ódio sobre o ancião por atrever-se a ver a verdade. Mas o Primeiro Guardião estava certo. Não era contra o Primeiro Guardião que Ren ferozmente batalhara aquele ano inteiro era contra si mesmo.

Ele, e nenhum outro, sempre fora seu pior inimigo.

Qualquer outra pessoa teria condenado Ren por suas atrocidades do passado e exigido sua vida. Em vez disso, o Primeiro Guardião o abraçou como um irmão. *Você permitiu que alguém que você amava te cegasse com suas mentiras. Você confiou nela para cuidar de um frágil coração que nunca bateu com aceitação antes. Enquanto você cometeu o mal sob o comando dela, o mal não estava dentro de você. Você não teve prazer ou conforto com suas ações. Nenhum orgulho.*

Eu vejo seu coração, Makah'Alay. Você está envergonhado e horrorizado pelo que fez. Você sabe quanto isso foi errado e você não esconde esse fato. Você castiga a si mesmo muito pior do que eu jamais poderia.

Mas o que você tem que lembrar é que existem apenas dois homens na vida que são perfeitos. Um ainda não nasceu e o outro morreu. Nós todos cometemos erros. É parte do crescimento. O truque não é ser perfeito. É encontrar um lugar de consolo em sua mente de modo que ela não bata em você por confiar na pessoa errada ou por seguir atrás do sonho errado. Todos nós caímos vítimas prejudicadas por um engano em algum ponto.

Até eu.

Mas ódio e raiva não resolvem nada. Como um fogo poderoso, eles rapidamente consomem qualquer coisa que os alimente. No entanto, não podem durar. Logo, eles devoram tudo ao redor e queimam, não deixando nada a não ser uma casca oca não mais capaz de sentir coisa alguma.

Você, Makah'Alay, é o poderoso Thunderbird. Nascido do sofrimento humano, você é o portador das tempestades que varreram a terra, destruindo tudo em seu caminho.

Agora passou, é humilde e devotado. Um protetor que irá sacrificar sua vida para salvar outra.

Como eu poderia culpar ou punir isso?

O ciclo do Universo é nascimento, crescimento e morte. E a morte, ainda que não desejada, é sempre necessária. Sem a morte, não há nascimento e nenhum crescimento.



A maioria dos homens morreu muitas vezes em suas vidas. O homem que nos tornamos invariavelmente mata a criança que fomos. Seu conhecimento do mundo mata a inocência infantil. Com o passo que você acaba de dar, o sábio Makah'Alay colocou o guerreiro Makah'Alay para descansar. Embora você ainda saiba como lutar, você agora aprendeu quando lutar...

E mais importante, pelo que lutar.

Outros e não ele mesmo. O Primeiro Guardião não disse as últimas quatro palavras, mas essa fora a lição que Ren aprendera. Até o Primeiro Guardião o poupar da morte, ele sempre lutou por sua própria glória, mesmo quando alegou que estava lutando por Coyote e por seu pai. Ele não esteve realmente protegendo seu irmão. Esteve esperando que seu pai notasse suas habilidades. Que seu pai, apenas uma vez, o abraçasse e ficasse orgulhoso por chamá-lo de filho.

Mas ninguém muda a mente de outra pessoa. Isso era para eles mesmos fazerem. E se eles não estivessem dispostos, então não havia mágica na existência que os faria ver o que eles não queriam ver.

Seu pai nunca encontrou qualquer utilidade para ele.

Não foram minhas opiniões que mudaram. Foram minhas percepções. Essa sempre fora a piada de Buffalo toda vez que alguém o acusava de inconstante.

Agora, séculos mais tarde, Ren olhava para o mesmo par de olhos que uma vez o motivara a matar...

—Quanto você sabe sobre seu pai? — Ele perguntou a ela.

—Nada realmente. Minha mãe não falava sobre ele. Minha avó disse-me que as memórias eram muito dolorosas para ela suportar e que eu não devia mencioná-lo ao redor dela. Então eu nunca o fiz.

—Sua mãe ainda não fala com ele?

—Minha mãe morreu quando eu era uma garota.

Assim era isso, então. O Primeiro Guardião deve ter sabido que a linha de Ixkib iria morrer e então ele interveio para impedir que isso acontecesse durante um dos seus momentos mais cruciais. Sabendo que sua mãe iria morrer, ele deu a ela uma criança, de modo que haveria uma nova Ixkib para seguir em frente.

Que ainda deixava a questão de onde estava o Primeiro Guardião agora. Não se parecia com ele, estar ausente quando sua filha estava em perigo.

Talvez ela não seja realmente sua filha.

Mas ele era sensato. Entre a marca que todos os Guardiões possuíam e seus olhos...

Ele não tinha dúvida sobre ela. Embora seus poderes permanecessem adormecidos, eles ainda estavam presentes para qualquer um que olhasse além da superfície. Em toda a sua vida, só fora derrotado uma vez.

Pelo pai dela. E mesmo assim, não fora através das superiores habilidades de batalha do seu pai. Pelo contrário, o Primeiro Guardião venceu a luta mentalmente. Verbalmente ele despojou Ren, deixou-o nu e exposto até que a vontade de lutar havia desaparecido.

Era o truque mais sujo que alguém já usara nele. E dado o seu passado, isso dizia muito.

Ela arqueou uma inquisitiva sobancelha. — O que você está escondendo de mim?



—O que você quer dizer?

—Eu sempre possuí a habilidade de saber quando alguém estava guardando um segredo. Você tem um profundo. Eu posso sentir isso.

Oh sim, ela era definitivamente a filha. Ninguém nunca fora capaz de ler seus humores, não da forma que o Primeiro Guardião fazia.

E ele realmente não estava com humor para dividir.

— Você não precisa saber nada sobre mim.

A outra sobrancelha dela juntou-se à primeira em um olhar que dizia que ele a ofendeu.

— Você não tem muita habilidade com pessoas, não é?

Se ela apenas soubesse a verdade...

—Não as quero.

Kateri franziu a testa quando a imagem de Ren sendo zombado veio em sua cabeça. Isso explicaria sua hostilidade diante das pessoas. E quem poderia culpá-lo?

Mas esse não poderia ser o mesmo homem. Ela sabia disso. Essas imagens vieram de seus sonhos. Algum resquício estranho, talvez de sua escavação no último verão. Sua avó acreditava firmemente que os objetos podiam carregar a essência de seus donos anteriores. Que o espírito humano era tão poderoso, que poderia deixar impressões em praticamente qualquer coisa. Kateri segurou um monte de fragmentos Maías. Qualquer um deles poderia tê-la “infectado” e feito com que seu subconsciente criasse cenários fictícios.

Embora não fosse a mais satisfatória das respostas, era certamente muito melhor do que acreditar que ele era algum guerreiro reencarnado ou vampiro imortal ou alguma outra coisa bizarra e rebuscada.

O que a deixava de volta à velha questão de tudo.

— Como você me levou para fora daquele buraco?

—Carreguei você.

Sarcasmo legal, amigo. Nunca teve um desejo tão forte de chutar alguém. Nem mesmo o menino pequeno que roubou sua bolsa no jardim de infância para irritá-la. Mas esse homem... ele estava propositalmente sendo vago e difícil.

Ao contrário do pequeno garoto em sua classe, esse devia ter ser mais sábio...

—Você vai realmente jogar esse jogo comigo?

O olhar dele caiu para os seus lábios. Por um mero nanossegundo ela viu a chama do desejo em seus olhos. Mas tão rápido a chama apareceu, ela se extinguiu.

— Você perguntou e eu respondi. Sem jogos.

—O que? Você não joga também?

Ele usou a expressão mais sem emoção que ela já vira na vida. Homem, ele devia ter atuado no Exterminador do Futuro⁵⁶. Ele teria sido melhor até mesmo do que Schwarzenegger.

— Não, eu não jogo.

⁵⁶ *O Exterminador do Futuro (Terminator)*, filme de 1984, dirigido por James Cameron, estrelado por Arnold Schwarzenegger, que interpreta um ciborgue, que é econômico nas palavras...



—Você deveria. Há muito que aprender dos jogos. Como Sócrates disse, uma pessoa pode descobrir mais a respeito de outra em uma hora de jogo do que em dois anos de conversação.

Ele pareceu considere aquilo até que seu telefone tocou um instante depois.

Ren o tirou do bolso e verificou o identificador de chamada, esperando que fosse um de seus poucos amigos. Seu coração parou.

Não um amigo, afinal.

Era Coyote.

Não responda. Nada de bom poderia vir falando com seu irmão. Nada.

Mas sua curiosidade era muito grande. Ele não estava nem certo de como seu irmão conseguiu o seu número, não importa porque o bastardo estaria chamando. Antes que pudesse parar a si mesmo, atendeu.

— *Osiyo.*

—Saudações, na verdade, irmão. Chegou ao meu conhecimento que você novamente roubou exatamente uma coisa que eu preciso. Eu quero de volta.

Ren respondeu aborrecido.

— Tsc. Pobre Anukuwaya. Você nunca conseguiu segurar uma mulher, você conseguiu?

Como era a intenção de Ren, Coyote estalava de indignação. Em seguida, disparou uma série de maldições contra Ren.

Apesar da gravidade, Ren estava divertido pelos insultos escolhidos por seu irmão. — Esse também é seu pai, Anukuwaya. Mais seu, na verdade, desde que ele nunca esteve interessado em aceitar-me.

Coyote rosnou em sua orelha.

— Eu a quero. *Agora.*

Sim, e as pessoas no inferno querem água gelada.

— Não vai acontecer.

—Nem mesmo pela vida de Choo Co La Tah?

Ren congelou ante a pergunta inesperada. Não... certamente Choo não fora capturado.

— Você mente.

Ele ouviu algo que parecia um punho batendo em carne. Seguido por um profundo grunhido.
— Diga oi, cão.

Uma profunda voz com sotaque Inglês falou ao telefone.

— Não há nada mais assustador, Renegade, do que ignorância em ação. — Choo era um dos poucos que sabia que Ren era a forma curta de seu nome.

—Seu futuro depende de você, Makah'Alay.

Ren agarrou o telefone enquanto fúria cortava através dele. O homem que ele aprendeu a se tornar queria salvar seu velho amigo. Mas o guerreiro nele sabia melhor.

Quando o coiole estava com fome, se alimentava. Não havia como apaziguar a besta até que tivesse comido à vontade. Não importa o que ele fizesse, isso não iria mudar as ações de Coyote, ou o destino de Choo.

—Choo Co La Tah vive ou morre? — Seu irmão provocou.



Ren rangeu os dentes antes que falasse a única resposta que podia dar.

— Essa decisão é só sua para tomar. The Ixkib fica comigo.

Coyote riu antes de zombar dele.

— Você sempre foi es-es-es-túpido.

A linha ficou muda.

Ren definitivamente poderia ter ficado sem a última parte. Seu intestino dava nós, por causa de sua certeza, de que acabou de condenar seu amigo, ele fechou o telefone e encontrou o olhar da mulher. Seu único consolo vinha em saber que seu outro amigo Sundown, estava a salvo, escondido de Coyote juntamente com sua esposa, Abigail. Ren e Choo Co La Tah enviaram-nos para fora meses atrás, para que Coyote não pudesse encontrá-los. Não que Sandown e Abby fossem covardes, mas porque Abigail estava grávida. Nenhum deles estava disposto a arriscar o bebê com Coyote ou qualquer outro perigo.

Até que sua criança nascesse, Ren não chegaria perto deles ou pediria sua ajuda.

—O que aconteceu? — A Ixkib perguntou.

Justo quanto ele começava a responder, algo bateu no telhado da casa tão duro, que parecia poderia ter atravessado as telhas.

Ren apressou-se para a porta para encontrar Rain correndo pelo corredor.

—Homem, há algo perverso lá fora. Como um tornado ou... Eu não sei. Eu não fui à escola de meteorologia.

Ren o agarrou pela camisa e arrastou-o para o dentro do quarto.

— Proteja-a.

Kateri fez uma careta quando Ren os deixou sozinhos.

— O que foi essa ação?

—Eu não sei. O homem me assusta.

Ela zombou das palavras de Rain.

— Isso não diz muito, primo. Pelo que me lembro, aranhas o tornava catatônico e mesmo joaninhas o faziam gritar como uma menina.

Rain enrijeceu indignado. — Não é minha culpa. Eu juro. Se você já viu meu pai vestido como um assassino de joaninha, com meu tio Seamus, para o Mardi Grass, você ficaria com medo delas também. Só dizendo. Não há nada mais aterrorizante para a mente de um jovem do que dois homens heterossexuais como drag, cantando '*It's Raining Men*'⁵⁷ para mim, e então me dizendo que meu nome foi escolhido depois dessa canção. E se isso não fosse bastante prejudicial, minha mãe concordava com eles. Não foi até que eu fosse velho o suficiente para perceber que meu nascimento é anterior à música, que eu finalmente me acalmei.

Uma imagem de Tio Daniel, que era, por seus próprios méritos, um homem assustador, em um vestido com péssima maquiagem passou por sua mente e a fez rir. Sim, ela podia facilmente imaginá-lo torturando seu filho dessa forma, e também sua tia Starla. Eles eram pessoas divertidas.

⁵⁷ '*It's Raining Men*' sucesso dos anos 80, <http://youtu.be/y35cv8OMQZM>



— Eu nunca encontrei seu tio Seamus.

— Fique feliz. Seamus é como uma ferida na cabeça. Engraçado como o inferno desde que esteja acontecendo com outra pessoa... Imagine Papai, mais alto, mais vil, mais encorpado, e empunhando um sotaque irlandês.

Sim, isso era algo que provavelmente poderia motivá-la a arrancar seus olhos.

— Okay, sem mais piadas sobre joaninhas fazendo de você a cadela delas.

— Obrigado.

As luzes piscaram.

Kateri congelou por um minuto enquanto ela ouvia coisas quebrando. Ela olhou de volta a Rain.

— O que você viu, exatamente?

— Honestamente? Eu acho que era um vortex. Parecia como algo saído do *Doctor Who*⁵⁸.

Vidro quebrou na direção da sala de estar. Mesmo que ela tivesse visto filmes de terror o suficiente para ser mais esperta, Kateri foi investigar.

Rain arrastou-se atrás dela.

— Eu não acho que nós devemos deixar esse quarto.

Ela o ignorou enquanto se movia cautelosamente pelo corredor, mais próxima dos sons de luta. Quando chegou à sala de estar, sua cabeça girava. Mais uma vez, viu Ren em um tempo e local diferentes. Em sua mente, ele estava lutando em um vale profundo com o seu peculiar porrete. Seu peito nu, cada veia se destacando enquanto ele lutava contra um homem mais velho.

Sangue cobria os dois. Ensopava o cabelo de Ren e manchava as penas brancas que estavam atadas por cordões de couro.

— Você não me odeia realmente, Makah'Alay. Você sabe disso. — A voz do homem mais velho estava grossa com cansaço. — E se você não mudar a direção, você vai terminar perdido.

— Eu estou farto de suas palavras incisivas, velho. Faça-nos um favor e morra já.

O velho curvou-se em seu balanço e chutou de volta. — Dizem que seu amor te cegou e que sua ganância é insaciável. Mas você não é ganancioso. Não por coisas materiais. Eu sei disso e você também.

— Cale a boca! — Ren gritou.

— A verdade morde duramente através da mais profunda traição. Você não é nada a não ser uma ferramenta a ser usada, Makah'Alay. Como você era com seu pai e seu irmão. Você está me dizendo que isso é tudo o que sempre quis?

— Ela viu a agonia nos olhos escuros de Ren como se essas palavras o atormentassem.

— Se Windseer amasse você, ela estaria aqui agora. Mas ela não está, está? Não. Ela abriu a porta para o Espírito de Grizzly e então ele a libertou. Como todos os outros, ela te abandonou para morrer sozinho.

— Então o quê? — Ren desafiou enquanto balançava seu porrete para a cabeça do homem.

— Eu entrei nesse mundo sozinho, e sozinho eu devo deixá-lo.

⁵⁸ É uma premiada série de ficção científica britânica, produzida e transmitida pela BBC. A série mostra as aventuras de um Senhor do Tempo, um alienígena viajante do tempo que possui dois corações.



Ele se esquivou do golpe.

— E o tempo entre os dois? Você está contente em não possuir nada em toda a sua vida? Ninguém? Nunca? — Essas palavras eram pontuadas por rajadas de fogo que Ren tentava desviar com seu porrete. Elas fizeram-no cambalear para trás levando-o ao chão.

Dor refletiu-se nos olhos do homem velho enquanto ele se movia e ficava sobre Ren. — Quem vai chorar quando você se for? Diga-me garoto. Para o que você vive?

Ren explodiu por sua vez.

— Vingança!

O velho fez uma pausa para que Ren pudesse ficar em pé.

— Você tem razão em sentir-se ferido, Makah'Alay. Mas suas ações voltaram-se um pouco a direita em um grande erro. E sua vingança derramou-se sobre o inocente que nunca causou mal a você. Teria a semente que você plantou fincado raízes no coração de outro garoto? Que colheita você semeia com tanta força? Você realmente quer que cresçam sem cultivo? Para esses garotos, esses órfãos, terem o mesmo veneno em suas veias que você?

—O que me importa? Esse mundo nunca me mostrou gentileza. Eles nem uma vez me acolheram.

O velho deixou cair seu porrete.

— Mas você se importa. Não importa? Eu vejo em seus olhos. Mesmo agora. Mesmo depois de tudo o que você passou. Você ainda quer o que todo o homem quer. Consolo.

Ren gritou tão alto, que abafou qualquer outra coisa dita pelo velho.

— Eu não quero nada! — Ele retomou a lutar com tal vigor e raiva que seus golpes eram rápidos demais para serem vistos por olhos humanos. Apenas os sons dos trovões podiam ser ouvidos.

Exatamente como o que estava acontecendo na sala de estar.

Numa batida de coração, Kateri empurrou-se fora do passado ou de seus sonhos ou do que quer que fosse o que ela viu e encontrou-se nos fundos da casa de Ren em Las Vegas. Raios e trovões ecoavam enquanto Rain a empurrava de volta para o corredor.

No corredor à frente deles, Ren estava rodeado por espíritos escuros que atacavam como um e então se separavam para lutar separadamente. Ainda assim, ele se mantinha em pé com admirável habilidade.

O lobo nunca é domado por meio de violência. Mas sim com uma generosa, gentil, e acima de tudo, paciente mão. A besta mais feroz vê inimigos em toda parte. Eles precisam disso para viver. Tudo o que eles sabem é como ser atacado e como lutar. Eles esperam traição de todos. A voz de sua avó sussurrou em sua mente.

Uma das bestas prendeu Ren com um golpe que o mandou para seus joelhos. Ele rolou com ele, mas não ficou completamente livre. Outro o pegou e o chutou duro.

Eles estavam prestes a derrotá-lo.

Recusando-se a assistir sua queda enquanto ele lutava por ela, Kateri correu à frente...

Então ela percebeu que não possuía nenhuma arma para lutar com eles.

Oh droga...



Ren lançou um olhar para a outra sombra que se aproximava dele. Ele desviou do ataque da besta, somente para ver a mulher ali.

Por uma batida de coração, a presença inesperada dela o paralisou. Ele não podia se mover, como se esperasse que ela o tacasse também.

Em vez disso, ela foi atrás daqueles com quem ele estava lutando...

Era tão inesperado que demorou vários segundos antes que seu cérebro pudesse conciliar a incoerência de alguém lutando *por* ele.

Até que deu conta de que ela não era páreo para eles.

Seu único pensamento era salvá-la, ele correu até ela e envolveu seu corpo em torno do dela, então teletransportou a ambos fora da sua casa e dentro do outro único refúgio que ele conhecia.

Kateri não conseguia respirar através do abraço apertado de Ren sobre ela. Completamente cercada por uma parede de músculos, seu rosto estava pressionado contra o peito dele. O coração dele pulsava abaixo do seu rosto enquanto o aroma quente e masculino da sua pele a acalmava. Havia ainda um cheiro oculto picante. Algo que fez água na boca.

Depois de alguns segundos, ele afrouxou seus braços e recuou um passo para então olhar para baixo até ela.

A preocupação naqueles olhos escuros a pegou desprevenida. Era um olhar quente, sexy. Um que a colocou em fogo. Especialmente quando ele segurou seu rosto entre as mãos e inclinou-se para que suas cabeças estivessem no mesmo nível.

—Você está bem?

Ela assentiu. — Você?

—Eu vou viver.

Para seu desgosto, ele a soltou e afastou-se. A ausência repentina de seu calor enviou um calafrio sobre ela. E enquanto ela olhava ao redor do quarto, ela respirou profunda e bruscamente.

Era uma *agradável* suíte de hotel. Uma espécie de *suíte Penthouse*⁵⁹ que um playboy bilionário iria alugar.

O que...

—Eu estou em um sonho malvado, — ela suspirou, perguntando o que estava acontecendo com seu subconsciente.

Ren balançou a cabeça.

— Não é um sonho.

Ela bufou. — Então como nós chegamos aqui?

—Eu tenho habilidade para teletransportar.

Certamente ele tinha. Ela riu nervosamente.

— Sim. *Teletransporte-me, Scotty*⁶⁰, certo? — Ela riu nervosamente. — Vocês garotos me enganaram? Rain está nisso?

⁵⁹ Suítes luxuosas de alto padrão, que podem chegar a ter áreas separadas, como quarto do casal, sala de estar, etc.



—Você realmente não acredita nisso.

Kateri passou a mão ao longo da cortina azul escuro ao lado dela. Uma cortina que não evaporou e transformou isso em um sonho psicótico.

— Não, mas eu queria acreditar. — Ela queria acreditar em qualquer outra coisa que não fosse o que isso parecia ser.

Eu estou louca. Eu tenho que estar, isso afinal fazia sentido.

Caso contrário...

Ela se encolheu a uma realidade da qual ela não queria participar. Pessoalmente, gostava de ter um endereço no Estado de Negação⁶¹.

— Isso é real, não é?

—Tão real quanto parece.

Cobrindo seu rosto com as mãos, ela tentou tudo o que ela podia para chegar à outra explicação plausível.

Não havia uma. *Quando você eliminou o impossível, o que restar, ainda que improvável, deve ser a verdade... Maldito você, Sir. Arthur Conan Doyle*⁶². *Maldito você!*

E nesse momento, tudo a esmagava. A morte de Fernando, sua recente farra com a morte, sua loucura, sonhos estranhos... Tudo.

Oh Deus, é verdade.

Tudo isso.

Não, ele não pode ser o mesmo homem do passado. Ele não podia ser. Ele não podia...

Ren reconheceu que ela estava entrando em choque. Sabendo que ele deveria sustentá-la, ele diminuiu a distância entre eles e segurou seu rosto novamente em suas mãos. A suavidade da pele dela acariciava a dele e o fez ansiar por coisas que sabia, nunca teria. Coisas que ele não deveria sequer querer.

—Qual é o seu nome? — Mais cedo, ela chamou a si mesma de “Teri”, mas não parecia combinar com o que ele sabia sobre ela.

Kateri piscou ante a inesperada pergunta.

— Huh? O que?

—Eu não sei seu nome, pequena. Como eles te chamam?

Isso a fez rir.



⁶⁰ No original ‘Beam me up, Scotty’, esta expressão ficou conhecida através da série/filme Star Trek. Este é o comando que o Capitão Kirk dá ao seu engenheiro chefe, Scotty, quando ele precisa ser teletransportado.

⁶¹ Segundo Sigmund Freud - “estado daquele que sabe, mas não sabe”, ou seja é a “recusa consciente para perceber fatos perturbadores, que retira do indivíduo não só a percepção necessária para lidar com os desafios externos, mas também a capacidade de valer-se de estratégias de sobrevivência adequadas”.

⁶² Foi um escritor e médico britânico, nascido na Escócia, mundialmente famoso por suas histórias sobre o detetive Sherlock Holmes. Foi um escritor prolífico cujos trabalhos incluem histórias de ficção científica, novelas históricas, peças e romances, poesias e obras de não ficção.



— É claro que você não sabe. Por que você saberia? Você apenas salvou minha vida duas vezes até agora. Tirou-me de... — Seu cérebro foi da situação dela para outra que a assustava a ponto de paralisá-la. — Rain está bem?

— Eles não vão feri-lo. Eles estão atrás de você.

É claro que eles estavam...

— O que *eles* são?

Ren hesitou. Ser informado de que basicamente tudo o que queriam era um pedaço de você, não contribuiria para acalmar alguém. Ainda que ele não tivesse um monte de habilidades com as pessoas, ele sabia, era melhor que esse pouco conhecimento fosse mantido para ele mesmo. — Inimigos.

Ela fez uma careta para ele.

— Realmente? — Ela perguntou, sua voz gotejando sarcasmo. — Inimigos? Isso é o melhor que você pode fazer?

— Você ainda não me disse seu nome, — ele a lembrou.

— Kateri Avani, embora a maioria das pessoas me chame Teri.

Ren repetiu-o em sua cabeça. Era um nome bonito, como a mulher que o carregava.

— Eu sou Ren.

— Eu sei.

— Mas eu não disse a você.

Ela franziu a testa a ele. — Isso faz diferença?

— De onde eu venho, faz.

Kateri reprimiu outra resposta quando ela olhou nos olhos tão negros, que ela não podia nem mesmo distinguir sua pupila.

Na parte mais profunda de seu cérebro, ela lembrou uma coisa que sua avó disse uma vez sobre a forma que seu povo via os nomes. Por que “Waleli” era conhecido apenas pelas duas e mais ninguém.

— É um sinal de confiança.

Ele assentiu.

— Quando alguém sabe seu nome, você dá a ele um pequeno pedaço de você. Este é o primeiro passo em direção à amizade.

E nesse momento, ela teve outra percepção sobre por que ele falava tão raramente. Isso, também, daria a ela uma parte de si mesmo. Se ele realmente era o homem do passado, então ele estava confiando nela para zombar se ele gaguejasse.

— Então estamos de volta ao passado para aquela coisa de duas sílabas?

Um canto de sua boca curvou-se para cima, no mais devastador sorriso que ela já vira em um homem.

— Nós estamos... — e então como se percebesse que ele estava prestes a dar a ela apenas duas sílabas como resposta, ele acrescentou, — Kateri.



Maldição... a maneira como ele disse aquilo com seu sotaque... enviou arrepios sobre ela. Ela nunca gostou particularmente de seu nome. Ainda que fosse incomum, vinha com a desvantagem chata de que ninguém nunca podia soletrá-lo ou pronunciá-lo.

Mas seu nome rolou da sua língua como uma carícia.

Contra sua vontade, ela sentiu uma parte sua se derretendo para ele. Ele realmente era um doce quando não estava sendo um burro total.

E isso a fez imaginar se seus lábios seriam tão saborosos quanto eles pareciam...

Teri! Ela nunca teve pensamentos como aqueles. Ela era muito focada em sua carreira para se aborrecer com algo tão trivial. Mas por uma vez, ela não conseguia sufocar seu desejo.

Ela realmente, realmente queria esconder o rosto na curva do seu pescoço e inalar seu aroma quente e masculino.

Lambendo seus lábios, ela inclinou-se para ele. Estava quase alcançando quando eles ouviram um som na porta. Primeiro, ela pensou que era um engano.

Até que a fechadura virou.

Um momento depois, a porta explodiu aberta, espalhando destroços sobre eles. Ren protegeu o corpo dela com o dele. Ventos violentos destruíram o quarto. Eles eram tão fortes que roubavam o fôlego dela e seu cabelo chicoteava ao redor do corpo. Se não fosse por Ren abraçando-a, ela teria sido sugada para fora do quarto. Ela não fazia ideia, de como ele permanecia forte contra a ferocidade de um furacão.

E quando os ventos aumentaram de velocidade, ela encontrou o olhar de Ren. Seu coração parou.

Seus olhos negros tornaram-se vermelho sangue.

Capítulo 7

Ren se preparou enquanto sentia as garras de aço de Kyatel rasgarem através de seu corpo. Como era a intenção do demônio do vento, isso picava a sua carne como mil escorpiões. Lágrimas de dor feroz encheram seus olhos enquanto lutava para permanecer em pé. Se caísse, o demônio teria a mulher e a luta terminaria aqui e agora. Ela morreria e todos os portões seriam abertos.

Eu não serei derrotado...

Nunca mais.

Irritado por colocá-los nessa situação e por ter falhado em transportá-la ao seu pretendido refúgio, ele se forçou a ficar de pé e forte, a despeito da agonia física, enquanto alcançava o profundo de sua mente e convocava cada pedaço de poder que podia. Esse não era o lugar em que ele queria estar. Por que... por que seus poderes enganaram-nos assim? Por uma vez, não poderia algo funcionar da maneira como deveria? Sua fúria crescendo, ele mostrou suas presas e lançou o braço para fora. Tão duro quanto ele pôde, dirigiu uma bola de fogo diretamente ao peito do demônio.



Gritando, Kyatel caiu para trás, através da porta. Os ventos pararam de uivar o tempo suficiente para Ren agarrar a mão de Kateri e puxá-la para frente. Eles precisavam ir mais fundo no primeiro reino se queriam sobreviver. Ele iria tentar transportá-los novamente, mas após esse passo em falso, ele não se atrevia. Seus poderes estavam diminuindo e com dois deles...

Melhor estar preso aqui do que cair dentro do segundo reino.

Quando tentou levá-la, ela balançou a cabeça em negação e literalmente arrastou os pés, diminuindo a velocidade.

— O que você é?

— O único neste reino que está ao seu lado. Venha comigo ou eles *vão* matar você.

Ele viu a hesitação em seus olhos um instante antes dela concordar. Seu único pensamento era colocar o máximo de distância entre ele e seu ex-aliado quanto ele pudesse, ele correu em direção a uma porta e a abriu.

Kateri diminuiu a velocidade novamente quando ela viu o quarto em chamas que eles precisavam atravessar. Dando um olhar a ele que dizia que ela o considerava insano, recusou-se a entrar ali.

Ren reprimiu sua irritação. Ao contrário dele, ela não estava acostumada com os truques e armadilhas dos demônios.

— É uma ilusão.

Dessa vez seu olhar o chamava de mentiroso.

— Confie em mim.

— Por que eu deveria?

Ele merecia sua dúvida. Depois de seu passado, não tinha direito a nada, exceto o desprezo e desdém. Ainda assim, isso o atormentava em vários níveis.

— Você quer viver?

Seu olhar queimou com uma confiança que ele nunca vira em qualquer mulher antes.

— Sim, eu quero. Então, por favor, não minta para mim. Eu não tenho muito pelo que viver, mas definitivamente eu não quero morrer esta noite. — Essas palavras foram sussurradas enquanto ela dava um passo à frente e retomava a mão dele.

Esperando, rezando que estivesse certo sobre isso ser uma ilusão, Ren puxou-a para dentro das chamas. Por um mero instante ele pensou que calculou mal a situação. Mas quando eles atravessaram o quarto em chamas e reconheceu o fedor desse inferno, ele soube o que aconteceu.

Coyote fez uma brecha no primeiro portão e os sugou para dentro. De alguma forma seu irmão abriu a porta para Hi'hinya e libertou Kyatel. Ou pior, Coyote quebrou Choo Co La Tah e Choo fez isso para ele.

De qualquer forma, o portão para Hi'hinya estava aberto e isso era ruim para todos eles.

Não querendo considerar o que seria necessário para forçar Choo a fazer isso, Ren usou sua telecinese para fechar a porta com um estrondo, selando-a atrás de si, antes que Kyatel viesse por ela. Eles não teriam tempo e ele não era exatamente o demônio do mês por aqui. Sem dúvida haviam cartazes de procurado para ele em todo o lugar. Aqueles que asseguravam uma



recompensa enorme. Se um demônio pudesse captura-lo e leva-lo ao Grizzly, eles seriam recompensados além da medida. Não havia nada no Universo que o Espírito Grizzly quisesse mais do que trazer Ren de volta para sua custódia.

Por essa razão, Ren era muito mais ameaçador para ela do que os demônios.

Talvez ele devesse deixá-la sozinha.

Mas ele não era tolo. Ela não iria durar muito no primeiro reino dos mortos. Ela não tinha ideia de como lutar ou como evitá-los. E pelo menos os demônios aqui, em regra, não eram fortes. Muitos não eram nada mais do que sombras, demônios que favoreciam os dois mundos. O maior problema com eles era que eles não eram absolutamente leais. Ambíguos e caprichosos no mais puro sentido dessas palavras era provável que eles tanto matassem uma pessoa quanto as ajudasse.

Se eles fossem realmente sortudos, as sombras caminhanes não iriam se importa com sua presença ali afinal.

É claro, a sorte era sempre uma vadia inconstante.

E esta noite ela parecia tê-los como alvo.

De repente, a parede à sua esquerda explodiu, cobrindo-os com gesso. No entanto, essa não foi a parte ruim. O mau veio em forma de uma horda de demônios que estavam firmemente decididos a reivindicar o seu coração e a vida de Kateri como um bônus.

Ren deixou a mulher ir para que ele pudesse encará-los.

Kateri caiu longe com um arquejo enquanto Ren conjurava o porrete que ela o viu usar milhares de vezes em seus sonhos. E ele usava isso como um campeão. Com a parte plana, ele golpeou-os de volta antes de abrir-lhes cortes com o vidro de obsidiana.

Os demônios retorcidos gritaram enquanto caíam. Muitos recuaram, mas outros persistiram, escalando sobre os corpos caídos para que eles pudessem persegui-lo.

Kateri olhou ao redor, procurando uma maneira de ajudar. Infelizmente, ela não estava certa o que exatamente eles estavam lutando e ele não possuía uma super arma para combatê-los. Ir contra eles com suas mãos limpas não parecia ser a coisa mais esperta a fazer. Em vez disso, ela decidiu não ser uma distração para o único que sabia como lutar com eles. Melhor proteger a parede e ter certeza que Ren não a atingiria acidentalmente com aquele porrete, do que correr para frente e conseguir a ambos feridos.

Era realmente muito impressionante assistir Ren empunhando seu porrete. Ele tratava-o como uma extensão do seu braço. Segurava-o com uma graça fluida em seus movimentos que disse que passou a vida treinando para a batalha.

E enquanto ele lutava, mais imagens enchiam a cabeça dela.

—*Por que você luta comigo, Makah'Alay? Eu não sou seu verdadeiro inimigo. Ele vive muito mais perto de casa. Nós poderíamos ser aliados, você e eu. Lutar comigo por aqueles que não podem lutar por si mesmos. Deixe sua raiva ir, e por uma vez, abrace algo bom.* — Ela não sabia quem era o velho que estava lutando contra Ren, mas algo a respeito dele parecia tão familiar...

Ren não respondeu enquanto os dois avançavam um para o outro como deuses primordiais lutando pela supremacia.



—É isso, realmente, o que você quer? — O velho tentou novamente. — Isso é *tudo* o que você quer?

Ren olhou para ele.

— O que eu quero é você que você morra já, velho! E cale a boca enquanto faz isso.

—Isso não é você falando. Isso é Grizzly. Ele teme a verdade porque ele sabe que vai enviá-lo de volta para onde ele pertence. Deixe seu ódio ir e limpe-o de seu corpo. Acredite você ou não, você é melhor do que isso, Makah'Alay. Você merece ser feliz e valorizado.

—Foda-se! — Ren retomou sua luta com maior vigor.

Ambos estavam suados e sujos da sua batalha. Parecia que estiveram lutando por meses...

Por...

—*Um ano e um dia*, — ela suspirou.

Ren virou-se para ela com o cenho franzido. — O que você disse?

—Cuidado! — Ela gritou enquanto um dos demônios ia pelas suas costas.

Virando, ele mal o pegou com o porrete. O demônio retorcido soltou um grito estridente antes de explodir. As chamas queimaram brilhantes até que foram diminuindo. Kateri colocou a mão à frente do rosto para proteger os olhos.

Ren voltou-se e a pegou, então tentou transportá-los. Não funcionou. Maldição. Ele tinha que tirá-la daqui. Mas ele não conseguia levar os dois para fora com seus poderes reduzidos.

Este é um bom dia para morrer. Se ele se fosse, ninguém iria se importar.

Mas diferente dele, ela importava.

Ele segurou seu rosto em sua mão, então seus olhares se encontraram.

— Pense na sua avó. Chame-a e peça a ela para te guiar para casa.

Kateri franziu o cenho a sua ordem.

— Eu não entendo.

Ele colocou algo sólido em sua mão e seu pulso fechado sobre isso de forma que ela não podia ver o que era.

— Apenas faça. Agora, feche seus olhos e pense nela.

Kateri obedeceu. Um segundo depois, ela podia sentir o quarto aquecendo, sentir as chamas começando a lamber sua pele e queimar, e em seguida...

Ela estava ao lado de Talon, na sala de estar de sua casa em Nova Orleans.

O que...?

Completamente confusa, ela girou em um pequeno círculo, observando a casa de sua prima. Decorada em rosa brilhante e roxo, era completamente fora de sincronia com o abertamente masculino homem com quem Sunshine se casara. Mas ele a satisfazia em tudo. Até o ponto em que todas as suas toalhas eram rosa.

Sunshine estava sentada no sofá à sua direita, com seu filho, Declan, dormindo em seu colo.

Ao súbito aparecimento de Kateri, Talon disparou para seus pés. Ele avançou um passo para ela.



Aliviada, Kateri começou a ir até ele, então lembrou que Ren lhe deu alguma coisa. Olhando para baixo, abriu a mão para encontrar um pequeno cristal de feldspato⁶³ branco opalescente, em formato de lágrima.

A pedra da lua. Sua avó carregava uma similar em sua *degalodi nvwoti* ou bolsa médica que ela mantinha em seu bolso ou amarrada ao seu pescoço. Toda manhã quando sua avó acordava, ela pegava seus cristais e pedras em sua mesa de cabeceira e escolhia aquelas que seu Guia Espiritual dizia que ela precisaria naquele dia. Sussurrando uma prece, ela as colocava em sua *degalodi nvwoti* e puxava algumas cordas e fechava a bolsa, para que ela pudesse enfrentar bravamente qualquer desafio que o dia reservaria para ela. Toda amanhã fosse um novo conjunto, mas a pedra que nunca mudava era sua sagrada pedra da lua.

— *Por que você sempre mantém a pedra da lua com você, Eleesee*⁶⁴? — Ela perguntara um dia depois que sua avó tirara seu *degalodi nvwoti* e segurava a pedra como se fizesse uma prece.

Sua avó puxou Kateri para seu colo e colocou a pedra da lua em sua mão para ela examinar. Mesmo agora, ela lembrava quão bonita a translúcida pedra leitosa parecera quando a luz do sol brilhou e refletiu como um lampejo azul. — *Esta é a pedra do destino que irá ajudá-la a ver seu futuro claramente, de modo que você possa alcançá-lo melhor. Por essa razão, esta é a poderosa pedra do desejo – sussurre seus sonhos a ela e ela irá ecoá-los aos céus para o Grande Espírito ouvir. A pedra também pode curar e proteger aqueles que precisam. E esta é a pedra de novos começos e boa sorte. Você deve sempre carregar uma cada vez que você viajar, Waleli. Elas são o mais presente mais precioso da Grandmother Moon*⁶⁵, *que nos guia através dos ciclos de nossas vidas e que olha por nós enquanto o Grandfather Sun*⁶⁶ *descansa. Em nossas horas de aflição quando nossos inimigos estão escondidos de nossa vista e desejam nos fazer mal absoluto, é ela que nos guiará para a segurança. Ela que nos fará ver a verdade que não queremos encarar.*

Lágrimas a sufocaram enquanto segurava a pedra da lua de Ren, e entendia o significado do que ele fez por ela. Em sua cultura, presentes nunca eram esperados dos outros, nem mesmo em aniversários ou casamentos ou festivais. De fato, normalmente era aquele que celebrava quem os dava aos participantes, como uma maneira de deixá-los saber o quanto eles eram valiosos e o quanto a pessoa que estava sendo honrada apreciava que outras pessoas tomassem um tempo precioso de suas vidas para vir celebrar com ele.

A importância estava em nunca receber algo. A importância estava no ato de dar para outro, especialmente quando isso vinha de forma inesperada e de coração. O valor monetário do presente era ainda menos importante. Os presentes mais valiosos eram aqueles que guardavam significado pessoal ou espiritual para quem dava o presente.



⁶³ O feldspato pertence ao grupo de silicatos de alumínio com potássio, sódio, cálcio e mais raramente bário, sendo que o primeiro tem grande aplicação na indústria da cerâmica e do vidro, também utilizada em rituais xamânicos.

⁶⁴ Avó em Cherokee.

⁶⁵ Avó Lua.

⁶⁶ Avô Sol.



E Ren a enviara longe com sua proteção e pedra do destino, que era um de seus bens mais sagrados, que ele pensou que já mantivera o suficiente com ele, sabendo que ele ficou para trás para lutar por ela sem a pedra para protegê-lo.

Ninguém nunca lhe dera algo mais valioso.

—Teri? — Preocupação vincando o bonito rosto de Sunshine. — Está tudo bem com você?

Kateri não podia responder por causa do nó em sua garganta enquanto ela segurava firmemente o presente mais precioso de Ren. Uma única lágrima rolou por sua face.

Naquele momento, sentiu algo agarrá-la por trás.

Talon se lançou para ela.

Era muito tarde. O que quer que a agarrou, sugou-a para fora da casa e de volta para as trevas.

—Vovó! — Kateri chamou, tentando fazer como Ren instruíra. Ela tentou o máximo manter o foco em sua avó. Mas era inútil. Sua avó não poderia ajudá-la a parar o que quer que isso fosse.

Então, em vez disso, seus pensamentos se voltaram para o alto e belo homem que sempre a matava em seus sonhos.

A cabeça de Ren girava de tanta dor. Era tão mau que o impedia de mudar de forma para escapar. Ele usou todas as suas reservas para enviar a mulher para Talon. Pior, seus poderes de Dark Hunter estavam deixando-o sonolento, algo que eles sempre faziam, sempre que um Dark Hunter era ferido. Adormecidos, os deuses Gregos do sono poderiam ajudá-los se curar. Mas se ele caísse nessa luta...

Eles o matariam pelo seu próprio sangue, que ele odiava.

Ele se sentia tão doente. E ainda assim os demônios continuavam vindo.

Apenas deite e deixe que eles o tenham. Realmente, não havia nenhuma razão para ele lutar nestes dias. Ele fez mais do que corrigir suas atrocidades humanas. E ele sobrevivera tempo suficiente para ver cumprida sua barganha com Artêmis.

Era tempo para sua próxima aventura.

Se você morrer sem uma alma, estará eternamente em completa miséria.

Ele riu a esse pensamento. Como seria uma mudança de rotina? Inferno, ele não iria nem perceber a diferença.

Kyatel materializou-se à sua frente. Seus olhos demoníacos estavam púrpura brilhante fluorescente.

— Você me deve seu sangue.

Ren zombou.

— Eu não te devo nada.

O demônio mostrou suas presas antes que ele fosse à garganta de Ren. Ren o pegou e o girou ao redor. Mas ao invés de voar longe dele, Kyatel abraçou-o como a um irmão. O demônio afundou cinco garras profundamente no previamente machucado ombro de Ren.

Ren gritou em agonia por esse ferimento adicional.



—Lembre-se de sua dívida, — Kyatel sussurrou em seu ouvido.

A visão de Ren diminuía enquanto essa única palavra o levava de volta ao passado distante. De volta ao tempo quando ele governava aqui como soberano de Grizzly.

Quando ele possuía tudo...

Fora a única vez em toda sua vida que não sentira nenhuma dor. Nenhuma vergonha. Ele caminhou neste reino com o reconhecimento público de que ele era o rei. Ninguém podia tocá-lo.

Você é meu novamente. Grizzly riu, o som ecoando dentro da sua cabeça.

Não! Ren lutou para segurar-se ao seu último resquício de humanidade. Mas era impossível. Não importa o quanto negasse, ele sabia da verdade em seu coração.

Ele queria pertencer a algo. Qualquer coisa. Apenas uma vez. Ninguém jamais o quis. O mal fora a única coisa que sempre o acolhera em seu peito.

Mas isso não era pertencer, ele sabia. Tudo isso fora uma mentira. Os demônios não acolheram mais sua presença do que sua família ou o mundo em geral. E a única razão de Grizzly fingir querê-lo era para que ele pudesse usar o corpo de Ren para chegar aos seus inimigos.

Como para Windseer...

Ela o abandonara tão logo ela obteve sua liberdade. Ren fora tão solitário aqui, como soberano, quanto fora no reino humano.

Nada mudou. Ele era um inútil descartável então.

Ele era inútil agora.

Fechando seus olhos, esperou que o demônio acabasse com ele.

—Deixe. Ele. Ir.

No primeiro momento, Ren não podia reconhecer aquela voz zangada. E mesmo que tivesse identificado, não podia acreditar em seus olhos quando ele viu Kateri em pé atrás de Kyatel.

E ela estava furiosa com o demônio segurando-o. Tão inacreditável como isso era, ela parecia pronta para rasgar o demônio. Ele não estava certo quem estava mais chocado com sua aparição. Ele ou o demônio.

Isso dito, Kyatel recuperou-se primeiro.

Então riu.

Ren aproveitou a distração do demônio para esfaqueá-lo. Muito ruim, isso não poderia matá-lo. Mas o golpe na carótida de Kyatel iria enfraquecê-lo. Kyatel precisaria parar de sangrar e repor o sangue perdido, ou ele estaria muito fraco para lutar. Algo que ninguém poderia se dar ao luxo de ser nesse reino.

Os olhos de Kyatel brilharam num profundo e vibrante laranja que encobriu a sua tonalidade normal púrpura.

— Isso não é o fim.

Ren deu a ele um sorriso sarcástico.

— É por agora.

Quando o demônio desapareceu, Ren virou-se para pegar o braço de Kateri.

— O que você está fazendo aqui? Eu te mandei para longe.

—Eu não sei. Eu estava na casa de Talon e então eu desapareci... e voltei aqui.



Ren amaldiçoou. Kyatel estava mais forte do que estivera antes. Muito mais forte. Se não fosse pela exatidão dela ele provavelmente estaria morto. E agora, graças ao machucado em seu ombro, ele estava ainda mais fraco do que estivera antes.

O que significava que ela estava em extremo perigo. Se algo a atacasse, ele não estaria em condições de suportar muito uma luta. E se viesse por ele, ele não estaria apto a mantê-lo longe dela.

Merda...

—Você não deveria ter voltado aqui.

Kateri não respondeu a isso. Sua atenção foi desviada para a quantidade de sangue na roupa dele. Havia cortes em toda a extensão de seus braços. E seu ombro esquerdo parecia como se alguém tivesse tentado rasgá-lo.

— Você está ferido.

—Eu vou viver. — Ele inclinou a cabeça para olhar além do ombro dela, onde mais criaturas foram se acumulando sobre eles. — Precisamos sair.

—E ir onde?

Ren ergueu seu porrete sobre seu ombro bom.

— Preferivelmente algum lugar que *eles não estejam*.

—Eu não poderia concordar mais. — Ela o seguiu para fora do quarto, abaixo num longo corredor onde havia criaturas demoníacas, mas eles não atacavam. Em vez disso, eles permaneciam nas sombras, observando com uma estranha atenção que a fez sentir-se extremamente desconfortável. — Onde nós estamos?

Ele girou seu porrete ao redor do ombro antes de responder.

— Um lugar que nenhum de nós precisa estar... O primeiro nível de West Lands. — Kateri franziu o cenho para ele. — Por que isso soa familiar para mim?

—É onde nossos ancestrais trancavam os piores monstros do mundo para evitar que eles caçassem a humanidade.

Oh sim...

Seus olhos se arregalaram enquanto se lembrava das histórias da avó sobre o Guardião que foi escolhido para manter a humanidade segura. Benevolente e gentil, ele procurou proteger o primeiro humano do banindo e de todas as ameaças. Infelizmente, a humanidade foi enganada e, como Pandora na mitologia Grega, quebrou e abriu a porta para libertar o mal, apenas o suficiente para afastá-los de levar uma vida livre de dor e sofrimento.

Isso é apenas uma lenda.

O pensamento morreu quando outro demônio deu meia-volta e cruelmente sibilou para eles. Enorme, verde, e malcheiroso, ele era tão real quanto ela.

Isso não era uma brincadeira, e definitivamente não era uma ilusão. Por mais que ela quisesse, não podia negar. Estas coisas eram reais.

Mostrando suas presas, Ren dirigiu seu porrete para a besta, deixando-a saber, o que aconteceria se atacasse. O monstro encolheu-se de medo. Ele a colocou à sua frente enquanto rapidamente a levada através do edifício, e longe do resto das criaturas.



Muito agradecida para discutir ou mesmo questionar, agora, o peculiar problema dental de Ren, ela virou uma esquina, então se deteve abruptamente quando viu três corredores divergentes. Sem nenhuma ideia onde eles levariam, permitiu que Ren escolhesse a direção correta.

Ele dirigiu-se para a esquerda com enormes passos largos, furiosos.

Kateri praticamente correu para manter contato com ele. Cada um de seus passos equivalia a dois e meio dos dela.

— Como chegamos aqui?

Ren estremeceu ante a questão que ele não queria responder. Ele não podia suportar parecer estúpido ou ser ridicularizado. Mas aparentemente, seu único objetivo na vida e servir como garoto-propaganda da imperfeição e incompetência.

Obrigado, destino. Aprecio a consideração.

Então, em vez de esconder-se como um covarde, disse a verdade.

— Eu estava tentando nos levar para o cassino de Sin⁶⁷ e de alguma forma eu nos pousei aqui. Eu sei que isso foi um erro estúpido, ok? Eu estou fazendo o melhor para corrigir isso o mais rápido possível.

— Hey. — Ela puxou-o para que parasse. — Está tudo certo. Você esteve tentando me ajudar. Eu não estou a ponto de reclamar quando você salvou a minha vida, especialmente desde que você sangrou para isso. Que tipo de pessoa pensa que eu sou? E, a propósito, muito obrigada. Por tudo. — Ela ficou nas pontas dos pés para colocar um casto e rápido beijo em seu rosto.

Ren não podia falar enquanto aquelas palavras ecoavam em sua cabeça e sua pele queimava por seus lábios macios. Lábios que o deixaram inchado e doendo por uma troca física mais completa.

Honestamente, estava perplexo com ela. Ninguém nunca deu a ele o benefício da dúvida antes. No passado, sempre que estragava tudo, era considerado o responsável e normalmente, rudemente punido.

— Eu deveria saber mais a respeito.

Ela bufou.

— Eu não acho que saber tem muito a ver com isso. Além disso, estávamos um pouco preocupados com nossas experiências de quase morte. Dê a si mesmo uma pausa. Fora tudo o que aconteceu nas últimas horas, isso não é tão ruim. — Ela fez um gesto para seu porrete. — Pelo menos estamos armados e prontos para a batalha. Bem... de qualquer maneira, você está. Graças a Deus.

A generosidade de espírito dela, o encantava. Ele sempre ouvira falar que as pessoas tinham bom coração, mas ele as vira tão raramente, que ela o pegou desprevenido. A maioria das pessoas com as quais ele lidava eram frias e interesseiras.

Implacáveis.

E essa fora sua família.

⁶⁷ Trata-se do Cassino Ishtar, de propriedade do deus Sumério Sin – “O Diabo pode Chorar”



Ren desacelerou quando eles deixaram o prédio. No momento em que eles estavam na porta, o feitiço de glamour foi quebrado e ao invés da aparência do Cassino Ishtar como ele pensou que fosse, o local assumiu sua verdadeira forma, uma estrutura de pedra cinza que parecia desgastado e envelhecido, em uma cidade cheia de edifícios similares. Eles estavam queimando os cascos contra uma paisagem escura de absoluta miséria. Não havia nada convidativo ou bonito a respeito desse lugar.

Pior do que isso, ele odiava estar de volta aqui onde foi forçado a enfrentar as memórias que queria manter enterradas. O Primeiro Guardião estava certo. Ele castigava a si mesmo mais do que qualquer tortura jamais poderia.

E esse pensamento lembrou-o a primeira vez que encontrou Acheron, o imortal que lidera os Dark-Hunters. Embora Acheron parecesse fisicamente jovem, ele mal completara vinte e um anos quando foi morto, ele era um dos homens mais velhos e sábios que Ren já conheceu.

Seus traços perfeitos e cinzelados, Acheron possuía turbulentos olhos prata de um verdadeiro ancião.

— A vida é uma bagunça, Ren. Não é fácil e definitivamente não para tímidos. Todos tem um passado. Coisas que os apunhala bem entre os olhos. Velhos rancores. Velhas vergonhas. Arrependimentos que roubam seu sono e te deixam acordado até você temer por sua própria sanidade. Traições que fazem sua alma gritar tão alto que você imagina por que ninguém mais ouve isso. E no final, estamos todos sozinhos nesse inferno particular. Mas a vida não é sobre aprender a perdoar aqueles que o feriram ou esquecer seu passado. É sobre aprender a perdoar a si mesmo por ser humano e cometer erros. Sim, as pessoas nos desapontam todo o tempo. Mas as mais duras lições vêm quando desapontamos a nós mesmos. Quando colocamos nosso coração nas mãos da pessoa errada e eles nos fazem cometer atrocidades. E enquanto podemos odiá-los pelo que fizeram, o único que mais odiamos somos nós mesmos por permitir a eles entrar em nosso círculo particular. Como eu pude ser tão estúpido? Como eu pude deixá-los me enganar? Todos passamos por isso. É a Irmandade da Miséria da humanidade.

Ren fixou o olhar no jovem Atalante.

— Diga-me, Acheron. Como vamos encontrar a paz novamente quando prejudicamos a nós mesmos e a outros?

—Se tivermos sorte, encontraremos uma pessoa que irá conquistar nossa confiança e mantê-la sagrada e segura contra todos os ataques. Essa única alma vai restaurar nossa crença de que as pessoas são decentes e gentis, e a vida, enquanto confusa, é ainda o presente mais maravilhoso que alguém pode conhecer. Mas até que esse dia chegue, temos que tentar e lembrar que casa não é um lugar ou pessoa específico. É um sentimento que carregamos dentro de nós mesmos. Esse toque divino que acende um fogo dentro de nós, queimando o passado e consumindo a dor até que nada mais é deixado a não ser um calor que nos permite amar os outros mais do que a nós mesmos. Um calor que só cresce quando fazemos o certo, mesmo quando outros procuram nos fazer errar. Paz é saber que uma vida, não importa quão trivial pareça, toca milhares de outras, e aprendendo a respeitar acima de tudo as pessoas. Enquanto você pode não significar muito para o mundo, para aqueles que realmente sabem e te amam, você é o seu



mundo inteiro. E é o conhecimento de que ninguém pode feri-lo a menos que você permita. O único poder que eles têm não é algo que eles pegaram ou exigiram. É o que nós damos a eles por escolha. E enquanto é imperativo que valorizemos a vida dos outros, é igualmente importante valorizar a nossa própria.

Embora ele quisesse acreditar nas palavras de Acheron, Ren zombou.

— Você faz parecer tão fácil, Atalante.

Acheron soltou uma curta, amarga risada.

— A verdade é sempre simples, mas o caminho para isso é cheio de espinhos e forrado de armadilhas. Nossos medos e emoções nublam até o dia mais brilhante e a mais clara verdade. Falar é fácil, mas ações são sangue. Você não pode plantar um jardim até que você revolva o solo. E nada novo pode crescer até que o antigo morra. Coloque seu passado para descansar, Ren, de modo que seu futuro possa crescer livre desses fantasmas. Nós não podemos mudar o que fizemos, mas sempre podemos mudar o que vamos fazer.

Essas últimas palavras ficaram marcadas dentro do coração de Ren e ele as carregava através dos séculos.

E essa noite, ele iria proteger a mulher ao seu lado com tudo o que ele possuía.

O rosto de Kateri ficava pálido enquanto observava os arredores sombrios. Nunca vira um lugar mais assustador. Uma enorme lua pálida pairava sobre a cidade que lembrava a ela uma paisagem de Tim Burton. Tristes prantos de misericórdia e gritos torturados ecoavam ao redor, muitos pontuados pelo som de uma risada insana como se alguém ou alguma coisa tivesse prazer com a dor deles.

Um calafrio de mau presságio correu por sua espinha.

— Isso é o inferno?

—Tão perto disso quanto eu quero chegar. — Ren parou, então gentilmente a puxou para um beco sombrio.

Quando ela começou a falar, ele colocou seu dedo sobre seus lábios. Apenas então ela ouviu o som de alguma coisa deslizando pela área em que eles estiveram a apenas uma batida de coração. Olhos arregalados, ela segurou sua respiração até que isso desaparecesse e tudo estivesse relativamente quieto novamente.

—Eu preciso tirar você daqui, — ele sussurrou em sua orelha.

Ela não poderia concordar mais.

— E você, também.

Ele olhou para seu ombro.

— Eu fui marcado. Não serei capaz de sair agora. Onde quer que eu vá, eles irão me seguir e me arrastar de volta.

Seu coração doía ante a triste resignação na voz dele. Era como se ele aceitasse o fato de que iria morrer aqui, e isso ela não tinha intenção de permitir que acontecesse. Se ela não era mais nada em sua vida, ela era muitíssimo leal.

— Não é certo deixá-lo aqui sozinho para enfrentá-los.

—Eu vou viver.



—Você continua dizendo isso. Mas...

—Eu sou imortal, Kateri, — ele disse, interrompendo-a. — Você não é. Seu dever é salvar o mundo e o meu único dever agora é salvar *você*. Eu tenho que levá-la de volta ao reino humano então você poderá cumprir seu papel sagrado. É simples assim.

Ela balançou a cabeça para o ridículo daquelas afirmações. E nada era tão simples. O cubo mágico⁶⁸ a ensinara quando ela tinha quatro anos e arrogantemente se vangloriava de que *aquilo* não poderia ser tão difícil.

Sim, *aquilo* a ensinara.

—Você sabe, Ren, doze horas atrás, eu teria chamado você de louco por falar sobre papéis sagrados e tudo isso. — Ela apontou para os tristes edifícios torcidos ao redor deles. — Felizmente, eu estou com a mente um pouco mais aberta agora. Não tenho certeza se isso é uma coisa boa ou não, mas... Pelo menos eu não estou perdendo mais meu tempo negando. Eu aceito o fato de que a estranheza em minha vida acaba de ampliar a escala épica de ridículo absoluto redonkulous⁶⁹.

Afinal, o que mais poderia acontecer?

Morte e desmembramento, todavia.

Sim, ok, talvez ela não devesse testar a fada da má sorte desde que a vadia já estava atirando nela. Mas maldizer...

Eles não mereciam uma pausa essa noite? E ninguém em seus ossos.

De repente, um canto de sua boca se curvou, como se ele se divertisse com os comentários dela.

— Temos que sair da rua e encontrar um lugar seguro para nos esconder até que eu recarregue meus poderes o suficiente para tirar você daqui.

—Ok. Mas eu ainda não entendo por que tem que ser eu a fazer o que quer que suponha que eu deva fazer. De qualquer maneira, como isso foi cair na minha linhagem de sangue? O que fizemos para sermos tão amaldiçoados?

—Não é uma maldição. Seus ancestrais levantaram-se perante os deuses, quando ninguém mais o faria.

Essa era uma resposta que não esperava.

— O que você quer dizer?

Ren fez uma careta, como se o machucado doesse, então movimentou o ombro ferido. Levou-a de volta à rua escura. Mantendo-se nas sombras, eles foram para a direção, que dada à posição da lua, ela assumiu seria leste. — Antes do tempo registrado, havia um deus que veio a este reino e...



⁶⁸ O **cubo de Rubik**, também conhecido como cubo mágico, é um quebra-cabeça tridimensional, inventado em 1974, pelo húngaro Ernő Rubik, que demorou um mês para resolver o cubo pela primeira vez, e que por sua vez, tornou-se um ícone da década de 1980, quando foi mais difundido.

⁶⁹ Gíria utilizada para descrever uma ação excessivamente ridícula, um jogador que faz uma jogada ruim, ou tolo.



—Que Deus? — Ela perguntou, interrompendo-o. Enquanto seu povo acreditava em um ser divino supremo, e outras entidades paranormais, eles não viam o Grande Espírito como um deus no sentido tradicional do termo. Era extremamente difícil de explicar suas crenças para outros que vinham com noções preconcebidas.

E a maneira que ele usara a palavra “deuses”...

Não fazia sentido para ela.

—Ahau Kin ⁷⁰era, por falta de um melhor termo, o deus Maia do submundo e do tempo, — Ren explicou. — É por isso que geralmente ele é mostrado no centro dos seus calendários.

Ela fez uma careta quando se lembrou de ver a imagem por toda Yucatan no verão passado.

— O cara que se parece com um jaguar ou que tem a face de um jaguar?

Ele assentiu.

Fernando estaria tão satisfeito que ela recordasse disso. Mas a felicidade dela morreu instantaneamente quando se lembrou da morte de seu amigo, e a dor passou por ela toda novamente.

Clareando a garganta, ela esperou que Ren continuasse.

Ele não o fez. Ao contrário, parecia estar perdido em qualquer pensamento ou memória.

Depois de alguns minutos, ela o provocou.

— Você estava dizendo?

Ren rangeu os dentes enquanto seus pensamentos voltaram à sua juventude, para um tempo e lugar que odiava com cada parte do seu ser.

Mesmo agora, podia ver a si mesmo correndo através da brilhante floresta de verão em sua ilha natal, perseguindo o gamo que seria a caça. O animal fora difícil e levou-o a uma clareira onde uma mulher banhava-se sozinha em uma lagoa que estava na base de uma sussurrante cachoeira.

Nunca vira moça mais bonita. Seus longos cabelos negros se espalhavam ao redor de suas feições que eram a perfeição encarnada. Sua pele morena escura era tão perfeita que ficou com a boca cheia d'água por prová-la. E mesmo que estivesse invadindo sua privacidade, foi incapaz de afastar o olhar dela.

Completamente nua, ela estava flutuando de costas, seus olhos serenamente fechados enquanto seus seios se sobressaíam da água. Suas mãos moveram-se pela água em uma fascinante dança que estava em sincronia com a música suave e agradável que ela estava cantarolando.

Sua presa esquecida, ele moveu-se mais perto, tomando cuidado para ser o mais silencioso possível.

De repente, como se sentisse sua presença, ela abriu os olhos e fixou-os nele com um olhar severo. Estreitando os olhos, levantou-se da água para mostrar a ele seu corpo inteiro nu, enquanto ela caminhava em direção a terra onde ele estava boquiaberto.



70

Representação do deus Ahau Kin.



Envergonhado e constrangido por tê-la espionado, ele sentiu seu rosto esquentar. Dando a volta, aumentou o aperto em seu arco e começou a correr.

— Espere!

O inesperado comando literalmente o congelou no lugar. Antes que pudesse pensar melhor sobre isso, parou de mover-se. Com suas costas para ela, ouviu-a deixar a lagoa e abrir caminho até ele.

Poucos segundos depois, a sua mão roçou sobre seus ombros, alisando sua trança. E quando ela se moveu para traçar a linha de sua mandíbula, seu corpo inteiro se derreteu. Ela respirou profundamente enquanto tocava seu bíceps.

— Você não é uma beleza? Você sabe, se você for espiar uma mulher durante seu banho, o mínimo que poderia fazer é beijá-la primeiro.

Atônito, Ren não sabia como responder a isso. Não estava acostumado a mulheres o querendo. Todas as mulheres em sua cidade sabiam quem e o que ele era, e elas ou o evitavam ou o ridicularizavam por isso.

Nenhuma delas já tentara seduzi-lo.

Lambendo os lábios, ela cerrou as mãos em seu cabelo e puxou sua cabeça para baixo para beijá-lo.

Seus sentidos titubearam, e quando a língua dela roçou contra a sua...

Ele ficou cego pelo prazer.

Windseer afastou-se para dar a ele um sorriso lascivo. Então, tomando sua mão, levou-a ao seu seio, de modo que o seu mamilo endurecido provocava sua palma.

— Você age como se nunca tivesse visto uma mulher nua antes.

A suavidade da pele dela o assombrara. Seu corpo era tão diferente do dele. Maleável. Doce. Suculento.

E ele passara e muito da idade em que a maioria dos homens já perdera a virgindade... outra verdade que o envergonhou e o deixou aberto para ataques dos outros, cuja crueldade feroz atingiu-o profundamente por que nenhuma mulher iria querê-lo. Nunca. Até aquele momento nunca havia sido beijado.

Ela mordiscou o queixo com os dentes.

— Você não vai falar comigo?

Ele não se atreveu. A última coisa que queria era que sua gagueira o traísse e o deixasse mais exposto ao ridículo. Ela poderia pensar que ele era estúpido e empurrá-lo longe, como todos os outros.

Então ele a beijou novamente, enquanto tocava seu mamilo enrugado. Dentro de alguns minutos, ele perdera ambos sua virgindade e sua vontade para ela. Depois daquela tarde, ele foi um fodido idiota no que se referia a Windseer.

Ela pedia. Ele dava.

Ele teria feito qualquer coisa para mantê-la.

Até mesmo matar seu próprio pai...



Ren estremeceu com a memória que, desejava com todo o seu ser, que pudesse voltar e mudar. Mas não havia maneira de desfazer nada daquilo. Windseer reivindicara o seu corpo e ele fora seu escravo mais que disposto.

Como poderia alguém estragar sua vida tão desesperadamente? Um movimento errado. Uma má decisão...

A eternidade de arrependimento.

E tudo porque ela e Grizzly precisavam de um sacrifício de sangue. Não de um pedaço inútil de merda como ele, mas de um sangue...

Seu pai.

Malditos vocês dois.

Mas não era isso o que realmente mais doía nele. Não eram eles que ele odiava.

Maldito eu por tudo isso.

A parte mais triste? Ele *amaldiçoou* a si mesmo.

Suspirando, abaixou seu porrete, tomando cuidado para não deixar que a ponta afiada de vidro tocasse sua perna enquanto voltava seus pensamentos para o presente e para Kateri que precisava entender tudo sobre isso.

— Ahau Kin era o pai dos Anikutani.

Kateri franziu o cenho para ele.

— Você quer dizer os legendários Cherokee sacerdotes do fogo que foram derrubados por sua arrogância e libertinagem? Como ele poderia ser seu pai? Ele era um deus Maia, certo?

Ele concordou.

— Os Maias foram nossos antepassados. Nós viemos de pessoas e base comuns, mas nós fomos separados deles séculos atrás. Enquanto os Maias construíam suas cidades, os Anikutani, como descendentes diretos e pessoas escolhidas de Ahau Kin, fortificavam seus postos. Eles eram essencialmente guardiões dos portões, responsáveis por manter o mau mais escuro fora do mundo, mantê-lo trancado no submundo, no reino de seu pai, de modo que não pudesse ferir os humanos. Há um total de onze portões que podem ser abertos para acessá-lo. Os quatro principais estão, no que é atualmente os Estados Unidos, e os outros sete estão espalhados pelo resto do mundo. Era seu dever mais sagrado, e por gerações, os Anikutani criaram os maiores guerreiros que o mundo já conheceu para combater o mal que poderia escapar. Ninguém poderia derrotá-los... Até o dia que o monstro com olhos brancos veio para eles.

Kateri diminuiu o ritmo enquanto caminhava ao lado dele, e terror a consumia agora que ela percebeu que essas lendas não eram apenas histórias ridículas feitas para assustar e entreter as crianças. E essa em particular ela conhecia bem... era algo que sua avó descreveu para ela.

— Para além da grande água do Leste, um monstro possuído de um terrível poder e grande mau veio e devastou tudo em seu caminho. O ataque foi tão feroz que a Mãe Terra sangrou e a batida do seu coração ficou tão fraca que nem mesmo os pequenos podiam mais ouvi-lo. Apesar de ter sido combatido, a lenda diz que ele irá voltar um dia para finalizar o que começou. Para acabar o mundo. — Todas as culturas antigas Mesoamericanas descrevem o deus Caucasiano que



os destruiu, ou um que iria retornar para matá-los. Estudiosos vinham debatendo as origens desses mitos por décadas.

Ele inclinou a cabeça para ela.

— O nome do monstro era Apollymi. Uma deusa de Atlantis.

Mas isso não fazia sentido para ela.

— Por que uma deusa Atlante iria destruir nosso povo?

— Vingança por um mal feito a ela.

— O que nós fizemos?

— Nada, além de ter um portão em uma ilha que estava perto de Atlantis. Em sua mente, nossa inércia foi o maior pecado de todos. Mas a raiva dela não era realmente para nós, nós apenas fomos pegos no fogo cruzado. Sua fúria era para o deus Grego Apollo. Acima de tudo, era contra sua própria família.

A careta dela aprofundou-se.

— Por quê?

— Ela teve um filho que foi condenado à morte por seu marido. Para proteger o bebê, ela o fez crescer no reino humano com um príncipe. Ao invés disso, ele foi abusado e brutalmente assassinado por Apollo. Em retaliação, ela derrubou sua família inteira e afundou sua Atlantis no oceano. Ainda não apaziguada, ela jurou ver toda a terra destruída. E então ela veio em uma onda de fúria que a trouxe aqui. Não porque nós a ferimos, mas porque nenhum de nós esteve ali para ajudar sua criança.

Kateri ficou boquiaberta com a irracionalidade disso. Honestamente, esperava mais de uma deusa.

— Mas se eles não sabiam...

— Isso não importava para ela, Kateri. Confie em mim. Eu entendo completamente sua raiva e perda, e, no mínimo, não a julgo por isso. Não há sentimento pior do que ver seu mundo inteiro destruído quando não há nada que você possa fazer para impedi-lo. Estar em completa e absoluta agonia e miséria, e olhar ao redor para o mundo que verdadeiramente não dá a mínima para você... Isso atinge num nível que eu sou grato aos deuses que você não entenda ou imagine. Porque ninguém deveria *já* conhecer esse lugar no inferno. Você está perdido para a dor, e por dentro você está gritando a plenos pulmões por ajuda, e ninguém te ouve. Ninguém se importa. Eles seguem com suas vidas podres, alheios à sua agonia. E quando chega o momento em que percebe quão sozinho você realmente está, quão pouco você importa para qualquer outra pessoa, você perde toda alta função cognitiva. Você se converte em um animal raivoso. Tudo o que importa então é que você os faça entender sua dor. Que você os chacoalhe fora de sua cega complacência de modo que eles compartilhem o seu inferno. Neste momento, você quer sentir o sangue *deles* em suas mãos. Para saborear em seus lábios. Para se banhar nele, até você ficar bêbado e estúpido. Existe esse lugar de insanidade que vive profundamente em todos. A maioria das pessoas pode tocar nele uma vez, talvez duas vezes em seu tempo de vida, mas eles nunca romperão isso. — Seus olhos a queimavam com sua sinceridade...

E loucura.



Algo que absolutamente a aterrorizava. Ela nem mesmo estava certa de que tipo de criatura ele era. Demônio, deus, ou outros. Ainda assim, ele estava ali, lívido e ela não fizera nada para provocá-lo.

—Outros são como animais que foram abusados tempo demais, — ele continuou. — Eles sofreram e foram feridos a um nível que não entendem nada, exceto crueldade. A raiva toma conta e expulsa tudo o que os torna humanos. Tudo o que eles querem é fazer o mundo pagar pelo que foi feito a eles. E não posso imaginar a dor e brutal traição que Apollymi sentiu quando ela segurou o corpo sem vida de seu filho em seus braços e viu o fora feito a ele. Verdadeiramente, eu não posso sequer começar a compreender um amor de tal magnitude. Mas eu entendo a necessidade de vingança que a levou através do oceano e a fez nos atacar.

Seu olhar se tornou escuro, mas a raiva fora embora agora.

O coração de Kateri doeu com simpatia ante a tormenta que viu nos olhos de obsidiana. Nesse único momento, seu coração estava aberto para ela. Esse não era o guerreiro feroz imortal em pé ao lado dela.

Era um homem cujo coração fora quebrado.

Ela queria segurá-lo e fazê-lo sentir-se melhor, mas ela sabia que não era tão simples. Apenas em sua tenra infância tudo podia ser curado com um beijo e um abraço. *Essa* era a parte triste a respeito de crescer. A grande perda.

Algumas cicatrizes eram profundas demais para serem totalmente escondidas. Embora você possa ter sucesso escondendo-as, de vez em quando, elas sempre aparecem e reabrem a ferida que nunca é totalmente curada.

E a dele era pesada.

Ren mudou o porrete para a outra mão antes de falar novamente.

— Em questão de minutos depois de alcançar a costa da ilha, Apollymi destruiu a pátria Keetoowah e afundou sua ilha no oceano. Mas por causa de suas habilidades e tecnologia superiores, muitos deles escaparam para o continente, onde procuraram abrigo. — Ele tinha amargura presa à sua voz.

—O que aconteceu? — Ela perguntou, sabendo que seria ruim.

—Dentro de algumas semanas da criação de sua nova cidade, eles foram atacados por setenta tribos que os acusavam pela destruição que Apollymi fizera. Pelo menos era o que diziam. A verdade era que estavam com inveja. Sentiam que os Keetoowah eram mais favorecidos pelos céus, e desde que os Keetoowah foram enfraquecidos pelo ataque de Apollymi sobre eles, os outros viram ali uma rara oportunidade de ir contra e matá-los antes que eles tivessem a chance de restabelecer seus números.

Isso estava abaixo da covardia. Mas como sua avó sempre dizia, inveja era a raiz dos maiores males do mundo. Desde o surgimento da humanidade, fora usada como combustível para os piores atos de crueldade.

E embora ouvisse uma versão diferente da história, ela perguntava-se se alguma parte era verdadeira.



— Minha avó disse-me que os Keetoowah venceram por causa dos Espíritos Guerreiros que os ajudaram na luta.

Um sorriso irônico torceu seus lábios.

— Eles não eram Espíritos Guerreiros.

—O que eles eram?

Ren fez uma pausa quando eles chegaram ao fim da cidade. Ele esquadrinhou a floresta escura na frente deles, pensando se seria mais seguro ou mais perigoso do que tentar se esconder entre os moradores da cidade.

O número de demônios que viviam aqui era impressionante, tanto na cidade quanto nas áreas periféricas. Mas pelo menos na floresta ele se sentia mais em casa.

Quando criança, ele passava horas e horas escondido na mata, fingindo que nunca iria voltar para casa novamente.

Mas não era tempo de pensar sobre isso.

Levantando o porrete, ele o usava para criar uma trilha por entre a folhagem espessa para que eles pudessem encontrar abrigo e dar a seu corpo a chance de curar-se e a seus poderes a chance de recarregar-se.

— Na ilha que Apollymi destruiu, a principal cidade dos Keetoowah estava diretamente abaixo da constelação de Plêiades. Por causa disso, as sete deusas que chamavam a constelação de Iar, eram capazes de olhar para baixo e observá-los em suas vidas diárias.

Ele fez uma pausa para olhar para trás a ela, para ter certeza de que ela ainda o estava acompanhando.

— Uma das Plêiades, Sterope, apaixonou-se pelo filho do chefe... Ela dever ter batido a cabeça ou algo assim, o que causou a ela danos cerebrais para amar aquele bastardo, mas o que diabos eu sei? — Ele murmurou amargamente. Então alto, continuou. — Por anos, ela cuidou dele, sonhando com um tempo em que poderiam ficar juntos. E quando as tribos atacaram seu povo, ela viu como uma oportunidade privilegiada para conquistar o seu coração.

—Eu não entendo. Por que ela não o ajudou com Apollymi?

—Ela não podia. Os Gregos eram os únicos que irritaram Apollymi, e eram seu alvo principal. Se Sterope tivesse levantado sua cabeça durante aquela luta, Apollymi poderia tomar isso como uma punhalada nas costas. Então Sterope não fez conhecer sua presença ao filho do chefe até que ele estava sob fogo de setenta tribos. Diferente do ataque de Apollymi, não havia deuses se reunindo para parar a brutalidade. Ela sabia que se não fizesse alguma coisa, eles iriam todos morrer.

Kateri estava impressionada com o nível do seu conhecimento. Ele contava as histórias como se as tivesse testemunhado.

— Onde você estava quando tudo isso aconteceu?

Ele balançou a cabeça.

— Isso foi antes do meu nascimento.

—Como você sabe tanto sobre isso, então?



—Eu cresci com pessoas que viveram isso. Quando os mais velhos se juntavam, eles falavam sobre isso e alertavam o resto de nós sobre sermos cuidadosos com aqueles que ainda podem nos fazer mal por causa de tudo isso.

Kateri levou um segundo para digerir tudo o que ele estava dizendo. O que a fez curiosa sobre algo.

— Quantos anos você tem?

Ele riu amarguradamente.

— Pelo calendário que você conhece... mais de onze mil anos.

Ela tropeçou ante essa inesperada revelação. Whoa... isso era velho... Ainda mais para ela por sua base em geologia.

— Eu devo dizer, você parece grande para um velho esquisito. Qual é o seu segredo? Você tomou banho na Fonte da Juventude de Ponce de Leon⁷¹ quando era criança?

Ele deu-lhe um olhar divertido. — Vendi a minha alma.

Ok, entre os olhos vermelhos e as presas...

O que eu estou fazendo aqui?

—Você é um demônio, não é?

—Não pelo sangue.

Um calafrio correu por sua coluna.

— O que *isso* significa?

—Você não precisa ter nascido demônio. Há muitas pessoas que eu conheci que são piores do que qualquer demônio que já nasceu.

Essas palavras a acalmaram um pouco. Ele estava certo. Ela mesma tinha conhecido alguns desses.

Ele parou e virou-se para encará-la. Para seu completo choque, ele descansou a mão contra seu rosto. — Não tenha medo de mim, Kateri. Embora uma vez eu tenha vivido por não outro propósito do que fazer o mundo inteiro tremer à minha presença, já se passou muito tempo desde que eu deixei essa batalha de lado. Eu vendi minha alma, não para um ganho pessoal, mas para corrigir um erro que eu cometi para as pessoas que eu deveria proteger com cada parte de mim.

—E você corrigiu o erro?

Ele soltou um suspiro cansado.

— Demorou muito tempo, mas sim. Eu fiz. Eventualmente. — Ele deixou cair sua mão do rosto dela. Quando ele começou a se afastar dela, ela o parou. Ele encontrou seu olhar com uma sobrancelha arqueada.

Ali sob a luz da lua, com o jogo de sombras em seu rosto bonito, ele tirou seu fôlego. Não por causa da maneira como a olhou, mas por causa da vulnerabilidade que viu no coração de um homem que parecia invencível.



⁷¹ Ponce de León, explorador espanhol, que se julgou capaz de encontrar o caminho mais curto para a sagrada Fonte da Juventude. Sua busca o levou a fundar o que é hoje conhecido Flórida. Em relação ao assunto, há o Parque Arqueológico Fonte da Juventude, criado em homenagem ao explorado.



—Por que você me deu a sua pedra da lua?

—Para te proteger em sua jornada. — Ele disse isso como se fosse nada, mas ela sabia que não era assim.

Ela olhou para baixo para o ombro ferido.

— Você é o único que está lutando. Você não precisa mais do que eu?

Ele deu de ombros.

— A Grandmother Moon nunca pensou em mim. Eu esperava que ela fosse gostar mais de você.

Ainda assim, o que ele fez significou muito para ela. Ela poderia devolver, mas se seu povo era como o dela, isso seria o insulto final. Quando se dava um presente, era do coração, devolvê-lo era uma rejeição.

E esse homem já fora rejeitado o suficiente.

—Obrigada, Ren.

Ele inclinou sua cabeça para ela, então voltou a cortar o caminho por entre a floresta.

—Ren? Eu posso te perguntar algo?

Ele parou para olhar para trás para ela.

— Você não tem feito isso desde que nós nos conhecemos.

—Sim, mas isso é pessoal.

—Mais pessoal do que me perguntar sobre meu presente ou idade? Ou se eu sou um demônio? Eu tremo de pavor entre as possibilidades.

Ela sorriu diante do seu sarcasmo.

— Muito bem. O nome *Makah'Alay* significa alguma coisa para você?

Ele sibilou enquanto o aperto sobre o seu porrete escorregava e por pouco não se acertou com ele.

— Onde você ouviu esse nome?

Kateri hesitou. Falando sobre pessoal. Admitir que o vira em seus sonhos por anos era um pouco assustador. Isso poderia ser considerado uma forma de perseguição? Ela não o fizera intencionalmente. Ainda...

Oh vamos lá, Teri. Cada maldita coisa sobre isso era assustadora. Ele era assustador.

Será que ele podia andar em seus sonhos? Ele era velho... e era tão paranormal quanto qualquer coisa poderia ser. Era possível que ele fosse o único que a fizera sonhar aquelas coisas.

Esperando pelo melhor, ela optou pela verdade.

— Eu o vi em visões, mas você sempre era chamado Makah'Alay.

Ren não podia respirar enquanto ouvia isso. Por que ela iria sonhar com ele? Sonhos possuíam grande poder. Eles eram a chave para toda criação.

Para toda vida.

Se ele teve visões dela e ela teve visões dele, então isso significava que eles estavam atados juntos.

Intimamente.



Ela era a ferramenta que Grizzly iria usar neste tempo e lugar para destruí-lo? Era a única coisa que fazia sentido. Isso explicaria como ela sabia seu nome e por que ele fora avisado sobre ela.

Seja o que for que ele fizesse, não poderia baixar a guarda quando o assunto fosse ela. Ela era sua assassina.

—E essas visões... o que... Makah'Alay faz?

Ela não vacilou ou hesitou em sua resposta.

— Normalmente, ele me mata.

—Não tenha medo, *ta'hu'la*. Eu nunca iria matar você. Isso é proibido.

—Proibido por quem?

—Por aquele que me possui. Eu voltei a essa vida para proteger humanos, não para feri-los. Pelo tempo que estiver comigo, eu darei a minha vida pela sua. Quanto a Makah'Alay, ele morreu há muito tempo.

Aquilo pareceu acalmá-la.

— Então o que *ta'hu'la* significa ?

—Pequena.

Kateri sentiu calor correr pelo seu rosto pela sua ternura. Ela não era o tipo de mulher que normalmente desperta isso em um homem. E definitivamente não um que parecesse com Ren. Heck, seu próprio assistente de laboratório, que não era muito mais jovem do que ela, não conseguia nem mesmo chamá-la por seu apelido. Querendo disfarçar seu embaraço, ela voltou para a conversa anterior.

— Eu interrompi sua história. Você estava me contando sobre as Plêiades. Presumo que Mérope reuniu seus soldados?

—Sterope, — ele corrigiu. — Mérope é na verdade sua irmã, casada com Sisyphus.

—E as pessoas perguntam por que eu tive media “C” em Estudos Clássicos nas aulas da faculdade. Quem pode guardar todos esses nomes na cabeça?

—Há muitos que argumentariam que o grego é mais fácil de pronunciar e lembrar que os nossos nomes.

—Sim, bem, essas são pessoas que não foram criadas com o nosso sistema de escrita... que é diferente do deles, não é?

—Sim. O nosso era mais como os Maias. Baseados em glifos⁷².

A mente de Kateri titubeou com isso. — Espere... a pedra que me foi enviada. — A que tinha quatorze mil anos de idade. — Possuía uma escrita estranha com alguma coisa que parecia Grego.

—Não Grego. E não Maia. Keetoowah. Mas você está adiantando a história.

—Desculpe. Volte para a confusão Grega. Eu suponho que nossa... mulher Ope⁷³ reuniu seus soldados para ajudar os Keetoowah a combater seus atacantes.

⁷² **Glifos** ou **escrita maia**, também vulgarmente chamada **hieróglifos maias**, era o sistema de escrita da civilização maia da Meso-América pré-colombiana e presentemente o único sistema de escrita mesoamericano já decifrado.

⁷³ Faz referência ao final dos nomes das Plêiades, Mérope e Sterope, os dois terminam em Ope.



Ele enxugou o suor de sua testa com as costas de seu braço. — Não até depois de ter feito uma barganha com o filho do chefe.

Ooo, isso estava ficando bom. — Que era?

—Ela salvaria seu povo se ele concordasse em passar uma semana com ela uma vez que a batalha estivesse ganha.

—Ela era uma vadiazinha excitada, não era?

Ren lançou um olhar tão malévolo que ela realmente recuou um passo. — Ela o amava.

Ok, ela atingira um nervo ali. Ela ia perguntar mais sobre Sterope, mas decidiu que isto poderia não ser o caminho mais sábio. Melhor não provocar esse assustador homem imortal com esse tópico, especialmente enquanto ele segurava um porrete que ainda tinha sangue de demônios nele.

Kateri clareou a garganta.

— Então ela fez sua barganha e ele concordou com isso?

Ren voltou a abrir caminho, o que a fez sentir-se muito melhor.

Sim, mate os arbustos. Eles não se importam em viver.

Ela sim.

—Depois que o acordo foi feito, — ele disse, — ela convenceu suas irmãs a ajudar a salvar o povo dele. Como elas eram sua família e a amavam, elas concordaram. As sete deusas desceram juntas e escolheram sete sacerdotes guerreiros entre os Keetoowah para lutar com elas. Eles foram aqueles que fizeram com que as setenta tribos recuassem e então as dividiram de forma que elas não poderiam atacar os Keetoowah nunca mais. Quando a luta terminou, Sterope reivindicou seu pagamento, sem saber que o filho do chefe já era casado com a mulher que ele tanto amava.

Kateri ficou boquiaberta. — Você está falando sério?

—Sim, muito.

—Aquele cachorro. Como ele pode fazer isso?

Ren deu de ombros.

— Em sua mente, ele estava fazendo um sacrifício pelo seu povo. Uma semana de servidão parecia um pequeno preço a pagar pela vida de cada um.

Ok, quando colocado nestes termos, fazia sentido. Ainda assim...

Que bastardo traidor.

—Para registro, eu absolutamente *mataria* meu marido se ele fizesse isso comigo.

—Acredite-me, sua esposa não estava feliz sobre isso. Especialmente desde que seu marido engravidou Sterope durante essa semana.

Oh! Kateri se encolheu com medo. Algo lhe dizia que não haveria um final feliz. — Eu imagino que não era exatamente o ponto alto da vida de Sterope, também.

—Na verdade, dizem que ela estava entusiasmada por estar grávida do bebê dele. Mas porque o pai era um homem mortal e ela era uma deusa, os outros deuses a afastaram por isso. Zeus, tomado pelo ciúme, uma vez que ela era a mãe de dois de seus filhos, ordenou que o bebê



mutante fosse morto. A última coisa que ele queria era sofrer a humilhação de que a mãe de seus filhos preferisse o toque de um mortal ao dele.

Kateri contrai-se pela pobre mulher e o bebê. — Isso é muito duro. Então, ela o matou?

— Não. — Ren a levava mais fundo dentro da floresta. — Ao invés disso, Sterope foi até a deusa Artêmis.

— Por quê?

— Em um tempo, ela fora a serva de maior confiança de Artêmis, e guardara os segredos da deusa. Para recompensá-la Artêmis salvou o bebê e mentiu para Zeus. Elas juraram que o bebê nasceu morto. Zeus não estava feliz, mas ele não podia ferir Artêmis. Impune, Artêmis levou então a criança ao seu pai, que estava furioso com isso. A última coisa que ele queria era ter a lembrança permanente de sua infidelidade ao redor da esposa que ele amava, esposa que estava, naquele preciso momento, dando à luz a seu próprio filho. Sem mencionar que ele não queria um filho mestiço mutante que não era bom o bastante para ser mantido pela sua própria mãe.

Kateri estremeceu com simpatia. Pobre criança, mas fazia sentido. Se os Keetoowahs eram matriarcais como o seu povo, e a mãe não manteve a criança, ele seria visto como seriamente defeituoso e carente. Indigno.

Nesse dia, todos os bebês nascidos em sua tribo eram apresentados às suas avó, se ela ainda vivesse, para ser inspecionado e receber um nome. Se a avó não estava viva, então isso caberia à mãe.

Para essa criança rejeitada...

— Eu estou surpresa que eles não o matassem.

Ren grunhiu.

— Disseram-me que ele tentou e não conseguiu.

Bem, isso a fazia sentir-se melhor. — Ele amava demais o bebê para feri-lo?

— Dificilmente. — Ren voltou a abrir caminho para eles. Seus golpes eram mais brutais e precisos. — A primeira vez que ele o deixou para morrer, uma velha mulher encontrou o bebê e o trouxe de volta para a cidade sem saber que o bebê fora abandonado intencionalmente. Quando Artêmis soube isso, ela abateu sua amada esposa em retaliação.

Kateri estremeceu com isso. Como foi horrível para todos eles. Mas pior ainda...

— Primeira vez implica que ele tentou novamente.

Ren concordou.

— Da segunda vez, uma demônio-corvo encontrou e amamentou o bebê. Quando ele tinha um ano, ela o levou de volta ao seu pai e o advertiu que se ele não o criasse até a idade adulta, ela voltaria para matar seu filho querido por sua negligência, e, em seguida, fazê-lo viver com a dor de saber que ele matara sua amada esposa e filho precioso.

Em uma forma doentia, isso era quase tocante.

— Por que o demônio se importou?

Ele suspirou profundamente.

— Honestamente? Ela não poderia ter se importado menos. Mas ela não teve escolha.



—Por que não? E onde estava a mãe do bebê durante todo esse tempo? Por que Sterope não o esbofeteou por sua crueldade?

Ren ficou em silêncio enquanto a amargura crescia dentro dele.

— Sterope foi banida de volta para as estrelas, por causa de seu pecado contra Zeus. Para ter certeza que ela nunca o envergonharia novamente com um amante humano, Zeus a transformou em um cometa que só passaria pela Terra a cada setenta e cinco anos, sua forma de garantir que ela nunca veria seu filho. Que o menino morreria antes de sua volta. Mas antes de ser punida, ela fez Artêmis prometer que a deusa iria garantir que ninguém matasse seu filho antes que ele tivesse a chance de tornar-se um homem. Artêmis prometeu, porém ela estava muito temerosa de que Zeus a visse com o bebê. Então ela enviou um demônio para proteger o garoto e ter certeza que seu pai não o mataria.

—Pobre criança. Então o demônio ficou com ele depois disso?

—Não. Ela o manteve até que ele foi desmamado e não precisava mais de uma mãe de leite. Então, após ameaçar o pai, que não amava mais o menino do que ela, ela deixou a criança e foi embora. O garoto chorou doente pela única mãe que ele conheceu, mas o demônio nunca voltou e ele nunca mais a viu novamente.

Kateri balançou a cabeça com horror.

— Como pode, mesmo um demônio, deixar um bebê com um pai que o odiava?

Ren encolheu os ombros com uma indiferença que desafiava a compreensão.

— Depois de um tempo, o garoto não se importou mais com o ódio do pai. O sentimento era positivamente mútuo. Na verdade, na maioria dos dias ele odiava ainda mais o pai.

—Oh, mas isso foi horrível para o pequeno garoto. Crescendo como... você pode imaginar?

— Lágrimas inundaram seus olhos enquanto ela se sentia mal pelo garoto inocente que não teve culpa em nada disso. Suas emoções a sufocavam. Raiva, pena, pesar.

Acima de tudo era um tsunami de indignação pelo rapaz. Ela queria ferir a todos por tratá-lo dessa forma.

Como as pessoas podiam ser tão egoístas e cruéis?

Ren voltou seu olhar para ela com uma careta intrigada.

— Por que você chora?

Ela secou seus olhos, então moveu a mão para o rosto numa tentativa de impedir que mais lágrimas caíssem.

— Desculpe-me. Eu não posso evitar. Eu estou sendo uma garota. Eu sei. Eu simplesmente não suporto o pensamento de um pequeno garoto passando por algo tão terrível. Sozinho. Isso simplesmente não é certo. Por favor, diga-se que ele cresceu para ser um governante, ou feliz, ou alguma coisa realmente boa.

Quando ele não falou, um sentimento ruim passou por ela.

—Seu pai não matou, matou?

—Não. Ele viveu.

Ela esperou que ele dissesse algo mais.

Quando ele não o fez, ela estendeu a mão para tocar seu braço.



— Vamos lá, Ren. Termine a história. Você não pode me deixar num suspense como esse. O que aconteceu com o bebê? Ele envelheceu? O pai dele encheu um barco com crianças e os cobriu com todas as coisas que ele não tinha? Por favor, diga-se que depois de toda essa miséria ele encontrou alguém que o amou e o tratou corretamente. — Ela sabia que estava balbuciando, mas ela não podia evitar. Alguma coisa dentro dela estava desesperada para saber o destino do bebê. — Bem, ele fez?

Seu olhar procurou o dela com um olhar inquisitivo que ela não conseguia entender. Quando ele falou, sua voz era baixa e incrédula.

— Não. Quando ele estava no pleno crescimento de sua masculinidade, seu irmão enganou um espírito para matá-lo. Em seguida, o rapaz vendeu sua alma para voltar e corrigir um erro contra o único amigo de verdade que já conheceu.

Demorou um minuto completo para ela entender o significado de suas palavras. Para sua cabeça colocar todas as peças juntas em uma única conclusão que ela poderia tirar.

— *Você era o bebê.*

Capítulo 8

Mil emoções controversas rasgaram por Kateri quando olhou para Ren com uma compreensão que a queimava cruamente. Ele fora o bebê que ninguém quis. O bebê banido da vista da única pessoa sempre o desejou.

Sua mãe.

Ela sabia, por experiência própria, o quanto doía não ter mãe. Quantas vezes na vida sofreu por essa perda. Toda vez que via uma mãe com seu filho, independentemente da idade, e eles se abraçavam, ou apenas riam juntos...

Quando se mudou para os dormitórios da faculdade e via seus colegas de classe com suas famílias, suas mães com lágrimas nos olhos enquanto diziam adeus e desejavam boa sorte a eles em suas aulas. Graduações, aniversários, bailes...

Todas as ocasiões familiares.

E aqueles malditos comerciais sentimentais de família...

Isso sempre lhe cortava até a alma, mostrava com brutal clareza o que estava perdendo. O que não possuía mais em sua vida. Quando existia um verdadeiro relacionamento mãe-filho, não havia vínculo mais forte. Nenhum amor ou sacrifícios maiores. Era isso que o Ren queria dizer quando falou de Apollymi destruindo tudo por causa da morte de seu filho, e porque ele não conseguia compreender esse tipo de amor. *Isso* era o quanto uma criança significava para uma verdadeira mãe.

Suas crianças *eram* seu mundo.

E quando você não possuía esse vínculo, não havia miséria maior. Isso deixava um buraco em seu coração e um desejo sem fim que era indescritível, porque você sabia o que havia lá fora



para os outros. Você via isso constantemente. Em todo lugar. E você imaginava por que você estava isento de alguém para te amar assim.

Por que eles eram tão sortudos e você tão amaldiçoado?

No caso dela, pelo menos conhecera sua mãe por um breve tempo. Ela tinha memórias de sua mãe segurando-a nos braços e embalando-a cada vez que se sentisse mal, de sua mãe enxugando suas lágrimas e cantando canções de ninar enquanto a mãe dela arrumava cobertores quentes ou Vick VapoRub⁷⁴ em seu peito sempre que ficava doente. Dos beijos e abraços que vinham sem nenhuma razão, e sem nenhum tipo de obrigação. De colocar a sua própria mão nas mãos de sua mãe e se sentir segura em um mundo que raramente era gentil com os inocentes.

Acima de tudo, ela se sentia amada além da medida a cada vez que sua mãe a olhava.

Era por isso também que odiava o Dia das Mães com uma paixão que a queimava como o fogo de mil sóis. Em todo o lugar que olhava, por semanas a fio, era um lembrete cruel que já não tinha uma mãe para comprar presentes. Ninguém para ligar. Uma mulher para dizer “obrigada por estar lá, mamãe”. Embora isso fosse um grande pensamento para aqueles abençoados com uma mãe que os amava e que ainda estava com eles, era um ataque brutal àqueles que perderam as suas. Ela apenas podia imaginar o quanto pior seria para alguém como Ren que não tinha sequer o conceito do que uma mãe real poderia ser. De como se sentiria, sabendo que haveria alguém na Terra que poderia matar ou morrer por você sem reserva ou hesitação.

E ela sabia exatamente o quão sortuda ela era. Teve duas mães que a amaram e cuidaram dela. Duas mulheres que a fizeram sentir como se fosse tudo para elas.

Sua mãe e sua avó. Ainda que elas tivessem partido, seu amor vivia dentro dela e deu-lhe força e caráter até este dia. E ainda assim, não ficara sozinha. Não realmente. Teve sua tia Starla, que, que ligava e ia ver como ela estava. A fazia rir, não importa o quão ruim fora seu dia. Starla poderia estar relacionada a ela apenas pelo casamento, mas sempre tratou Kateri como outra filha.

Ren nunca teve ninguém.

Jamais.

Ela reprimiu as lágrimas que ameaçavam se transformar em um berreiro pela real tragédia da vida dele.

— Eu *sinto* muito.

E ele ainda parecia confuso enquanto a observava. Era como se a compaixão e simpatia de alguém fosse uma experiência tão estranha, que ele não conseguia conceber ninguém se preocupando com ele.

— Por quê?

—Por quê? — Repetiu incrédula. — Porque nenhuma criança deveria crescer como você cresceu. Nenhuma poderia jamais ser abandonada por pessoas que não deveriam ser ameaçadas por fazer o certo para o seu próprio sangue. Pelo fato de que você nunca conheceu sua mãe e por



⁷⁴ Pomada utilizada para aliviar os sintomas da congestão nasal.



aquela estúpida cadela demônio que abandonou você a um total bundão. Eu sinto muito por tudo isso. Acima de tudo, eu sinto que você pense que eu sou louca por me importar. E por seu choque e espanto que alguém possa realmente se preocupar e se indignar por tudo o que foi feito a você em sua infância. — Ela aproximou-se para tocá-lo, mas ele se afastou.

Quem poderia culpá-lo? Ele não sabia como se unir a alguém. Seu próprio irmão o matara.

Ela estremeceu ante a realidade tão dura, e perguntou-se como ele poderia ser são. Então, novamente, talvez ele não fosse. Houve alguns momentos quando ela duvidou da sua própria sanidade. Vezes em que o mundo a chutara tão forte que deixara uma cicatriz permanente em seu coração.

Um coração que agora não queria nada mais do que abrandá-lo.

— Alguma vez alguém simplesmente segurou você?

Ele fez uma careta.

— O que você quer dizer?

E mesmo isso, ele não podia compreender. É claro que ninguém nunca o segurara perto.

Segurá-lo como se ele fosse importante.

— Eu sinto muito Ren. Isso não é da minha conta, eu sei. Eu só estou tentando imaginar quão duro foi ser você, crescendo como cresceu. — Ela estremeceu enquanto uma nova onda de lágrimas inundava seus olhos. — Seu pai nunca aprendeu a amar você?

Seu rosto estava tão vazio e inexpressivo quanto sua voz.

— Não. Ele me culpou pela morte de sua esposa. E ele culpou minha mãe pela destruição de sua terra natal.

Algo que ela esta certa, ele jogou contra Ren.

— Por que ele a culpou disso?

— Ele se recusou a acreditar que Apollymi veio pessoalmente nos atacar. Em sua cabeça, minha mãe planejou tudo isso para que pudesse tê-lo.

Quão vaidoso um homem poderia ser?

— O que? Ele pensou que sua mãe assassinou o filho de Apollymi e destruiu dois continentes só para dormir com ele?

— Eu nunca disse que meu pai era um homem brilhante. Graças aos deuses eu herdei minha inteligência de minha mãe e não dele.

Com essas palavras, outra visão passou por sua cabeça. Ela viu Makah'Alay quando era um garoto com cerca de dez anos. Ele estava em pé na porta de um quarto, olhando para uma cama que estava cercada por pessoas que estavam de costas para ele. Ela reconheceu sacerdotes e curandeiros. Era óbvio que estavam ali para curar alguém, e não podia ser seu pai porque ele estava em pé na cabeceira da cama, olhando para baixo.

O sacerdote mais velho voltou-se para o rosto do pai de Ren.

— Eu sinto muito, Chefe Coatl. Não há nada a fazer exceto preparar sacrifícios com a esperança que os espíritos tenham misericórdia e deixem Anukuwaya neste mundo.

O olhar de Coatl escureceu enquanto ele virava para o ver o filho que ele odiava aguardando ali, firme e forte. Sua raiva e ódio eram tangíveis. Amaldiçoando ele dirigiu-se a Ren.



Os olhos de Ren se arregalaram quando ele percebeu que seu pai tomou conhecimento de sua presença. Ele fugiu para o corredor, mas já era muito tarde.

Seu pai estava sobre ele antes que ele pudesse correr para longe. Ele agarrou o menino pelo braço e empurrou Ren contra a parede de pedra.

— O que você fez com ele?

—N-n-n-nada, P-p-p-pai.

Ele esbofeteou Ren tão duro que ele caiu no chão.

— Não se atreva a mentir para mim! Eu sei que você está com ciúmes do meu filho. Que você cobiça sua perfeição. — Ele puxou Ren pelo cabelo e o levantou. Os lábios e nariz de Ren sangravam enquanto ele agarrava a mão de seu pai tentando fugir.

—Melhor você rezar, rapaz, para que nada aconteça ao meu filho. Se Anukuwaya morrer, Eu, pessoalmente, vou estripar você como uma oferenda para sua passagem segura ao próximo reino. Você entende? Agora, o que quer que tenha feito a ele, é melhor desfazer, ou eu terei a sua vida como pagamento.

A visão desapareceu, deixando Kateri olhando nos olhos da versão adulta daquele rosto de garoto. Um rosto que ainda trazia os lábios sangrando da batalha que lutara *por ela*.

Sufocada por tudo isso, reagiu sem pensar e o puxou para seus braços.

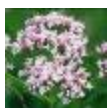
Ren congelou ante a desconhecida sensação de ser abraçado por alguém enquanto ela enterrava o rosto em seu pescoço e aumentava o aperto em torno de sua cintura. Suas lágrimas umedeciam sua pele, provocando calafrios por todo o corpo. Ele estava tão atordoado que não sabia como reagir à ferocidade de seu abraço.

E nesse momento, algo dentro dele se rompeu. Desatou um sonho há muito tempo enterrado que ele sabia que não poderia ter. Um em que ele vivia uma vida normal com alguém que sentiria sua falta se ele se fosse. Alguém que faria um escândalo se ele se atrasasse e não avisasse...

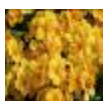
Fechando seus olhos, ele inalou o perfume dela, uma mistura de valeriana⁷⁵ e primula⁷⁶. E tudo o que conseguia pensar era sobre estar dentro dela. De passar horas com ela em volta de seu corpo nu.

Era isso o que se sentia ao ser amado? Não que pensasse por um instante que ela o amasse. Como ela poderia? Ela não o conhecia, porque se o fizesse, estaria aterrorizada e correndo para o buraco mais próximo para se esconder.

Mas amor ou não, era a primeira vez que alguém o segurou assim. Como se ela se importasse com ele.



⁷⁵ Docemente perfumada, suas flores são de tonalidade rosa ou branco que florescem nos meses de verão. A Valeriana é empregada no combate à insônia e no século XVI, o extrato de suas flores era usado como perfume.



⁷⁶ A primula (*Oenothera biennis*) contém um óleo perfumado natural que fortalece o sistema imunológico, sendo aplicada também para resacas, tensão pré-menstrual(TPM), tosse e úlceras.



Ela estivera certa. Em toda a sua vida, ele pode contar cada abraço que já recebeu. Eles eram tão raros e breves que na verdade os mantinham presos na memória.

Ninguém nunca o confortara. Nunca. Sua cabeça girava com emoções que não podia nem mesmo começar a nomear, e com o calor do abraço que ela lhe deu. E aqui, por uma única batida de coração, permitiu a si mesmo sentir que talvez, apenas talvez, pudesse ser digno de ser amado por alguém.

Não seja estúpido.

A última vez que acalentou essa fantasia fora com Windseer.

Neste dia, ele pode ouvir o riso de zombaria dela, depois de ter cometido o erro de confessar seu amor por ela.

— Você não esperava realmente que eu dissesse eu te amo, também, esperava? Embora você seja fisicamente atraente e bom na cama, você é fraco. Patético. Você deixa todos pisarem em você e então eles limpam os pés em você quando acabam. Você se acovarda para as sombras e esquiva longe cada vez que seu pai se aproxima. Em vez de ser um homem se defender-se a si mesmo, você permite que seu irmão leve o crédito por suas habilidades e mortes. Você é apenas um pequeno garoto choramingando. Você nem mesmo vai aceitar a oferta do Espírito Grizzly porque você está com muito medo para fazê-lo. Como poderia qualquer mulher amar algo tão desprezível quanto você?

— Eu não sou d-d-d-d-d-d... — Estivera tão perturbado por seu ataque que não fora capaz de mais nada. Permaneceu lá, gaguejando como se fosse o deficiente mental que todos pensavam que era.

— Tente ‘inoperante’ ou ‘inferior’, — ela zombou dele. — Talvez você não gagueje com estes.

A esta altura, sua fúria era tamanha que ele temeu estar à beira de atacá-la. Então se voltou rapidamente em seus calcanhares e dirigiu-se para a porta.

— Espere, Makah'Alay! Não se esqueça de levar seu pobre o-o-o-orgulho com você!

Essa foi a provocação que o enviou ao seu limite. Aquela que o destruiu mais duramente.

Com a intenção de provar a ela e a todos ou outros que estavam errados, e provar a si mesmo que ele não era o pedaço de merda que todos pensavam que fosse, deixou-a e dirigiu-se diretamente ao Espírito Grizzly para fazer a barganha.

Essa foi a última vez que ele a viu, e as últimas palavras dela a ele. Uma vez que percebeu que ela apenas o usara para libertar Grizzly, ele jurou a si mesmo que não importaria como, ele nunca mais amaria qualquer mulher novamente. Que nunca iria abrir-se para esse tipo de dor e humilhação.

Não valia a pena.

E ele não era tão fraco que precisasse da aprovação dos outros. Viveu sua vida para si mesmo e preferia dessa forma. Não precisava de outra pessoa em seu mundo.

— Nós precisamos conseguir alguma coisa para sua dor e ferimentos. — A voz de Kateri o arrastou de volta para o presente e o fato de que ela ainda estava segurando-o.



Por um segundo, pensou que ela estava falando sobre suas memórias, até que novamente sentiu a dor física da sua luta. Libertando-se dela, deu um passo para trás, esfregando sua mão sobre o pior de seus ferimentos em seu flanco.

— Não há nada a ser feito por elas.

—O que você quer dizer?

—Eu disse a você, Kateri. Eu sou imortal. Os ferimentos se curarão sozinhos.

—Eles não doem?

É claro que sim. Embora tivesse espancado violentamente o demônio, o demônio não era inexperiente. O pequeno bastardo batera duramente nele.

Mas ela estava sendo gentil, então manteve seu sarcasmo para si mesmo e assentiu.

—Então nós podemos...

—Nada irá afastar a dor, Kateri. Os poderes de um Dark-Hunter não funcionam dessa forma. Ela franziu a testa confusa.

— Dark-quem? O que?

Ele passou a mão limpa sobre rosto, enquanto lembrava que ela não deveria ter nenhuma pista sobre seus irmãos, ainda que Talon fosse um membro da elite da irmandade.

Ainda que tecnicamente, Ren não era realmente um deles e nunca fora. Ele antecedeu o primeiro Dark-Hunter oficial por alguns milhares de anos. E por causa disso, era o único considerado um Dark-Hunter que Acheron, líder deles, não treinara. Na verdade, Acheron sequer soubera da existência de Ren até que cruzou com Cabeça quarto mil anos atrás, e o Atlante foi treiná-lo em suas funções como Dark-Hunter em Yucatan.

Acheron ficara tão chocada com a existência de Ren, quanto Ren ficara com a dele.

Diferente dos outros Dark-Hunters, Artemis ressuscitou Ren somente por causa da promessa que fizera a sua mãe de que ela nunca iria deixá-lo morrer enquanto fosse uma criança – ela fizera um voto sagrado no Rio Styx, de que iria sempre olhar por ele.

Quebrar esse juramento custaria a ela a própria vida.

Desde que Artemis era imortal e um pouco egoísta, ela não tinha a menor compreensão sobre o que diferencia uma criança humana de um adulto. Então, devolveu-lhe a vida com medo de que se não o fizesse, ela morreria também.

E por causa dos poderes das trevas que ela usou para restaurar sua vida, ele fora “agraciado” com presas e a incapacidade de andar na luz do dia. Artemis disse aos outros Dark-Hunters que criou, que eles eram o resultado do que foram destinados a caçar.

Mas uma vez que fora trazido de volta, Ren aos poucos descobriu a verdade a respeito do seu nascimento e os segredos de sua mãe no Panteão Grego.

O poder para trazer os mortos de volta à vida era aquele que Artemis roubara do filho de Apollymi. E por isso, Artemis não podia controlá-los inteiramente. Mas isso não importava a ele. Estava tão grato por voltar e tentar retificar sua própria estupidez, que não iria reclamar dela.

Agora mesmo, não queria ir adiante em nada disso com Kateri. Também não queria que ninguém mais soubesse como ele era diferente dos outros. Os Dark-Hunters o aceitaram como um



deles, e desde que nenhum dele sabia sua verdadeira idade, eles não questionavam sua designação como Dark-Hunter.

Eles assumiram que era muito mais jovem do que realmente era e ele não se incomodou em corrigi-los. Apenas Acheron sabia a verdade a respeito dele e somente ele sabia a verdade a respeito de quem Acheron realmente era. Um fato que ele obteve do próprio Acheron. Tendo vivido sua própria vida de merda, ele não estava prestes a desenterrar o passado de Acheron que fazia o de Ren parecer como um passeio na Disney World. Desde que ambos queriam seus passados esquecidos, Ren estava mais do que feliz em obedecer a seu líder Atlante.

Então deu a Kateri uma explicação simplificada.

— Dark-Hunters são guerreiros imortais que protegem a humanidade de seres sobrenaturais que os atacam.

Kateri fez uma careta. Esse era um dos momentos em que uma pessoa racional, sã, iria jogar a bandeira de merda no chão. Mas...

Sanidade acenara um bye-bye para ela muitas horas atrás. Nesse ponto, estava pronta para aceitar alienígenas espaciais, ser levada para voar com o gordo Elvis e qualquer outra coisa que alguém quisesse que acreditasse.

Até mesmo Papai Noel e a Fada dos Dentes.

Diabos, por que não incluir o Coelho da Páscoa para completar.

E assumindo que esses Dark-Hunters eram tão reais como todas as outras... coisas que encontrara desde que acordou nesta manhã tinha algumas perguntas.

— Então como alguém chega a ser um Dark-Hunter? Você nasceu para fazer isso?

—Não. Normalmente alguém que morreu durante uma traição brutal de alguma forma. Uma tão violenta e dura que suas almas gritam alto o bastante para chegar ao templo de Artemis no Olympus. Quando ela ouve, vai e faz a eles uma oferta. Por um único Ato de Vingança contra a pessoa que o feriu, eles dão a ela suas almas e passam o resto da eternidade matando Daimons para ela.

—Daimon como demônio?

Ele riu amargamente.

— Outra muito longa e complicada história. Basta dizer que eles são vampiros sugadores de almas que servem à deusa Atlante Apollymi. Desde que eles coletam almas e as almas não podem viver em um corpo que não é o delas, um Dark-Hunter é encarregado de matar o Daimon antes que a alma morra, para que possa voltar para onde precisa estar.

Um calafrio desceu por sua coluna ao pensamento de perder sua alma.

— Você vendeu sua alma a Artemis?

—Confie em mim, não era de muito valor, e não foi uma grande perda. Eu realmente não sinto falta disso. — Havia uma nota de amargura em sua voz enquanto ele falava.

Mas isso a fez pensar... — Então elas não valem nada.

—Não enquanto você está vivo. Mas se você morre sem uma alma, isso faz com que o seu conceito de inferno pareça um piquenique.



Oh, ok, isso não soa muito agradável... — Mas se você é imortal, você não pode morrer, certo?

—Facilmente. Existem certas coisas a que ninguém sobrevive.

Isso ela tinha que ouvir. — Tais como?

—Decapitação. Desmembramento total. Remoção do coração. Basicamente tudo que destrói um corpo, tal como incêndios, e é claro, meu favorito, permitir ser tocado pela luz do sol. Nós temos a tendência de entrar em combustão espontânea sempre que isso acontece.

—Por quê?

—Você quer a mentira ou a verdade?

Kateri imaginou o que o levou a fazer essa pergunta. Quem iria querer a mentira se pudesse ter a verdade? Mas sua curiosidade levou a melhor sobre ela.

— Oh diabos, vamos viver um pouco e ouvir ambas, podemos?

Um canto de sua boca torceu-se como se começasse a sorrir, então se conteve.

— Artemis diz a todos que isso é por causa do irmão dela Apollo, deus do sol. É a sua maldição que mantém os Dark-Hunters longe da luz do sol. Mas isso é proveniente de Apollymi. Desde que os Daimons não podem sair à luz do sol, ela fez com que os Dark-Hunters que os perseguem não possam atacá-los injustamente. Se os Daimons não podem andar a luz do dia, os Dark-Hunters não podem andar a luz do dia.

Fazia sentido, mas isso fedia para aqueles apanhados no meio.

— Isto soa como se Apollymi e os Gregos ainda estivessem em Guerra.

Ele inclinou sua cabeça para ela.

— Eles estão. Os deuses são piores do que os Hatfields e McCoys⁷⁷ quando se trata de jogos de rancor. Eles não conhecem o significado das palavras 'Pare. Chega.'

—E eu ainda não vejo como estou relacionada a qualquer desses laços.

Ren fez uma pausa na abertura de uma caverna. Puxou a faca de sua bota.

— Você pode lidar com uma faca?

—Eu sou melhor com o arco, mas eu acho que entendo o princípio básico de esfaquear alguém.

Sua sobrancelha se levantou a isso.

— Você consegue usar um arco?

Se ela conseguiria usar um arco? Realmente? O espanto em sua voz e expressão a ofenderam seriamente.

— Querido, em 2008 eu estava nas Olimpíadas de Pequim na equipe de Arco e Flecha. Eu não ganhei a medalha de ouro, mas fui considerada a número quatro em todo o mundo. Besta,

⁷⁷ As famílias **Hatfield-McCoy** foram protagonistas de uma sangrenta disputa durante o período pós-guerra civil (1863-1891). A rivalidade, repleta de mortes e emboscadas, entrou para o folclore americano como uma metáfora para qualquer embate mais duro entre grupos rivais. Mais de um século depois, a história da rivalidade tornou-se um símbolo moderno dos perigos da justiça e vingança. O History Channel produziu uma minissérie que retrata essa briga, e que tem batido recordes de audiência na TV americana.

composto, ou tradicional⁷⁸... o que for que impulsione uma seta. Se eu puder colocar a flecha no arco, eu posso atirar com perícia. Nunca entre numa Guerra de elásticos comigo. Você *vai* se arrepender.

Dessa vez ele sorriu, e foi devastador o suficiente para fazê-la esquecer de tudo sobre sentimentos feridos. Porra, ele era lindo quando queria...

O sorriso iluminou seu rosto e o fez parecer juvenil e doce.

Então um olhar de pânico escureceu seus olhos como se percebesse o que estava fazendo e instantaneamente se envergonhasse. Limpando a garganta, retornou a faca para bota. Uma luz brilhante piscou e um instante depois um arco recurvo⁷⁹ apareceu em suas mãos com uma aljava de flechas, protetor para punho, e luvas para atirar.

Ele os entregou a ela. — Você prefere um arco composto?

— Não mesmo. O arco recurvo é meu bebê. Não como uma desculpa, mas eu não preciso de desculpa. Eu sou de Sagitário, com ascendente em Sagitário. Minha avó sempre jurou que eu nasci com um arco em minhas mãos.

Aquilo pareceu alegrá-lo.

— Certo então. Eu voltarei logo. Aponte para os olhos dos demônios. Outra coisa qualquer só os irritará.

Ela deu-lhe um sorriso brilhante enquanto calçava suas luvas.

— Bom saber. Obrigada pelo aviso.

Ren hesitou enquanto a observava por o protetor de punho e então colocar a flecha no arco e testar sua linha de visão. Ela atirava da mesma maneira que ele, um acima, dois abaixo. Sua figura impecável era uma coisa linda. Embora tivesse visto muitas mulheres arqueiras durante os séculos, ele nunca vira uma que estivesse realmente unida com seu arco da forma como Kateri estava.

Como o Guardião...

Sim, aquele bastardo atirara tão rápido e tão furiosamente que suas flechas desapareceram no céu. Ainda que o Guardião não fosse muito preciso, ele era o mais veloz no momento de sacar que Ren já havia enfrentado. A primeira vez que eles lutaram, Ren teve três flechas em sua coxa direita. Se não fosse por Buffalo tirar o seu fogo longe de Ren, Ren não teria sobrevivido.

Nunca subestime um inimigo.

Empurrando essas memórias para longe, foi explorar a caverna. Suas feridas atuais cobravam seu preço e não estava certo quanto tempo mais poderia funcionar. Cada batida de coração era uma ameaça de levá-lo ao chão.



Besta



Arco Composto



Arco Tradicional



Arco Recurvo



Felizmente, a caverna estava vazia e parecia relativamente limpa. Graças aos deuses alguma coisa estava começando a ir a seu favor.

Voltou para a abertura, para encontrar Kateri sentada numa rocha como se examinasse a floresta ao redor como uma verdadeira caçadora. O luar pálido destacou sua silhueta, mostrando os perfeitos ângulos do rosto. Ela puxou os cabelos para trás num coque apertado que expunha seu pescoço e o lembrava do quanto ela cheirava bem quando o segurou.

Sua garganta ficou seca enquanto seus hormônios rugiram à vida apesar da dor que ele sentia. O que havia a respeito dessa mulher que o fazia desejá-la tanto? Que o fazia doer para estar perto dela quando ele sabia que não deveria?

Proximidade. Sim, ele era culpado nisso. Isso era fácil e seguro. Qualquer coisa além beirava ao assustador.

Ele estava apenas com tesão. Estaria assim com *qualquer* mulher.

E sim, ele não iria se enganar. Estivera ao redor de mulheres o suficiente ao longo dos séculos para saber que elas não fizeram isso com ele. Nunca.

Nem mesmo Windseer o fizera doer por ouvir seu nome em seus lábios...

—Kateri?

Ela virou a cabeça em sua direção.

—Vamos, eu encontrei um lugar para nos esconder um pouco.

Ela deslizou de seu assento improvisado de uma forma que lembrava uma criança exuberante, e se encaminhou até ele. Um leve sorriso pairava em seus lábios – um que fez seus olhos brilharem. Uma urgência em beijá-la agarrou-o em sua garganta, e ele fez de tudo para não render-se a isso.

—Você não seria capaz de arranjar um cheesburger para nós, seria?

Sua pergunta o divertiu.

— Fome?

—Muita. Quem sabia que correr por sua vida iria te dar tamanho apetite? Eu acho que na verdade poderia comer um urso agora mesmo.

Ele realmente não queria ficar enfeitiçado por ela, mas era impossível resistir. Ela falava com ele como se o conhecesse há anos. Como se eles fossem velhos amigos.

E no meio de toda essa porcaria que os atingira nas últimas horas, ela fora corajosa e razoável. Calma. Coisas que ele definitivamente apreciava e respeitava.

Ela arqueou suas sobrancelhas a ele.

— Onde você está me levando?

Essa era uma pergunta pesada. Ele gostaria de tomá-la aqui e agora.

Aproveite esses pensamentos. Agora!

Sim, isso era apenas uma coisa que iria colocá-lo em confusão.

—Hum... a-a-aqui atrás.

Foda! O som desse maldito gaguejar gelou qualquer hormônio em seu corpo. Por que ele tinha que fazer isso com ela? Por quê?

Odiando a si mesmo e com sua fúria o dirigindo duramente, começou a se afastar.



Mas ela pegou seu queixo em sua mão e gentilmente virou seu rosto até que seus olhos de encontrassem. O calor de sua mão queimava sua carne, mas foi a sinceridade e preocupação em seu olhar que o incendiou.

—Ren... Você sabia que Winston Churchill, o maior orador de todos os tempos e um dos maiores líderes do mundo, teve um problema na fala? Todos nós estragamos nossas palavras de tempos em tempos. E honestamente, eu prefiro gaguejar a dizer alguma coisa estúpida ou embaraçosa, e eu fiz mais do que a minha justa parte disso. Você não tem razão para ficar envergonhado ou constrangido por uma falha biológica que você não pode evitar. Isso não é uma acusação contra sua inteligência, mas sim é na humanidade e decência de alguém cruel o suficiente para zombar de você por isso. Além disso, eu acho isso adorável.

Essas palavras, combinadas com seu toque e o olhar em seu lindo rosto, eliminou cada peça de resistência que ele pudesse ter em relação a ela. Em toda sua vida, ninguém o fizera sentir como ela fazia agora.

Normal. Inteiro.

Humano.

Não havia desdém ou zombaria. Nenhum julgamento. Ela olhava para ele da mesma forma que Butterfly olhou para seu amigo Buffalo.

Como se ele significasse algo para ela.

Antes que ele pudesse parar a si mesmo, abaixou sua cabeça para provar os lábios dela.

Kateri não podia respirar quando Ren a beijou com uma paixão que nunca experimentara. Ele afundou suas mãos em seu cabelo e explorou cada polegada de sua boca com uma fome que a deixou em brasas. Era como se ela fosse o ar que ele precisava para viver. Sua cabeça rodava por isso e a fez fraca, ela apoiou seu peso nele.

Ele finalmente recuou, mas ainda assim não a libertou. Ao contrário, enterrou seu rosto na curva do seu pescoço e a segurou como se estivesse saboreando sua essência.

—Você não vai me morder com suas presas, vai?

Ren piscou enquanto registrava essas palavras e passava o torpor que o tomou.

— Não, — ele respirou. — Eu sinto muito. Eu não sei o que deu em mim.

Ela deu a ele um sorriso que provocou estragos em cada parte do seu corpo.

— Não se desculpe. Esse foi um beijo dos diabos. Mas se você acabou, pode me colocar de volta no chão.

Ele sentiu calor queimando seu rosto novamente quando percebeu que durante o beijo ele a levantou inteiramente. Seus pés estavam algumas polegadas longe do chão.

Mas apesar do seu constrangimento, deslizou-a pela frente de seu corpo, saboreando suas curvas contra seu peito. Muito ruim que eles estivessem vestidos. Isso seria infinitamente mais agradável se ambos estivessem nus.

Kateri observava o jogo de emoções cruzarem seu rosto. Ele iria querer morrer se soubesse o quão transparente era para ela nesse momento. Quão vulnerável. Esse não era o rosto de um guerreiro que lutava sem temor contra demônios.



Esse era o rosto de um homem acostumado à rejeição ao invés de aceitação. Um que ainda esperava que ela dissesse algo repugnante a ele.

— Só para você saber, Ren, eu acho você maravilhoso.

Ren franziu o cenho a ela. — Por quê?

Ele verdadeiramente não sabia...

Surpreendeu-lhe que alguém pudesse ser tão belo e forte, gentil e devotado, e fosse incapaz de entender o quão superlativo ele realmente era.

— Por me proteger. Pelo seu dom, e por esse maravilhoso beijo. E se você quiser conjurar um hambúrguer, eu vou te considerar o melhor homem de todos os tempos.

Para seu completo choque, ele riu. — Você quer fritas de acompanhamento?

— Claro. E um grande e espesso milk-shake de chocolate. — Sim, esse único pensamento fez seu estômago rugir.

Ele pegou sua mão e a levou para dentro da caverna.

Ela diminuía a velocidade à medida que a escuridão os envolvia completamente.

— Eu não posso ver nada.

A luz verde acendeu imediatamente. Ren entregou-lhe uma pequena glowstick⁸⁰ que deve ter conjurado como fizera com seu arvo.

— Infelizmente essa é a última coisa que eu posso fazer agora. Desculpe. — Ele afundou no chão como se estivesse fraco demais para dar mais um passo.

Preocupação rasgou por ela pelas ações dele.

— Você está bem?

Ren assentiu.

— Eu preciso dormir um pouco. — Ele ficou de joelhos, e basicamente desmoronou no chão.

Ainda mais preocupada do que antes, ela correu até ele e ajoelhou ao seu lado. Ele ainda estava respirando, mas assustadoramente pálido. Sentando em suas coxas, olhou ao redor da pequena área, fazendo um inventário mental do que os cercava.

Ela espantou-se duplamente ao ver uma sacola branca próxima a uma pedra.

Não... não poderia ser.

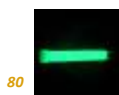
Poderia?

Com uma careta curiosa, ela foi até lá e, com certeza, era um cheeseburger, batatas fritas e um milk-shake grande de chocolate. Rindo de felicidade, ela pegou uma batata e comeu. Ela olhou para trás a Ren, fascinada por sua gentileza.

— Você não é nada daquilo que eu pensei que fosse.

Pelo menos, não inteiramente. Ele ainda era assustador e enorme, e muito habilidoso. Mas não o ogro que parecia ser a princípio.

Ele era surpreendentemente gentil, e, embora provavelmente odiaria ouvi-la dizer isso, doce.



80

Lanterna do tipo Glowstick.



Como seu pai e seu irmão puderam tratá-lo da forma que o trataram? Que tipo de animal poderia ferir alguém como Ren?

Eu gostaria de saber mais a seu respeito.

Ainda que ela tivesse reunido uma grande quantidade de informações, ainda havia muito mais que lhe faltava.

Como, ele alguma vez se casou? Teve filhos?

Quando seu irmão o matou e por quê?

Acima de tudo, o que estava errado que ele voltou para corrigir?

Quanto a esse assunto, ela ainda não sabia como seu destino estava ligado ao passado dele. Por que estava aqui com ele? Por que ele não conseguiu levá-la para casa ele mesmo?

Tantas perguntas. Nenhuma resposta real.

Suspirando, comeu sua comida, desejando ter uma bola de cristal. Não que soubesse usar uma se estivesse aqui. Mas...

—Você ficaria espantada com o que pode fazer

Kateri ficou completamente parada ante aquela profunda, voz de trovão. Seu coração martelando, virou-se lentamente para ver um alto, imponente homem velho. Um que tinha olhos vermelhos e uma cicatriz descendo pelo comprimento de seu rosto...

Ele estava entre ela e seu arco.

Capítulo 9

Kateri estendeu a mão para a faca na bota de Ren.

—Calma, — o ancião disse, mantendo suas mãos altas para mostrar que estava desarmado — não que isso significasse muito, dado o que ela já vira no último dia. Algumas das coisas mais letais que a perseguiram não estavam armadas.

Oh, os dias quando as pessoas lutavam com armas que ela realmente podia ver...

Mas o homem não apreciava estar ameaçando-a.

Por favor, não me deixe estar enganada. Ela estava realmente cansada de ser atacada e tudo o que queria eram cinco minutos para se recuperar.

Para ser honesta, porém, ele parecia bastante agradável. Amigável mesmo. Barbeado e alto, usava seu longo cabelo cinza solto sobre seus ombros. A frente do seu cabelo estava puxada de seu rosto e presa no alto de sua cabeça por um conjunto de três penas. Duas brancas e uma negra. Algo a respeito dele parecia antigo, mesmo que fisicamente ele parecesse ter por volta de 40. — Você não sabe quem eu sou?

Ela começou a balançar a cabeça negando até algo de sua infância brilhou dentro de sua mente. Imagens desse homem zelando por ela das sombras, apenas que seu cabelo era escuro e ele jovem... próximo a sua idade. Ao longo de toda sua vida, teve vislumbres dele de tempos em tempos. Normalmente quando estava chateada ou extremamente feliz.



Ela o vislumbrara até mesmo em suas graduações... e suas festas de aniversário no parque.

Ele sempre fora uma figura da sombra em segundo plano, mais ilusória do que real. Ela ainda tinha uma imagem indistinta, confusa dele em uma de suas fotografias.

— Minha avó chamou você de meu anjo da guarda.

Seu olhar tornou-se quente e gentil.

— Oh querida, eu definitivamente sou seu anjo. Mas eu também sou seu pai.

Sim, certo. Ela parecia com Luke Skywalker? Uh-uh. Não. Isso era demais. Dentre todas as coisas estranhas que aconteceram com ela desde que acordou, esta... esta foi a gota que fez transbordar o copo. Ela se recusava a acreditar nele. Seu pai a abandonou e fugiu quando ainda era um bebê. Algo que sua mãe nunca superou.

Isso *não era* seu pai.

Balançando a cabeça em negação, ela saiu em disparada sobre o corpo de Ren, para colocá-lo entre eles. Não que ele oferecesse muita proteção enquanto estava inconsciente. Ainda assim, ela sentiu-se melhor com ele fornecendo alguma forma de barreira entre ela e o Capitão Maluco Mentiroso.

O homem que dizia ser seu pai deu um passo à frente, então congelou quando a viu estendendo a mão para a faca de Ren.

— Kateri, por favor. Eu não estou forte o suficiente para lutar com você e permanecer aqui. Você precisa me ouvir. Eu não tenho muito tempo mais aqui e tenho muito a dizer a você.

Ela manteve sua mão no punho da faca, mas a deixou embainhada.

— O que você quer dizer?

— Eu não sou mais corpóreo. Eu não tenho sido desde que desapareci fisicamente de sua vida — algo que eu não fiz voluntariamente. Eu juro. Eu amei você e sua mãe. Mais do que qualquer coisa. Se eu tivesse alguma escolha nesse assunto, eu nunca, jamais teria deixado você. E eu vim por você toda vez que eu pude. Enquanto eu pude. — Ele apontou para Ren. — É por isso que mandei Makah'Alay a você. Mesmo que antes tenhamos sido inimigos, ele é o único em quem eu confio para te manter segura. Ele é o único capaz de salvar você.

— Eu não entendo.

— Eu sei, bebê. Tudo isso é confuso. — Suspirou cansado. — As coisas não saíram da maneira que eu queria que elas saíssem. Mas então a vida tão raramente coopera com os nossos planos para ela. — Ele deu outro passo em direção à ela. Com a luz verde agora em suas costas, ela percebeu que ele era translúcido.

— Você é um fantasma?

— É uma maneira de falar. — Seus olhos se encheram de lágrimas quando ele engoliu em seco, enquanto olhava para ela como se não pudesse acreditar que ela estivesse aqui na caverna. — Você é tão bonita... exatamente como sua mãe. Eu nunca deveria interferir, mas não posso evitar. O momento em que vi sua mãe, eu me apaixonei por ela. Ninguém poderia resistir ao seu sorriso, muito menos eu. Eu sabia que o que eu estava fazendo era errado e não consegui parar. E você foi o mais doce bônus que eu nunca esperei.



Seus próprios olhos ficaram úmidos pelas lágrimas não derramadas. Havia alguma verdade no que ele disse? Poderia haver?

Ele apontou seu queixo para Ren.

— Makah'Alay pensa que precisa de mim para reiniciar o calendário, mas eu não sou necessário. *Você é.* Pela primeira vez desde que a Great Dawn, a Guardiã e a Ixkib estão unidos em uma única pessoa. Embora eles estejam adormecidos por agora, você tem todos os meus poderes, assim como os de sua mãe e avó, e quando o tempo chegar e você precisar deles, eles estarão lá para você. Ninguém nunca foi tão forte. Mas você é a única que tem que acreditar que esses poderes estão sob seu comando. Não deixe que ninguém diga o contrário. E você, sozinha, tem o poder para designar o novo Guardião dos portões. Escolha melhor do que eu escolhi. Eu me permiti ficar cego pela esperança. Você é mais pragmática do que eu jamais fui. E você me faz mais orgulhoso do que qualquer criança já fez aos seus pais.

Seu olhar retornou para Ren.

— Ainda que eu confie em Makah'Alay por agora, seja cautelosa, pequena. Seu coração foi transformado uma vez. O que faz com seja mais fácil transformá-lo novamente, e tendo conhecido sua mãe e sendo incapaz de resistir a ela, mesmo sabendo que eu deveria, eu o entendo completamente agora. E esse conhecimento me assusta. Ainda há muito raiva e escuridão dentro dele. Pelo tempo que isso viver em seu coração, ele nunca será livre. E nunca estará realmente seguro. Artemis não é a única que possui um pedaço dele.

Seu coração martelou em seu peito a essas palavras. Se não podia confiar em Ren, em quem poderia confiar?

E ainda havia o maior quebra-cabeça de todos.

— E sobre essa pedra que todos querem? Onde está?

Ele sorriu para ela.

— Você descobrirá no tempo certo. Sua avó cuidou disso para você. Seus inimigos não podem encontrá-la. Apenas *você* pode.

As paredes ao redor deles começaram a tremer. Imagens piscavam através delas, tão rápidas, que era difícil concentrar-se em uma. Viu Ren lutando com seu pai. Ambos encharcados de sangue enquanto tentavam destruir um ao outro. Era uma luta brutal de gladiadores.

Seu pai riu.

— Ele foi o único que já me derrotou em uma batalha.

Ela fez uma careta a isso.

— Eu pensei que você tivesse vencido.

Ele balançou sua cabeça.

— Não. Por todos os direitos, ele venceu a luta e me derrotou, mas no final, eu o enganei. Como todos em sua vida, eu menti para ele e usei sua insegurança contra ele de modo que vacilasse e derrotasse a si mesmo. Essa é sua única fraqueza, e a única que poderá usar caso você precise matá-lo.

Esse pensamento a horrorizou.

— Matá-lo?



Seu pai apontou para a parede a esquerda.

As cenas se ampliaram brilhantes. E então, maior do que todas as outras, estava a imagem de Ren olhando diretamente para ela. O vento soprava seu longo cabelo negro ao redor de seus ombros e belo rosto. Ele estava vestido com uma roupa marrom clara de camurça que estava decorada com um elaborado bordado vermelho e negro. A pele de jaguar sobre seus ombros e presa a sua roupa por dois broches ornamentados. Como seu pai, ele estava com três penas em seu cabelo, só que as suas caíam sobre sua têmpora esquerda. Duas negras e uma branca. Ele usava uma pedra vermelha, no formato de lágrima, atada ao seu pescoço por um cordão de couro. Era alusão a uma de gota de sangue.

Em sua mão direita estava um arco negro delicadamente entalhado, e a sua direita uma flecha branca pura. Mas eram seus olhos que a perfuravam. Um deles era tão azul quanto um perfeito céu de verão e o outro era vermelho como sangue. Eles a queimavam com sua raiva e ódio.

Mate o jaguar. Aquela voz era demoníaca e cruel enquanto isto dirigia Ren.

Ele encaixou a flecha no arco e o apontou diretamente ao seu coração.

Seu pai começou a desaparecer.

— Se Grizzly o tiver novamente, você terá que matá-lo, Kateri. Você é a única que pode. Mate-o. Esfaqueie seu coração e ele não existirá mais. Se você não fizer, ele destruirá o mundo dos homens, e ele *irá matar* você. Lembre-se que eu te amo, filha. Sempre.

Então seu pai sumiu completamente.

A imagem de Ren ficou na parede com aquele olho vermelho a encarando.

— Você não vai me enfraquecer! — Ele rosnou, então disparou sua flecha.

Kateri abaixou-se instintivamente. Mas era apenas uma ilusão. Nenhuma parte disso foi real. Nenhuma.

Exceto pelo homem que dormia ao seu lado. Com sua mão tremendo, ela tirou o cabelo do rosto machucado. Então ele realmente era o Makah'Alay que ela vira em suas visões e sonhos. Quão estranho era conhecê-lo tão bem afinal. Ter alguém de seus sonhos aqui em carne e osso...

Makah'Alay.

Esse era também o nome do demônio sobre o qual sua avó contou quando era uma garotinha. *Ele é mal no profundo de seu coração. Aqueles que o veem, morrem por suas mãos. Sempre. Ele não tem piedade por ninguém e pode controlar os Corvos Zombeteiros. Tema-o, Waleli. Reze para nunca encontrá-lo. E se você o fizer, corra com tudo o que você tiver.*

Poderia ele ser a mesma criatura sobre a qual sua avó a avisou?

Engolindo em seco, correu sua mão sobre sua mandíbula esculpida, onde apenas alguns fios de bigode estavam lá para provocar a sua pele. Adormecido como estava, ele parecia mais juvenil do que ameaçador. Mais humano. Mas acordado, ele poderia ser terrível e avassalador.

E com esse pensamento, veio outra imagem dele com os dois olhos vermelhos, eles brilhavam. Ele estava de pé com suas pernas separadas e o corpo tenso como se estivesse em uma batalha contra um inimigo invisível.

—O que você fez para que todos o temam tanto? — E *por que* fez?



Kateri suspirou enquanto tentava organizar as informações que chegaram tão rápido, ela sentia como se estivesse no meio das provas finais. Se aprendesse mais alguma coisa, seu cérebro iria desligar em revolta e a deixaria como um vegetal, babando no chão.

Precisando de um minuto para clarear a cabeça, estendeu-se ao lado de Ren. Mas isso não era confortável. O duro chão de terra era frio e arenoso. Na verdade, isso dizia tudo sobre o quanto ele precisava dormir, que ele pudesse adormecer tão profundamente em algo tão miserável.

Ugh, isso não vai funcionar. Ela tentou tudo que pode pensar, virou-se em todas as posições. Colocou seu braço sobre sua cabeça, então o tirou.

Inútil.

Até que ela deslizou seus olhos pelo corpo exuberante de Ren. Sim, essa era a única coisa nesse lugar sombrio que parecia atraente. Desejável...

Convidativo.

Não faça isso. Ele está sangrando.

Verdade, mas havia áreas do seu corpo que não estavam empapadas de sangue. Áreas que eram...

Aparentemente confortáveis. Antes que pudesse parar, ela o rolou, deitando-o de costas, em seguida aproximou-se para poder usá-lo como travesseiro.

Oh sim, muito melhor.

E no próximo segundo, ela tomou uma profunda respiração, então o frio se foi.

Ren despertou lentamente. Seu corpo ainda estava doendo. Maldição. Ele sentia como se alguém o tivesse surrado duramente, o que fizeram. Literalmente. Ou mais apropriadamente, ele surrou duramente o demônio.

Eu deveria ter batido mais duro no bastardo...

Estremecendo com a dor em suas costelas e costas, abriu os olhos, então congelou ante a última coisa que esperava ver.

Kateri estava aconchegada contra ele com sua cabeça em seu ombro. Sua mão esquerda descansava no centro de seu peito enquanto sua respiração fazia cócegas em seu pescoço.

Seu corpo endureceu tão rápido e furiosamente que ele respirou profundamente. Contra seus melhores esforços, a imagem dela nua e se contorcendo em seus braços o atravessou. Podia simplesmente imaginá-la passando as mãos por suas costas enquanto faziam amor.

Isso não iria ajudar em nada seu desconforto.

Ou seu humor.

Tentou pensar em algo desagradável. Seu pai. Seu irmão. Grizzly...

Meias fedorentas.

Nada funcionou. Não enquanto ele podia senti-la em cima dele como uma amante íntima que estava completamente à vontade com sua companhia. Mordendo seu lábio, pressionou a mão contra sua virilha inchada, tentando forçar sua vontade sobre a besta traiçoeira que não podia



ouvi-lo. Ou se podia, então estava definitivamente zombando e ignorando seus desejos agora mesmo.

Eu deveria ter me castrado após deixar Windseer.

Verdade. Não era como se precisasse disso. Iria apenas colocar-se em problemas e lembrar o quão sozinho ele realmente era nesse mundo.

Quão diferente era dos outros homens.

De repente, Kateri se esticou como uma gata lânguida, arqueando as costas e pressionando seu corpo mais perto do dele. Algo que também deu uma visão perfeita até o decote de sua blusa, diretamente ao seu sutiã de renda roxo e um par de seios morenos que lhe fez água na boca por provar.

Ele fechou sua mão em punho para se obrigar a não apalpá-los, estava certo que se o fizesse ela ficaria furiosa. E com razão.

Com um suspiro satisfeito, ela deslizou a mão sobre seu peito, roçando seu mamilo.

Ren gemeu profundamente em sua garganta enquanto a tortura de prazer irrompeu por todo seu ser. Oh sim, estava morrendo agora. Isso... isso *era* o inferno.

Ao som de seu silvo, Kateri abriu os olhos imediatamente e encontrou seu olhar com um suspiro assustado.

— Oh, olá. — Ela relaxou em um doce sorriso acolhedor. — Bom dia raio do sol. Pronto para começar o dia?

Gah, ela era uma pessoa da manhã... *Mate-me*. Como podia alguém acordar de um modo tão agradável? Nunca entendera essa disposição.

Não que isso importasse. Agora mesmo, ele não poderia responder nem se quisesse. Não enquanto seu corpo estivesse tão excitado.

—Você está se sentindo melhor? — Perguntou ela com aquela voz jovial que ontem, quando não era tão cedo, não fora irritante.

E a resposta era simples. Inferno, não. Mas não era a isso que ela estava se referindo e ele sabia.

Não há necessidade de ser um idiota com ela. Não é culpa dela se você está com tesão.

Sim, bem, besteira. Ele não estaria nessa condição sem ela. Ela *era* definitivamente a razão por sua furiosa ereção. Todavia, não era culpa dela que ela se ajustasse realmente bem em seus braços ou que ela fosse inacreditavelmente sexy com o cabelo despenteado ao redor do rosto, as bochechas rosadas do sono.

Então ele deu a ela um grunhido, — Sim.

Ela lançou lhe um sorriso adorável que fez seu pau idiota saltar em resposta.

Abaixo, garoto. Não precisa fazer-nos miseráveis. Você não vai a lugar nenhum assim você poderia muito bem acalmar-se e salvar nossa dignidade.

Ela esticou-se novamente.

— A propósito, você sabia que fala dormindo?



Ele arqueou uma sobrancelha a isso. Desde que nunca passara a noite inteira com outra pessoa, não tinha ideia disso. *Por favor, diga-me que não gaguejei ali também.* Isso era tudo o que precisava.

—Então, quem é Windseer?

Oh espere... isso simplesmente piorou. Mas pelo menos essa questão finalmente foi bem sucedida em gelar seus hormônios. Isso o derrubou tão rápido quanto um banho no ártico. Como era horrível falar daquela puta em seu sonho para Ixxib.

Eu preferia gaguejar...

—Ela não é ninguém.

Kateri deu a ele um olhar incrédulo.

— Não soou como ninguém. Você chamou por ela como se a quisesse desesperadamente. Ela é uma antiga namorada?

Grande. O que inferno havia de errado com seu subconsciente? Por que iria qualquer parte dele querer Windseer para qualquer coisa exceto massacrar a cadela onde ela estivesse?

Seu inconsciente é ainda mais burro do que você. E isso era um feito, dada a média diária de sua estupidez.

Rangendo os dentes com raiva de si mesmo, Ren curvou seu lábio.

— Ela não é nada para mim. Eu não quero pensar nela.

Kateri prendeu a respiração ante o ódio em sua voz. Obviamente, Windseer o magoara. Terrivelmente.

Ela detestava o fato de que inadvertidamente o chutara por mencionar o nome da outra mulher.

— Desculpe. Devidamente anotado e agora permanentemente removido de meu vocabulário. — Assim como tudo o que tivesse “*wind*” anexado, e nisso incluía seu próprio nome do meio, Wynd. Não havia necessidade de deixá-lo chateado novamente. Ela teve a sua parte inerente de relacionamentos ruins que não queria visitar. Então entendia completamente sua necessidade de não voltar ao passado. Era um lugar feio às vezes.

E as pessoas podiam ser totalmente estúpidas quando queriam.

Ela começou a se afastar, mas ele a pegou em um aperto de ferro que a assustou ainda mais do que o seu tom fizera. Para sua surpresa, manteve-a ao seu lado.

Seu olhar procurou o dela como se procurasse algo que havia perdido.

— Por que está em cima de mim?

Calor esquentou suas bochechas enquanto ela percebia o quão íntimo eles estavam nessa posição.

— Você era confortável. O chão não era... E eu estava com frio, então eu imaginei que você também estivesse. — Ela mordeu o lábio enquanto o calor se acendeu pelo seu corpo inteiro e ela percebeu que sua desculpa não era viável. — Eu estava tentando conservar o calor do corpo para nós.

Sim, isso soou falso para ela também.



Sua respiração irregular, ele roçou as mãos pelos cabelos emaranhados. O desejo em nos olhos dele fez com que seu próprio coração acelerasse. Gracioso, ele era quente e inquietante. Ou melhor, a reação de seu corpo a ele era inquietante. Nunca respondera a um homem dessa forma.

Mas havia algo sobre ele que era irresistível. Alguma coisa que a chamava contra toda sanidade e razão. Agora mesmo, tudo o que queria fazer era morder esse queixo e explorar cada polegada daquele corpo duro.

—O que você fez comigo?

Ela franziu o cenho ao seu tom agonizante.

— Nada.

Ele balançou a cabeça.

— Eu nunca tive problemas como imortal em manter o celibato. Mas tudo o que eu penso é sobre estar dentro de você.

Ela deveria estar ofendida por isso. Ao contrário, essas palavras fizeram seu coração bater ainda mais rápido. Era bom saber que ela não era a única tendo problemas com sua proximidade. Isso realmente iria feder se fosse só ela.

E essas palavras a fizeram duas vezes mais curiosa.

— Você tem estado em celibato? Quanto tempo?

—Onze mil anos.

Kateri engasgou com sua resposta. *Sagrada...*

Ele falava sério?

Ela esperava que ele dissesse alguns meses... Dada a forma como parecia e se movia, não ficaria surpresa se ele dissesse algumas horas.

Mas séculos? Realmente? Milhares após milhares de anos?

Não...

Quem poderia fazer isso? Como poderia *ele* fazer isso com *aquela* corpo? Tão belo como ele era, as mulheres tinha que estar se jogando sobre ele. Todo o tempo. O que ele fez? Bateu nelas com um chicote?

Seu olhar voltou-se repreendendo.

— Bem, querido, isto provavelmente é o seu problema. Tem sido um tempo um pouco longo entre uh... bem... você sabe, e eu sei que você sabe. Eu admiro a sua coragem. Eu admiro. Muito. Muitas pessoas não podem fazer o que você fez, e isso explica um bocado sobre o porquê de você não ser uma pessoa feliz.

Ele bufou à tentativa de humor.

— Não fique impressionada. A última vez que eu dormi com uma mulher, eu estive perto de destruir o mundo por causa disso. Quando você quebra esse tipo de recorde estúpido, isso tende a ficar com você algum tempo.

Sim, mas milhares e milhares de anos?

Isso, ali mesmo, disse exatamente quem e o que Windseer fora para ele. Ela deve ter sido aquela que o levou para o mau caminho e o queimou num nível tão sujo que ele nunca superou.

— Apenas por curiosidade, por que você tentou destruir o mundo?



—Já tentou um lugar no estacionamento no Natal? Comprar uma camisa no dia seguinte ao dia de Ação de Graças? Essas duas coisas sozinhas farão você duvidar da humanidade dos humanos, e questionar se a sobrevivência da espécie é do interesse de alguém. Pelo que nós estamos lutando, afinal? Melhores liquidações nas lojas de departamento?

Ele tinha um ponto.

Ainda assim...

Ren hesitou antes de continuar com seu sarcasmo. Uma parte dele queria mentir para ela, e manter o assunto leve. Não porque não confiasse nela, mas porque não queria enfrentar a verdade. O porquê era o que pior, queimava em seu coração e memória. O que o cortava profundamente.

Se existisse o prêmio para o Idiota do Dia, ele estaria no Hall da Fama por isso.

Mas antes que pudesse se segurar, sua língua o traiu.

— Honestamente? Eu o fiz para provar a ela que eu era um homem e não um fraco pedaço de merda.

—Funcionou?

Ele deu de ombros.

— Nunca mais a vi novamente, então acredito que a seus olhos isso era fútil. Mas fiz meu ponto a todos os outros que pensavam que era fraco. Nada como um bom chute no traseiro para colocar medo nos outros. — Mas isso não era o mesmo que respeito. Ele fora de covarde patético a homicida psicopata, e aprendeu que as únicas coisas que mudavam era os nomes que eles o chamavam, o tom e nível de volume que usavam para fazê-lo.

Nenhuma das posições era desejável ou invejável. Ambas te deixam isolado, perdido, sozinho e inseguro. Ninguém para confiar.

Ninguém que desse uma merda a seu respeito. A única diferença real era que quando eles pensavam que você era fraco, não tentavam matá-lo quando virava as costas.

Suspirando, libertou-a, então rolou e levantou-se em seus pés. Ela levantou-se e limpou-se da poeira.

Quando ele começou a afastar-se dela, ela pôs a mão em seu braço para pará-lo.

—Para registro? Você não é um miserável patético, Ren, e você não têm que acabar com o mundo para provar isso.

Ele bufou com sua ingenuidade, mas uma parte dele que ele não queria reconhecer aceitou sua bondade, ainda que fosse fingida.

— Eu tenho o sangue de três panteões concorrentes, dois dos quais nasceram guerreando, fluindo em minhas veias. Desde a hora em que nasci, estive em guerra comigo mesmo. Você quer saber por que eu gaguejo?

—Por quê?

—Fui amamentado por um ano por uma demônio. Seu leite infectou-me com seu veneno e foi a sua linguagem que eu aprendi primeiro. É tão radicalmente diferente de qualquer língua humana que eu estava com cinco anos antes que eu pudesse sequer começar a compreender nosso discurso. Por esse tempo, eles todos pensavam que eu era lento e estúpido por causa disso.



Então eu finalmente aprendi como fazer seus sons, eu gaguejei com eles porque eu tive que traduzir da fala de demônio para a humana. Isto me tomou um milhão de linhas da vida para falar sem hesitação. E ainda assim quando eu sonho ou penso isso não é nunca como um humano. — Seu olhar a queimava. — Por causa do que Artemis mandou para cuidar de mim, eu me transformei num condutor de demônios. *Essa é minha verdadeira natureza.*

Ela balançou a cabeça.

— Eu não acredito em você. Se você fosse verdadeiramente mal, não lutaria contra essa natureza. Iria com ela e a deixaria te engolir completamente. Não fez isso. Veio para mim quando nem mesmo me conhecia, e resgatou-me. Lutou por estranhos por séculos. Como isso é de algum modo mal?

— Eu matei meu próprio pai enquanto ele implorava por misericórdia.

Kateri hesitou ante essa confissão. Mas tão rápido quanto sentiu compaixão, lembrou-se das visões da brutalidade fria do pai dele.

— O mesmo pai que te deixou para morrer na floresta sozinho quando você era uma criança indefesa? Aquele que precisou ser ameaçado por um demônio para tomar conta de você? — Um que abusou dele e o menosprezou? — Perdoe-me se não derramo uma lágrima por esse bastardo. Eu quero dizer, vamos lá Ren, realmente? Você se manteve no celibato por onze. Mil. Anos. Onze. — Ela repetiu.

Ele zombou de seu tom.

— Não tem que continuar dizendo isso. Acredite-me, ninguém é mais consciente de quanto tempo isso é do que eu.

— Sim, bem, desculpe-me por estar impressionada. Esse tipo de autocontrole é fora de série. Sério, fora de série. Especialmente para uma mulher que não consegue passar por um donut⁸¹ sem dar uma mordida nele. Triste, mas verdadeiro.

Ele bufou pelo tom incrédulo. — Não foi tão difícil quanto você pensa. Confie em mim. É meio difícil ter sexo quando nenhuma mulher quer ser vista em público com você, quanto mais partilhar sua cama.

Sim, certo. Que mulher em seu juízo perfeito iria recusar esse homem delicioso? Ele era mais do que tentador, mais até do que um donut coberto de calda de chocolate.

— Obviamente você tem vivido em um armário. Sozinho. — No instante em que essas palavras saíram de sua boca, viu Ren em seu passado...

Ele estava com seu amigo que falava com ele em linguagem de sinais.

Seu amigo lançou um olhar para um grupo de mulheres que estavam comprando perto de uma banca de vegetais. Duas delas eram absurdamente lindas, o tipo de mulheres perfeitamente formadas que toda mulher queria ser, mas que apenas um punhado minúsculo foi sortudo o bastante para atingir. A terceira era bonita, mas ela empalidecia quando comparada com as duas deusas ao seu lado.



81

Donuts.



—Vá, Makah'Alay, — seu amigo o apressou. — Esta é a oportunidade perfeita para falar com ela.

Ren balançou a cabeça.

Seu amigo rolou os olhos.

— Você é o lutador mais feroz que temos... destemido em batalha. O filho mais velho de nosso chefe. Honestamente você está me dizendo que você está aterrorizado por uma mulher com quem você sequer conversou? Você vai deixar que uma mulher amedronte você?

Raiva escureceu seu olhar ante o insulto de seu amigo.

Cerrando os dentes e olhando para ele, Ren voltou-se e caminhou em direção às mulheres.

Kateri segurou sua respiração, esperando que ele fosse a uma das duas garotas perfeitas.

Não foi. Ao invés, ele foi para o lado da terceira garota, que não possuía o suficiente para pagar por suas compras.

Lágrimas inundavam seus olhos.

— É tudo o que tenho. Por favor. Eu não posso voltar sem isso. Minha mãe me disse que deveria voltar com isso ou outra coisa.

—Nós não emprestamos crédito aqui. Você deverá implorar para qualquer outra pessoa. Há um preço a ser pago por cada gota de suor. — O vendedor chegou para pegar de volta o pacote de milho dela.

Ren o parou. — Eu vou pagar.

O homem curvou seu lábio.

— Como eu vou saber que *você tem* como pagar?

Ren pegou um pedaço de ouro e entregou.

Depois de inspecionar o ouro, o vendedor devolveu o milho à garota.

—Obrigada, — ela disse ao vendedor, não a Ren. Na verdade, ela nem mesmo olhou para ele em reconhecimento de sua presença.

Colocando-o em sua cesta de vime, ela moveu-se para juntar-se às outras duas, que estavam esperando por ela.

—Itzel? — Ren chamou enquanto tentava pegá-la.

Ela hesitou antes de voltar-se e o encarou com uma carranca irritada.

— O que?

—E-e-e-eu estava p-p-p-pensando... — Ele hesitou como se procurando pelas palavras certas. O tremor em sua mandibular piorou enquanto o olhar dela mudava de irritação para desdém.

—Pensando o que? — Ela disparou.

Ele mordeu o lábio antes de tentar novamente.

— V-você se i-i-i-importaria se eu p-p-p...

—Se você está pedindo para me ver, sim eu me importo. — Ela olhou em direção às suas amigas. — Você pensa que eu quero ser motivo de riso e zombaria? Que estou desesperada o suficiente para ser cortejada *por você*? — Ela sorriu desdenhosamente, transformando seu rosto em uma feia máscara de crueldade. — Esqueça. Vá encontre para si mesmo uma mulher tão



estúpida quanto você. Oh, espere, não há ninguém aqui tão imbecil. Nem mesmo as putas irão querer você quando você pagar a elas por isso. Talvez você possa encontra uma cabra com tesão ou algo assim em uma das outras cidades.

Ren ficou duro como uma vareta enquanto ela de afastava e o deixava ouvir a gargalhada do vendedor. Assim que ela alcançou suas amigas, as três olharam para ele e explodiram em risos. Ele levantou a cabeça, mas enquanto Kateri olhava, a dor em seus olhos trouxe lágrimas aos seus próprios.

Seu amigo foi em direção às garotas, mas Ren o parou.

— N-n-n-não f-f-f-faça isso pior.

Balançando a cabeça, seu amigo caminhou para a direção oposta, deixando Ren olhar para as costas das meninas com uma melancolia que partiu seu coração.

Kateri estremeceu sobre o que fizeram com ele. Não admira que fosse celibatário. Essas cadelas o treinaram bem em evitar as mulheres. Respirando irregularmente, ela empurrou as lágrimas para trás. O que ela poderia dizer para abrandar esse tipo de maldade? O que poderia desfazer tal crueldade?

Incapaz de conter-se, puxou-o para dentro de seus braços e o segurou bem perto.

Ren estava completamente espantado pelas ações dela. Pior, seu corpo rugiu à vida enquanto pressionava suas curvas cálidas contra ele. Ele permaneceu completamente duro, em mais de uma forma, incerto sobre o que fazer.

— Por que você está me abraçando, Kateri?

—Alguém precisa fazê-lo.

Isso apenas o confundiu ainda mais. — Eu não entendo.

Kateri puxou seus lábios para os dela, assim ela poderia dar a ele um beijo abrasador como ele nunca esperou. A intensidade disso, a sensação da língua dela dançando com a dele, o fez ficar com a cabeça leve e sem fôlego. Ele rosnou baixo em sua garganta enquanto ele envolvia seus braços ao redor dela e se deliciava com o sabor de seus lábios.

Ele não achava que algo pudesse ser melhor. Não até que ela deslizou sua mão abaixo, por seu peito e estômago, abrindo um caminho que o deixou tremendo. Então, para seu completo choque, ela o pegou em sua mão.

Completamente atordoado enquanto ela o acariciava e o tocava com os dedos através de seu jeans, ele interrompeu o beijo.

— O que você está fazendo?

—Eu estou a ponto de abalar o seu mundo.

Capítulo 10

Kateri nunca fora tão atrevida com qualquer homem até agora. Ela não fazia ideia de onde a coragem viera, mas queria acalmá-lo de uma maneira que até agora nunca quis acalmar ninguém.



Ninguém devia ser tão sozinho. Tão abandonado. Tão humilhado. Especialmente não um homem que passara a eternidade protegendo os outros.

Um homem que sangrou para mantê-la segura. Ninguém nunca dera tanto a ela, e ele mal a conhecia. Não admira que atacasse a tudo tão ferozmente. Tudo o que mundo fizera fora chutar seus dentes. Ela não conseguia suportar a crueldade que testemunhou.

Por uma vez na vida, ele precisava se sentir amado e cuidado por alguém a quem estendeu a mão.

Ela mordiscava seu queixo enquanto desabotoava seu jeans e deslizava a mão dentro para tocá-lo.

Ofegante, ele agarrou a mão dela e puxou-a para trás. Com a respiração irregular, ele balançou a cabeça. — Não.

Ela franziu a testa às suas ações.

— O que está errado?

A crua agonia em seus olhos escuros a fez condoer-se por ele.

— Eu n-n-não posso.

Sua rejeição picou-a com força. Ela sentiu a prova de que ele *podia*. Ele já estava duro e molhado. O que significava que não *a queria*.

Cerrando o punho, ela assentiu em compreensão.

— Sinto muito. Eu não quis ofendê-lo.

Ren franziu a testa ao capturar seu tom de voz, e viu em seus olhos o embaraço e humilhação. Era uma sensação que conhecia muito bem, e odiava a si mesmo por fazê-la sentir isso agora. Mas a última coisa que queria era ter sexo por pena. Essa era a única coisa pior que ser rejeitado e ridicularizado.

Mesmo sabendo que não significava nada para ela, isso o enfraqueceria ela estava interessada em transformá-lo num brinquedo estúpido para diverti-la. Era o que mais odiava sobre si mesmo. Se alguém mostrava um pingote de bondade, ele era ridiculamente leal a eles acima de tudo.

Eu sou um desgraçado...

Ainda assim, ele não queria que ela se sentisse mal. Fora uma oferta gentil. Mais do que alguém jamais lhe havia dado. Mas ele não significava nada para ela sabia disso. Ela sentiu pena dele e isso era tudo. Ela realmente não queria dormir com ele, e ele não estava desesperado o suficiente para tirar proveito de seu coração bondoso.

— Não é você, Kateri. Não é. A última vez que dormi com uma mulher, eu quase acabei com o mundo. Eu estive duas vezes possuído pelo mal e eu sei bem o que é tentar essa parte de mim. Eu não posso confiar em mim mesmo no que se refere a você. Se eu baixar a guarda, nem que seja por um instante, a escuridão toma conta de mim e eu me perco completamente.

— Eu não estou pedindo a tua alma, Ren. Eu só estou oferecendo-te conforto.

Ele riu amargamente por sua própria frágil estupidez.

— E essa é a minha fraqueza. Não seja boa para mim.



Kateri ficou ali, olhando para ele na fraca luz. Ele estava falando sério sobre isso. Ele honestamente queria que ela o odiasse. E para quê?

Medo da intimidade?

Não, não era isso. Ela podia sentir isso dentro dela. Ele morria de medo de tornar-se seu cãozinho de estimação. Porque na sua mente, ele estava tão desesperado para qualquer tipo de bondade, que uma vez dada, ele faria qualquer coisa para conseguir mais do mesmo. Como um viciado quer uma dose.

Seu coração partiu-se por ele.

— Conforto não é uma fraqueza.

— Sim, é. Nas mãos erradas, é de todas as armas a mais cruel. E eu não quero a sua bondade ou o seu conforto. Eu não preciso disso.

Mas ela não era tola. Ele queria ser segurado tanto quanto ela queria segurá-lo. Como era triste que ele não confiasse nela na mais básica de todas as necessidades humanas.

Ser aceito e valorizado.

— Não existe ninguém em quem você realmente confie?

— Só Buffalo.

A imagem do homem bonito das suas visões passou-lhe pela mente.

— O amigo que você teve quando era garoto e que te apoiou? Aquele com quem você costumava conversar por meio de *sinais*?

Seu rosto ficou pálido.

— Como sabe sobre isso?

Ela levantou as mãos para cima para assegurar-lhe que ela não se meteu intencionalmente em seu passado.

— Eu vi muito da sua vida através das visões. Eu nunca pedi por elas. Eu juro. Elas simplesmente vêm e vão, em fragmentos que eu não entendo na maior parte do tempo. Mas elas disseram-me muito sobre você. Eu até sei que Ren é um diminutivo para Renegado porque você se considera um traidor para a sua família e povo.

Ele ficou na frente dela, olhando desprovido de tudo, exceto a sua auto aversão.

— Eu não me considero um traidor. Eu *sou* um. Eu traí duas vezes todos que confiavam em mim. E eu quero dizer *todos*.

Ela não acreditou nisso, nem mesmo por um segundo.

— Seu pai nunca confiou em você.

— Meu irmão fez.

Kateri juntou as sobrancelhas enquanto tentava imaginar o que ele descreveu. Curiosamente, nunca tivera uma única visão em que seu irmão aparecesse, exceto aquela em que seu irmão esteve doente enquanto criança, e mesmo assim, seu irmão fora nada mais do que uma massa disforme debaixo das cobertas. Ela só vira alusões a seu irmão, mas nunca o rosto ou forma.

Mas a única coisa que vira e que podia sentir era ele amou seu irmão. Ternamente.

— Eu não posso acreditar que você o traiu sem uma boa causa.

Suas feições endureceram.



— Você não me conhece, Kateri. Não sabe do que eu sou capaz. Eu fiz um juramento sagrado de proteger o meu irmão e por mais de um ano eu torturei-o brutalmente.

Um arrepio desceu pela sua coluna, por o que ele disse e pelo olhar de ódio no seu rosto.

— Por quê?

Vergonha encheu seus olhos à medida que ele se afastou dela.

Como suspeitava, ele não fizera isso por prazer. Fora induzido por algo ou alguém.

— Conte-me, Makah'Alay.

Ele virou-se em sua direção mais rápido do que ela poderia piscar. Raiva contorcia seu rosto à medida que curvava seu lábio.

— Não me chame assim!— rosnou por entre os dentes cerrados. — Nunca!

Sua raiva a pegou desprevenida. Ela nunca percebera em suas visões, qualquer indício de que seu nome verdadeiro o incomodava.

— Por quê?

— Esse também não é o meu nome.— Ele voltou-se para ficar diretamente em frente dela para intimidá-la com a sua altura. Suas furiosas emoções eram tangíveis quando ele olhou para ela.

Sim, ok, ele era realmente feroz e assustador. Mas ela recusou-se a acovardar-se. Ela iria ficar cara a cara com ele, não importa o quê, porque era assim que fora ensinada.

O Cherokee não foge. Às vezes, eles podem querer. Às vezes, eles deveriam. Mas o Cherokee nunca foge. Seja qual for o perigo, você o enfrenta e combate com tudo dentro de você. Esse foi o maior legado da sua avó e estava programado no seu DNA.

— Você sabe o que significa Makah'Alay? — Na escuridão, seus olhos piscaram vermelho brilhante. Mas foi tão rápido que ela não estava certa se isso aconteceu ou se ela imaginou.

Ela balançou a cabeça.

— É a palavra Keetoowah para corvo-demônio. Desde que minha mãe não me deu um nome, e eu retornei ao meu pai por ama de leite demônio, foi o que eles me chamaram.

Ninguém lhe dera um nome?

— E sua avó?

Ele zombou amargamente.

— Não sei nada da minha avó materna. Nem mesmo a sua identidade. Quanto à mãe de meu pai... Ela se recusou a sequer olhar para mim ou a me reconhecer. Foi por isso que o meu pai me levou para o mato e me deixou lá para morrer. Depois de se recusar a dar-me um nome, ela disse-lhe que eu só traria vergonha e tristeza para o seu clã. Que eu era defeituoso e indigno de ser o filho de um chefe. E ela estava certa. Eu não trouxe nada além de miséria e vergonha a todos eles.

Isso não era um fato. Ela nunca o vira dizer ou fazer qualquer coisa nas suas visões que embaraçasse alguém. Embora pudesse às vezes atacar alguém e lutar, nunca era ele quem começava o conflito. Pelo menos não que ela tivesse testemunhado.

O que a fez pensar em algo... — Porque você torturou o seu irmão?



O olhar na cara dele derreteria um iceberg. Mas ao invés de responder à sua pergunta, ele puxou-a contra ele e segurou-a lá com mão de ferro.

Antes que pudesse perguntar o que ele estava fazendo, ela ficou presa no passado com ele.

Eles estavam numa enorme sala de jantar dourada, cheia de pessoas celebrando a chegada de uma bela mulher e sua comitiva. Vestida com um vestido amarelo brilhante que foi decorado com bordados brilhantes, a mulher entrou na sala cercada por guerreiros pintados do seu clã. Ela usava um *cocar de penas* ornamentado em ouro que se elevava em torno de sua cabeça como uma auréola. Os seus pais seguiam atrás dela, orgulhosos enquanto apresentavam-na ao chefe e seus filhos. Algo que era muito diferente dos costumes da tribo Kateri, onde o marido passava a viver com o clã da esposa quando eles casavam.

Ren estava em pé ao lado de um homem que parecia tanto com ele que poderia ser facilmente confundido com gêmeos. A única maneira de diferenciá-los era por sua postura. Ren mantinha os olhos e a cabeça baixos e os ombros caídos. Seu irmão estava em linha reta com uma arrogância que não poderia passar despercebida. Era como se ele soubesse que era o dono do mundo e ele esperava que todos se curvassem perante ele.

Mesmo Ren.

O pai adiantou-se para acolher a mulher e seus pais para a sua casa.

— Butterfly, é uma honra ter você aqui. Você é tão bonita como eles disseram. Mais ainda, na verdade.

Seus olhos escuros brilhavam como pedras preciosas no seu rosto perfeito. Ela sorriu para ele e foi deslumbrante.

— Você é muito gentil, Chefe Coatl. — Então, sedutoramente mordendo o lábio em antecipação, ela desviou o olhar para onde Ren e seu irmão estavam. — Mas ninguém me disse que tinha filhos gêmeos. Ambos são belos e fortes. Tenho certeza que eles trazem grande honra para você e para o seu clã.

Ren olhou surpreso atordoadado por esse tipo de comentário para encontrar o olhar dela. No momento em que ele o fez, o seu queixo caiu e a fome encheu seus olhos. Ele endireitou a coluna para mostrar que ele era realmente mais alto que o seu irmão. E com os ombros quadrados, tornou-se óbvio que também tinha um grande físico, mais definido. A visão dele na verdade deu-lhe certo grau de orgulho e trouxe um sorriso aos lábios de Kateri. Que amável foi Butterfly para dizer algo tão doce e fazê-lo se sentir melhor sobre si mesmo.

Um tique trabalhou no queixo do seu pai à medida que ele enrijecia indignado.

— Eles não são gêmeos, Butterfly, e eles não são nada parecidos. Acredite em mim. Ninguém iguala ao meu herdeiro, em qualquer capacidade. Ele é verdadeiramente o melhor guerreiro que já nasceu.

Ren encolheu-se como se tivesse sido golpeado fisicamente.

De costas para Ren, seu pai continuou falando com Butterfly.

— Eu temo que *eu* seja a única coisa que eles têm em comum... Eles não poderiam ser mais opostos em todas as coisas. — Seu pai pegou na mão dela, em seguida, levou-a para seu irmão, mas não antes de rudemente empurrar Ren para fora do caminho.



Murchando imediatamente para sua posição anterior, Ren olhou em volta e percebeu quantas pessoas haviam testemunhado o insulto verbal e físico do seu pai para ele. O Pai de Butterfly fez uma careta para Ren, mas não disse nada, à medida que o pai de Ren apresentava Butterfly ao seu irmão.

— É com grande honra que apresento a você meu filho o futuro chefe do nosso povo, Anukuwaya.

O orgulho do clã Wolf. Kateri respirou profundamente e finalmente compreendeu o duplo significado do nome de seu irmão. Não significava apenas o orgulho do seu clã, era um nome antigo para Coyote, o grande *trickster*.

Coyote adiantou-se para pegar a mão de sua futura esposa.

— Butterfly ... Você é realmente a mulher mais linda que já nasceu. Você honra a nossa casa por estar aqui e eu juro que vou passar o resto da minha vida certificando-me que você nunca lamentará a sua decisão de aceitar-me como seu marido. Bem-vinda.

Seu sorriso era deslumbrante.

— É o meu prazer e uma honra em estar aqui, Anukuwaya. Eu prometo que vou lutar sempre para trazer nada além do que felicidade para você e para o seu clã.— Ela virou-se expectante para Ren. Quando ninguém se moveu para apresentá-los, ela trocou um olhar, nervoso, perplexo com sua mãe, que se encolheu confusa sem entender porque ele estava sendo humilhado publicamente.

O amigo de Ren adiantou-se para lidar com sua curiosidade.

— Seu nome é Makah'Alay, e é o irmão mais velho de seu futuro marido.

— Buffalo!— Seu pai interrompeu. — Lembre-se do seu lugar!

Sempre leal, Buffalo deu de ombros inocentemente.

— Eu estava apenas sendo hospitaleiro, meu mais honrado chefe. Ela estava curiosa sobre o seu filho mais velho— Kateri se encolheu quando Buffalo imprudente bateu numa viga — e assim que eu me senti obrigado a fazê-lo. Não quis ofender ninguém.— Ele ofereceu um sorriso à Butterfly e algo não dito provocou uma faísca entre eles. A admiração mútua que deixou Kateri perguntando sobre os dois e seu relacionamento.

Coatl deu um sorriso frio para Buffalo, antes de falar com Butterfly e seus pais.

— Vocês vão ter que perdoar meu guerreiro. Desde Makah'Alay nasceu com deficiência mental, Buffalo defende-o constantemente e é a sua voz desde que ele não tem a sua própria.

Vários dos demais presentes riram e cochichavam entre si, enquanto Ren engoliu em seco. Ele apertou ainda mais em seu arco até os nós dos dedos virarem um branco puro.

— Estou surpreso que o manteve,— disse o pai da Butterfly.— Era meu entendimento que o seu povo matava tais crianças no nascimento. Fico feliz em saber que o seu clã tem mais misericórdia e decência do que fui levado a acreditar. Você é realmente um chefe nobre e admirável para ter pena de um filho tão afligido.

Coatl lançou um olhar presunçoso a Ren.

— Eu tento ser paciente, embora ele não torne isso mais fácil. Eu acredito que ele foi enviado para me lembrar de que não importa o quanto podemos alcançar em nossas vidas, todos



nós somos seres humanos frágeis no final.— Ele bateu nas costas de Coyote. — Apenas algumas semanas atrás, eu quase perdi Coyote quando ele correu para defender Makah'Alay de um feroz animal selvagem. Não existem muitos homens que arriscariam sua vida para salvar alguém tão afligido.

Com uma expressão de adoração, Borboleta sorriu para Coyote.

— Você é realmente um homem maravilhosamente corajoso. Estou emocionada por estar casando com um herói.

Coyote sorriu para ela, então olhou para Ren. Algo que parecia ser um pedido mudo de desculpa passou entre eles.

O que realmente aconteceu?

Mas Ren não lhe deu tempo para ela explorar. Ele a puxou para fora de seu passado e afastou-se dela como se ele estivesse com medo de ficar muito perto dela por muito tempo.

— Eu não me importava em ser chefe. Desde que minha mãe não era Keetoowah, nunca esperei que isso viesse a mim. Ele não podia. No entanto, por todos os direitos, Butterfly deveria ter sido minha. Como o mais velho, eu deveria casar primeiro. Mas meu pai se recusou, dizendo que eu não era homem o suficiente para sustentar uma esposa. Que eu não era inteligente o suficiente para ter uma. Então eu deixei o meu ciúme sobre o compromisso deles infectar-me ao ponto em que eu tirei coisas ao meu irmão, às quais não tinha direito. Coyote era um homem bom e decente até que eu o transformei no monstro que ele é hoje.

De alguma forma, ela duvidou.

— Por que ele deu aquele olhar quando o seu pai falou dele ter salvando a sua vida?

Ele cerrou os dentes com força suficiente para fazer os ossos do seu queixo ficarem salientes.

— Nós estávamos caçando.

— Só vocês dois?

Ele assentiu.

— Acabamos em uma luta. Coyote queria ir para o sul, onde eu sabia que havia tocas de javali feitas. Como não tínhamos o equipamento certo conosco para caçá-los, eu queria dirigir-me para leste para outra área. Ele não quis ouvir e foi sem mim. Irritado, fui para leste, mas eu continuava a ter um mau pressentimento sobre Coyote assim que eu dei a volta. De repente, o ouvi gritando por mim. No momento em que cheguei a ele, um javali selvagem tinha-o encurralado. Eu matei o javali, mas quase perdi minha vida fazendo-o. No momento em que voltei a mim, eu estava na minha cama em casa e todo mundo estava comemorando por Coyote ter salvado a minha vida.

Isso a irritava.

— Ele não disse a verdade ao seu?

— Ele tentou, mas meu pai achava que ele estava sendo humilde e não acreditou.

Kateri estreitou seu olhar no chão enquanto via em sua mente, uma versão diferente dos acontecimentos.



Coyote correu em direção à cidade para pedir ajuda a Ren. Felizmente, não muito longe de onde ele tinha deixado Ren, ele se deparou com dois homens que também estavam caçando. Ela sabia que uma dessas pessoas era Buffalo. O outro, ela já vira algumas vezes em outros sonhos, mas ele nunca falou.

— Choo Co La Tah, Buffalo... Eu preciso da sua ajuda.

— Você matou seu irmão?— Buffalo acusou-o quando viu o sangue na roupa do Coyote.

— Não!— Coyote vociferou. — Nós estávamos caçando quando Makah'Alay foi atacado por um javali. Eu consegui matá-lo, mas ele está gravemente ferido. Preciso de ajuda para carregá-lo.

Buffalo agarrou-o pelo braço e começou a correr com ele antes que ele pudesse terminar a frase.

— Mostre-nos!

Coyote os levou para onde Ren estava ao lado do javali, que estava crivado de flechas. O animal o tinha rasgado ao meio.

— Makah'Alay?— Sem ar Buffalo, aproximou-se para ver se ele ainda estava vivo.

Ren gemeu baixo, mas foi o suficiente.

Buffalo pegou e carregou-o.

— Você matou o javali?— ele perguntou a Coyote.

— Sim.

— Então por que você tem uma aljava cheia de flechas e Makah'Alay não tem nenhuma?

Coyote curvou o lábio e apontou para a lesão na sua própria perna.

— Eu também estava ferido!

Buffalo revirou os olhos.

— Do quê? Subindo uma árvore como uma cadela assustada? Você acha que nós somos tão estúpidos que não sabemos a diferença entre o corte da presa de javali e esfoladela no joelho devido a uma casca de árvore?

Coyote se virou para o outro homem que estava com eles, que recuperara o arco e a aljava de Ren encharcados de sangue.

— Choo, você acredita em mim, não acredita?

Choo Co La Tah enviou um olhar aguçado, ao Buffalo.

— Um homem sábio não questiona o seu futuro chefe.

Buffalo bufou.

— Entre sabedoria e lealdade, Choo, eu escolho a lealdade e verdade. Um dia, irmão, você vai ter que escolher também. Espero que quando esse dia chegar, você seja mais sábio do que você é hoje.

Coyote rosnou para os dois.

— Você pode não acreditar em mim, mas meu pai vai.

— Tenho certeza que ele vai,— Buffalo murmurou.

Kateri balançou a cabeça. Sim, para todas as negações de Ren, Em suas visões, Coyote não foi aquele que o apoiou.

Apenas um homem nunca tinha vacilado com sua lealdade.



— Seu amigo, Buffalo... Porque ele era sempre tão rápido a defendê-lo?

Ele era um tolo.

Ela riu de seu tom inexpressivo.

— Duvido. Diga-me, Ren. O que você fez para fazê-lo ver a verdade?

Cruzando os braços sobre o peito, Ren deixou escapar um longo suspiro antes de falar.

— Quando eu tinha catorze anos, uma terrível epidemia devastou a nossa cidade. — Foi uma das piores do que você pode imaginar. Os sacerdotes não podiam manter-se com o número de mortes, e muitos deles estavam doentes demais para ajudar alguém, por isso os corpos foram empilhados na rua. As pessoas estavam passando fome e todo mundo estava com medo de ficar doente. Desde que eu era um dos poucos que não estava doente, eu caçava e deixava a carne fresca para aqueles que não podiam alimentar-se. Uma noite, quando eu deixava alguma para a família de Buffalo, ele me pegou antes que eu pudesse ir embora.

Kateri ficou perplexa pela sua caridade, especialmente tendo em conta o quão jovem ele era e quão mal eles o trataram.

— Por que você os ajudou?

Ele encolheu os ombros.

— Eu me sentia culpado.— Eu nunca tive um frio de qualquer tipo. Nem mesmo uma fungada. Eu não sei se é porque a minha mãe era uma deusa ou porque tive um demônio como ama de leite, mas eu era sempre saudável. Durante semanas, meu pai e os sacerdotes ofereceram sacrifícios inutilmente, e eles me culpavam por trazer a doença para a cidade. Eu não queria que os inocentes fossem punidos por minha, então eu tentei ajudar o melhor que pude, deixando alimentos para as casas mais atingidas. Ele riu amargamente. Todo mundo achava que era Coyote que os ajudava. — Eles festejaram-no por sua caridade por muitos anos.

— Você nunca lhes disse a verdade?

Bufando, ele sacudiu a cabeça.

— Ninguém teria acreditado em mim e assim eu continuei em silêncio. A última coisa que eu queria era que meu pai me batesse por ter mentido sobre isso. Quando Buffalo finalmente recuperou da febre, ele veio agradecer-me. Disse-lhe para esquecer o que ele vira. Que não contasse a ninguém o que eu fizera. Ele jurou que a sua dívida seria para sempre, e que enquanto ele vivesse, ele seria o amigo mais leal já se conheceu.

Agora esse parecia ser o homem que ela vira.

— E ele nunca disse a uma única alma?

Ren suspirou com desgosto.

— Tolo estúpido. Ele nunca me ouviu sobre qualquer coisa. Ele só via o melhor em todos. E ele era um firme crente no velho adágio de que a verdade era sempre o melhor curso de ação a tomar. Então, ele tentou dizer a cidade quem realmente deixava a comida enquanto eles estavam doentes.

— E? — ela respondeu quando ele não conseguiu continuar a história.

— Seu pai bateu-lhe por mentir.



Ela ficou embasbacada com isso. Ela ia perguntar se ele estava falando sério, mas poderia dizer pelo olhar de raiva em seus olhos que ele não estava inventando.

— Por que Coyote não lhes disse que era você a pessoa que fez isso? Ele sabia que ele que não fizera nada.

— Ele disse que se eles soubessem que fora deixado por mim, não comeriam. Eles assumiriam que estava envenenado. E eu sabia que ele estava certo. Eles o fariam, e ao invés de comer o que eu deixei, eles passariam fome até a morte.

Raiva indignada por ele escurecer a sua visão. Ela realmente queria bater em alguém por ele.

— Seu irmão *não era* um bom homem, Ren. Se fosse, teria dito verdade ao seu pai.

Ainda assim, ele defendeu as ações de seu irmão.

— Você não pode dizer a verdade a alguém que não quer ouvi-lo, Kateri. Cada vez que Coyote tentou, meu pai achava que ele estava sendo gentil comigo, e humilde, então tudo que ele fez foi elevar Coyote aos seus olhos enquanto ele me baixava. Coyote sempre se desculpou e se sentia mal por isso, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Eu nunca o odiei por isso até Butterfly. Ela se tornou o símbolo do desprezo que cada pessoa sentia por mim, e era a sua presença em nossa casa que me fez perceber que eu nunca teria uma vida como os outros homens. Que ninguém jamais me iria receber como um marido. Que eu era apenas um caso de caridade a ser lamentada na melhor das hipóteses, ridicularizado na pior das hipóteses. A presença dela em casa fez-me ver que eu era um monte de nada, aos olhos de todos.

— Você não era nada.

— Não seja condescendente, Kateri,— ele rosnou. — Você não estava lá. Você pode ter tido visões sobre coisas que aconteceram, mas você não as viu realmente. Você definitivamente não as viveu. Não há sentimento pior do que ficar preso numa situação da qual não se pode escapar. Em retrospectiva, eu deveria ter encontrado a coragem de me afastar de todos eles, mas eu estava com muito medo. Fiquei pensando que, se essa era a forma como as pessoas que supostamente deveriam- me amar me tratavam, quanto pior um estranho me trataria? Sem mencionar que os não eram relacionados comigo, eram tão cruéis, se não mais. Assim, mesmo que eu sáísse, seria o mesmo para onde quer que eu fosse. Eu ficaria sozinho e proscrito— . Seu olhar frio, ele baixou a voz uma oitava. — E tive onze mil anos, de mudanças de um lugar para outro, para saber o quão certo eu estava. Nada muda, exceto os penteados e roupas.

Ela quis negar, mas ela sabia no seu coração que ele estava certo. As pessoas podiam ser incrivelmente cruéis, e apesar do que ele pensava, ela não era ingênua. Ela teve sua própria quota de comentários insensíveis ao longo dos anos.

Ainda assim, havia ainda muita coisa que ele não estava dizendo.

— Então o que você fez quando eles se casaram?

Ele encolheu os ombros.

— Eles não se casaram. Ela se apaixonou por Buffalo no momento que ele falou por mim no dia de sua chegada.

— Oh...— Ela encolheu-se internamente sobre algo que ela esperava que não fosse atribuído a ele. — Creio que isso não correu bem.



— Não. Não correu.— Ren passou a mão pelos cabelos. — Eu destruí todas as suas vidas. Mas por mim, Coyote ter-se-ia casado com ela e eles teriam uma vida boa juntos.

Ela não acreditou nele.

— Se você não o salvasse, seu pai não teria arranjado o casamento. Butterfly teria se casado com alguém de qualquer maneira.— Ela mudou-se para colocar a mão em seu rosto. — Eles foram responsáveis por suas próprias vidas, Ren. E todos, menos Buffalo foram cruéis com você. Você estava com dor e nenhum deles se importava.

Ele começou a se afastar dela, mas ela o apanhou novamente.

— Pode confiar em mim, Ren. Você pode. Eu nunca iria tirar vantagem do seu coração.

Ren queria acreditar nisso, mas como ele disse, nada mudou. Ele nunca mudou. — Eu nasci quebrado, Kateri. Eu não sou como outros homens. Eu não posso ter o que eles têm.

—Você está errado. Mas eu não vou pressioná-lo. — Ela levantou-se na ponta dos pés para colocar um casto beijo na bochecha.— Em seguida, ela sussurrou ao ouvido. — E para que conste, eu acho que você é o homem mais sexy que eu já vi.

Essas palavras significavam tudo para ele. Tudo. *Isso é apenas mais tortura para você.*

Era verdade. Sua presença. Sua bondade. Como era cruel tê-la aqui, sabendo que não havia nada que pudesse fazer para mantê-la.

E ele estava cansado de ser chutado.

— Nós temos que sair. Nós tivemos sorte que nada nos encontrou.

Ela assentiu com a cabeça. — O que você precisa que eu faça?

Fique comigo. Ele não estava certo de onde esse pensamento viera ou por que estava ali. Surgiu na sua cabeça antes que pudesse detê-lo.

— Apenas fique atenta. Eu acho que me curei o suficiente para ser capaz de nos tirar daqui.— Kateri inclinou a cabeça para ele. — Tudo bem. Dedos cruzados.

Cabeza mal chegou a casa Talon antes do céu desabasse numa furiosa chuva vermelho-sangue. Um trovão soou tão forte que abalou a casa, enquanto relâmpagos caíam repetidamente.

— Você está bem?— Talon perguntou enquanto Cabeza fazia o inventário do corpo para ter certeza que ele não tinha sido chamuscado por nada. Ou que Chacu não rasgara nada enquanto não estava prestando atenção.

— *Si. Sim* — Cabeza virou-se para encontrar a esposa de Talon, Sunshine Talon no sofá de couro preto ao lado de Acheron Parthenopaeus, que estava segurando seu filho recém-nascido. Ele revisou duas vezes o cabelo preto e curto de Ash quando uma sensação de mal-estar passou por ele. — *Madre de Dios...* é um sinal do Apocalipse. O que aconteceu ao seu cabelo? Será que alguém lhe tirou o couro cabeludo?

Nunca em todos estes séculos ele vira Acheron com cabelo curto. Não importa o período da moda ou o tempo, ele sempre tinha tido até o meio das costas.

Sempre.



— Relaxe— disse Ash com uma pitada de riso em sua voz. — Tory e eu o doamos o nosso cabelo a *Locks of Love* no primeiro aniversário de Bastian para mostrar nossa gratidão por ter um bebê saudável. Vai voltar a crescer.

Voltar a crescer?

Talvez, mas este... isto tem escrito maldade por todo o lado.

— Hey,— Sunshine disse com um largo sorriso a Cabeza. — Você deveria ter visto isso há seis meses. Ele começou como um *corte militar*.

Cabeza ficou de olhos esbugalhados e momentaneamente sem palavras quando ele tentava imaginar o bravo líder dos Dark-Hunter com um corte militar.

— Apesar de toda a merda que eu já vi nos últimos dois dias, isto é a única coisa que realmente me assusta.— Acho que só acelerou a contagem final.

Revirando os olhos para ele, Acheron entregou o bebê de volta para sua mãe, e ficou de pé. Sua longa, casaca de couro preto ficou em torno das suas Doc Martens vermelhas escuras. Apesar de Acheron ser por anos o mais velho dos Dark-Hunter, ele fisicamente era a mais jovem deles. Ele tinha apenas vinte e um anos quando morreu. E sinceramente, ele mais parecia um adolescente até que você visse seus olhos. Só eles traíam sua idade antiga...

E sua sabedoria.

Rain entrou pela parte traseira da casa. Ele ainda tinha um olho negro de onde Cabeza o tinha resgatado em Las Vegas.

— Qualquer palavra sobre Teri?— Ele perguntou Cabeza.

— É pior do que pensávamos. Eles estão em Xibalba.

Acheron amaldiçoou.

— Não admira que eu não conseguisse encontrá-los com meus poderes.— Ele olhou para Rain para explicar. — Eu não posso ver dentro de outro panteão do inferno sem ir lá fisicamente.

Talon soltou uma risada nervosa.

— Eu tento evitar descer em reinos do inferno, tanto quanto possível.

Ash sentiu uma comichão na parte de trás do pescoço, como se esse comentário o fizesse sentir desconfortável por alguma razão.

— Por curiosidade, você sabe em que nível estão?

— Tanto quanto eu posso dizer, no primeiro.

Ash soltou um suspiro de alívio.

— Você acha que Ren fará melhor do que descer ao quarto nível?

Cabeza pensou sobre isso. Ash estava certo, se Ren e a Ixkib descessem abaixo do nível da água, não haveria volta. Eles ficariam em Xibalba para sempre.

— Como é Maia, eu não contaria com isso. Ele pode até não saber onde ele está.

— Bem— Talon disse, — nós podemos olhar para o lado positivo.

Isto Cabeza, teve que ouvir.

— E isso seria?

— Ninguém pode alcançar a pedra do tempo, certo?

Cabeza inclinou a cabeça para ele.



— Verdade. Mas há um problema.

— E isso seria?— Perguntou Talon.

— Se ela não chegar até o templo até ao final da semana, os Daimons não serão o nosso pior receio, *amigo*. Imagine que cada pedaço de mal conhecido de todos os panteões soltos simultaneamente nesta terra. Cada demônio e predador que foi colocado para baixo pelos sacerdotes e xamãs durante séculos...

Ash ficou completamente paralisado com aquelas palavras.

— Há algo de errado?— Talon perguntou.

Ash não respondeu. Em vez disso, ele desapareceu do quarto onde eles estavam reunidos, e voltou ao seu próprio reino. Katateros. Era o refúgio no reino da Atlântida onde os deuses já haviam governado a ilha e fizeram guerra contra o panteão Grego.

Foi aqui que a mãe de Ash, Apollymi, havia destruído sua família sobre o que eles fizeram para Acheron, quando ela fora forçada a escondê-lo no reino humano.

Usando seus poderes de deus, ele abriu as portas ornamentadas do salão principal e atravessou o átrio, onde o símbolo de seu poder estava. No momento em que ele o fez, as calças jeans e camiseta transformaram-se nas vestes antigas de seu povo e o seu próprio símbolo de um sol perfurado por três relâmpagos apareceram na parte de trás dela.

— Alexion!— Ele chamou à medida que ele entrou na sala do trono.

Seu amigo e servo apareceu imediatamente. Apenas três polegadas mais baixo do que Acheron, Alexion que fora um antigo soldado grego e foi um dos primeiros Dark-Hunters que Artemis tinha criado.

Ele também foi o primeiro Dark-Hunter que morreria sem sua alma. Para salvá-lo do sofrimento por causa de seu erro, Acheron trouxe-o para Katateros, onde Alexion viva uma existência não corpórea. Embora não fosse o ideal, não era tão ruim como a alternativa.

Seus cabelos loiros despenteados, Alexion ainda estava abotoando a sua camisa.

— O que há de errado, akri? Você nunca berrou assim. Simi comeu alguém que ela não deveria?

Ash passou a mão no antebraço sobre a tatuagem de dragão que era Simi em seu estado adormecido. Ela era seu demônio Charonte e sua guarda-costas pessoal.

Mas mais do que isso, ela era sua filha, e ele faria qualquer coisa para protegê-la do mal.

— Não, ela está bem. Era com você que eu estava preocupado. Aconteceu alguma coisa?

— Como o quê?

Ash não queria assustá-lo, mas ao mesmo tempo, ele poderia não ter uma chance de avisar o seu guardião do que poderia acontecer nos próximos dias.

— Os deuses podem despertar.

Alexion congelou por um minuto inteiro. Então ele piscou.

— Você quer dizer que as estátuas assustadoras do porão vão começar a se mover?

— Se eles não zerarem o calendário a zeros, sim.— Isso é exatamente o que vai acontecer. E quando o fizerem, eles vão ficar fulos.

— Bem, isso é uma merda.— Alexion suspirou. — Eles não são amigáveis conosco, são?—



Ash balançou a cabeça. — Eles têm um enorme rancor contra mim e minha mãe. Talvez eles possam poupar você.

Alexion riu nervosamente.

— Eu sou grego e eles nos odeiam eu vou tomar isso como um grande elogio. Eles passaram muito tempo tentando nos matar. Então, como vamos parar com isto?

— Temos de recuperar o filho de Sterope do reino do inferno Maia, junto com a prima da Sunshine.

Fingindo rir, Alexion deu um tapa em sua coxa.

— Você é hilariante, chefe. Você deveria fazer comédia. Pare, pare, você está-me matando.

— Ash pressionou os seus dedos na testa. Embora ele não pudesse ter dores de cabeça, agora, ele jurou que tinha uma enxaqueca. — Em momentos como estes, eu queria que você estivesse corpóreo para que eu pudesse dar-lhe um tapa cabeça.

Alexion ficou sóbrio.

— Falando seriamente, você pode ir lá?

— Sim e não. Eu *posso*, mas eu não sei o que minha presença nesse reino poderia desencadear. Os deuses Maias ficaram inativos como os nossos. Mas eu não sei se isso significa que eles estão dormindo ou estão presos como a minha mãe. Se eles estiverem presos...

— Um deus estrangeiro no seu domínio é uma coisa feia.

— Exatamente.

— Então, quem saberia a resposta?

Ash considerou.

— O responsável Chthonian por eles está morto. Obrigado, Savitar, pela *TPM*.

— Ah... Então qual é o Chthonian responsável pela América do Sul, e eles são amigáveis?

— Ecanus, e ele não está do nosso lado. Ele é muito parecido com Savitar e ele se retirou do mundo para deixar que as coisas seguissem seu curso. Como a maioria dos seus deuses não estão ativos, ele também não está. Enquanto os outros Chthonians ficarem fora do seu território, ele não vai descer da sua casa na montanha.

— Ah... Então, quem é que conhecemos que pode ir buscar o nosso menino?

— Eu posso ir.

Eles voltaram-se para verem Urian de pé na porta. Alto, e letal, ele tinha cabelo branco-loiro e longo que usava em um rabo-de-cavalo.

Ash respirou profundamente.

— Você é também um filho de um deus.

— Metade-deus, e eu estou morto e sem alma. Não tenho nenhuma lealdade a qualquer panteão— Urian elevou o seu rosto para cima. — Exceto o seu, é claro, mas ninguém dá a mínima para os atlantes, sem ofensa.

Sem ofensa... Porque as pessoas sempre usam essas duas palavras, sempre que eles sabiam que estavam sendo ofensivos, como se fosse desculpado o seu comportamento?

Alexion riu antes que se dirigisse a Acheron.



— E eu que pensava que eu tinha a minha própria maneira de irritá-lo.— Ele riu de novo. — Caramba, Urian, você faz parecer isso tão fácil.

Urian mostrou-lhe o dedo.

Ash ignorou os dois homens, que discutiram como irmãos na maioria das vezes.

— Você realmente quer ir fazer isso?— Ele perguntou ao Urian. — Da última vez que eu verifiquei, você só queria matar a humanidade, não protegê-los.

Urian encolheu os ombros.

— O meu pai reajustou a minha atitude. E você vai precisar de alguém que pode manejar os poderes de fontes principais para tirá-los de lá. Alguém que está acostumado a entrar e sair dos reinos do inferno.

Urian foi definitivamente um especialista nisso. Seu pai era o líder dos vampiros Daimons os Dark-Hunter foram criados para lutar contra eles. Durante séculos, Urian tinha sido sua mão direita, até que Stryker matou a sua mulher, porque Urian mentiu ao seu pai para protegê-la.

E se isso não fosse sangue-frio o suficiente, então Stryker deixou Urian para morrer. Se não fosse por Ash, Urian não estaria aqui agora.

Mas mais do que isso, Urian era o neto de Apollo, O Deus Grego do Sol e das Pragas. Mandá-lo lá poderia não ser um mau pensamento, desde que não se sabia que tipos de pragas estariam sobre Ren. Se houvesse alguém que pudesse controlá-la, esse seria Urian.

— Tudo bem, mas você vai precisar de alguém para ajudar a encontrá-los.

— Vou chamar Sasha. No pior dos cenários, como eu, não tem ninguém para chorar a sua alma, ele deve morrer valentemente por esta desenfreada estupidez.

Ash estreitou seu olhar sobre uma das poucas pessoas em quem confiava e um dos poucos de um punhado que ele considerava família.

— Isso não é verdade e você sabe disso.

— Eu não estou falando de amizade, Acheron. Nós morremos, e todos vocês superaram isso. Não é o mesmo que perder o seu cônjuge ou um filho. Como eu disse, não temos ninguém para nos chorar.

Ash fez uma careta para a dor que ele sabia que Urian vivia a cada dia. O homem assistira, enquanto um por um dos seus irmãos e mãe morrerem ou serem mortos. Ele perdera dois filhos adotivos e inúmeros amigos. Mas, mais do isso, Urian perdera sua mais que amada Phoebe.

Seu coração doía pelo homem, Com o polegar, Ash girou o anel de casamento em seu dedo. Enquanto ele soubesse quanto à perda de Phoebe danificou Urian, ele agora, por causa da sua esposa Tory, tinha uma nova perspectiva sobre isso e ele ficou horrorizado. O simples pensamento de perder sua esposa abriu um buraco tão profundo que ele estava espantado como Urian ainda estava de pé.

E ele não podia sequer pensar em perder o seu filho sem querer matar todos à sua volta. Pela primeira vez em seus onze mil anos de vida, compreendeu plenamente a raiva de sua mãe, por causa dele. Se alguma coisa acontecesse com sua família, ele faria com que a ira da sua mãe parecesse como uma brisa suave de verão.



Todos os dias Urian se levantava e dirigia-o de maneira que os seus pensamentos não o enfurecessem com o mundo, o que já era uma vitória para ele. Ash nunca conheceu alguém mais forte, e ele respeitava o homem imensamente.

— Quero que vocês dois tenham cuidado e levem Cabeza com vocês. Vocês vão precisar de alguém que conhece o panteão e quem pode falar e ler a língua deles.

Urian zombou.

— Eu leio e falo grego, Acheron. Diga-me o que na terra é mais difícil do que isso?

— Olmeca e maia. Você já alguma vez tentou?

— Isso seria... Não. Nunca tive uma razão para isso. Além disso, eu pensei que eles eram alienígenas.— Alexion bufou. — Ele recentemente está vendo muito o canal *History Channel*.

Urian enrolado o lábio.

— Tenho que fazer alguma coisa para não ouvir você e sua esposa. Desejaria que vocês tivessem um quarto com isolamento acústico. Embora eu ainda queira descobrir como dois seres não corpóreos conseguem... Esquece. Eu não quero chegar lá.

— E com essa nota, eu vou voltar para o reino da humanidade para ajudar a combater o que já está sendo desencadeado contra eles.

— Você está trazendo Tory e Bas aqui para ficarem protegidos? — Alexion perguntou.

Ash balançou a cabeça.

— Eu os enviei à minha mãe quando tudo isto começou. Se nós falharmos, eu acho que é o lugar mais seguro. Pelo menos eu sei o quão longe ela irá para protegê-los.

— É verdade. Tudo bem, eu vou ver as estátuas e deixar você saber se alguma delas se mexe.

— Por favor, faça.

Urian inclinou a cabeça para Acheron.

— E eu estou fora para reunir-me com Sasha e Cabeza.

Ash não se moveu quando os dois desapareceram para atender às suas funções. Ele passou a mão sobre sua Simi em forma de tatuagem e considerou enviá-la também à sua mãe. Mas ele sabia que não. Simi nunca iria deixá-lo sozinho para a batalha que estava por vir de encontro a eles, e isso o incomodou mais. Não importa o quão duro ele tentasse, ele nunca poderia deixar-se esquecer de que ele fora a única razão para Simi não ter mãe, que Simi fora uma órfã antes que ele a adotasse. Sua mãe morreu tentando manter Apollo afastado dele.

A pobre Charonte falhou, mas pelo menos ela tentou.

Toda vez que ele olhava para Simi, ele via o rosto da sua mãe e culpa o esfaqueava arduamente. Era por isso que ele não podia privá-la de nada, exceto a morte de outras criaturas. Essa foi a única coisa que a proibiu que fizesse. A menos que a ameaçassem primeiro, nesse caso então era aberta a temporada de caça a eles e Simi poderia pegar o molho churrasco Sance e tê-los. Sem nenhuma barreira.

Fechando os olhos, ele tentou ver o futuro, que para ele não deveria ser um problema. Mas porque envolvia muitas pessoas com que ele se preocupa, não viu nada.



A única coisa que ele podia sentir era o coração do mundo que batia como um zumbido sólido sob seus pés. Ele vibrava através dele à medida que as constelações eram alinhadas e os portões começavam a enfraquecer.

O mal estava chegando e ele não faria prisioneiros.

Deixe a guerra começar...

Capítulo 11

Ren amaldiçoava sob sua respiração. Nunca em sua vida se sentira mais inútil, o que basicamente dizia tudo sobre a sua situação e sua incapacidade para tirá-los deste Reino.

— Sinto muito, Kateri.

— Hey... — Ela o fez parar enquanto caminhavam por uma floresta sem fim. — Você não precisa pedir desculpas por algo que você não pode evitar. Nós vamos conseguir. Nós o faremos.

— Como pode ter tanta fé?

— Oh vamos lá, você derrotou a morte e voltou à vida. Você também tem que ter fé. Eu sei que você tem.

As bordas de seus lábios tremeram com as suas palavras. Espantado com a sua capacidade de encontrar diversão e para fazer luz em uma situação extremamente difícil, ele olhava para os seus olhos bonitos que o faziam arder.

Afaste-se dela. Agora!

Por uma vez, não ouviu. Antes que pudesse parar, beijou-a. O cheiro de sua pele e o sabor da sua boca enviaram o seu corpo ao êxtase. Tudo à volta deles estava errado. Tudo. Seus principais poderes não estavam funcionando. Eles tinham os demônios atrás deles. O Primeiro Guardião estava desaparecido. Choo foi capturado...

E ela o fazia sentir-se no céu em meio ao inferno. Não fazia sentido. Devia odiar a si mesmo por sua incompetência, mas quando ele olhou para ela, ele não viu desdém ou desprezo. Ele viu amizade. Bondade. Encorajamento.

Pior de tudo, o mesmo desejo que ele tinha por ela.

Em vez de fazê-lo sentir-se culpado por coloca-los nesta situação, ela sorria e respondia com piadas que iluminavam o seu espírito. Ela não iria chamá-lo de estúpido ou inútil. Ou acusá-lo de condená-la a isso.

Ela fazia-o sentir-se como o homem que ele sempre quis ser. Como talvez, apenas talvez, ele tinha algum grau de valor e sentido. Que ele era digno de ser acarinhado.

Voltando, ele enterrou o rosto na curva de seu pescoço para que ele pudesse sentir o cheiro fraco dos vestígios do seu perfume. Valeriana foi sempre um dos seus perfumes favoritos, e nela...

Sua boca ficou molhada.

Kateri segurava Ren tão perto que sentia seu coração batendo contra os seus seios. Era um longo tempo desde que estivera próxima de um homem. Não onze mil anos, de qualquer forma,



mas alguns poucos meses. A única coisa que ela e Fernando compartilharam era sua filosofia de que o trabalho vem primeiro, não importa o quê. Que havia ainda muitas descobertas a serem feitas e papéis a serem escritos. Palestras a serem dadas e crianças a serem encorajadas. Ela encontrara um homem que pudesse respeitar isso. Um que a compartilharia com seu cronograma de trabalho.

Você é uma geóloga. Porque diabos tem que trabalhar à noite e nos finais de semana?

Trabalhos de pesquisa e preparação de aulas a esperavam, e escrever tomava uma grande parte de seu tempo. Por razões que não entendia, encontrava-se presa em estranhas distorções do tempo. Ela sentava-se e começava a escrever, então a próxima coisa que sabia, era que cinco horas mais tarde e seu telefone estava vibrando ou tocando com uma chamada ou mensagem de texto sobre por que não estava em casa ou onde quer que fosse que devesse estar. Era como se o mundo parasse de se mover sempre que trabalhava, e sentava-se ainda por mais horas a fio sem se levantar ou às vezes nem piscava.

Mas a simples verdade era que nenhum dos homens com quem saiu valia a preocupação em perder tempo conhecendo-os. Ainda que no início, sair com eles fosse divertido, invariavelmente começavam a reclamar de sua agenda, crenças e hábitos estranhos ao ponto dela bater a porta correndo para escapar deles. Eles nunca foram a sua prioridade.

Ren era diferente.

Suas crenças fizeram-na parecer normal. Se ela fosse falar sobre corvos zombeteiros, em vez de rir ou revirar os olhos, ele provavelmente trataria alguns deles pelo primeiro nome. E a pedra da lua, que ele deu a ela e disse que entendia seu fascínio por rochas e minerais. Que sentia o poder que carregavam e sabia o que significava possuir uma no meio de uma crise. Ele conseguiu.

Acima de tudo, ela o achava fascinante. As coisas que ele sabia... as coisas que podia fazer. Ela não pensou sobre o trabalho uma única vez enquanto estavam juntos.

Bem, ok, considerando que eles estavam correndo para salvar suas vidas, mas ainda...

Ele prendeu a sua atenção completamente. Por ele, ela ficaria feliz em colocar de lado sua pesquisa. Para fazê-lo sorrir um sorriso real, ela chegaria atrasada à aula. Quão doente isso era?

Ela mal o conhecia e ainda... estava com ele há anos. — Você já teve visões comigo?

Ele se afastou para olhar para ela. Acariciando o maxilar dela com a sua mão grande, com o polegar ele brincou com o seu queixo. A princípio, achou que ele não fosse responder. Mas após uma breve pausa, deu um aceno sutil.

— O que você vê?

O primeiro pensamento de Ren foram as imagens dela o matando. Agora pelo menos entendia por que nunca lutava para sua vida. Mas aqueles não eram os únicos sonhos que tivera dela.

— Vi você em um vestido amarelo com beija-flores e um suéter amarelo combinando. Você era um jovem adolescente e tinha fitas amarelas no seu cabelo. Estava feliz com alguma coisa e jogou seus braços em torno de um homem mais velho.

Um sorriso cativante curvou seus lábios, lembrando-o como ela parecia em sua mente.



— Meu aniversário de dezesseis anos. Minha avó fez esse vestido para mim. Eu o odiava, mas eu não queria magoá-la assim que eu o usei.

— E o homem?

— Meu padrasto. Ele adotou-me bem antes de minha mãe morrer. É por isso que meu último nome é Avani. Ele era de Nova Delhi e brincava o tempo todo sobre qual de nós era mais indiano.

— O que aconteceu com ele?

— Morreu de cancro, enquanto eu estava na faculdade.

— Sinto muito.

Ela engoliu dor que a sufocava. Ela o amava tanto... Todos os dias, ela sentia terrivelmente sua falta. — Obrigada. Ele era um homem bom. Casou-se com a minha mãe quando eu tinha quatro anos e você nunca soube que não era meu pai biológico.

— Você estava em um baile com ele quando era mais velha. Você usava uma saia curta azul e blusa branca.

Ela assentiu.

— Era baile de caridade entre pais e filhos que foi patrocinada pela sua empresa.

Ele franziu a testa.

— Por que você começou a chorar durante uma das danças? Ele machucou os seus sentimentos?

— Oh Deus, não. Ele tinha acabado de ser diagnosticado com câncer e eles começaram a tocar a canção de Bob Carlisle, — Butterfly Kisses⁸².

— Eu não conheço.

— É uma canção sobre uma mulher e seu pai e — Ela rompeu num soluço.

— Shhh — disse ele, puxando-a de volta em seus braços. — Sinto muito, Kateri. Não queria fazê-la chorar.

— Não, está tudo bem. — Ela conteve as lágrimas. — Queria que tivesse conhecido um pai como ele, Ren. Ele era tão bom para mim. Não há um dia que passe que eu não sinta sua falta, tanto quanto eu sinto da minha mãe e da minha avó. Tive muita sorte em tê-lo. E ele amava minha mãe mais do que você pode imaginar. Até o dia que ele morreu, levava a foto casamento em sua mesa, e seu único pedido para o seu funeral foi para eu colocar uma foto dela sobre o seu coração e suas mãos sobre a foto. Lembro-me de perguntar uma vez, anos depois de sua morte, por que ele nunca saiu com alguém. Ele me disse que encontrou sua alma gêmea perfeita e que não havia nenhuma razão para tentar encontrar outra. Nenhuma mulher jamais significaria tanto para ele como minha mãe e que não havia espaço em seu coração ou em sua vida para mais ninguém. Ficar comigo era um trabalho de tempo integral e era o único trabalho que ele realmente queria.

Ren não tinha maneira de se relacionar com o amor que ela descreveu. Mas soou incrível.

— Eu estou feliz porque ele foi bom para você.

Kateri explodiu em soluços profundos, dolorosos.

⁸² Butterfly Kisses - <http://youtu.be/wioB4AQsYzq>



O que é que eu fiz? Ren recuou e segurou-lhe o rosto com ambas as mãos em concha. Nunca se sentiu tão perdido. Não teve a intenção de machucá-la com os seus comentários. Estupidamente, ele pensou fazê-la se sentir melhor. Passou tão pouco tempo em torno das mulheres que não tinha ideia de como ajudá-la. Será que todas as mulheres faziam isto?

Era normal? Ou a magoou com sua ignorância?

E ainda soluçava como se algo dentro dela se houvesse partido. O que podia dizer? Depois do que aconteceu, ele estava apavorado até mesmo de tentar.

— Não olhe para mim— ela lamentou.

Ele libertou-a e começou a se virar.

Ela agarrou-o e atirou-se em seus braços. Ele ficou ali, atordoado. Tudo bem. Ela queria que ele a segurasse, mas não olhasse para ela. Estranho, mas tudo bem.

Droga, Sundown, onde você está quando eu preciso de conselhos? Certamente, o seu amigo casado teria uma pista.

Talvez...

Ren buscava em sua mente por algo que pudesse fazer para acalmá-la. A única coisa que podia se lembrar de era de ver as mães com as suas crianças chorando. Elas as seguravam e balançavam.

Aconchegando-a em seus braços, ele a levou para uma pequena clareira e sentou-se para segurá-la no colo. Ele tirou o cabelo do rosto, enquanto ela soluçava contra seu peito e se agarrou a ele. Nossa, tudo isso porque ele pensava que era um comentário inócuo que iria animá-la. *Você nunca vai entender as pessoas.*

Isso definitivamente era verdade. Eles nunca fizeram sentido para ele de forma alguma.

Então, ele segurou-a contra ele e balançou-a gentilmente, esperando que eles não fossem atacados até que ela tivesse terminado.

Kateri odiava que ela caísse por terra assim. Era o que ela mais odiava sobre o luto. A maioria dos dias, ela estava bem. Mas de vez em quando, uma visão ou um cheiro a emboscavam, ou ela ouvia uma música, via algo que evocava uma memória enterrada, e era mais uma vez atingida por quanto sentia falta deles. O quanto ela os queria de volta e o quanto odiava que nunca fosse vê-los novamente. Não era justo. Outras pessoas mantinham os seus pais a maior parte das suas vidas. Mas não ela. Até ontem à noite, ela nunca sequer conhecera seu pai biológico.

E tão ruim como era, não podia imaginar a dor de não tê-los afinal. Isso a fazia pensar no que era pior. Não saber o que estava perdendo ou saber exatamente o que se sentia ao ser amada e cuidada e depois tê-los roubados brutalmente para longe de você.

Ela cobriu os olhos com a mão dela e gemia em que um caso perdido que tem de olhar para o pobre Ren.

— Eu sinto muito, querido. Os últimos dias têm sido horríveis. Estou cansada. Estou com medo, e perdi um bom amigo antes disso tudo acontecer.

Ren não respondeu. Ele só ficava balançando-a.

Franzindo a testa, ela limpou os olhos e olhou para ele.



— Você está bem?

Ele balançou a cabeça, em seguida, afastou as suas lágrimas.

— Então porque você não está falando comigo?

Pânico atravessou suas feições. Ele desviou o olhar, como se tentando pensar em uma resposta.

— Ren? Fale comigo.

Seus lábios crispavam antes que ele finalmente falasse em um tom baixo.

— Eu não quero dizer a coisa errada de novo e fazer você chorar mais.

A doçura pura e inocente arrancou outro soluço dela.

— Ah, veja agora o que eu fiz. Sinto muito, Kateri. Eu não vou dizer mais nada. Eu prometo.

Ela deitou a cabeça em seu ombro e colocou os braços em volta do pescoço.

— Não é você, baby. Você não fez nada, absolutamente nada de errado. — Ela o abraçou apertado, desejando fazê-lo entender. — Tudo o que você fez foi maravilhoso.

Ren sabia que ela estava falando, mas ele não conseguia distinguir as palavras. Não depois que ela chamou de baby e querido. Ninguém nunca usou termos carinhosos com ele antes. Até agora, o mais perto alguém chegou era chamá-lo de amigo ou irmão.

Mas o baby...

Ele nunca fora baby de ninguém.

— Você está me ouvindo?

Você provavelmente deve dizer sim. Essa seria a coisa mais inteligente a fazer. Mas, por alguma razão estúpida a verdade veio à tona antes que pudesse detê-la.

— Hum... Não.

— Por que você está deixando-me de fora? — Ela retrucou com fúria iluminando os seus olhos.

Ren moveu sua mandíbula, tentando explicar, mas as palavras não deixaram seus lábios enquanto ele gaguejava sobre as palavras. *Por que eu sempre faço essa merda quando eu quero menos parecer um idiota?*

Ele esperava que ela ficasse com raiva. Em vez disso, ela o beijou sem sentido. Cada parte dele entrou em aceleração e o seu pau endureceu.

Ela se afastou.

— O que você estava tentando dizer?

Calor escaldou seu rosto. — Eu não ouvi nada depois de você me chamar de baby.

Kateri colocou a mão sobre seu rosto e viu a angústia no seu rosto. Seu coração balançou. Dado o que vira da sua vida, estava disposta a apostar que era a primeira vez que alguém usava uma palavra de carinho dirigida a ele. Enquanto a maioria das pessoas crescia sendo chamada de “docinho” e “querida” pelos outros, ele nunca teve isso, e isolou-se a tal ponto que provavelmente ainda não fora tratado assim nem por uma garçonne, muito menos alguém que realmente se preocupasse com ele.

— Conheço esse lugar lá no fundo, onde parece que ninguém se importa. Ninguém o vê. Ninguém o conhece. Mas eu o vejo, Ren, e me importo. Sei exatamente como é se sentir sozinho



neste mundo. — Ela riu amargamente quando se lembrou de algo que o Fernando lhe disse sobre um dos mais influentes inovadores no campo da arqueologia e da antropologia. — Margaret Mead disse uma vez que uma das mais antigas necessidades humanas é ter alguém que saiba quando você está voltando para casa à noite.

Ela sorriu para ele.

— Não há nada mais solitário do que uma casa vazia quando se está indo para a cama. Eu perdi todos que já amei e estou morrendo de medo com o pensamento de deixar você ou qualquer outra pessoa entrar no meu coração e me machucar desse jeito novamente. Porque cada vez que perco um deles, uma parte de mim vai para a sepultura junto com eles e eu não tenho a certeza quanto mais ainda resta de mim. Mas eu estou disposta a dar esse salto de novo... *por você*.

Ren engoliu quando entendeu o a levou a desmanchar-se em lágrimas. Ninguém nunca disse nada tão gentil a ele. As suas palavras tocaram em um lugar dentro dele que não sabia que existia. Uma parte dele que nunca foi tocada antes.

— Eu nunca poderia machucar você, querido — ela suspirou.

Nesse momento único, estava completamente perdido por ela. *Eu sou tão fodidamente idiota*. Nem sequer tomou a iniciativa, desta vez, e não fizera nada para atraí-la para perto dele, mas de alguma forma ela já estava lá. Não tinha ideia de como é que isso aconteceu, mas ele era basicamente um caso perdido desde o primeiro momento que ela sorriu para ele.

— Você não vai dizer nada?

Ren não podia confiar na sua voz. Então, ao invés, a beijou de forma lenta e suave, saboreando cada golpe de sua língua contra a dele. Ofegante, colocou suas costas contra o chão e a cobriu com seu corpo. Estrelas cegaram-no quando um prazer inacreditável rasgou através dele.

Kateri sorriu quando Ren deixou seus lábios e trilhou beijos quentes em seu pescoço. Se ela não tivesse entendido por que ele não falava, estaria ofendida. Mas esse não era o seu caminho. Ele era um homem de poucas palavras. Ele falou através das suas ações, não com a sua voz. De certa forma, ela preferia assim. Não houve maneira de interpretar mal a sua ternura.

Lentamente ele desabotoou a sua camisa, então passou a mão sobre os seios. Arqueando as costas, ela gemeu por sentir-se tão bem. A fome em seus olhos estava queimando enquanto ele lutava com o seu sutiã.

Ela sorriu com a sua confusão. — Ele fecha na frente.

Ele ainda não tinha ideia.

— Eu acho que eles não tinham destes em sua época, hein?

— Não. É como quebra-cabeças.

Rindo, ela tirou as mãos dele e mostrou-lhe como abri-lo.

Ren respirou profunda e bruscamente ao ver os seios nus. Ele achou que parte do seu tamanho era de preenchimento, mas definitivamente não era verdadeiro, e enquanto ele não tinha muita experiência nesse departamento, ele sabia que ela era bem dotada.

— Você é tão bonita.



Ela pegou a mão dele na dela e levou à sua boca para que ela pudesse beijar, em seguida, beliscar as juntas. Um arrepio passou por ele. Ela voltou a por a mão dele no seu peito antes de puxar a cabeça dele para mordiscá-lo nos lábios. Se pudesse, ele morria agora, neste momento perfeito de sobrecarga sensorial.

Kateri sentiu os músculos de sua mandíbula apertar quando ele fechou os dentes. Porra, ele era o homem mais sexy de quem ela já esteve perto. A força crua e poder. A inocência adorável e vulnerável que não deveria existir dentro de alguém como ele. Combinados no pacote mais irresistível que se possa imaginar.

Querendo agradá-lo, ela puxou-lhe a camisa, através da cabeça, em seguida, virou-o de costas. Ela fez uma pausa quando viu as cicatrizes e lesões crivadas em seu corpo. Mas a cicatriz que torceu seu coração estava no centro de seu peito. Pontuda e crua era maior do que o seu punho.

Com a sua mão trêmula, passou os dedos sobre o seu coração em cima da cicatriz. No momento em que ela o fez, uma visão brutal veio para ela com tamanha clareza, que a surpreendeu... Ren e Coyote estavam em uma grande sala de jantar, onde lutavam sobre o cadáver de um homem que fora espancado de tal maneira que ela não poderia dizer quem era.

Seu corpo estava todo coberto de sangue, Coyote sorria desdenhosamente para Ren, que ficou surpreso com horror com o que o irmão fez.

— Isso é tudo culpa sua — Coyote desdenhou. — Você e o seu ciúme mesquinho. Por que você não poderia ter ficado feliz por mim? Apenas uma vez na sua vida miserável. Por quê? Se você tivesse nos deixados sozinhos, nada disso teria acontecido. Não teria havido Espírito Grizzly. Não havia necessidade de Guardiões e ele — Coyote apontou para o chão com a faca — não teria vindo aqui para reclamá-la.

Ren não respondeu. Seu olhar estava fixado para o vermelho nas mãos do Coyote. Foi de lá para o chão, onde...

Buffalo jazia morto numa poça de sangue. Ela só sabia a identidade do homem porque o sabia Ren.

Ele estremeceu com tristeza implacável que rasgava através dele.

— Como você pôde fazer isso? Ele era um Guardião. — E era o meu melhor amigo do mundo. A única pessoa que ficou com ele, sem sequer duvidar.

Mesmo quando mal reivindicou a posse de seu corpo e ele o havia servido de bom agrado, Buffalo ficou com ele. Protegendo-o.

Agora ele jazia morto pelo próprio irmão de Ren.

Minha crueldade o deixou louco.

Seu irmão era puro e decente até que Ren o torturou. É tudo minha culpa. Tudo isto.

Coyote cuspiu no corpo de Buffalo.

— Ele era um bastardo e roubou o coração dela de mim.

Ren balançou a cabeça lentamente, com a culpa e tristeza o partiam ao meio.

— Corações nunca podem ser roubados. Eles só podem ser dados.

Coyote zombava dele.



— Você está errado! Esse é o seu ciúme a falar.

Mas não era. Ren aprendeu a banir isso. Ele já não sentia mais nada, exceto a culpa e o remorso.

Agora era tarde demais. Ele destruiu tudo que havia de bom em sua vida.

Tudo.

Doente de seu estômago foi para Buffalo e se ajoelhou ao lado dele a sussurrar uma oração pequena sobre seu corpo.

Um grito estridente ecoou pela sala.

Olhando para cima, Ren viu Butterfly enquanto corria para perto de Buffalo. Ela soluçava histericamente, jogando-se em cima dele. Não prestou qualquer tipo de atenção quando o seu sangue embebia nas suas roupas e deixou-a coberta dele.

Suas feições torcidas pela raiva e tristeza, ela olhou para Coyote.

— Por quê? Por quê? Por que você me machucou tanto?

Coyote enrolado o lábio.

— Você arrancou o meu coração.

— E você matou o meu. — Ela colocou-se sobre Buffalo e chorou com gritos estridentes que arripiaram os pelos dos braços de Kateri.

Ren se levantou e deixou-a lá para lamentar enquanto enfrentava o seu irmão.

Esse foi seu erro. Ele não pensou no que aconteceria se fosse permitido a Butterfly chorar sua miséria até aos deuses e espíritos. Por chorar e gritar pela perda de Buffalo.

Mas agora era tarde demais. As portas da sala abriram em explosão. Através delas veio um vento uivante, dançando em torno das suas brancas peles que cobriam os seus corpos. Esses ventos se uniram para formar dois trompetistas que tocavam os trompetes para anunciar a criatura mais temida de todas.

O Espírito Vingador. Algo que só poderia ser convocado pelos gritos de uma mulher injustiçada que queria vingança contra aqueles que a machucaram.

De aspecto nebuloso, ele estava todo banhado de branco. Seu cabelo, a pele translúcida que cobria seu rosto esquelético. Suas penas e camurça. A única pausa da cor foi o bordado de pérolas azul-escuro ao longo do seu pescoço.

— Por que é que eu fui convocado?— ele exigiu.

Butterfly olhou para cima. Seu belo rosto contorcido pela dor, ela agora parecia velha e cansada. O cabelo dela explodiu em torno de seu corpo quando ela nivelou um olhar furioso para eles.

Ela apontou o dedo para o irmão de Ren.

— O Coyote matou o meu coração. Então, eu quero o seu como forma de pagamento para que ele tomou injustamente.

O Espírito Vingador inclinou-se para ela. Então ele se virou em direção ao homem. Seu rosto mudou de um velho magro, com cabelo pegajoso para o rosto do mal absoluto. Ele abriu a boca e ele caiu no chão, contorcendo e alongando suas feições. A visão deixou Kateri horrorizada. Esqueça Hollywood, este era mais assustador do que qualquer coisa jamais concebida por Wes



Craven⁸³...

Da sua boca voou uma águia gigante com um guerreiro solitário fantasma montado nas suas costas. O guerreiro levantou sua lança.

Ren deu um passo para trás, longe de Coyote, e preparou-se para lutar.

Com um grito dissonante de vingança que abalou o próprio tecido do vestido da Mãe Terra, o guerreiro deixou voar a sua lança na direção do coração do Coyote.

Num momento Ren estava fora do caminho. No próximo, ele estava do outro lado da sala onde Coyote esteve mais cedo num espaço de uma pulsação, e Coyote estava no seu lugar. Antes que ele pudesse reunir sua inteligência e se mover, a lança voou através do centro do seu peito, perfurando seu coração. A força dela levantou-o do chão e colou-o à parede.

A dor explodiu através de seu corpo que ele engasgou para conseguir respirar. O gosto de sangue encheu a boca. Sua visão esmoreceu. Ele estava morrendo. Depois de todas as batalhas, todas as lutas...

Ele morreria por truques traiçoeiros.

Por maldade do seu irmão.

O guerreiro voltou a águia e juntos voaram para dentro da boca do Espírito Vingador. Tão rapidamente quanto eles vieram, eles foram embora.

Com a sua respiração difícil, Ren olhou para seu irmão.

— Eu teria dado a minha vida se você tivesse pedido.

— Você me ensinou a pegar o que eu queria. — Coyote atravessou a sala e tirou o colar de osso da garganta de Ren que continha o selo, um Guardiã Thunderbird turquesa. Ele desamarrou a bolsa de cinto de Ren, onde ele mantinha sua forte magia e pedras. — E eu quero o seu posto de guardião.

O sangue escorria pelo canto dos lábios de Ren. Em toda a sua vida, o seu posto de guardião fora a única coisa boa para a qual ele fora escolhido. A única coisa que lhe deu sempre um pinga de orgulho, e o fez merecedor de algo mais que desdém e desprezo.

— Você não foi escolhido.

— E nem você era. Não em verdade. O Guardiã deu a você por pena. — Coyote deu-lhe um sorriso de escárnio sobre ele, e fechou o colar de Ren firmemente em seu punho. — Você nunca foi digno desse presente. — Ele agarrou na lança e afundou-a mais, depois riu em triunfo quando Ren engasgou no seu próprio sangue.

Com um último suspiro cheio de agonia, Ren calou-se.

O orgulho no rosto Coyote era repugnante quando ele voltou sua atenção para Butterfly.

— Eu sou um Guardiã agora. Você pode amar-me novamente.

Ela curvou o lábio em repugnância.

— Eu nunca poderia amá-lo depois do que você fez. Você é um monstro.

Agarrou-a pelo braço.

— Você é minha e eu nunca vou compartilhar você. Prepare-se para o nosso casamento.

⁸³ É um realizador, produtor, argumentista e editor de cinema norte americano célebre por criar as famosas séries de filmes de terror.



— Nunca.

Ele deu-lhe um tapa no rosto.

— Você não discute comigo, mulher. Você obedece. — Ele soltou-a tão rápido que ela caiu para trás em cima do corpo Buffalo, onde ela chorou até que ela já não havia mais nenhuma lágrima.

Ela ainda estava lá quando as criadas vieram e vestiram-na para Coyote.

Ao entardecer, ele retornou para ela. Mas antes que pudessem começar a cerimônia que iria juntá-los, o primeiro Guardião... pai de Kateri... apareceu no meio da sala. Seus olhos escuros irradiavam fúria quando ele encarou o seu ódio para os dois.

— Eu estou aqui para reclamar a vida do único responsável pela morte de dois Guardiões.

Coyote engasgou de terror. Sua mente girava enquanto ele tentava pensar em algum truque que pudesse salvar a sua vida. E enquanto a magia do seu irmão era poderosa e permitiu a Ren lutar contra o Guardião por um ano e um dia, a magia não era sua. E não seria o suficiente para ele salvar a sua própria vida.

Seu pai atravessou a sala com um passo determinado que prometia vingança. De seu cinto, ele retirou a Adaga Sagrada da Justiça, e, sem hesitar, mergulhou-a em linha reta no coração de quem causou tanta agitação e miséria.

Butterfly cambaleou para trás com o vestido saturado de sangue e correu através das suas tranças. Em vez de mostrar dor, ela suspirou de alívio. O sangue escorria dos lábios quando ela se virou para Coyote.

— Eu estarei com meu amor agora. Para sempre nos seus braços. — Ela caiu no chão, onde ela morreu com o mais feliz dos sorrisos no rosto.

Suas feições contorcidas por sua confusão, Coyote balançou a cabeça.

— Eu não entendo.

O pai dela deu de ombros.

— Você era a ferramenta que matou Buffalo. Mas Butterfly era a causa. Se ela não tivesse nascido, você não teria tirado a vida do Guardião. Ela é a única responsável por sua morte, e pela de Makah'Alay.

— Não, não, não, não. Isto não está certo. Não era assim que era suposto terminar. — Esfregando as mãos por seus cabelos, Coyote foi para o seu verdadeiro amor e embalou-a em seus braços uma última vez. Ela era tão pequena e leve. Seu sangue manchava suas roupas de casamento e ele chorou a sua perda.

E foi a sua perda.

Ela não estaria esperando por ele do outro lado. A dor do conhecimento rasgou-o ao meio. Ela encontraria o miserável do Buffalo. Um homem que lhe causou infinita dor e tentou afastá-lo do seu pai e do seu povo.

Não... não era certo que o miserável a tivesse. Não depois de Coyote sofreu tortura e dor para voltar com ela e tomá-la como sua esposa.

Malditos sejam todos!

Jogando a cabeça para trás, ele gritou em indignação. Isto não terminará assim. Ele foi um



bom homem. Obediente. Toda a sua vida. E um por um, todos eles mataram isso.

Makah'Alay primeiro, em seguida, Buffalo, e, finalmente, Butterfly.

Eles arruinaram a sua vida e mudaram-no para sempre. Não havia nenhuma maneira que ele os deixasse viver uma eternidade felizes juntos. Não depois que ele assumiu um Guardião Imortal que iria deixá-lo sozinho por toda a eternidade.

Ele enfiou a mão no bolso de Ren e convocou os elementos mais fortes de demônios.

— Eu o amaldiçoo, Buffalo— ele resmungou entre os dentes cerrados. — Você vai viver mil vidas e nunca será feliz em nenhum delas. Você vai andar nesta terra, traído por todos os que olham para você. Não haverá um lugar para você chamar de lar. Não em nenhuma vida humana. E você nunca terá a minha Butterfly. — Ele tocou a sua magia de sua palma para o ar para que pudesse ser transportado para os espíritos que a iriam concretizar.

Então ele olhou para a serena beleza da Butterfly. Tão gentil. Tão doce. O pensamento de amaldiçoa-la o torturava profundamente.

Mas ela o desprezou. Traiu-o.

— Por causa do que você fez para mim, você nunca vai se casar com a pessoa que você ama. Ele sempre vai morrer no caminho para se unir com você e você vai passar as suas vidas de luto por ele uma e outra vez. Não há paz em nenhum dos dois. Não até você me aceitar no meu verdadeiro direito. E se você casar com outro, ele nunca vai confiar em você. Você nunca vai ser feliz em qualquer casamento. Não enquanto tenha sangue humano dentro de você. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou a última da magia de seu irmão, depois a enviou para o vento.

— Sabe o que você fez?

Coyote olhou Choo Co La Tah a aproximar-se.

— Eu estabeleci o resultado.

Choo Co La Tah riu.

— Essa mágica volta sempre sobre aquele que a maneja. Tudo o que você jogar, retorna.

— Como assim?

Ele gesticulou para fora da janela, em direção ao céu e as árvores.

— Você conhece a lei. Não fazer mal, e ainda assim você fez muito mal aqui hoje.

— Eles me machucaram em primeiro lugar.

Choo Co La Tah suspirou.

— E você tem semeado as sementes da sua morte final. Quando você amaldiçoa duas pessoas juntas, você as liga. Com essa força combinada, eles terão a capacidade de quebrar a sua maldição e matar você.

Coyote zombavam dele.

— Você não sabe o que você está falando.

— Arrogância. A causa número um de morte entre camponeses e reis. Cuidado com sua lâmina afiada. Mais vezes do que se pensa, fere mais quem a maneja do que a todos.

Coyote dispensou as palavras de Choo Co La Tah. Ele não estava interessado nelas. Ele nunca iria sofrer mais. Ele já pagou as suas dívidas. Era hora de ele começar a receber as suas justas recompensas.



E ele iria garantir que eles iriam, também. Para toda a eternidade.

Kateri andou para trás, à medida que ela experimentava ódio de Coyote em primeira mão. Era um animal malévolo por conta própria. Ela deixou-o no passado, e olhou para Ren, enquanto ele a segurava.

— Estou fazendo alguma coisa errada?— Ren perguntou com a sobrancelha franzida. — Eu não te magoei, ou magoei?— A preocupação em seu tom a aquecia.

Como poderia alguém não valorizar alguém tão doce?

— Não, querido. Você definitivamente não fez nada de errado. Eu só senti uma sacudida de ódio do seu irmão por você. Foi tão mau, que momentaneamente me atordoou.

Ele começou a falar, mas ela colocou um dedo sobre os lábios para impedi-lo.

— Não diga que a culpa é sua. Você sofreu muito mais do que ele já o fez. No entanto, você ainda é humano. Você nunca deixou que parte de você ficasse para trás.

— Eu nem sempre fui assim.

— Você estava possuído. Isso é diferente.

Ren não tinha assim tanta certeza sobre isso. Sim, ele permitiu que o Espírito Grizzly tomasse posse do seu corpo, mas teve conhecimento, mesmo depois do que ele estava fazendo. E o urso não estava dentro dele no momento em que ele matou o seu pai.

Isso, ele fez por conta própria.

Ele olhou para a cicatriz perto de seu quadril esquerdo, onde seu pai quase o destruiu-o. Foi uma luta brutal. Por toda a sua idade, seu pai ainda era um guerreiro consumado. Ren teve sorte de sobreviver à luta.

Foi também a sua autoconsciência que, finalmente o permitiu romper com o Grizzly e libertar-se. Mas isso era muito mais fácil dizer do que fazer. Ele levou semanas para ter a sua vida de volta.

E num mero piscar de olhos estava a perder que a sua vida novamente.

Kateri deitou-se sobre ele. Ele prendeu a respiração bruscamente com a sensação dos seios nus no seu peito quando ela começou a lamber o seu queixo. Todos os seus pensamentos dispersaram. Seu corpo entrou em erupção enquanto a sua cabeça nadava com as sensações que esquecera.

Escarranchando sobre ele, ela pressionou o centro do seu corpo contra a sua virilha, tornando-o ainda mais duro. *Por favor, não deixe que me envergonhar.* Com receio de que não durasse com ela, ele rolou sobre ela para que ele pudesse descalçar os seus sapatos e despir as calças jeans.

Seu coração parou de bater quando ele a viu deitada, completamente nua e convidativa. Ela abriu as suas pernas para ele e dobrou os joelhos, dando-lhe uma vista privilegiada da parte do seu corpo que ele ansiava mais. Seu sorriso era quente à medida que ela chegava a ele.

Ele queria dizer a ela o quanto isso significava para ele, mas sua mente não conseguia formular uma única palavra enquanto o seu sangue ficava quente e vibrante.

Kateri arqueou uma sobrancelha perante a hesitação de Ren. Ela viu a necessidade profunda em seus olhos. Ainda assim, ele não fez nenhum movimento para tocá-la. Ao contrário, ele lambeu



todo o corpo seu corpo com um olhar faminto.

Finalmente, ele aproximou-se dela engatinhando como um predador. Agachando, ele deslizou sua bochecha contra a barriga da perna em uma carícia terna que enviou arrepios por toda ela. Seu olhar a deixou cativa quando ele chegou a dedilhar suavemente a parte dela que estava implorando por seu toque. Ele passou o polegar por baixo lentamente na sua fenda em um movimento que só a fez querer mais dele.

Um leve sorriso enrolando os lábios quando ele usou o seu polegar para abri-la para ele, então ele substituiu a mão pela boca.

Kateri gritou com o prazer a chamuscando-a. Descendo, ela afundou a mão em seus cabelos enquanto a sua língua brincava com ela sem piedade. Para um homem que não fez sexo em onze mil anos, ele estava fazendo um trabalho poderoso.

Ren fechou os olhos enquanto ele saboreava o gosto dela e deixava os seus gritos lava-lo. Ele ficou orgulhoso no fato de que ela estava gostando do seu toque tanto quanto ele gostava de satisfazê-la. A última coisa que queria era ser comparado aos seus outros amantes e ser encontrado incompetente de qualquer maneira.

Ele queria que ela ficasse mais do que satisfeita. As suas mãos brincavam com os seus cabelos, acariciando seu couro cabeludo, enquanto ela murmurava carinhos. E então, em uma pulsação, ela ficou tensa e gritou quando sofreu um espasmo.

Espantado com a rapidez que ela gozou para ele, ele esperou até que ela terminou completamente antes de ele se desfazer das calças. Quando ele foi para removê-las, ela o impediu.

No início, ele pensou que ela mudara de ideia, até que ela rolou sobre ele e puxou-as fora do seu corpo.

Kateri teve um momento para apreciar a vista do seu corpo nu acobreado. Nunca em sua vida, que não seja em capas de revistas de fisiculturistas⁸⁴, viu um homem tão definido. Porra, ele estava bem. Ele podia comer biscoitos, sopa, qualquer coisa que ele quisesse... que inferno, ele poderia vir para a cama coberto de areia e ela não se importaria.

Ela ronronou para ele, levando-o a arquear uma sobrancelha para o som. Rindo, ela rastejou lentamente sobre o seu corpo, parando apenas o tempo suficiente para lambe e provocá-lo.

Ren gritou com a sensação da sua boca deslizando sobre o seu pênis. Windseer nunca fez isso a ele. Sua respiração ofegante, ele sabia que estava perdido para sempre para Kateri. Por esta bondade por si só, não havia nada que não faria por ela. Nada.

É só sexo.

Sim, mas ela não tinha que ter com ele. E o cuidado que ela teve, era quase o suficiente para que ele pudesse fingir que ela tinha sentimentos reais, no que a ele concernia. O que ele não daria, apenas uma vez, fazer amor com uma mulher que ia chorar sobre seu corpo como Butterfly



84

Fisiculturismo esporte que tem como objetivo é buscar, por meio da musculação, a melhor formação muscular. Os requisitos observados durante as competições são: volume, simetria, proporção e definição muscular.



chorou por Buffalo.

A maneira que Abigail choraria por Sundown.

Eu pareço como uma mulher velha.

Mas logo que ele teve esse pensamento, ele ouviu Kateri na sua cabeça - uma das mais antigas necessidades humanas é ter alguém à sua espera quando está voltando para casa à noite. Por mais que detestasse admiti-lo, ela estava certa. Enquanto o ciúme foi a raiz de todo mal, o amor era a fonte de todo bem. O ciúme trouxe o pior de todos. O amor criou o melhor. Foi por ciúmes que ele destruiu o próprio irmão. Mas foi o amor de seu melhor amigo que o trouxe de volta e fez dele um defensor novamente.

E sobre Coyote? Ele amava Butterfly. E não há nada de belo nesse relacionamento.

Isso não era verdade e ele sabia disso. Coyote não a amava. Ele desejou por ela e ele queria possuí-la. Se ele tivesse realmente se importado com Butterfly, ele teria visto um pouco de felicidade de vê-la junto com Buffalo do que infeliz sem ele. Foi por isso que sua mãe havia libertado o seu pai. Ela o amava o suficiente para querer estar com ele apenas por alguns instantes. Mas ela sabia que ele nunca seria feliz com ela. Não enquanto o seu coração pertencia à outra.

Foi por isso que Choo Co La Tah havia casado o amor de sua vida com o seu melhor amigo. Porque eles cresceram juntos, Choo nunca disse a ela sobre seus sentimentos. Eles eram do mesmo clã e um casamento teria sido proibido. Enquanto Choo sonhou com ela, ele deixou o sonho de ir quando ela conheceu outro e caiu no amor com ele.

Esse sacrifício altruísta foi a causa do primeiro guardião ter escolhido Choo Co La Tah para ser um dos Guardiões do Portão. Choo foi capaz de pôr de lado seus interesses em benefício de outros. Enquanto os Guardiões haviam competido pela honra de seus cargos, os concorrentes foram escolhidos entre os guerreiros que provaram que sabiam amar. Guerreiros que entendiam que os outros vinham em primeiro lugar.

Ren foi a única exceção. Proibido pelo primeiro guardião de competir por seu posto, Ren foi escolhido por causa da possessão do Grizzly sobre ele.

Se alguém podia entender por que o mal devia ser mantido trancado, esse alguém era aquele que dançou com ele por mais de um ano. O que provou sua doçura e depois foi queimado por seu sabor amargo.

Mas Ren nunca conheceu o sabor do amor. Não até que ele olhou para um par de olhos tingidos de ouro que o lembravam do homem que ele uma vez quis ser.

Ele tremeu todo quando ela o lambeu lentamente o caminho até ao seu corpo. Ela levantou-se para olhar para ele com o sorriso mais incrível que ele já viu. Mordendo o lábio, ela deslizou-se em cima dele. Rosnando baixinho em sua garganta, ele estremeceu com a sensação de seu corpo dentro dela. Levou todos os pedacinhos do seu autocontrole para não gozar instantaneamente.

Ela pegou a mão dele nas dela e montou lento e fácil enquanto ela sorria para ele. Ren ergueu os quadris, levando-o ainda mais profundo. Até a este momento, ele nunca entendeu o que se sentia ao ser acolhido em algum lugar. Ser querido. Mas, quando ele olhou em seus olhos, ele finalmente sentiu o calor do lar. De pertencer a alguém que não seja ele mesmo.



Kateri assistiu ao jogo de emoções no rosto de Ren. Ela torceu o nariz provocando-o.

— Desculpe eu quebrei o seu recorde.

Ele fez uma careta para ela.

— O meu recorde?

— O mais longo celibato de todos os tempos. O Guinness⁸⁵ estaria mais que impressionado.

E eu duvido seriamente que você jamais encontre um concorrente para o seu título.

Ele a premiou com uma risada, quente e rica. Uma que terminou com um gemido quando ele saiu de dentro dela. Ele dirigiu-se ainda mais profundo enquanto ele estremecia.

Depois de ele terminar, ela começou a se mover para o lado dele, mas ele segurou-a em cima dele. Pela primeira vez as suas emoções estavam completamente escondidas quando ele segurou o rosto dela em suas mãos, e em seguida, beijou-a.

Puxando-a para trás, ele esfregou a sua bochecha contra a dela para que ele pudesse sussurrar em seu ouvido.

— Eu não vou deixar nada acontecer com você.

— Eu sei, querido. E também não vou deixar isso acontecer.

Ren sorriu para ela com ternura. Pela primeira vez em sua existência extremamente longa, ele se sentiu verdadeiramente íntimo com alguém. E não foi só porque ele viu visões de vida dela, nem era do sexo. Era do fato de que ele realmente acreditava na sua promessa.

Ele acreditava nela.

Sim, o mundo estava definitivamente chegando ao fim. Ele teve sexo e ele confiava na mulher que o teve com ele. Se isso não era o sinal de morte iminente, ele não sabia o que era.

Ela beijou-o na ponta do nariz antes dela escorrega-se de seu corpo e se vestido.

Puxando as suas próprias roupas, Ren sabia que eles deviam se apressar, mas ele não queria que isso se acabasse. Ele tinha tão poucos momentos perfeitos em sua vida. Ele poderia contá-los em uma mão. E nenhum deles chegou perto deste.

— Bolas

Ele arqueou uma sobrancelha ante o tom irritado.

— O que há de errado?

— Eu quebrei uma estúpida unha. — Ela ergueu-a para a mostrar. — Eu sei que é ridículo, certo? Mas eu ainda odeio perder uma.

Então, o sorriso desapareceu de seu rosto enquanto ela olhava para ele como se ele fosse um estranho.

Terror bateu duro no seu estomago. Isto não poderia ser bom.

— O quê?

— Por que é que os seus olhos estão azuis?



⁸⁵ O Guinness World Records (antigo Guinness Book of Records, lançado em português como Livro Guinness dos Recordes) é uma edição publicada anualmente, que contém a coleção de recordes e superlativos reconhecidos internacionalmente, tanto em termos de performances humanas como de extremos da natureza.



Ren conjurou algo para que ele pudesse ver por si mesmo, mas no momento em que ele tentou, ele fez uma descoberta assustadora.

Ele não tinha poderes de qualquer natureza. Isso, combinado com olhos azuis, só podia significar uma coisa...

Queridos deuses, eu sou mortal.

Capítulo 12

Kateri não conseguia respirar, enquanto olhava para um par de olhos que eram de um azul tão vibrante que praticamente brilhavam, especialmente em contraste com sua pele escura e cabelo preto carvão.

—O que está acontecendo?

—E-e-e-e-eu... — Ele fechou os olhos e rangeu os dentes. Depois de alguns segundos, ele tentou novamente. —Eu-eu-eu perdi todos os m-m-meus p-p-poderes.

—Ok, então nós não podemos conjurar qualquer coisa.

Ele balançou a cabeça.

—E s-s-sou m-m-mortal n-n-nov-v-vamente.— Ele tentou dizer mais, mas ele não conseguia, o que só frustrou mais. Droga! Sem esses poderes, ele era um gago, idiota.

Ela estendeu a mão e gentilmente puxou a cabeça para baixo até que ela teve sua testa contra a dele. Sorrindo, ela passou as mãos contra seu rosto.

—Respire, querido. Relaxe. A única parte sobre o seu discurso que me incomoda é o quanto isso incomoda você. Dê a si mesmo uma pausa e pare de xingar-se em sua cabeça.

Ele franziu a testa.

—Sim. — ela continuou, —Eu sei que você está fazendo isso. Agora, pare.

Ele respirou fundo antes de fazer outra tentativa.

—Eu posso morrer agora.

—Ok, eu gostava mais quando você estava gago e não poderia falar isso. Você está falando sério?

Ele acenou com a cabeça.

Liberando-o, Kateri deu um passo para trás.

—O que você precisa que eu faça?

Ele deu de ombros, então hesitou, como se temesse falar. Mas quando o fez, sua voz era calma e perfeita.

—Eu nunca os perdi completamente antes. Eu não tenho nenhuma ideia.

Quando Kateri abriu a boca para falar, ela ouviu um barulho nas árvores atrás dele.

Ren virou ao mesmo tempo, uma bola de fogo veio voando na direção dela. Passou tão perto que ela sentiu a queimadura um instante antes de Ren jogá-la no chão e cobri-la com seu



corpo. Ele jogou a mão para responder ao fogo, em seguida, amaldiçoou quando lembrou que não tinha seus poderes.

Momento bonito aqui.

Foda. Ele ainda tinha seu arco, e até mesmo como um ser humano, poderia fazer uma enorme quantidade de dano com isso. Enquanto mais bolas de fogo os bombardeava, começou a se mover na frente de Kateri para cobri-la, mas antes que pudesse, ela soltou seu próprio tiro.

E foi direto entre os olhos do demônio. Mais três tiros passaram por ele em rápida sucessão, derrubando mais demônios.

Maldição, ela era impressionante.

Ele mudou-se para o fogo de cobertura.

—Mais fundo na floresta.

Ela atirou duas flechas mais, então foi.

Escondido atrás de uma árvore bifurcada, ela cobriu-o quando ele correu para se juntar a ela.

Gah, o que ele não daria para ser capaz de conjurar armadura para eles. Apesar de não salvá-los completamente, poderia, no mínimo, dar-lhes um pouco mais de proteção do que a pele nua.

E pela forma que estavam atirando, estariam fritos em breve.

Ele encontrou o olhar nervoso de Kateri.

—Siga em frente.

Ela fez e ele ficou um passo atrás dela. De repente, uma das árvores negras se aproximou para pegar Kateri.

Reagindo por instinto, Ren soltou o chamado de seu demônio corvo. A árvore se esquivou dela.

Um lento sorriso curvou seus lábios. Podia ser mortal, mas ainda tinha o demônio dentro dele. Ainda que não estivesse feliz com Ravenna, pelo menos, ela dera a ele algumas coisas úteis que ninguém podia roubar.

Com esse pensamento, arrancou sua aljava sobre sua cabeça e entregou a Kateri.

Kateri congelou enquanto tentava entender o que estava fazendo Ren empurrando suas flechas para ela. Antes que ela pudesse perguntar, ele mudou de homem para um corvo enorme. Atordoada, viu quando ele levantou voo e foi derrubar os outros demônios.

—Continue correndo.— Sua voz estava dentro de sua cabeça.

—O que você está fazendo?

—Eu estou impedindo-os de prejudicar você. Vá, Kateri. Eles não podem me prejudicar assim.

Ela não tinha certeza se ela acreditava nele ou não.

—Você disse que era mortal.

—Eu sou, mas mesmo como um mortal, eu tinha algumas coisas que não eram normais. Agora, por favor, vá mais fundo e evite ficar perto das árvores.



Embora nunca tivesse sido uma seguidora, ela obedeceu. Afinal, ele estava acostumado a essas coisas. Ela não estava. O melhor curso de ação era se retirar até que tivesse a oportunidade de estudar seu inimigo. Obrigada, *Sun Tzu*.

Ela correu no meio do mato, evitando as árvores que vinham até ela. Ela acabara de chegar a uma clareira quando algo brilhante apareceu na frente dela. Temporariamente cega, colocou a mão para proteger os olhos.

Num minuto ela estava encarando o nada. No próximo, três homens estavam lá.

Reagindo por puro instinto, disparou uma flecha, então ofegou com horror quando percebeu que apenas atirara em Cabeza.

No entanto, quando a seta o alcançou, ele literalmente agarrou-a no ar e deu-lhe um olhar irritado.

—Você sabe, que não teria me matado, mas teria me machucado e chateado pra caramba.

—Desculpe. — ela ofereceu.

—Droga *Base*. — o loiro com cabelo curto disse ao lado dele. — Nunca a leve para caçar. Ela é uma daquelas pessoas “Eu ouvi um barulho, vamos atirar nele sem saber o que é primeiro”. É o que eu mais odeio sobre a tentativa de andar livremente no mundo moderno. A última coisa que eu quero é ter chumbo grosso entrando no meu traseiro, enquanto eu estou tentando tirar um vazamento, porque ninguém pode poupar um segundo para verificar quem está em volta na floresta antes de atirar. A América não precisa de controle de armas. O que eles precisam é de controle de idiotas.

Cabeza e o homem com um rabo de cavalo loiro riram.

—Eu não tenho uma arma. — Kateri lembrou quando ela percebeu que o loiro e o do cabelo curto eram os dois únicos seres sem-presas neste grupo.

Ele bufou.

—Bala ou flecha... realmente, isso faria diferença para você, se você tivesse que ter alguém a tirando de sua bunda?

O homem tinha um ponto, mas ela não estava disposta a admitir isso.

—É melhor deixá-la em paz, Sasha. — o loiro disse. — Ou ela pode atirar em você de propósito.

Como que em resposta a suas palavras, a explosão de disparo de uma arma soou atrás dela. Ofegante, ela olhou ao redor, orando, que Ren não tivesse sido atingido.

Mais tiros soaram em rápida sucessão.

Kateri foi para eles, mas Cabeza a fez parar.

—Não faça isso. É apenas o controle de pragas expulsando os roedores.

—O que é que você quer dizer?

Outra explosão. Esta *muito mais* perto.

Apesar do que Cabeza disse, ela pegou outra flecha e preparada para atirá-la entre os olhos de quem estivesse atirando.

O arbusto na frente dela sussurrou.

Ela apontou para ele.



Do nada, Ren, ainda na forma de corvo, voou para seu arco, batendo-o fora de sua vista.

—O que você está fazendo?— Ela perguntou a ele.

—*Fogo amigo. Não o mate.* —Essas palavras mal foram registradas quando a fonte do ruído entrou na clareira. Por um minuto, ela não pode se mover enquanto olhava para o rosto do último homem que ela esperava encontrar.

Buffalo.

Alto, moreno e envolto de preto da cabeça aos pés, ele era idêntico a suas visões, exceto pelo cabelo curto, e o *Stetson* de pele de cobra, botas e o casaco preto longo.

Lançando seu rifle Henry sobre seu ombro, ele inclinou a cabeça para os homens com ela.

—Obrigado, rapazes, por ajudar. Guerreiros poderosos como vocês que se coçavam enquanto estávamos lutando por suas vidas.

—E esse sotaque grosso do Mississippi tinha que ser a coisa mais chocante de tudo.

Sasha levantou as mãos em sinal de rendição.

—Ei, eu estava protegendo a mulher. Ela é a prioridade. Certo?

—Eu pensei que Cabeza estivesse com você para lutar. Eu não sabia que ele recuou para a posição da mulher.

Cabeza olhou para o cara de rabo de cavalo.

—Você está me chamando de covarde, Urian?

Urian fez um barulho rude.

—Eu pareço Acheron? Não, eu não. E para que conste, eu não mando recado. Se eu quiser chamá-lo de covarde, eu vou dizer na sua cara, em termos bem claros. Covarde.

Ren caiu no chão entre ela e Buffalo, antes que ele voltasse a ser um homem completamente vestido.

Enquanto Ren mudava, Buffalo tirou o chapéu para ela.

—Prazer em conhecê-lo, senhora. Ou melhor, doutora. Eu conheço um monte de intelectuais universitários como você que ficam um pouco irritados quando não os chamamos assim.

Ela abaixou seu arco.

—Chame-me Kateri.

Ren lançou um olhar estranho para ela que não entendeu muito bem antes de gesticular para Buffalo. —Kateri, conheça Sundown.

—*Sundown?* — ela perguntou em sua cabeça.

Ren respondeu na mente retornando seus pensamentos.

—*Ele estava reencarnado várias vezes. Sua última encarnação foi como um homem chamado William Jessup Brady. Jess para a maioria das pessoas. Ele, também, é Cherokee, e sua mãe chamou-lhe Manee Ya Doy Ay. —Que significa pôr do sol em Cherokee. O tempo de silêncio entre a noite e o dia, quando há equilíbrio perfeito entre a luz e a escuridão. Embora esse nome certamente não se encaixe com os tiros de espingarda, excepcionalmente altos, ele parecia gostar de soltar.*

Mas quem era ela para julgar?



Ren dirigiu-se aos outros.

—Você conhece Cabeza de seu ataque anterior. O loiro com cabelo longo e presas é Urian, e o outro é Sasha.

—Oi. — ela disse, oferecendo-lhes um sorriso.

Movendo-se para ficar ao lado dela, Ren cruzou os braços sobre o peito.

—Só para você saber, a razão de Sasha não ter presas como um ser humano é que ele é um lobisomem.

Conhecimento fascinante, e que a fez perceber uma coisa. O sol estava brilhando...

Ela olhava para o sol significativamente.

—Vocês não deveriam, Urian e Cabeza explodir em chamas ou algo assim?

Cabeza olhou para o céu.

—Esse não é o verdadeiro sol.

O que levantava uma questão interessante.

—Tudo bem... Então, onde estamos?

Ele deslizou seu olhar para Ren.

—Xibalba.— Ele poderia ter feito aquele som soar mais desagradável?

Ren amaldiçoou quando ela engasgou, em seguida, olhou ao redor da área com sua nova visão. Este era o inferno Maia?

Grande. Ser sugado para algum submundo pré-histórico. Quantas pessoas podem dizer isso? Sundown riu de suas reações.

—Veja agora. — disse a Kateri. —Eu precisei ter tudo explicado. Estou impressionado que você saiba a resposta sem pedir. Mas, então, é por isso que *você tem títulos antes de seu nome*.

Ren passou o polegar para baixo do lado de sua boca.

—Eles realmente não nos incomodaram. Devo me preocupar com isso?

—Bem, há nove níveis aqui. — Cabeza disse. —Este é um nível. Na sua maioria composto de fantasmas, e de demônios de baixa classe, não é tão ruim. Mas há 12 Lordes de Xibalba. Eles são os únicos com quem não queremos nos deparar. Especialmente Ixtab .

—Ixtab?— Sundown perguntou.

—Uma deusa do suicídio. — respondeu Urian.

Cabeza parecia impressionado.

—Você sabe de nosso panteão?

Urian olhou em torno de seu pequeno grupo, com um sorriso irônico.

—Como o mais velho aqui... sim. Eu fui a um monte de lugares ao longo das regiões de caça em séculos. Maias foram sempre uma das minhas opções de cardápio favoritas.

—Por quê?— Sasha perguntou com uma careta perplexa.

—Eles tinham uma deusa do suicídio, Scooby. Você mostrava-se como um demônio, alegando que veio de Xibalba, e eles ficavam ansiosos para dar o sangue e suas almas para você. Maias encaravam a vida como nada mais do que uma porta de entrada para a morte. Eles tinham um ponto de vista completamente diferente sobre tudo o que nós conhecemos. Além disso, o cabelo loiro realmente ajuda quando têm uma profecia inteira sobre um demônio cobra branca



estrangeira. Se eles nos chamassem Waxaklahun Ubah Kan ou Kukulkan, estavam ansiosos para nos dar suas gargantas. Condenada vergonha suas cidades entrarem em colapso.

—Provavelmente porque você superalimentou. — Sundown resmungou. — Onde diabos estavam os Dark-Hunters?

Urian piscou para ele.

—Muito poucos e muito distantes entre si na América Central, que foi outra razão para que nós adorássemos ficar aqui.

Sasha balançou a cabeça.

—Bela dissertação sobre a mentalidade de Daimon. Eu não posso acreditar que nós compartilhemos genes comuns. Porra, Uri, vocês eram frios e dão o meu povo uma má fama.

O brilho do olhar de Urian poderia derreter o gelo.

—Frio é ter o seu próprio avô condenando-o a morrer horrivelmente em seu vigésimo sétimo aniversário por algo que você não tinha conhecimento ou participação dentro do inferno, eu era um bebê vivo na Grécia quando a cadela rainha Atlante amante de Apolo foi abatida.

—Muito rancor?— Cabeza perguntou.

O brilho malévolo foi sua resposta.

—Como você consegue ser um Dark-Hunter, de novo?

Cabeza riu maldosamente.

—Eu não só possuo o cartão amargo, eu jogo sempre que posso. Serve-me melhor do que o meu povo pensar que você fosse meu ancestral direto.

Kateri não tinha certeza de que ela entendeu corretamente.

—Você está relacionado com os deuses Maias?

—É por isso que sou chamado de Kukulkan. Infelizmente, porém, os genes foram tão diluídos pelo tempo que tenho para mim e todos os poderes que vieram com a linhagem foram perdidos. —Ele fez uma careta irritada para Urian. —Provavelmente porque alguém sugou tudo de nós. Oh para os dias em que eu poderia cravar uma estaca em você.

—Tudo bem, crianças. — disse Ren, interrompendo-os. —Eu não tenho nem a energia nem inclinação para brincar árbitro.— Ele indicou a si mesmo e Cabeza. —Você e eu.

—Por que seus olhos azuis?— Sundown perguntou. — Homem, estão estranhos com essa coloração e tudo.

Kateri ficou rígida.

—Eles não são! Eles são lindos.

Sundown riu.

—Belo como uma mulher, né?

Ela deu um passo em frente, mas Ren a parou. Seus traços se suavizaram quando ele afastou uma mecha de cabelo do rosto.

—Está tudo bem, Kateri. Ele não me ofendeu e eu não considero assim. Se achasse o contrário, teria atirado nele.

Essas palavras chamaram a atenção de todos e fez dela o centro de um escrutínio curioso que ela não gostou.



Ren lançou um olhar irritado para Sundown.

—Obviamente, o capitão Observador, percebeu que meus poderes estão em baixa. Eu estou esperando que voltem em breve.

Urian soltou um assobio.

—Você achou o seu calcanhar de Aquiles. Eu espero que você tome notas para não fazê-lo novamente. Esse é o tipo de informação que eu mataria para obter.

Ren ignorou seu comentário.

—Como eu estava dizendo, Dark-Hunters drenam os poderes uns dos outros, eu estou pensando que o meu não pode voltar enquanto Cabeza estiver perto de mim.

—Sim, bem, muito ruim. Eu tenho que ficar em torno de você para tirá-lo fora daqui. Caso contrário, você poderia muito bem construir uma cabana e se estabelecer aqui para sempre.

Sasha soltou uma risada do mal.

Eles se viraram para olhar para ele.

—Ah, como eu fosse o único que se anima todo se o mal sai, só temos que acampar aqui por mais oito dias. Sua ameaça não é tão malvada como teria sido há cem anos.

Cabeza rosnou para ele.

—Se eu lhe der um biscoito de cachorro, você iria lambear suas bolas e nos deixar em paz?

Sasha deu um passo para Cabeza, mas Sundown o pegou com um braço.

—Calma, filhote. Você não quer sangue em suas roupas.

—Eu posso fazer novas.

—Sim, mas eu prefiro não ter que enterrar um de vocês aqui. Então vamos fingir que temos certo grau de habilidades sociais e um pouco de treinamento em casa, e conseguir a simpática senhora de volta para que ela possa parar com isso e eu não precise me preocupar com meus bebês que deixei sozinhos para vir fazer isso com todos vocês.

Cabeza levantou as mãos em sinal de rendição e inclinou a cabeça ante a sabedoria de Sundown.

—Precisamos nos dirigir para o norte, longe do caminho para o segundo nível. Eu deveria ser capaz de encontrar uma saída lá.

Kateri franziu a testa para o tom estranho de sua voz. Havia algo que Cabeza não estava dizendo a eles e que a preocupava.

—Por que não podemos simplesmente teletransportar para fora? — Urian perguntou.

Cabeza sorriu, mostrando suas presas.

—Vá em frente.

Urian fez, então amaldiçoou.

—Ok, explique esta merda.

—É um reino do inferno. Eles não querem que você saia e não há nenhum deus aqui do nosso lado quem é que nos daria um passe livre. Nós vamos ter que conquistar o nosso caminho para casa.

Urian rosnou baixo em sua garganta.

—Nenhuma boa ação fica impune.



Quando começaram a ir em frente, Ren puxou Sundown de volta. Ela parou, esperando para ver o que estava acontecendo.

Ren ofereceu a seu amigo um sorriso.

—Obrigado por isso, Jess. Mas eu teria preferido que em vez de estar aqui você estivesse com Abigail. Tenho certeza que ela precisa de você mais do que eu.

Sundown bateu-lhe nas costas.

—O bebê veio ontem quando você estava no meio de tudo, arrebatando nesse inferno, caso contrário eu teria ficado lá, também. Agora, eu tenho dois vigiados por Zarek, por isso eles estão seguros. Esta manhã, Abby e eu decidimos que você precisava mais de mim do que ela. Portanto, meu objetivo é levar você de volta para conhecer sua afilhada.

Ren felicitou-o.

—Eu aposto que ela é bonita.

O orgulho no rosto de Sundown fez Kateri sorrir.

—Como sua mãe. Perfeita, preciosa e responsável por fazer-me louco para o resto da minha vida. —Ele estalou a língua e piscou para Ren. — Graças a Deus eu tenho uma espingarda e nenhum escrúpulo contra encher a parte traseira de chumbo grosso se algum pretendente não demonstrar o respeito que deveria a minha menina.

—Então como vão chamá-la?— Ren perguntou.

—Bem, Abby e eu tivemos uma longa e, às vezes, não tão amigável discussão. Ela queria chamá-la de Hannah pela sua irmã, mas eu não gostava muito disso. Nomear uma filha com o nome de um Daimon, mesmo ele sendo da família, não parecia certo para mim. Além de que nunca gostei desse nome. Andy sugeriu que o nome dela fosse Andrewa em sua homenagem. Então, eu joguei sua bunda porta afora para que pudéssemos ter uma discussão séria. Eu queria chamá-la Rena por você, mas Abby disse que iam chamá-la de glândula renal na escola e ela teria que me matar por isso. Então, depois de algum debate, onde certas áreas do meu corpo foram seriamente ameaçadas e minha masculinidade questionada, repetidamente, pelo amor da minha vida, decidimos chamá-la de Mikayla Laura por você e pela mamãe de Abby.

Kateri apertou os lábios para não rir em voz alta da explicação hilária de Sundown. Embora ela mal o conhecesse, ela realmente, realmente gostava dele. E enquanto ela via agora as sutis diferenças entre o cowboy Jess Brady e o Keetoowah guerreiro Buffalo, ela também viu o núcleo de sua alma que carregou em todas as suas vidas.

Não é de admirar que Ren estivesse disposto a vender sua alma para ajudar a acabar com a maldição de Coyote a seu amigo. Sundown era definitivamente um tesouro. Ela também notou que Ren nunca gaguejava mesmo um pouco ao falar com ele. Ele estava completamente relaxado e à vontade, como se ele soubesse que Sundown nunca iria julgá-lo severamente. Que mais do que qualquer coisa, a fez amar o cowboy.

Ren mudou-se para caminhar ao seu lado enquanto Sundown apressou o passo para dizer algo a Cabeza.

—Eu tenho uma pergunta estranha.

—Sim. — respondeu Ren antes que ela perguntasse. —Sua esposa Abigail é a Butterfly.



Ela estava contente que Butterfly finalmente reivindicasse seu Buffalo.

—Você está bem com eles chamarem o bebê de Mikayla? — Dada a sua reação anterior ao nome Makah'Alay, ela não tinha tanta certeza que ele estivesse interessado nele.

—Estou profundamente honrado.— Mas havia uma tristeza em seus olhos. Não inveja. Era outra coisa. Algo que ela não entendia.

—O que há de errado?

Ren começou a fugir da resposta. Compartilhar seus sentimentos nunca fora fácil para ele. Mas por alguma razão, achou natural confiar em Kateri. Como se fosse algo que nasceu para fazer.

—Eu fiz tanto mal a Butterfly que eu desejaria que Sundown não estivesse aqui. O risco é muito grande. Eu não seria capaz de viver se eu fizesse Buffalo deixá-la novamente. Eu fico pensando que talvez isso seja a maldição do Coyote com esteroides. Que, agora que eles estão juntos e felizes, a maldição vai roubá-lo dela.

Ela tomou sua mão na dela e deu um leve aperto.

—A vida nunca é uma aposta certa. Se eu não sei de mais nada, estou certa disso. Mas... Eu tenho fé que todos nós vamos sair daqui e Sundown vai viver uma vida longa e feliz com Abigail enquanto Mikayla e suas farão que ele desejasse ter sido castrado quando elas trouxeram para casa namorados e maridos.

Ele parou em seu caminho. Não só porque ela tomou sua mão e segurou-a como se ela estivesse orgulhosa de ser vista com ele, mas por causa do que ela disse, e seu tom de voz enquanto falava. Foi o tom de uma mulher falando uma profecia.

—Você pode ver o futuro?

Kateri hesitou. Ela nunca disse a verdade a ninguém. Era algo que ela odiava e do qual tentou muitas vezes se livrar. No entanto, sempre voltava.

—Sim. Mas o que vejo nem sempre acontece. Às vezes, minhas visões se descarrilaram por outras coisas que eu não vejo. Coisas que fazem com que mudem.

Ren riu.

—Então o que você está dizendo é que ele não vai morrer horrivelmente, que vai ter uma vida boa.

Se não fosse a nota provocação em sua voz, ela estaria ofendida.

—Exatamente. — brincou ela de volta.

Ren olhou para suas mãos unidas.

—Obrigado.

Ela franziu o cenho para o tom de sua voz.

— Por quê?

—Por tratar-me como um ser humano.

Essas palavras sinceras apertaram seu coração.

—Você é humano, Ren. Eu, por outro lado, sou uma aberração completa da natureza.

Sorrindo, ele ergueu a mão e beijou as costas de seus dedos. O momento em que seus lábios tocaram sua carne, ela engasgou com imagens que a inundaram. Elas vieram tão rápidas e furiosas que a deixaram tonta.



Ela ouviu as pessoas gritando, gritando por ajuda. Em todos os lugares que ela olhava, viu o caos e a fumaça.

Sua avó estava em uma colina isolada, com os olhos cheios de lágrimas. O sol contornava seu corpo frágil quando ela se virou para Kateri.

—Cuidado com o lobo, Waleli. Ele nunca vai ser domado. Tudo o que ele conhece é a morte e assassinato. Seu coração é negro e cheio de ódio amargo que não pode ser desfeito. Não se deixe levar por seu coração que é puro. Um coração que vê apenas o bem em outros. Há alguns que mentem e enganam. Caminhantes da sombra que vivem da humanidade dos outros. Eles nunca podem ser confiáveis. Eles vivem apenas para trair, para torcer nossas palavras em mentiras para ser usadas contra nós. E ele vai trair você, minha filha. Não deixe seu coração bondoso cegá-la.

As palavras da avó circularam ao redor de sua cabeça até que ela pensou em algo que não tinha considerado antes. Ren seu nome é Ren Waya...

Lobo Renegado.

O terror a consumiu quando ela puxou sua mão trêmula de seu alcance. Ele era o lobo que sua avó falou. O pai dela a advertiu a respeito.

O mal o possuía uma vez.

E iria possuí-lo novamente.

Ren franziu o cenho.

—O que há de errado?

Em pânico, ela olhou em volta em seu pequeno grupo. Ela viu Cabeza decapitado no chão. Sundown com a garganta cortada. Sasha foi rasgado em pedaços. E Urian...

Ele estava deitado em um altar sacrificial onde alguém havia retirado seu coração.

Ren estava longe de ser visto.

Alguém estava cantando em sua visão. Ela examinou o quarto até que viu um sacerdote em mantos dourados que usava uma máscara enorme de penas, obscurecendo a sua identidade. Olhos vermelhos demoníacos brilhavam por trás dele quando ele passou por seu ritual de sacrifício. Mas ela sabia quem era. Ela não tinha dúvida.

O sacerdote era Ren e ele estava convocando Grizzly de volta ao mundo.

Capítulo 13

—Kateri? O que é isso?

Ela ouvia Ren falando, mas ela não podia responder. Era como se ela estivesse dividida entre dois mundos e aterrada em nenhum deles, enquanto sua cabeça vagava com os eventos e imagens fora de contexto, que ela não entendia.

Finalmente, um entrou em foco. Vestido com traje vitoriano formal, Urian se alimentava do sangue de uma mulher. Havia tanto prazer em seu rosto que isso a deixou doente.



Em seguida, a imagem mudou para mostrá-lo nos tempos modernos, vestido de calças pretas e uma camisa de botão preto. Fogo estava em torno dele quando ele lutou para salvar a vida de uma bela mulher loira. Ela estava apavorada quando ele estendeu a mão para ela.

—*Confie em mim, Phoebe. Eu não vou deixar você morrer. Eu juro.*

De lá, ela viu e Phoebe sozinha em um apartamento onde ele segurava-a com tanta ternura que trouxe lágrimas aos seus olhos. Recostada contra seu peito, Phoebe alimentava-se a partir de seu pulso enquanto ele acariciava seus cabelos e seu pescoço.

—Eu não estou tomando muito, estou? — Phoebe perguntou.

—Não se preocupe comigo. Pegue o que você precisa.

Kateri podia sentir o amor entre eles. Era tão forte, era tangível.

Então, ela os deixou para encontrar Sasha no Egito antigo envolvido em uma furiosa batalha onde lutava com um clã de lobos contra um exército grego antigo. Kateri inalou bruscamente em quão jovem ele parecia. Enquanto ele lutava, era óbvio que não tinha a experiência dos outros.

E quando um dos soldados gregos veio em sua volta com uma lança, um lobo lançou-se para tomar o golpe fatal em seu lugar.

—Não!— Sasha gritou, estendendo a mão para o lobo. Mas já era tarde demais. O lobo morreu instantaneamente.

Ele ainda estava segurando o lobo quando um dos soldados se aproximaram para agarrá-lo pelos cabelos e colocá-lo em uma gaiola.

—Eu espero que eles assem você sobre uma pira aberta. — o soldado rosnou para ele.

Em seguida, as imagens ficaram desbotadas enquanto a luz brilhou mais parecida a uma luz estroboscópica em pânico. O movimento a deixou com o estômago embrulhado até que tudo voltasse ao lugar novamente.

Desta vez, foi Cabeza na Tikal antiga. Vestido como um guerreiro Maia com o rosto pintado em uma máscara feroz, ele estava sob ataque de um grupo de sete homens liderados por um príncipe de Calakmul.

—Vamos nos alimentar em seu sangue. — um dos homens gritou na cara de Cabeza.

Cabeza riu.

—Rasteje de volta para Calakmul, Chacu. Enquanto eu viver, meu pai vai possuir esta terra e as suas.

O coração de Kateri palpitou quando ela percebeu que era o mesmo Chacu que a atacou em seu laboratório. Não é de admirar que Cabeza perdesse a cabeça. Sua inimizade tinha séculos de idade.

E ainda as imagens mudaram de novo, fazendo-a se sentir como Alice caindo no buraco do coelho. Mas da próxima vez que ela foi capaz de se concentrar, engasgou.

Coyote estava com Buffalo no mesmo salão onde vira o corpo de Buffalo, depois que Coyote o havia matado, vestindo as mesmas roupas com as quais morrera. Foi estranho ver esta versão do vaqueiro. Embora suas características fossem as mesmas, Buffalo tinha o cabelo preto longo e não era tão musculoso como Sundown Brady. Ele também não tinha a arrogância ou mesmo senso de humor.



Buffalo olhou em torno do quarto em confusão.

—Onde está Makah'Alay? Recebi uma mensagem de que ele precisava me ver. Ele não está machucado, não é?

Um tique trabalhou na mandíbula Coyote.

—Não, ele não está ferido. Ele está mais saudável do que nunca.

—Então por quê?

—Fui eu que enviei o servo te procurar. — Coyote disse, interrompendo-o.

Sua careta aumentou. —Eu não entendo.

—Eu sou seu futuro chefe, Buffalo. Não meu irmão. Você faria bem em se lembrar disso.

—Isso é uma ameaça?

Coyote zombou.

—Por que eu iria ameaçar o homem que ali estava e permitiu minha tortura? Realmente?

—Eu não sabia o que ele estava fazendo com você.

—Você não se preocupou em descobrir, não é?

Vergonha encheu os olhos do Buffalo.

—Eu nunca sonhei que ele fizesse algo assim. Não era realmente dele, você sabe. Tirar Grizzly dele quase custou o primeiro guardião de sua vida.

—Quão louvável de você continuar o defendendo. Que doce.

Buffalo estalou como uma vara com o insulto.

—O que está insinuando?

—Nada. Eu apenas acho estranho que você sempre seja tão rápido para defender um retardado, deficiente mental quando ninguém mais o faz. Diga-me, honestamente, que você não se cansa de beijar sua bunda o tempo todo?

Buffalo deu um passo em direção a ele, depois parou.

—Você não vai me ativar em uma luta. Então, assim você pode parar com isso agora. Eu o protejo, porque tenho com ele uma dívida que não pode ser reembolsada. Minha irmã e minha mãe estavam à beira de morrer de fome, até que ele começou a trazer-nos carne. Eu não os tenho agora, mas para Makah'Alay, por sua caridade, ele sempre terá minha lealdade.

—Que bom para o meu irmão. É uma vergonha que a sua lealdade não vá mais longe.

—O que é que você quer dizer?

Coyote se moveu para ficar diante dele. Ele deu um sorriso de escárnio condenatório abaixo do comprimento do corpo de Buffalo.

—Você sabe exatamente o que eu quero dizer. Eu o vi hoje cedo.

O rosto de Buffalo empalideceu nas últimas cinco palavras.

—Ah, sim... Vejo a culpa em seus olhos. Você roubou o afeto de minha prometida noiva.

—Não roubei nada.

Coyote bufou.

—Mentira! Foi por isso que você não me ajudou quando Makah'Alay me torturou. Você estava esperando que eu morresse para que pudesse tê-la e a uma consciência limpa.

—Isso não é verdade.



—Não é?

Buffalo balançou a cabeça.

—Nunca quis amá-la. Não quis. Mais do que ela queria me amar. Mas quando você desapareceu, Butterfly se recusou a sair até que ela soubesse que estava segura. Ela esteve doente de preocupação por você. Por horas a fio, ela andou pelos corredores, chorando e implorando aos espíritos para lhe trazer em segurança para casa.

Ele curvou os lábios, para Buffalo.

—Sim.— A voz dele pingava com sarcasmo. —Eu vi a sua preocupação esta tarde, quando ela se jogou contra você com uma paixão que ela nunca me mostrou.

—Não é assim, Coyote. Nenhum de nós quis te magoar. Ela chorou doente a cada dia. Eu só vim aqui na sua ausência para tranquilizá-la de que você ainda estava vivo e que estaria de volta em casa em breve. Nós éramos muito circunspectos e respeitosos de você. Sempre.

Coyote o socou.

—Mentiroso!

Ele limpou o sangue de sua boca com as costas da mão, em seguida, passou a língua nele.

—Não é uma mentira. É que quanto mais tempo passamos juntos, mais nós percebemos que não poderíamos viver sem o outro. Eu comecei a viver somente para os segundos quando eu seria capaz de ver seu rosto novamente.

Olhando ao Coyote com os dentes cerrados.

—O que você acha que me fez passar por um ano de tortura? Hein? Foi saber que ela estaria esperando aqui quando eu voltasse. Ela era a única coisa que me manteve sobre a borda. E você a de mim. Maldito seja! Maldito seja!

—Você tem todo o direito de estar com raiva, mas...— A voz do Buffalo acabou em um suspiro afiado. Ele cambaleou para trás ao ver o sangue se espalhar por sua túnica. Apertando as mãos na ferida, ele se abriu para o Coyote, que mergulhou a faca de novo e de novo em uma raiva furiosa que desceu tão rapidamente, que Buffalo não teve chance de se defender.

Mas de alguma forma, ele conseguiu manter-se de pé, quando enfrentou seu assassino.

—Eu nunca a toquei. Ela *nunca* o traiu. Nós nunca sequer nos beijamos.

—Vi você segurá-la!

Buffalo cambaleou, depois se conteve.

—Um abraço. Nada mais. Nós estávamos dizendo adeus para que ela pudesse se casar com você no dia seguinte. Nós já havíamos aceitado viver separados. Nós dois estávamos decididos a honrar nossos votos para você. —Ele afundou até os joelhos. —Seu coração está é mal, Coyote, que você nunca será capaz de ser feliz. Mesmo que você sempre fosse o filho preferido, você não pode permitir a Makah'Alay ter ainda que um pouquinho de afeto de seu pai ou qualquer nota de louvor de ninguém.

—Cale a boca!— Coyote gritou enquanto ele chutava Buffalo nas costelas. —Morra, já que você é um bastardo sem valor!

Mas Buffalo tinha razão. Ela viu as imagens agora deles quando meninos. Sempre que alguém tentava elogiar Ren, Coyote se inseria para que ao invés disso, o elogio fosse para ele.



Ela os viu juntos como adolescentes. Ren estava amarrando seu arco enquanto o Coyote se gabava de ter um banquete servido para homenageá-lo.

—Pode acreditar, Makah'Alay? Depois desta noite, vou ser considerado um homem!

—Bo-o-om-m-, mas você, você, você n-n-não o m-m-matou.

—Não importa, não é? Meu pai sempre disse que, por causa de seus problemas mentais você será uma criança eterna e que sempre teremos que cuidar de você. Agora vou ter todo o respeito de um homem de verdade. —Coyote correu para Ren para que ele pudesse encostar as costas e sussurrar em seu ouvido. —Vai ser o nosso segredo. Você mata a caça e eu o trarei para dentro.

Por seu rosto, era óbvio que Ren não gostou da ideia.

Coyote zombava dele.

—Pare de fazer beicinho como um bebê. Ninguém jamais lhe dará crédito de qualquer maneira. Todos pensam que você é incompetente. Então, o que isso importa?

Ela podia ouvir os pensamentos da Ren. *O que importa para mim. Apenas uma vez, eu gostaria que alguém para me dissesse que eu fiz um bom trabalho também.*

—Kateri!

As imagens se espalharam até que ela estivesse olhando para o rosto do homem que o menino tinha se transformado.

—Por que você parou de gaguejar quando o Grizzly possuiu você?

Ele franziu a testa.

—O que?

—Sua gagueira foi embora quando ele possuiu você. Isso foi parte do negócio?

Ren olhou para os outros para garantir que nenhum deles ouviu a pergunta. Felizmente, eles estavam longe o suficiente para que sua voz não fosse chegar a eles.

—Sim. A gagueira voltou quando eu o expulsei, mas então eu aprendi a atenuá-la na maior parte do tempo.

E ele nunca gaguejou em torno de Buffalo.

Ela estremeceu quando a dor dilacerou seu crânio.

—Minha cabeça dói. Muito.

Ren passou a mão suavemente sobre sua testa. A preocupação em seu rosto a tocou profundamente.

—Você estava chorando como se estivesse em um pesadelo. O que aconteceu?

Ela apertou a palma de sua mão contra o olho, tentando aliviar sua dor.

—Aqui.

Antes que ela percebesse o que pretendia, virou-a em seus braços para carregá-la.

—O que você está fazendo?

—Eu sei que sua cabeça dói, mas eu acho que é óbvio.

Ela gemia em sua dor.

—Deixe-me tentar de novo. *Por que você está me carregando?*

—Você não se sente bem.



—As pessoas normalmente não carregam as outras pessoas por isso.

Ele piscou para ela.

—Eu não sou a maioria das pessoas.

Isso era certamente verdade.

—Posso perguntar uma coisa?

—Se eu dissesse que não iria parar você?

Ela sorriu.

—Claro que não.— Ela deitou a cabeça no ombro dele e saboreou o conforto de seus braços em volta dela. —Como é que você aprendeu muito tanto sobre a caça?— Parecia incongruente que alguém em seu clã o tivesse ensinado dado o seu desprezo.

—Artêmis é... por falta de um termo melhor, a minha madrinha. Desde que ela é deusa da caça, eu sempre achava que fosse um presente de seu.

—Mmm.

Ren teve que apertar os braços em torno dela para evitar que caísse quando ela ficou completamente mole.

—Kateri?— Ele balançou a ligeiramente. Sua cabeça pendeu para trás.

Ela estava fria.

Medo destilou por ele.

—Sundown!

Todos eles pararam para olhar para ele.

Jess veio correndo imediatamente.

—O que aconteceu?

—Eu não sei. Ela acabou de desmaiar.

E no momento seguinte, ela parou de respirar completamente.

Capítulo 14

Passando as mãos pelos cabelos, Ren ficou para trás, com lágrimas nos olhos enquanto Jess tentava ressuscitar Kateri, que estava deitada no chão a seus pés. Mas ela não respondia a nada.

Ela estava morta...

Como?

A resposta não importava para ele. Nem um pouco. A realidade era que ela se foi, e a dor o atingiu com tanta força que o deixou de pernas bambas. Não podia respirar ou se concentrar. Nada em toda a eternidade o havia ferido *tanto*. Nada. Ele sentia como se o mundo ao seu redor estivesse desmoronando em pedaços. Como se terreno em que ele estava o engolisse inteiro.

Ela simplesmente entrou em sua vida, virou-a de cabeça para baixo, o fez sentir de novo, e agora ela se foi. Por quê? Por que os deuses fizeram isso com ele?



Ele esteve bem sozinho. Ele viveu sem ter qualquer vínculo real com qualquer um. Talvez não delirantemente feliz, mas não realmente miserável também. Emoções suaves não funcionavam para ele.

Pelo menos eles deixavam o inferno fora desta agonia absoluta que o fazia querer gritar sua angústia aos deuses e matar qualquer um que tivesse tomado sua vida.

Ofegante, ele olhou para o céu silencioso do submundo.

Eu a quero de volta! Maldito seja! Eu a quero de volta!

Quanto?

Seu coração parou de bater a rápida voz estranha em sua cabeça. Mas não era estranha. Era familiar, embora não pudesse localizá-la. Antes que pudesse se lembrar, uma sombra bruxuleante apareceu à sua direita.

Windseer.

Mais bela do que qualquer mulher mortal, ela estava lá como um fantasma com uma expressão que fazia suas maçãs do rosto ainda mais acentuadas e a pele oliva mais luminescente. Era como se ela estivesse ouvindo alguém em sua cabeça.

E ele sabia exatamente quem estaria puxando seus ferrões.

Grizzly.

Fique longe de mim, puta, ele rosnou para ela.

Ela encolheu os ombros com indiferença. *Muito bem. Deixe-a morrer. Ela não significa nada para mim.* Ela começou a desvanecer.

Kateri pode não significar nada para eles, mas ela era tudo para ele.

—Eu realmente sinto muito, Ren. — Sundown disse, levantando-se. Ele tirou o chapéu respeitosamente enquanto ele jogava seu peso de uma perna outra. — Não há nada mais que possamos fazer. Ela só não responde.

—*Hijo de puta* — rosnou Cabeza. — Quem é que vai zerar o calendário agora? Hein? Nós só nos fodemos, *mi hermanos*. Poderíamos muito bem ficar aqui e montar acampamento. Uma vez que os portões se abram, tudo aqui irá para a superfície. Esta será uma cidade fantasma.

Urian revirou os olhos.

—Este é um trocadilho realmente indecente, Khan.

Jess suspirou.

—Isso não é bom. Não é nada bom.

Sasha concordou com a cabeça.

—Merda no ventilador, meus amigos. Merda realmente grave no ventilador. Graças aos deuses eu não sou humano. Não posso esperar para as portas se abrirem. — Seu tom pingava sarcasmo. Ele deu um sorriso irritado a Sundown. — E nós pensamos que era ruim quando fomos atacados com as pragas. *Woo-hoo, Campo, Dia II* aqui vamos nós. Quem quer pipoca?

Suas palavras não fizeram nada para aliviar a dor no peito de Ren e em sua garganta. Enquanto eles estavam preocupados com o mundo como um todo, ele só estava honestamente preocupado com uma pessoa.

A mulher que estava morta.



Sundown olhou para Cabeza.

—Existe um lugar aqui onde possamos enterrar seu corpo?

Essas palavras o atingiram com uma força tão grande que o fez dar um passo atrás. Ren voltou sua atenção para Windseer. *Espere!*

Windseer voltou a se solidificar com uma sobrelance arqueada, enquanto os outros começaram a procurar por um lugar onde colocar Kateri.

Ren entrou ainda mais em pânico. *O que você quer em troca de sua vida?*

O sorriso em seu rosto era frio e calculista. Ela deslizou seu olhar para baixo até Kateri. *O Grizzly quer liberdade e não quer lutar por ela ou compartilhá-la. Nós trazemos a cadela de volta, ela zera o calendário. Então você irá libertá-lo, sozinho. Não haverá outras entidades convidadas para nossa festa.*

Não seria tão simples. Ele sabia disso. Por um lado, ele teria que matar seu irmão, a fim de libertar o Grizzly. Mas, neste ponto, sacrificar Coyote, que era quem teimava em destruir ele mesmo o mundo, não parecia tão ruim como já foi. *Isso é tudo?*

Ela riu maldosamente. *Claro que não. Você retorna a ele como seu servo.*

Ren balançou a cabeça. *Eu não vou lutar por Grizzly. Nunca mais.*

Makah'Alay, Makah'Alay...

Ren poderia definitivamente passar sem o tom condescendente. Sua expressão era impiedosa. *Você me entendeu mal. Ele não quer que você lute por ele. Ele não tem mais fé em sua lealdade. Você será seu escravo eterno, fará o que quiser. Subjugação total.*

Seu estômago apertava de medo só de pensar. *Eu não posso fazer isso. Artêmis é minha dona.*

Windseer negou com a cabeça para ele. *Então a deixaremos vir a você, se ela o quiser desesperadamente de volta... Mas você sabe a verdade, assim como nós. Ela não se importa com você, mais do que qualquer outra pessoa. Ela não vai perder três segundos tentando encontrá-lo, porque ela não vai nem saber que você sumiu. Enfrente isso, Makah'Alay, você não vale nada. Você não tem nenhum valor para ninguém. Nem mesmo nós.*

Essas palavras bateram nele com força. Principalmente porque elas eram verdadeiras e ele sabia disso. A única pessoa que parecia o valorizar já estava morta a seus pés.

Ou havia mais do que isso?

Se eu não tenho valor, então por que Grizzly quer me possuir?

Para torturá-lo, idiota. Por que mais? Você o traiu e ele quer o seu sangue por isso. Ninguém o faz parecer um idiota. O chamado valor que você tem para ele é que você pode chegar perto o suficiente do Coyote para sacrificá-lo e liberar Grizzly mais rápido do que qualquer outra pessoa. Mas se você não tem nenhum desejo de ter o seu brinquedo amado de volta à terra dos vivos, tudo bem. Eu vou encontrar alguém que vai ter a coragem de fazer o que precisa por aqueles que ama.

Ren rangeu os dentes. Ela estava perdendo tempo insultando-o. Ele não poderia se importar menos com o que ela chamasse. Essas farpas perderam sua eficácia há muito tempo atrás.

A única que poderia machucá-lo agora era Kateri, e como ela se foi, seu coração estava quebrado.



Eu posso salvar sua vida.

Ele olhou para a única pessoa que o fizera sentir-se bem-vindo. A única que o fez sorrir enquanto o inferno chovia sobre ele, e suas vísceras torceram com a dor. Ele não poderia dizer não a sua oferta e eles sabiam disso.

Como posso estar disposto a vender a minha liberdade por uma mulher que acabo de conhecer?

Da mesma forma que Buffalo esteve disposto a arriscar a ira e a retaliação de Ren, visitando Butterfly durante o breve reinado de Ren. Quando Ren descobriu o que Buffalo estava fazendo, ficou furioso. Não porque ele quisesse Butterfly para si mesmo, mas porque ele se sentiu traído que Buffalo temesse a ele. Que seu amigo pensasse tão pouco dele que sinceramente acreditava que Ren fosse matá-lo por amá-la.

Foi isso que o ensinou quão ridículo e irracional era o medo. Se Ren quisesse Butterfly, ele a teria tomado uma vez que ele fizesse Coyote como seu prisioneiro.

Em vez disso, Ren deixou-a sozinha. Mesmo que ela fosse linda além da crença e ele tivesse orgulho de chamá-la de sua, invejava a felicidade de seu irmão que fora comprada com o sangue e a dignidade de Ren, não sua noiva. Mesmo assim, Ren nunca aprisionaria Coyote, se seu irmão não o tivesse envenenado e tentado cortar sua garganta.

E não teria torturado Coyote, se seu irmão mantivesse sua boca fechada e não o insultasse dia após dia. Ren enlouquecera. Entre ser possuído e a dor de Coyote e seu pai zombando dele, ele se perdeu completamente. Tudo o que ele queria era que ele parasse. Que alguém, apenas uma pessoa, olhasse para ele como um ser humano que tivesse sentimentos. Inferno, mesmo quando ele fora para matar seu pai, o homem tinha rido dele.

—Você não é homem o suficiente, cão.— E então, seu pai cuspiu em seu rosto.

Quando Ren atacou, seu pai poderia ter sido capaz de sobreviver se tivesse levado Ren a sério. Mas ele zombou dele até que Ren o esfaqueou.

Em toda sua vida, Ren nunca se sentiu valorizado, nem mesmo por Buffalo. Eles tinham um relacionamento nascido de uma dívida que Buffalo achava que devia a ele e porque ele sentiu pena de Ren. Enquanto cresceram próximos, Buffalo não teve amizade com ele porque gostasse, ou porque eles tivessem alguma coisa em comum.

Apenas Kateri fizera isso. Ela não lhe devia nada. Nem sentia pena dele. Ela realmente gostava dele como pessoa e brincava com ele. Ele podia vê-lo cada vez que olhava para ela. Toda vez que ela o tocou.

Seus olhos lacrimejaram, ele encontrou o olhar de Windseer. *Salve-a. O que for preciso.*

Windseer sorriu cruelmente. *Nós lhe dissemos que você iria voltar para nós um dia.*

Malditos sejam por estarem certos.

Um instante depois, Kateri respirou irregular e profundamente, e abriu os olhos.

Seu coração bateu em gratidão, Ren caiu de joelhos e puxou-a em seus braços quando suas lágrimas finalmente caíram.



Windseer se moveu para ficar entre Cabeza e Jess, não que alguém pudesse vê-la. *Lembre-se de sua palavra, Makah'Alay. Se você deixar-nos, não vamos matá-la. Grizzly vai levá-la como sua, e você sabe o que ele faz com sua propriedade. Ela vai ser bem utilizada.*

Ren ignorou enquanto inalava o cheiro da pele de Kateri e sentia seu calor contra ele.

—Qualquer outra pessoa sentiu algo *realmente* muito estranho aqui?— Sasha perguntou.
—Gente, consigam um quarto.

Ren soltou um sopro de riso antes que se afastasse para tocar seu rosto com suas mãos para que ele pudesse assegurar-se de que ela estava bem.

Ela tocou as lágrimas em seu rosto.

—Perdi alguma coisa?

Sasha bufou. —Não, nada de muito importante. Apenas sua morte.

—O que?— Ela perguntou com uma careta.

Ren assentiu.

—Você morreu nos meus braços.

—Como?

—Eu não sei.— Mas ele suspeitava que fora Grizzly quem causara. Assim como ele estava certo de que Grizzly era a razão de não terem sido atacados. O bastardo provavelmente sabia o que Ren faria. Sabendo o que ela viria a significar para ele.

Primeiro Grizzly enviara Windseer para cima dele e agora ele fizera isso com uma mulher que não tinha ideia de que ela fora usada como uma ferramenta contra ele.

Mas isso não era culpa dela. Ele foi o idiota que não pode manter seu coração e seu corpo separado. Ele não podia simplesmente foder uma mulher e ir embora. Ele se sentiu muito usado pelo mundo muitas vezes para dar a sensação de alguém.

E agora seu inimigo sabia exatamente prejudicá-lo seriamente. Grizzly conhecia sua maior fraqueza. Kateri.

Estou tão fodido...

Kateri engasgou quando Ren apertou seu abraço.

—Querido, eu não consigo respirar. Você está me matando.

Ele soltou os braços, mas ainda a manteve abraçada contra ele, como se ele estivesse tentando fundir seus corpos juntos.

Jess limpou a garganta.

—Talvez Sasha esteja certo e devemos deixá-los sozinhos por um tempo.

—Sim, claro, que infernos?— Urian disse maliciosamente. —Não é como se o destino do mundo estivesse em jogo ou qualquer coisa importante. Você dois tomem o seu tempo. Há um grupo de arbustos lá que deve dar-lhes um pouco de privacidade.

Ren a soltou e se levantou com um olhar em seu rosto que realmente assustou. Ele nivelou um olhar assassino em Urian.

— Se alguém deveria me entende, agora, esse alguém é você. — Colocando as pernas em posição de um guerreiro, ele estendeu a mão para ela quando Urian desviou o olhar timidamente.



Kateri pegou a mão de Ren e permitiu que ele a puxasse em pé. Ela limpou as lágrimas de seu rosto, surpresa que ele permitisse que alguém testemunhasse. Especialmente depois de todas as visões que ela teve em que ele sofria grandes dores para garantir que ninguém o visse fraco ou ferido. Ela deu um beijo em sua bochecha fria.

—Você está bem?— Ela sussurrou em seu ouvido.

A sinceridade ardente em seu olhar perfurou o seu.

—Eu estou agora.— Ele se virou para os outros. —O que você estão esperando? Não temos que salvar a humanidade? O Apocalipse não espera por ninguém.

Sasha coçou o queixo quando eles foram à frente mais uma vez.

—Você sabe, eu tenho que saber sobre isso. Será que realmente ele não espera ninguém ou você acha que ele esperaria por quatro cavaleiros? Talvez devêssemos ter alguém tentando raptá-los.

Urian zombou.

—Essa ideia não funcionou tão bem para Sísifo. Na última vez que ouvi, Hades ainda estava fazendo-o sofrer.

—Bom ponto e eu aprendi bem a não me intrometer nos assuntos dos deuses, ou escolher um em detrimento de outro. Você fica gravemente destruído. —Sasha começou a assobiar— *Hei-Ho*.

Até que Urian o agarrou pelo pescoço.

—No caso de você ter esquecido, nós estamos em um reino do inferno que é habitado por demônios e alguns desses deuses que você não quer chatear. Sugiro que chame tão pouca atenção a nós quanto possível.

Sasha bateu a mão de sua garganta e fez uma careta.

—Você não tem que ser um imbecil.

—Você não tem que ser um idiota.

—Chega. — disse Ren bruscamente. —Vamos guardar o nosso veneno para combater aqueles que querem nos matar, e não atacar uns aos outros.

Enquanto eles caminhavam para frente, Kateri ficou em silêncio, observando os homens. Eles a fascinavam. Essa mistura de personalidades. No entanto, eles se uniram como guerreiros para proteger as pessoas que nunca conheceram. O tipo de pessoas que não tinham sido gentis com eles no passado. Cada um deles tinha sido amargamente traído por alguém em que confiava.

Sundown foi morto a tiros por seu melhor amigo na escadaria da igreja onde ele tinha ido para se casar com a mulher que amava. Urian por seu pai e avô. Cabeza pela única mulher que ele teria morrido para proteger. Sasha por seu próprio irmão. E Ren...

Seu coração doeu por ele, ela tomou sua mão na dela. Porque ele ficou surpreso por alguém ser tão familiar, a assustou.

—Você vai saltar cada vez que eu o tocar?— Ela brincou.

Ren saboreou o som de sua voz. Nunca se acostumaria a ela estar tão à vontade com ele.



—Eu me pergunto se ele tem cócegas. — disse Sasha, meneando suas sobrancelhas para ela.
—Não é como se eu fosse descobrir, como sou um pouco afeiçoado ao meu estado não eviscerado. Mas você vai ter que testá-lo e deixe-me saber.

Ela lhe deu um sorriso brincalhão.

—Você tem?

Ren encolheu os ombros.

—Como eu poderia saber?

Kateri estremeceu com essas palavras sem emoção. Lá por um simples piscar de olhos, ela esqueceu que essas coisas não foram parte de sua infância. Ninguém nunca brincou com ele. Ele já era quase adulto antes de Buffalo tornar-se seu amigo, e ainda que ele tivesse um irmão da mesma idade, Coyote brincava com amigos e deixando-o sozinho para vê-los enquanto se divertiam.

Sua mente derivou para um dia de verão em seu passado onde estava tão quente, que todo mundo reclamava.

—Ei, Makah'Alay, vamos nadar. Quer vir?

Por volta dos 12 ou 13 anos, Ren olhou por cima de seus afazeres para ver Coyote com um grupo de meninos de sua idade, incluindo Choo Co La Tah.

—Eu-eu-eu-eu tenho que t-t-t-terminar.

—Ah, vamos lá, não será por muito tempo. Você pode terminar quando voltarmos. Está no meio do dia. Todo mundo está mais relaxado devido ao calor.

Mesmo que ele sentisse que alguma coisa não estava bem, ele acenou com a cabeça. Uma vez que eles nunca o convidaram antes, ele estava com medo de dizer não e eles não o chamarem novamente.

Ren colocou suas ferramentas de lado e enxugou o suor de sua testa antes de juntar-se a eles. Por todo o caminho até o lago, eles brincavam e riam entre si e o ignoravam.

Assim que chegaram a pequena clareira onde o lago ondulava, tiraram a tanga e pularam na água. Ren hesitou. Será que eles zombariam de seu corpo? Ele nunca tirou roupa na frente de ninguém antes.

—Vamos lá, Makah'Alay. — Coyote chamou. —Você está perdendo.

Preparando-se para o pior, Ren tirou de sua tanga, então entrou na água, para seu alívio eles o ignoraram quando caiu dentro do lago e a água espirrou.

Ren mergulhou sob a água e deixou seu frescor aliviar o calor do verão. Por vários minutos, ele flutuou pacificamente em suas costas com os olhos fechados.

Até que alguém o agarrou.

Antes que pudesse se recuperar, Choo Co La Tah levou sua tanga e eles correram pela borda, rindo.

Ren foi atrás deles. Assim que estava em terra firme, Coyote o pegou pela cintura e levantou-o do chão, em seguida, jogou-o de volta para a água. Ele subiu, tossindo e cuspiendo para o ar, para encontrá-los indo embora. Junto com todas as suas roupas.



Ele tentou chamá-los de volta, mas nada saía. Sua mandíbula se contraiu e as palavras ficaram presas em sua garganta.

Humilhado e irritado, ele nadou de volta para a borda e saiu. Ele deveria ser capaz de voltar à cidade sem ser visto. Havia vários caminhos alternativos que não demorariam muito.

Uma vez em casa, ele poderia...

Pensou que morreria quando ele ficou cara-a-cara com um grupo de mulheres adolescentes que tinham vindo para se banhar. Com a visão de sua nudez, elas gritaram e riram dele.

Com o rosto vermelho, Ren segurou-se e correu para a floresta para salvar o pouco de dignidade que podia. Mas por dentro, estava mortificado.

Até o momento que chegou em casa, seu pai estava esperando por ele. As meninas tinham vindo direto para dizer a todos que o tinham apanhado se masturbando na piscina pública.

—Onde estão suas roupas?

—Es-es-es-es-...

Seu pai o espancou com tanta força, que o derrubou no chão.

—Responda-me!

Ren tentou, mas ele estava tão chateado que não podia dizer nada em sua própria defesa. Não haviam palavras que explicassem.

Seu pai puxou-o pelo braço.

Ren tropeçou, seus olhos se encheram de lágrimas de dor. Ele tentou obter a sua liberdade, mas seu pai não o deixou ir. Eles iam para o pelourinho. Ren lutou mais.

Ainda assim, seu pai arrastou-o nu pela casa. Quando passaram por Coyote, que os observava com os olhos arregalados, Ren chamou por ele.

—PPP...— Ele estava tentando dizer, por favor, de modo que seu irmão contasse ao pai o que aconteceu e poupar-lhe a surra.

Coyote o ignorou e seguiu para o pátio de volta. Seu pai o amarrou ao poste, onde a Ren levou 20 chibatadas por profanar a piscina.

—Você nunca irá lá de novo. — rosnou o pai em seu rosto — entendeu?

Lágrimas embebiavam suas bochechas enquanto seus lábios tremiam ao tentar falar.

Seu pai enterrou a mão em seu cabelo encharcado de sangue e puxou.

—Você me entende, bastardo retardado?

Soluçando em silêncio, Ren assentiu.

Seu pai o desamarrou.

—Agora vá se vestir e terminar suas tarefas. Se houver alguma coisa que deixou der ser feita até o por do sol, nós voltaremos aqui para mais 20. —Seu pai se afastou e deixou-o no chão.

Ren tentou empurrar-se para cima, mas ele se machucou demais para ficar de pé. Seus membros tremiam de dor ainda pior do que seus lábios faziam.

Ele ficou lá por alguns minutos até Coyote trazer-lhe um cobertor e cobri-lo com ele.

—Eu sinto muito, Makah'Alay. Nós estávamos apenas nos divertindo. Eu não sabia que as garotas diriam isso. Nós achávamos que elas iriam rir sobre isso e provocá-lo. Nós nunca sonhamos que elas dizer aos outros que você estava fazendo algo obsceno.



Ainda assim, as costas queimadas doíam. —P-P-Por que você não di-di-disse.

—Eu não queria ficar em apuros. Além disso, você sabe como o Pai é. Ele teria encontrado alguma razão para castigá-lo por isso. Não havia necessidade, de todos nós sermos punidos.

Seu irmão estava certo. De qualquer maneira, ele teria sido espancado.

Coyote ajudou-o a levantar. Colocando o braço de Ren por cima do ombro para ajudá-lo, ele foi em direção ao quarto de Ren.

No meio do caminho, seu pai se encontrou com eles no corredor com um sorriso para Coyote.

—Meu filho querido, você é sempre bom para os menos dignos. Ainda que eu aprecie sua caridade, você não deveria ter feito isso. —Ele curvou os lábios para Ren. —Você não pode cuidar de malfeitores depois de terem sido punidos. Caso contrário, eles nunca aprendem as lições. Agora deixe-o ir e leve o cobertor. Ele pensou que era engraçado ficar nu... deixe-o caminhar para o seu quarto dessa maneira.

Ren esperou por seu irmão dizer algo em sua defesa.

Em vez disso, Coyote assentiu.

—Desculpe, pai. Eu não vou fazer isso de novo. —Ele levou o cobertor de Ren.

Ren se esforçou para ficar de pé sozinho. Seus olhos se encheram de lágrimas, viu como o de seu pai se abaixou até os cabelos molhados de Coyote e beijou sua cabeça.

—Vem, meu filho querido, eu tenho um presente para você.

Kateri não podia respirar enquanto a dor crua da memória a atingiu duramente. Como era triste que a compaixão fosse tão estranha para Ren que ele se prendeu ao egoísmo de seu irmão e defendeu-o como bom. Como poderia ter Coyote significado tanto para ele?

Uma fúria, crua e amarga tomou conta dela. Antes que ela percebesse o que estava fazendo, ela acelerou os passos e empurrou Sundown.

Chocado, ele se virou para olhar para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

—O que foi isso?

—Filho da puta! Por que esperar para se tornar seu amigo? Você sabe, você poderia ter sido bom para ele antes de ser obrigado a isso!

—Do que você está falando?— Sundown fez uma careta. —Ela é *loca*?

Ren a virou de frente para ele.

—Kateri, ele não se lembra de ser Buffalo. Quero dizer, ele tem pedaços dele, mas ele não se lembra de muita coisa. Mesmo que tenham similaridades e pareçam ser o mesmo, Sundown é completamente diferente.

Cerrando os olhos, ela concordou.

—Sinto muito, Ren.— Ela olhou para o vaqueiro. — Jess. Eu fico tão brava com todos eles... — Ela virou-se para Ren. — Eles não tinham o direito de tratá-lo dessa maneira.

—Você teve outra visão?

Ela assentiu com a cabeça.

—Agora entendo a minha avó. Estávamos andando na rua e ela recuava sem nenhuma razão. Sempre que perguntava a ela sobre isso, ela dizia: 'É o passado, bebê. Para algumas pessoas



é tão vicioso que cria um laço de más lembranças que corre constantemente dentro de seus corações. Um laço tão ruim que às vezes se estende para aqueles de nós capazes de vê-lo e deixar-nos saber que tomar cuidado extra pelos que foram feridos. Isso nos diz que devemos deixá-los saber que só porque o mundo é ruim na média, isso não significa que todos nós sejamos. Que, apesar de terem sido prejudicados no passado, não tem que destruir o seu futuro. Dê como muitos sorrisos podem ajudar. Eles são gratuitos e fazem do mundo um lugar muito mais bonito. Você pode não ter as melhores roupas ou o mais recente sapato, mas todo mundo tem um sorriso único que vale milhões, especialmente para aqueles que precisam de seu calor.’ —Ela passou as mãos em seu cabelo. —Ugh! Eu acho que Jess é certo. Eu sou louca.

Ren passou a mão pelo seu queixo, causando arrepios em seus braços.

—Você não é louca. Você está chegando a seus poderes e não tem controle sobre eles ainda. Confie em mim. Todos nós pensamos que estamos enlouquecendo quando isso acontece. Você deveria ter estado lá na primeira vez que me transformei em um corvo. Eu voei direto em uma árvore e depois tive que descobrir algo para explicar o enorme hematoma que tinha no centro da minha testa por duas semanas.

Ela balançou a cabeça para ele.

—Você é terrível.

—Ele está certo. — disse Sasha atrás dele. —Quando eu estava aprendendo a teletransportar, acidentalmente apareci em uma festa de casamento desconhecida. Fale sobre humilhação. E, claro, os poderes que eu consegui decidiram me abandonar uma piscada depois. Então ali estava eu em toda a minha glória, pegando meu lixo e me perguntando: 'Por que eu, deuses... por que eu?'

Todos riram.

—Falando nisso...— disse Urian. —Eu, acidentalmente, transformei meu irmão em uma cabra por uma semana. Eu estava com tanto medo do que meu pai pudesse fazer que eu não lhe disse. E até que minha o encontrasse escondido em minha cama e descobrisse, ele não foi restaurado ao seu corpo real. Estou muito feliz que ele teve senso de humor sobre isso e não me matou. Mas ele culpou a merda fora de mim para o resto de sua vida.

Kateri sentia por seu irmão.

—Ele ficou bem?

—Sim, mas ele tinha esse desejo estranho de mastigar couro depois disso. Pelo menos ele mantinha suas presas afiadas.

Cabeza acenou com a cabeça para que ele se calasse. Sem um som, Jess puxou sua arma fora de seu ombro enquanto ela e Ren puxavam uma flecha cada um.

Algo à esquerda estava se movendo.

E estava indo direto para eles.

Capítulo 15



—Use-me como cobertura.

Kateri ficou boquiaberta quando Ren se moveu para ficar entre ela e tudo o que estava se aproximando deles.

—Ren.

—Eu sou imortal e você está apenas recém ressuscitada. Você é muito mais importante do que eu sou. Agora faça o que eu digo... por favor.

Essas palavras a irritaram até o “por favor” final. Somente aquela palavra junto com a onda de medo por ela em sua voz levou embora cada pedaço de irritação pela sua ordem brusca. E revelou o entendimento do que ele estava realmente dizendo.

Ele que nunca chorava, chorou por ela.

—Tudo bem, bebê. — disse ela com um sorriso. —Mas só para você saber, se você se machucar, vou soltar um mundo de dor e miséria nos traseiros deles tão grande que vai parecer um confronto da LSU Bowl. Você está me ouvindo? *Roll Tide*.

Sasha se virou para encará-la com uma severa carranca.

—Eu falo dezenas de línguas e centenas de dialetos, mas que se dane se eu entendi uma única palavra disso. Eu sou o único completamente perplexo?

Sundown engatilhou a arma.

—Ele disse que a amava. Ela disse, 'Eu também te amo'. Agora calado.

Sasha ficou ali movendo seu dedo para frente e para trás como se repetindo suas palavras em silêncio em sua cabeça. Depois de um segundo, ele se virou para Jess.

—Como diabos você concluiu isso do que ela disse?

Urian olhou para Sasha.

—O homem fala de futebol do sul, agora cala a boca.

—O futebol do Sul, a minha bunda. — ele murmurou, antes que se transformasse em um lobo e corresse para a floresta em direção ao que estava se aproximando.

Cabeza tirou uma arma em forma de um triângulo estranho que Kateri nunca tinha visto antes.

—Se eu acidentalmente matar Sasha, você acha que alguém iria me acusar?

—Sim, infelizmente. — Sundown suspirou. —Zarek iria rasgar você sobre isso.

—Zarek o psicótico?

—Sim.

Cabeza bateu nas costas de Ren.

—Então vou culpar você, amigo, que meu dedo escorregou e cedi a meus impulsos.

Ren deu-lhe um olhar irônico.

—*Gracias*.

—De nada.

De repente, e exatamente quando ela lembrou que enquanto os olhos de Ren estivessem azuis ele não seria imortal, a floresta ao seu redor atacou. Literalmente. As árvores. A folhagem. Demônios.



Ren abaixou seu arco e mudou-se para cobri-la.

—Cabeza? *Huitzauhqui*, favor por!

Cabeza manifestou uma arma pá enorme com a afiação irregular e entregou-a para Ren. Mais acentuada do que um facão, cortava através de tudo o que tocava. Ren a apoiou-se contra uma parede de pedra, de modo que nada pudesse atacá-la por trás.

Kateri atirava em todos os alvos que estavam dentro do alcance. Sundown descarregou sua arma, enquanto Urian lutou com uma espada e Cabeza com um tipo diferente de arma de guerra.

Ren amaldiçoava, enquanto mais demônios se arrastavam para fora do chão para atacar. Ele mentiu para Kateri. Seus poderes ainda estavam baixos, por isso ele era tão mortal como ela era. Mas pelo menos os outros não tinham que sofrer por isso.

A pior parte era que ele não conseguiu encher sua aljava ou explodi-los.

Ou poderia?

Ele olhou para Sundown, que ainda tinha que recarregar. Isso significava que Jess era capaz de criar as rodadas...

Fechando os olhos, ele convocou outra aljava. Ela apareceu instantaneamente em suas mãos. Graças aos deuses!

Ele virou-se e entregou as flechas para Kateri, então manifestou bolas de fogo para atirar em seus atacantes. Eles gritavam e gritavam quando o fogo os atingia os conduzia de volta.

Foi uma coisa bonita.

Kateri hesitou com a próxima cena que viu, Ren deixou cair sua arma. Ele inclinou a cabeça para trás e abriu os braços. Arqueando as costas, ele cantou baixinho em uma língua que ela nunca tinha ouvido antes.

Em um piscar de olhos, uma pesada armadura estilizada, diferente de tudo que já vira, apareceu em seu corpo. Um roxo escuro profundo rajado em ouro, que o cobria do pescoço aos pés. Luvas de aço em forma de garras completas com longas garras curvas sobre seus dedos, tanto para proteger como arma para ele, envolvendo suas mãos.

A frente de seu cabelo foi puxada para trás longe de seu rosto e foi presa com penas de águia no alto da cabeça.

Um segundo depois, uma armadura semelhante a cobria. Ela estremeceu com a sensação. Em vez de ser pesado, era leve como o ar. Mas mais do que isso, ela parecia estar respirando.

Era demoníaca.

Conjurou os poderes que ele inadvertidamente herdou durante a amamentação do corvo-demônio. Impressionada com isso, ela voltou a olhar, só para perceber que ele ia colocar algum tipo de campo de força em volta dela para que suas flechas não pudessem ir mais do que alguns metros antes de golpeá-lo e cair no chão.

Com ela a salvo e protegida, ele abaixou a cabeça no semblante do guerreiro que enviou calafrios sobre ela. Em seguida, atacou os demônios com uma habilidade que era verdadeiramente assustadora.



Esta era a criatura que lutou com seu pai um dia e noite durante um ano inteiro. Três demônios atacaram ao mesmo tempo. Ren pegou um com suas garras sob seu queixo. Gritando, ela cambaleou para trás enquanto o outro se movia para esfaqueá-lo com uma espada curta.

Ren os pegou com as mãos, desarmou o demônio, em seguida, bateu a sua arma em linha reta através do estômago do demônio. O terceiro se virou para correr, mas Ren não iria deixá-lo. Ele enviou uma explosão em sua volta.

Sundown baixou a arma quando Urian se moveu para ficar ao seu lado. —Estou me sentindo um pouco desnecessário aqui agora. E quanto a você, cowboy?

—Tão útil como verrugas na bunda de um porco.

Eles se viraram para olhar para Kateri.

—Você sabia sobre isso? — Urian perguntou a ela.

—Mais ou menos, mas é mais impressionante em ação e ao vivo.

E era.

Até que um sentimento ruim passou por ela. Ele é o Thunderbird...

Ela não sabia de onde esse pensamento veio, mas em sua mente, ela o viu como o destruidor da lenda. Enquanto thunderbirds podiam ser protetores, eles também eram conhecidos por desencadear sua ira contra o mundo para destruí-lo. Eles destruíam tudo e todos em seu caminho. Foi por isso que seu pai colocara um thunderbird no colar de Ren que o denotava como um Guardiã.

Cabeza voltou para a sua posição.

—Nós estamos em apuros.

Jess deu-lhe um sorriso incrédulo.

—Como você sabe?

—O *pendajo* lutando com Ren é Chamer. Ele é o marido de Ixtab. A deusa do suicídio.

Kateri começou a avançar, mas não conseguiu ir muito longe antes que o campo de força a barrasse.

—Nós temos que ajudá-lo.

—Ajudar a quem?— Urian perguntou. —De onde estou, Ren é o vencedor.

E se ele estivesse lutando contra um demônio regular, ela poderia acreditar. Mas este era um deus.

Ele vai morrer... Ela podia sentir com cada parte dela.

Ren cambaleou para trás quando Chamer chutou com força em seu peito. O que o deus não sabia era que não doía. A beleza sobre esta armadura era que chamava o poder do ódio e malícia. Quanto mais o deus tentava feri-lo, mais forte a armadura se tornava. E mais fraco o deus iria se tornar.

—Vocês *nunca* sairão daqui. — Chamer rosnou. —Todos vocês nos pertencem agora.

Ren riu.

—Você sabe o que acontece a um deus quando você o mata? Você ganha seus poderes.

Chamer atacou novamente.

Ren rebatia golpe a golpe, sem hesitação.



O deus tentou explodi-lo.

Ren arqueou uma sobancelha.

—Já acabou?

—Você deveria estar em pedaços. Eu não entendo.

Ren agarrou-o pelo pescoço.

—Então deixe-me explicar as regras. Nós dois temos poderes demoníacos. E porque vocês são de origem demoníaca, eles me fazem mais forte. Então convoque todos os deuses aqui. Deixe-me beber de seus poderes até que eu esteja bêbado deles. —Ele riu maldosamente. Então cravou os dentes no pescoço do deus e bebeu seu sangue.

Kateri congelou com a visão.

—Será que ele deveria fazer isso?

—Não. — os três disseram em uníssono.

Cabeza deslizou seu olhar para os outros dois homens.

—Um de nós deve ir e acabar com isso, eu acho.

Urian bateu-lhe nas costas.

—Sem problemas. Vá em frente.

Sundown entregou sua arma para Kateri.

—O que você está fazendo? — Urian perguntou.

—Eu não quero que Ren atire em mim com a minha própria arma. Se ele for por minha garganta, estou esperando que um de vocês chegue junto e o afaste de mim. — Sundown foi para Ren.

À sua aproximação, Ren levantou a cabeça e lambeu os lábios ensanguentados. Seus olhos brilhavam com um vermelho profundo, assustador.

—Por que você não vai em frente e deixa o não tão bom deus ir, Ren?

—Eu sou Makah'Alay. E você deve ter medo de mim.

—Não sou realmente bom na coisa do medo. Eu tentei uma vez, e bem... não gosto do sabor do mesmo. O arrotei por dias depois e não tenho a intenção de fazer *isso* de novo. Agora vamos deixar o deus ir antes façamos algo que ambos iremos lamentar.

Ren inclinou a cabeça de Chamer para trás, expondo a ferida na garganta. Ele cheirou-o como se o cheiro do sangue fosse o melhor néctar existente.

—Por que você não me deixa? Eu acho que vou ficar. Gosto de estar aqui.

Chamer convocou Ixtab para ajudá-lo.

Com longos cabelos negros e pele do melhor caramelo, ela apareceu, então congelou ao ver seu marido sangrando.

—Tire-os daqui, Ixtab. Ou eles vão nos destruir!

Ela ergueu o braço, mas Sundown a parou.

—Nós temos um homem machucado e nós não vamos sair daqui sem ele.

Ela enrolou seu lábio.

—O lobo? Leve o animal. Nós não queremos ele aqui também.



Um segundo eles estavam na floresta, no próximo, eles estavam de volta na casa destruída de Ren.

Mesmo Sasha, que ainda estava em forma de lobo e sangrando muito.

—Vou levá-lo para o Santuário. — Cabeza disse, correndo para buscá-lo e teletransportar.

Sundown recuperou a arma das mãos de Kateri.

—Eu poderia precisar disso depois de tudo.

Urian o deteve.

—Você sabe, uma arma contra um demônio é uma ideia muito ruim. Ela não vai matá-lo, mas só vai irritá-lo.

—Sim, mas vai me fazer sentir melhor.— Sundown passou por Urian, mas Kateri cortou.

Ela foi até Ren e segurou seu rosto com as mãos.

—Bebê? O que está acontecendo?

Ren ouviu as palavras, mas não conseguia entendê-las. Mais do que ele não podia compreender por que essa mulher estranha o estava tocando. Sua raiva aumentou.

Até que ele sentiu o cheiro de seu perfume.

Kateri. Imagens de fazer amor com ela encheram sua cabeça. Ele colocou sua mão sobre o coração, de modo que ele o pudesse sentir batendo debaixo de sua palma.

—Ren?

Ajude-me, Kateri. Ele queria voltar para ela. Mas ele se sentia tão perdido.

Ela puxou-o contra si e segurou-o com força.

—Está tudo bem, querido. Estamos em casa agora. Você está seguro.

Seguro. Ele nunca tinha entendido essa palavra.

Mas, quando ela o balançou para trás e para frente, emoções estranhas e compulsões guerreavam dentro dele. Uma era para mordê-la e provar seu sangue, também.

A outra para protegê-la. Para se certificar de que ninguém nunca a machucasse ou caçasse.

—Olhe para mim, Ren.

Ele o fez. Olhou para um par de olhos que estavam preenchidos com...

Ela o beijou. O momento em que seus lábios tocaram os dele, ele se lembrou de como ela o olhou segurando seu arco e recusando-se a recuar.

—Tudo bem, bebê. Mas só para você saber, você se machucar, vou soltar um mundo de dor e miséria nos traseiros deles tão grande que vai parecer um confronto LSU Bowl. Você está me ouvindo? Roll Tide.

Nessa memória ele se encontrou. É isso que se sente ao ser amado?

Sua mão brincava com o cabelo na nuca, enquanto sua língua brincava com ele. Quando ela se afastou, ele estava tão tonto que por um momento, temia cair.

Kateri respirou de alívio quando viu seus olhos voltarem ao azul. Havia ainda manchas pequenas de vermelho neles, mas ele parecia estar de volta para o Ren que tinha feito amor com ela.

—Sentindo-se melhor?

—Se eu disser não, você vai me beijar de novo?



Ela riu.

—Eu vou te beijar de qualquer maneira.— Sua risada morreu quando ela olhou para baixo para ver a lágrima vermelha no pescoço. A única vez que ela o tinha visto usá-la tinha sido nas visões onde ele lutou com seu pai. —De onde é que isso veio?

Ren olhou para baixo para ver ao que ela estava se referindo. Ele prendeu a respiração no momento em que viu o cristal que continha o sangue de Windseer. O sangue que usara para amarrá-lo ao Espírito Grizzly.

Em sua mente, ele ouviu a cadela má amaldiçoá-lo, e ele finalmente compreendeu. Quando o Guardião havia libertado Ren das garras do Grizzly, Windseer fora forçada a retornar ao serviço de Grizzly. Ela só foi liberada na primeira vez porque entregara Ren a ele, e sua liberdade foi baseada na escravidão Ren.

Não admira que ela o odiasse tanto.

Mas ele não podia dizer a Kateri, e estava grato que ela não pudesse adivinhar o seu significado que o marcava como escravo do Grizzly.

—Não é nada.

Kateri sabia que ele estava mentindo. Ela só não sabia por quê. Mas ela decidiu confiar nele. Talvez ele tivesse uma boa razão para isso. No entanto, era melhor isso não tornar-se um hábito. Ela odiava mentirosos mais do que qualquer coisa, mas ela não era ingênua o suficiente para pensar que nunca haveria um momento em que uma mentira seria necessária. Como em todos os casos, quando era crianças e disse a Sunshine que um de seus quadros era bonito quando na verdade pensou que era horrível.

Ele está escondendo algo de mim.

E era ruim. Ela não conseguia afastar esse sentimento, não importa o quê. Pior, imagens dele em um rompante homicida não queriam ir embora, não importa o quanto ela tentasse.

Nelas, ele destruiu o mundo inteiro. E não havia nada que pudesse fazer para detê-lo.

Capítulo 16

Acheron Parthenopaeus parou quando entrou no quarto de Kateri. Embora a casa dela fosse modesta, o interior estava preenchido com calor.

Como sua própria casa, em Nova Orleans.

Um sorriso curvou seus lábios quando pensou em sua esposa e filho. Não podia esperar para levá-los de volta para casa e ter toda essa maldade colocada de lado.

Se isso não os matasse a todos.

Sua mãe ficaria emocionada ao ouvir sua dúvida. Mas ele não queria pensar sobre ela agora. Precisava encontrar a pedra do tempo de Kateri e entregar isso a ela. O tempo estava se esgotando e os portões estavam muito finos, eles estavam translúcidos.



—Droga, existe um monte de pedras aqui, — murmurou enquanto olhava tudo ao redor da sala. Havia ainda mais em caixas na garagem e uma pilha enorme na varanda coberta de trás. Ele nunca vira nada assim.

A mulher era obcecada.

—Foi um longo tempo, Acheron.

Congelou ao som de uma voz que não ouviu falar em séculos. Voltando-se, viu a sombra da feiticeira extremamente sábia que conheceu em uma missão anterior para evitar o juízo final. — Ixkib. Como tem passado?

—Não tão bem quanto gostaria, mas estaria feliz em ter sua ajuda, velho amigo.

—Estou contente de continuar aqui para fazê-lo.

Ela riu. E por isso, ele soube que não era a Ixkib verdadeira. Embora parecesse como ela, não possuía o mesmo riso. Terror o preencheu.

—Quem é você?

—Você me conhece.

Acheron procurou em sua mente, mas não podia dizer quem era.

—Não, eu não conheço.

Mas logo que essas palavras saíram de seus lábios, percebeu que estava errado. Ele a conheceu...

—Tiva.— A deusa do tempo desvendado. Enquanto seu irmão gêmeo supervisionou o próprio tempo e manteve-o em ordem, Tiva viveu para destruir vidas.

Zev era o que eles chamavam de Tempo.

Tiva era Sem Tempo.

Ela estalou a língua para ele.

—Sempre brilhante. A propósito, obrigada por me guiar até aqui. Apreciei isso. Nunca teria encontrado este lugar sem você. — Ela se moveu para passar por uma das caixas.

Ash puxou-a para longe.

—Eu não posso deixar você fazer isso.

Ela zombou.

—Você não pode me impedir.

—Oh, sim, posso. — Ash sentiu seu corpo começar a brilhar enquanto seus poderes de deus surgiam. —Você quer tentar comigo?

Kateri ainda estava preocupada com Ren. Embora ele dissesse que estava bem e ambos estivessem de volta às roupas normais, ela tinha suas dúvidas. Algo que não estava bem.

Agora que ele estava descansando em sua cama, ela escapou para uma xícara de café. Sentou-se à mesa da cozinha com Cabeza, que voltara há pouco tempo e os deixou saber que Sasha estava sendo atendido e teria recuperação completa.

Kateri desligou o telefone e sorriu para Cabeza.



—Sunshine disse que eles estão bem e que Rain a está fazendo subir pela parede. Ela quer que nos apressemos para que ela possa ir para casa antes que o mate.

Cabeza riu.

Séria, Kateri passou a mão pelo cabelo.

—Ainda não entendo por que tudo isso caiu em mim. Entendi que Sunny não é completamente nativa americana por causa de sua mãe, mas...

—Sua avó era uma mulher muito especial,— Cabeza disse, interrompendo sua linha de pensamento. — Antes de existirem registros mantidos, uma feroz batalha foi travada entre nossos povos. Ahau Kin era nosso deus do submundo e do tempo, e tivemos uma sorte excepcional em não nos encontrarmos com ele enquanto estávamos em Xibalba. Claro, Ren poderia ter aproveitado mais de seu sangue. Por que arriscar? De qualquer forma, você sabe quem ele é, não sabe? Ele é quase sempre mostrado no centro dos nossos calendários.

—O deus com cara de jaguar. Ren já falou comigo sobre isso, e disse que Ahau Kin era o pai da Anikutani.

Ele inclinou a cabeça para ela.

—Quando as outras tribos foram atrás do povo de Ren, eles odiaram e atacaram com tanta raiva Ahau Kin que ele amaldiçoou e dividiu-os por todo o tempo. A intenção dele era enviar a humanidade para fora desta existência e eliminá-los para o reino do submundo, para que ele nunca mais pudesse vê-los novamente...

As palavras dele estalaram na mente um evento em particular. Foi em uma aldeia, escura e pequena onde os fogos queimavam em toda a volta. Ahau Kin estava andando pelo centro da vila, certificando-se de que não havia sobreviventes.

De repente, ele viu uma jovem mulher segurando o bebê de seu vizinho, tentando protegê-lo.

Ele foi para matá-los, mas em vez de se esconder, ela manteve sua posição.

—O que você está fazendo é errado, — ela gritou sem medo. —Você é supostamente melhor do que nós, mas não é, não é mesmo? Meu pai sempre disse que ser um idiota para os outros não faz você se sentir melhor, e se faz, então realmente sinto pena de você. Como é terrível segurar todo o poder do universo e não ter nenhum meio melhor de lidar com ele.

Suas palavras o atordoaram. Ali estava ela, um ser humano fraco, e ousou enfrentá-lo. Não com armas.

Com as palavras.

Essa coragem e sabedoria em uma pessoa tão jovem e pura tocou uma parte desconhecida dele. Isso o fez admirá-la, e por essa razão, não poderia se compelir a matá-la. Em vez disso, tomou-a como sua noiva humana e ela deu-lhe uma centena de filhos e 30 filhas. Pela primeira vez na história do universo, Ahau Kin foi verdadeiramente feliz. Mas, devido as suas ações contra os continentais, ele provocou uma brecha no cosmos.

Um desequilíbrio de escuridão provocado pelo ódio dele.

O mal varreu o mundo, devorando tudo o que tocava. Pior, aquilo atingiu sua família humana.



Para salvar as crianças que ele tanto amava de serem mortas, Ahau Kin impeliu a escuridão para trás, banuiu-a para depois do cruzamento no céu, onde a árvore da vida faz uma ponte entre este mundo e o escuro. Ahau Kin colocou-a lá para que aquilo não pudesse prejudicar sua família.

Mas a escuridão era forte e ela não ficou lá. Ele soube isso no momento em que selou o portão.

—*A cada ano a partir daquele dia, sempre que o sol do solstício de inverno cruza o arco do céu, isso faz com que o coração do céu abra.*— Era a voz de sua avó que Kateri ouvia agora, contando-lhe esta história.

—*E a partir desse portão, toda a escuridão e todo o mal que isso implica é capaz de descer da árvore sagrada e retornar a Terra para causar estragos e vir pegar crianças de Ahau Kin.*

Para salvar seus filhos e os proteger, Ahau Kin arrancou um pedaço do sol do céu e trancou-o dentro de uma pedra especial. Sempre que as estrelas se alinhavam com o solstício e o portão estava enfraquecido e permitia-lhes sair de sua prisão, o Ixkib — a alma jaguar que era uma filha direta da esposa de Ahau Kin — utilizava a pedra para conduzir as trevas de volta ao céu e o lacrava fechado, zerando assim o calendário até o próximo alinhamento. Mas se suas crianças não existirem mais, então o mundo do homem deixará...

Kateri era a última dessa linha direta. Sua mãe foi designada como o Ixkib. E a escuridão sabia. Veio para ela e a matou.

Assim como matou sua avó. O invasor de sua casa nunca foi pego porque fora um demônio que lhe tirou a vida.

A única razão de Kateri sobreviver foi porque seu pai e padrasto foram enviados para mantê-la segura e escondê-la do mal que a queria morta. Mas, se não fosse pelo cuidado deles, poderia ter morrido enquanto era criança...

Mentira. Ela não queria acreditar nisso. Mas sabia a verdade agora.

Foi por isso que nunca estudou história maia. Seu pai colocou aquela aversão nela para mantê-la longe de qualquer coisa que pudesse alertar seus inimigos de seu paradeiro.

E sua avó, sabendo que um dia a pedra do tempo seria dela, havia lhe ensinado a amar e coletar rochas e minerais. Sua força combinada manteve a pedra do tempo blindada e fora da rede daqueles que a teriam destruído.

Em sua mente, Kateri viu a pedra que precisava perfeitamente. Que estupidez a dela não saber imediatamente.

Sua avó sempre se referiu a ela como o Olho do Sol, dizendo que era a pedra mais poderosa que ela possuía em sua coleção. A mesma cor laranja da *bandeira Cherokee* ⁸⁶ oficial que levava sete estrelas, uma para cada clã da nação Cherokee, e o mesmo número que as estrelas Plêiades, juntamente com a estrela solitária preta no canto superior que significava aqueles que morreram tragicamente na Trilha das Lágrimas... e contra a mesma escuridão que eles sempre protegeram.



86

Bandeira da Nação Cherokee.



Por causa disso, mesmo a bandeira da paz deles possuía a constelação de Yonegwa - sete estrelas vermelhas contra um campo de branco...

E aquela foi a única pedra encontrada no México. Todas as opalas de fogo mexicanas eram raras, mas raramente elas mostravam o jogo de cores que era comum nas opalas mais familiares — negras — e brancas encontradas no resto do mundo.

Enquanto era uma criança, Kateri costumava acreditar que a opala de sua avó piscava para ela. Que aquilo estava tentando lhe dizer um segredo.

Agora ela sabia o que era o segredo.

A opala de sua avó realmente veio do sol. Realmente irônico, dado o fato de que isso estava em um colar que sempre lembrava a Kateri o estilo de um sol maia em um de seus símbolos.

Inacreditável.

Ela franziu a testa para Cabeza.

—O que tenho a ver com isso?

—Na parede de uma caverna que apenas um Guardião pode ver, haverá um mural de um pássaro-trovão e um beija-flor. Você vai ter que tirar o Kinichi, o olho do sol e colocá-lo em uma de suas bocas... qualquer uma tem um foco do pássaro-trovão para que ele possa levar o olho para o céu e conduzir a escuridão de volta. Uma vez feito isso, a pedra será devolvida para sua conservação.

—E este mural onde está localizado?

—No Vale de Fogo.

E foi por isso que a trouxeram para Las Vegas. O Vale de Fogo era onde seu pai foi para descansar após sua batalha com Ren. No coração do Vale estava uma caverna que era crítica, enquanto se formou uma intersecção entre todas as portas do mundo e os reinos que ninguém queria abrir.

Honestamente, não queria acreditar em nada disso.

Mas toda vez que esse pensamento vinha, ela ouviu a voz de sua avó.

—Você não tem que acreditar em algo para que seja real.

Deus abençoe sua avó por aquela única verdade.

Ela olhou para Cabeza.

—Você já se sentiu tão oprimido pela responsabilidade que tudo o que queria fazer era se enrolar em sua cama e se tornar um vegetal?

—*Sí*, mas estava no meio de uma batalha na época e não podia me debruçar sobre esse desejo.— Ele ergueu a caneca de café em uma saudação silenciosa. —Assim como você, *bonita*. Sem tempo para viver.

Ela assentiu com a cabeça.

—Posso perguntar uma coisa?

—Coloquei o assento para baixo. Juro.

Ela riu de seu comentário inesperado.

—Sério, por que você fala espanhol, quando você é realmente maia?



—Porque quando falo a minha língua nativa ninguém, diferente de Acheron e um pequeno punhado de outros Dark-Hunters, podem conversar comigo internamente. E aprendi espanhol muito antes de aprender Inglês. Passei dois mil anos na Espanha, País Basco, e Portugal, antes que fosse autorizado a voltar para minha terra natal.

—Uau, — ela suspirou. — Isso é incrível.

—Eu não sei sobre incrível. Longo, *si*. Definitivamente... Foi difícil me acostumar no início. As coisas lá eram muito diferentes do que estava acostumado aqui. Foi um mês inteiro antes que pudesse prender minha calça corretamente. Levou a alguns momentos bastante embaraçosos, especialmente quando precisei explicar aos outros porque os Daimons escaparam e minhas calças estavam em meus tornozelos. Infelizmente, então nós não contávamos com o Google para procurar. Tempos duros, difíceis.

Ela riu de novo. Uma vez que Cabeza baixou as paredes de 30 metros de espessura em torno de si, era bastante divertido.

—Já que você esta tão falante... por que te chamam Cabeza? Preciso saber.

Ele deu um sorriso sarcástico.

—Sempre digo às pessoas que são das cabeças que coletei na batalha.

—Mas isso não é a verdade, não é?

Ele balançou a cabeça. Uma tristeza profunda e escura se abateu sobre ele. Por alguns segundos, ele não falou.

—Quando eu era um garoto de 10 anos... meu irmão mais velho foi morto pelo pai de Chacu. Foi um momento ruim em Tikal então. O Reino Snake sempre nos atacava. Em um desses ataques, eles foram atrás de um grupo de crianças e feriram várias. Meu irmão mais velho ficou para trás para atrair o fogo para que os meninos pudessem fugir. Eles fizeram isso, mas o preço daquela segurança foi a vida do meu irmão. Quase quinze anos, ele não durou muito tempo contra um bando inteiro de guerreiros experientes. Esses bastardos pegaram a cabeça do meu irmão e foram jogar bola com ela. Quando minha mãe descobriu, isso quebrou o coração dela mais uma vez. Ela disse que era como se ele fosse assassinado a cada vez que faziam isso. Ela disse que nunca seria capaz de dormir enquanto eles o desonrassem assim. Eu não podia suportar vê-la tão miserável assim escapei para a capital da cidade deles e encontrei a cabeça do meu irmão, então a trouxe para casa para minha mãe para que ela pudesse dormir de novo.

Kateri colocou a mão sobre o coração, enquanto as lágrimas encheram seus olhos.

—Como foi terrível para você. Sinto muito.

Cabeza deu de ombros.

—Ruim para mim, sim. Para minha mãe, muito pior. Perdi meu irmão. Ela perdeu o filho... Muito, muito pior. —Ele limpou a garganta. —Meu tio, ele era um pouco louco. Então ele começou a me chamar Cabeça como uma forma de celebrar minha coragem e lealdade. Para lembrar a mim e a outros que a coisa mais honorável na vida não é viver egoisticamente, mas assumir riscos por aqueles que amamos. Ele costumava dizer que ser homem não é sobre matar ou tomar. Não se trata de provar seu valor ou seduzir mulheres. É quando você está disposto a dar sua vida em vez de assistir sua família chorar ou ser degradada.



—Ele estava certo.

—Ele estava, de fato, e assim até hoje, em homenagem a ele, ainda vou por isso.

—E você definitivamente honra a isso e à sua família.

Ele desviou o olhar, mas não antes que ela visse a vergonha que escureceu o olhar dele. Ela começou a pedir-lhe para explicar isso. Em seguida, pensou melhor. O que quer que estivesse no passado o machucava profundamente. E ela estava grata que seus poderes não lhe mostrassem isso. Porque se isso poderia fazer um homem que, aos dez anos, entrou em uma cidade inimiga para trazer de volta a cabeça de seu irmão... tinha que ser ruim.

E algumas lembranças eram demasiado horríveis para compartilhar.

—Eu acho que vou ver Ren.

Ele inclinou a cabeça para ela, mas não falou.

Kateri hesitou na porta e voltou-se para observar Cabeza. Ele tirou o anel de seu dedo mindinho e acariciou enquanto se perdia em pensamentos. Enquanto fez isso, ela teve uma imagem de uma bela mulher. Pequena e doce. Kateri não fazia ideia de quem era a mulher, mas ela o deixou com as memórias dele enquanto se dirigia para o corredor para o quarto de Ren.

Ele ainda dormia. Preocupado com ele, ela se sentou na cama e sentiu a testa dele para ver se estava com febre. No momento em que o tocou, ele abriu os olhos, que ainda estavam azuis, depois franziu a testa.

—Como cheguei aqui?

—Você não se lembra?

Ren procurou em sua mente por uma resposta. Ele viu Windseer e depois... nada.

—Nós estávamos sob ataque. Essa é a última coisa que me lembro.

—Você não tem memória de atacar um deus e beber o sangue dele?

Ele estremeceu com isso.

—Diga-me que não fiz.

Ela assentiu com a cabeça.

Amaldiçoando a si mesmo, ele se sentia doente. Essa era a coisa sobre beber sangue sobrenatural. O sabor era letal e a indigestão viciosa.

—Que deus?

—Droga... do que Cabeza o chamou? Ele é o único casado com a deusa do suicídio.

Oh, isso era ruim.

—Chamer?

—Foi isso.

Ren rangeu os dentes.

—Bem, pelo menos não ficarei com gago por um longo tempo.

Ela arregalou os olhos.

—Beber sangue afeta sua gagueira?

—Sim, está totalmente ferrado, certo?

—É definitivamente algo.

—Assim como chegamos aqui?, — Ele perguntou de novo, voltando à sua pergunta principal.



—Você assustou tanto o deus, que ele nos baniu do submundo e nos atirou para fora. Bom trabalho, lá. Quem sabia que era tudo o que precisava fazer para ficar livre?

Ren ignorou o sarcasmo dela enquanto seus pensamentos se agitavam. Grizzly deve tê-lo possuído e o induziu a fazer isso. Seu intestino apertou com o medo que ela tivesse visto tudo. — Estava...

—Possuído? Se você quiser perguntar...

Ele estava possuído e ela viu cada pedacinho disso. Droga. Depois, ele congelou enquanto se lembrava de Kateri o segurando. De alguma forma, ela alcançou através do demônio para tirá-lo.

Assim como seu pai.

Bem, não *exatamente* como seu pai. O Guardião bateu miseravelmente em Ren para fazê-lo. Literalmente. Ele preferia muito mais a maneira de Kateri. Embora, para ser honesto, estava feliz que seu pai não tivesse tentado *isso*. Seu pai abraçando-o como um amante o enojava ainda mais do que beber sangue de um deus.

Não admira que se sentisse de ressaca.

Que ele não deveria se sentir se fosse um Dark-Hunter.

—De que cor estão meus olhos?

—Ainda azuis.

Duplamente condenado.

—A propósito, você é profundamente sexual ou mais apropriadamente mais sexual ainda quando você usa a armadura de demônio. — Ela puxou o fôlego bruscamente entre os dentes. — Ooo bebê. Legal.

Ele recordou vagamente convocando isso.

—Consegui a habilidade para invocar isso de minha ama de leite⁸⁷. Mas a armadura em si, foi um presente de minha mãe.

—Sério?

Ele acenou com a cabeça.

—Depois que morri, Artemis apresentou-se com ela e me disse que poderia acessá-la com os poderes demoníacos.

—Presente agradável.

—Preferia ter minha mãe.

—Eu sei, querido.— Ela deitou-se ao seu lado e colocou a mão sobre seu coração.

Ren fechou os olhos enquanto o perfume dela mais uma vez o atingia. Entre isso e o toque dela, seu corpo ficou imediatamente rígido. Mas pior do que isso eram os sentimentos dentro dele. Sentimentos que queriam ficar com ela assim para sempre.

Sentimentos que foram à loucura quando seu hálito tocou seu mamilo enquanto ela desenhava círculos sobre seu peito.

—Você está me matando, Kateri.

Ela levantou-se para olhar para ele.

—Eu não estava tentando matar você, querido.

⁸⁷ Ele refere-se, o demônio que cuidou de Ren a pedido de sua mãe, enquanto ele era bebê.



Mas, enquanto o olhar dele descia para a fenda na camisa dela que mostrava claramente seus seios, ele teve certeza de que era terminal.

O sorriso dele se tornou sedutor enquanto ela lentamente beijou o caminho para baixo de seu corpo. Seus sentidos vacilaram. Por que não a encontrou enquanto era humano? Sua vida então teria sido radicalmente diferente se eles tivessem se encontrado.

Mas ela não nasceu. Não até séculos mais tarde...

Oh, bah, sou um homem velho e sujo. Um que era velho o suficiente para ser seu bisavô um milhão vezes.

Esse pensamento dispersou enquanto ela o levou em sua boca. Gemendo de êxtase da língua dela acariciando-o, ele segurou seu rosto com a mão e acariciou o queixo com o polegar. Ela era tão linda. Tão perfeita.

E a visão dela sobre ele...

Como posso deixá-la ir?

Mas ele sabia que não podia ficar com ela. Não como um demônio. Não como escravo do Grizzly. De alguma forma, ele teria que encontrar a coragem de afastar-se dela e continuar a viver a eternidade sem ela.

Apenas o pensamento disso se sentia como um soco no estômago. Pela primeira vez em sua vida, ele poderia ver-se envelhecer com alguém. Ter uma família...

Quando ele foi mortal, essas coisas foram vagas e indefinidas. Mas agora elas estavam absolutamente claras e ele podia ver o rosto dela.

Grizzly encontrou um novo nível de inferno para relegá-lo.

Kateri hesitou enquanto sentia Ren tenso. Com medo de que o tivesse machucado, ela se afastou para ver a expressão mais quente em seu rosto. Ele estava selvagem e faminto. Ele puxou-a acima para deitá-la sobre seu corpo de modo que poderia lhe dar o beijo mais incrível de sua vida. Suas presas tocaram os lábios dela enquanto enterrou suas mãos nos cabelos dela e fechou-os nos punhos sem machucar. Era como se ele estivesse tentando consumi-la. Aquele beijo a deixou sem fôlego e fraca.

Rolando mais, ele usou seus poderes para deixá-la nua. Seus músculos contraíram e apertaram ao redor dela, enquanto brincava na orelha dela com a língua até que ela viu estrelas. Suas mãos pareciam estar em toda parte ao mesmo tempo, acariciando e se aprofundando, aumentando o prazer dela até que ela não conseguia pensar direito.

Ele levantou-se para olhar para ela por um instante antes que ele a preenchesse.

Ela o sentiu profundamente dentro de seu corpo, tão bom que a fez gritar alto. Mordendo o lábio, ele empurrou-se contra os quadris dela, levando-se ainda mais profundo. Ninguém nunca fez amor com ela assim. Como se ela fosse o ar que ele precisava para sobreviver.

Ren pressionou sua bochecha contra a dela e segurou-a tão apertado como podia. Ele nunca quis deixá-la ir. Ele nunca quis deixar seus braços.

Pela primeira vez em sua vida, ele compreendia plenamente o que significava pertencer a outra pessoa. Corpo e alma. Não havia nada que ele não faria por ela. Rastejaria nu sobre vidro quebrado no abismo mais profundo do inferno só para fazê-la sorrir.



E quando ela gozou em seus braços, gritando seu nome, encontrou um nível de céu que nunca soube que existisse. Um que sabia, nunca teria novamente.

Malditas sejam, Destinos.

E maldito ele por ser completamente idiota que tivesse ferrado sua vida tão mal.

Cerrando os olhos fechados, ele se juntou a sua libertação e estremeceu contra ela. Ela passou as mãos em suas costas enquanto ela enterrou seus lábios contra seu pescoço e atormentava com leves, beijos doces.

—Está tudo bem, Ren?

Não. Uma vez que ela saísse de sua vida, ele nunca estaria bem novamente.

Mas ele não podia dizer isso à ela.

—Tudo bem. Você?

—Preocupada com você. Existe algo que possa sentir, mas não sei o que é.

—É chamado de nervos.

Ela bufou.

—Sei como sentem os nervos. Eles vieram jogar com todos os seus amigos a semana toda antes que precisasse defender minha tese.

Ele não respondeu sua tentativa de fazê-lo rir enquanto relutantemente deslizava para fora dela e rolava de costas. Ela aconchegou-se contra ele e suspirou satisfeita.

Portanto, isto era o que sentiam os normais...

Ele nunca experimentara antes. Como algum homem poderia ter um presente precioso e almejar algo mais?

Kateri observava as emoções cruzarem no rosto dele, desejando que pudesse identificá-las. A única coisa que sabia com certeza era que algo o incomodava.

Muito.

—Então...— Ela esticou aquela palavra para fora. —Se sobrevivermos a tudo isso, o que vai acontecer com a gente?

—Você vai voltar para o ensino e...

—Não, não quero dizer como você e eu. Quero dizer *nós*.

Ren estremeceu com a onda de dor que o desapontou. Ele nunca teve um “nós” antes. Nunca teve alguém que queria colocá-lo em seu futuro.

Era algo que ele desejava tanto... tão desesperadamente, que poderia prová-lo.

Se ainda tivesse minha alma, a venderia para mantê-la...

E se os desejos fossem Porsches, todos eles andariam livres e em grande estilo. Ele engoliu contra a dor em seu coração. Aqui, neste momento, quando não queria nada para estragá-lo, ele teria que quebrar o único coração que o amou.

Eu sou um bastardo.

—Não há nenhum nós, Kateri. Nunca pode haver um nós.

Kateri prendeu a respiração quando aquelas palavras desalentadoras a atingiram. *O quê? Você precisava saber isso. Por que está tão surpresa?*



Ele era um guerreiro imortal. Ela era uma geóloga. Além de sexo quente, o que eles realmente tinham em comum?

Nenhuma maldita coisa.

Ele inclinou a cabeça para que ela pudesse olhar para ele.

—Você está bem?

Recusando-se a deixá-lo ver a profundidade que ela foi ferida, ela concordou.

—Tudo bem. Sou uma menina grande, Ren. Eu não sou uma daquelas românticas de olhos suaves que espera um anel só porque dormimos juntos. Pelo menos não era o seu caso de uma noite.— Ela se levantou e foi para o banheiro.

Ren apertou os dentes com a dor que viu nos olhos dela. *Você é a única mulher que já amei.* Ela era a única mulher que ele já amou.

Mas o amor não era para criaturas mestiças como ele. E não deveria ser. Ele destruiu muitas vidas. Não merecia a felicidade depois de ter tomado isso de tantos outros. Ele nem sequer merecia ter tido o pouco que lhe foi dado.

Cobrindo os olhos com seus braços, tentou banir suas emoções e pensamentos. Em vez disso, ele voltou para quando foi um adolescente com Coyote.

—Você ouviu? Choo Co La Tah vai se casar.

Ren tinha franziu a testa para seu irmão.

—Já?

Coyote assentiu.

—Os pais dela arranjaram isso com os dele. Ouvi dizer que ela é linda. Não tão bonita quanto minha noiva será, tenho certeza, mas estou feliz por ele.

—Eu gostaria de p-p-pensar que e-e-e-existem coisas m-m-mais importantes do que aparência.

Coyote começou a rir.

—Não p-p-pense, Makah'Alay. É embaraçoso. O que poderia ser mais importante do que a sua aparência?

Ele odiava sempre que Coyote fazia isso. Já era ruim o suficiente quando isso vinha de outros, mas isso atormentava mais quando era seu próprio irmão. Recusando-se a ser escarnecido mais, ele deu de ombros.

Coyote suspirou.

—Você pode imaginar ter uma bela mulher em sua cama todas as noites, que pertença a você? Uma com quem você pode transar a noite toda tantas horas como você queria, e ela não pode dizer não porque é sua mulher? Oh, desculpe. Eu sempre esqueço que você ainda é virgem. Nós realmente precisamos cuidar disso. Você quer tentar o bordel de novo?

Horrorizado, Ren balançou a cabeça. A última vez que havia cometido este erro, a prostituta o afastou. *Não atendemos retardados aqui. Leve-o em outro lugar.*

Durante semanas depois, ele teve de suportar comentários de Coyote sobre como ninguém sabia que prostitutas eram exigente, e como era horrível quando você era tão patético que você não poderia negociar a barganha de uma prostituta por uma hora.



Coyote deu um tapa nas costas dele.

— Pobre Makah'Alay. Mas tenho fé, irmão. Tenho certeza que existe uma prostituta por aí que vai ter você um dia.

Ren suspirou. Em mais de 11 mil anos ele só encontrou duas mulheres que puderam dormir com ele. Um foi uma puta imortal que roubou sua humanidade.

A outra era uma dama que lhe deu seu coração.

Querendo aliviar qualquer dor que lhe tivesse dado, ele se levantou e foi ao banheiro. Os soluços dela, enquanto tomava banho o paralisaram. Eles o atingiram tão forte que por um minuto, não conseguiu respirar.

Incapaz de suportá-lo, ele foi para o chuveiro e puxou a cortina. Ela engasgou, então chorou ainda mais.

Ren a tomou em seus braços e a abraçou com força.

—Eu te amo, Kateri,— ele sussurrou. —Você é a única no mundo que realmente amei. Gostaria de vender um rim para calçar seus pés e venderia minha alma, se ainda tivesse uma, para fazer você sorrir.

Kateri estremeceu quando ouviu a sinceridade na voz dele. Ele quis dizer isso.

—Então por que você disse...

—Porque não posso estar com você. Uma vez que zerar o calendário, tenho que voltar para o que estava... e você também.

—Por quê? Sundown era um Dark Hunter. Talon, também. Agora eles estão casados. Por que não pode ser assim pra nós?

Porque eles tiveram mais sorte do que ele. E não venderam sua liberdade de comprar de volta a vida de suas esposas.

—Por favor, não chore, Kateri. Eu não suporto ver você triste.

—Sinto muito.— Recuando, ela o puxou para o chuveiro com ela. —Eu também te amo, você sabe.

Ele saboreou o som das palavras sinceras que nunca pensou em ouvir. Elas ficavam ainda mais bonitas quando se falava com o coração.

Fungando as lágrimas de volta, ela ensaboou seu pano, em seguida, usou-a para banhá-lo.

—Seus olhos estão sempre azuis?, — ela perguntou enquanto tocou levemente a tatuagem arco-e-flecha em seu quadril esquerdo.

Ele acenou com a cabeça.

—Eles pensaram por muito tempo que eu era cego. Levei anos para fazê-los entender que eu podia ver perfeitamente.

—Acredito que eles são de sua mãe.

—Sim, e meu pai odiava. Ele disse que era como olhar para ela mais uma vez e que fazia a pele dele arrepiar com repulsa. Às vezes, ele apenas caminhava, e me esbofeteava por tê-los.

—Que terrível!

Ele deu de ombros.



—Acredite ou não, você se acostuma com isso. Você sabe que vai ser esbofeteado por algo que não espera quando vem. Além disso, os tapas não doeram tanto assim. Preferia isso a ser chicoteado pela língua dele.

Ela não podia imaginar apanhar por algo com que tivesse nascido. Algo que não poderia ajudar.

Algo tão bonito e incomum.

—Você sabe, Ren, acho que você é a pessoa viva mais fascinante.

Ela poderia plantar milho nos sulcos da carranca criada na testa dele, eles eram tão profundos.

—Por quê?

Se não tivesse havido tantas dúvidas e confusão em uma única palavra, ela teria rido. Mas ele realmente, realmente não via isso.

—Você nasceu de duas culturas antigas totalmente diferentes. Sua mãe era uma deusa, Ren. Uma real deusa grega que te amou tanto, ela enviou outra deusa para cuidar de você. Você disse que entendeu Apollymi. Enquanto sua mãe não tentar destruir o mundo em cima de você, você era o mundo dela. Ela o amava tanto que o pior castigo que Zeus poderia dar à ela foi lançá-la para o céu como um cometa, para que ela nunca visse o bebê que tanto amava. E sim, seu pai foi definitivamente um babaca, mas ele também era o chefe de uma tribo de guerreiros lendários. *Você foi* um desses guerreiros que nosso povo ainda fala em voz baixa e reverente. Você guiou um exército... ok, foi um exército do mal, mas você guiou um exército de demônios - *você* tem sangue de demônio e poderes. E você, lutou com meu pai por um ano e um dia. Nobre, Ren, você é o homem mais fascinante que já conheci. Você detém energia de três culturas diferentes. Quantas pessoas podem fazer isso? Sério? Isso é impressionante. *Você é* impressionante. — Essas palavras fizeram seu coração disparar.

Não, não as palavras. A paixão por trás delas. Ela quis dizer cada uma delas. Não foram ditas por bajulação, porque queria alguma coisa dele. Ela queria dizer cada palavra que falou.

—Adoro a forma como você vê o mundo, Kateri.— Acima de tudo, ele amava como ela o via. Enquanto ela ensaboava seu peito, parou no colar.

—De onde é que isso veio? Você não estava com isso mais antes.

Ren hesitou. Ele não queria mentir para ela, mas certamente não podia lhe contar a verdade.

—Isso veio com a armadura.

—Ah. É muito bonito.

—Obrigado,— ele disse secamente. —Aquilo era o que parecia que estivesse fazendo.

Ela riu de seu sarcasmo.

—Desculpe. Parece tudo quente e viril em você.

Se ela soubesse...

Ele nunca poderia removê-lo e, com isso, Grizzly poderia convocá-lo em qualquer lugar. Qualquer momento.

Enquanto você usá-lo, Kateri estará segura. Esse pensamento era a única coisa que fazia sua escravidão suportável.



—Ei, Ren?— Sundown chamou do corredor. —Você está aí?

—Sim.

—Você já viu Kateri há pouco?

Ele deu um sorriso torto.

—Hum... sim.

—Onde ela está?

Ele abriu a boca para responder, mas não tinha certeza do que dizer. Ele não queria constrangê-la. O mais provável é que ela não queria que soubessem que estava dormindo com ele.

Mas antes que ele pudesse pensar em uma resposta, ela gritou para Jess.

—Eu estou no chuveiro com Ren.

—Oh Meu Deus, sinto muito. Certamente não tive a intenção de perturbar qualquer um de vocês. Enquanto você estiver. Isto pode definitivamente esperar para mais tarde. Você tem tempo. Tudo o que você precisar. Nós vamos... uh... segurar a fortaleza. E estou fora do corredor.

Ren se sentiu muito mal quando ouviu passos de Sundown recuando.

—Sinto muito, Kateri. Eu não queria te envergonhar.

Ela arqueou uma sobrancelha por sua declaração enquanto afundou a mão para baixo para o copo dele.

—Você não me envergonha, querido. Eu não me importo se ele sabe. Podemos gritar isso do telhado, se quiser.

Isso era algo que nunca se acostumaria.

Ela levou tempo banhando-o ele e foi muito meticulosa enquanto fez isso. Até o momento que terminaram, não havia água quente restando e estava escuro como breu lá fora. Ele odiava se vestir e deixá-la, mas o fim do mundo não respeitava ninguém.

Secando seu cabelo com a toalha, entrou na sala de estar para descobrir que Urian, Sundown, e Cabeza estavam acompanhados por Acheron. Mas levou um segundo para reconhecer seu líder destemido com o cabelo curto.

Agora havia algo aterrorizante.

—O que aconteceu com você? Entrou em uma discussão perdida com um par de tesouras?

Acheron revirou os olhos.

—Porra, todos vocês estarão fazendo isso difícil para mim, até que volte a crescer. Juro. O que é mais importante? Armageddon ou meu corte de cabelo?

Kateri parou no corredor quando ouviu aquela voz profunda e retumbante que falava com um sotaque de um tipo que ela nunca ouviu antes. Portanto, este era o misterioso Acheron que liderava os Dark-Hunters.

O filho de uma deusa que quase acabou com o mundo que foi feito para ele.

Curiosa, entrou na sala de estar e congelou. Ela não tinha certeza do que esperava encontrar, mas certamente não era... *isto*.



Sim, bem, Senhor Rei Fodão acabou de entrar no prédio. Sua mandíbula afrouxou enquanto ela olhou a altura ridícula do último homem para participar da festa deles. Apenas pouca coisa perto de 2,10 m, ele possuía cabelo preto curto emoldurando um rosto que parecia ter sido perfeitamente esculpido em granito. Sua aura era tão escura e poderosa que fazia o cabelo dela na parte de trás do pescoço e nos braços se erguerem.

De todas as coisas assustadoras na sala, ele definitivamente envergonhava os outros, e não era uma coisa fácil de fazer.

Prendendo-a com um olhar que a deixou completamente imóvel, Acheron avançou com a caminhada mais predatória que ela já viu. Algo que não era fácil de desviar quando considerasse o fato de que ele era fisicamente muito bonito e surpreendentemente jovem.

Provavelmente não mais do que 20 ou 21, ele era absolutamente belo... quase angelical. Exceto por essa aura de autoridade letal que sangrava fora de cada molécula que possuía. Sim, esse era um homem acostumado a liderar um rebanho e lutar com guerreiros como Cabeza, Sundown, e Ren.

E ela não poderia deixar de olhar para seus olhos assustadores. Eles literalmente rodaram com uma cor prata nebulosa... e estavam preenchidos com a promessa da morte.

Envolto completamente em negro, ele enfiou as mãos nos bolsos de um casaco de couro longo. Puxou uma mão para fora e estendeu-a para ela.

Ela instintivamente deu um passo para trás.

Felizmente, ele possuía um senso de humor sobre isso.

—Eu não vou machucar você, Dra. Avani. Prometo. Eu só mordo quando recebe um convite para fazê-lo.

E ele tinha maneiras também...

Esquisito.

Ele abriu a mão enorme para mostrar à ela o colar de sua avó.

Atordoada, ela abriu a boca para ele... Com certeza, teve que esticar o pescoço para fazê-lo.

—Como é que você sabe onde encontrá-lo?

—Tenho meus maus caminhos.

Sim, aposto que você tem. Ela olhou aquilo fora da mão dele e pela primeira vez realmente viu o que era. A grossa corrente de ouro foi forjada de tal forma que era muito mais leve do que parecia. Mas era o fogo dentro da pedra que era verdadeiramente excepcional. Quando criança, ela não fazia ideia absolutamente que a pedra rara era essa.

Como geóloga ela sabia que provavelmente havia apenas um punhado de pedras já criadas que chegavam perto desta perfeição. A maioria das opalas de fogo eram opacas como uma pedra preciosa regular. Apesar do nome que levavam por causa de sua cor típica laranja ou vermelho, opalas de fogo raramente mostravam um movimento de outras cores que as opalas eram conhecidas. E em todos os seus estudos, ela nunca viu uma com o movimento de cores que esta possuía. Realmente parecia que era um pedaço do sol.

—Obrigada, — ela respirava.

Ele inclinou a cabeça para ela.



—A propósito, minha esposa não sabia o que estava escrito no selo, ela...

—Sua esposa?— Kateri odiava interrompe-lo, mas ele não parecia velho o suficiente...

Sim, duh, o que ela estava pensando deste grupo? Ele era um Atlante... mais velho do que a sujeira e o bisavô da sujeira.

Acheron levou a interrupção dela avançando.

—Dr. Soteria Kafieri Parthenopaeus.

A maneira como ele disse isso, como chocolate derretido na língua. Aquilo rolou fluidamente e com seu sotaque...

Uau. Sua esposa, provavelmente o fez ler tudo em voz alta, incluindo latas e caixas de cereais, apenas para ouvir a cadência disso.

A desvantagem era que o sotaque dele era tão espesso que no início ela não fazia ideia do que ele disse, até que de repente estalou.

—Dr. Par... Par... Parthen... Par... sim. Estudiosa da Grécia Antigo. Fluente em várias línguas mortas. Fernando enviou um e-mail para ela com uma foto da pedra.

Acheron riu, depois assentiu.

—O motivo real de me apaixonar por minha esposa. Ela não só pode pronunciar meu sobrenome sem tropeçar, ela pode realmente soletrá-lo.

Os homens riram, mas Kateri sentiu-se horrível.

—Está tudo bem, Dr. Avani, — disse ele bem humorado. —Meu primeiro nome não é muito mais fácil, é por isso que costumo usar Ash. É mais difícil tropeçar e não me demoro uma hora para escrevê-lo.

Graças a Deus, o homem possuía um senso de humor sobre isso.

—Ela reconhece a linguagem? — ela perguntou, tentando desviar a conversa para algo menos constrangedor.

—Lemuriano.

Essa era a última coisa que esperava ouvir.

—Você está me gozando! Sério? — Ela respirou, então balançou a cabeça. —Não. Não pode ser. Biogeografistas desmascararam que isso foi mito há muito tempo.

Ele sorriu para ela, mostrando um pouco as presas.

—Sim, bem, eles não sabem tudo, não é?

Muito verdadeiro. O caso em questão, ela ficou na frente de um gigante de Atlantis, que estava acompanhado por um cowboy, um príncipe maia que havia levado um licantropo, um vampiro grego antigo, e um Keetoowah real, cuja mãe era uma deusa grega. Sim...

—Acho que não, — disse ela, devolvendo o sorriso.

—Você teve alguma dificuldade para conseguir a pedra? — Ren perguntou.

Ash hesitou.

—Defina dificuldade.

Ren amaldiçoou.

—O que aconteceu?



—Tiva. Nossa pequena cadela do tempo começou mais cedo e estava decidida em usar a pedra para bloquear seu irmão. Felizmente, eu estava mais decidido em mantê-la longe disso. Estava pensando quando a primeira porta foi violada.

Ren e Cabeza empalideceram.

—Quando foi que a primeira porta veio abaixo?

—Enquanto você estava no inferno maia. Nós tivemos nossas mãos cheias deste lado. Que os deuses tenham misericórdia se outro portão se abrir. E uma vez que você não está provavelmente ciente de quanto o tempo viaja mais rápido neste lado... esta noite à meia-noite. Reiniciaremos o maldito calendário, Eu não quero passar a eternidade limpando a bagunça. — Ele olhou para Urian. —E você vai ter que ficar de fora.

—Por quê?

—Você está relacionado com um deus grego. Você atingiu o Vale e você estará realmente lamentando os últimos minutos que você estiver vivo.

Urian apontou para Ren.

—Ele é um primo.

—Que é também Keetoowah. Eles vão deixá-lo entrar Ele é uma exceção.

—Bem, isso é uma merda. E se eu quisesse ir passear?

—Sugiro uma visita online.— Ash encontrou o olhar de Ren. —Como aviso, esperei para trazer o Kinichi, que como é um farol para todos os tipos de criaturas paranormais que querem controlar o tempo.— Ele virou-se para Kateri. —Sua avó era uma mulher poderosa para manter em segredo. Estou muito impressionado.

—Obrigado. Ela *era* excepcional.

Ash recuou.

—E sobre aquela nota, estou fora para ajudar a segurar os portões.

Assim que ele começou a sair, outra luz brilhou na sala.

Amaldiçoando, Ren agarrou Kateri e puxou atrás dele. Seus olhos ficaram vermelhos vibrantes quando sua armadura reapareceu. Suas mãos explodindo em bolas de fogo, enquanto ele enfrentava o que deveria ser outro demônio.

Ash, Urian, e Cabeza, no entanto, não reagiram a esta nova presença no entanto. Com exceção de Ash que estendeu a mão para abaixar o braço de Ren.

—Levante-se.

—Ele é um demônio. De alto nível.

Ash deu-lhe um olhar brando.

—Sim, bem, seu nível mais alto está funcionando como uma dor perpétua na minha bunda.— Ele voltou sua atenção para o recém-chegado. —O que você quer, Nick?

Kateri não tinha certeza do que fazer com este homem. Pelo menos 1.95 m e possuía uma marca de arco-e-flecha em sua bochecha esquerda, que era idêntica a que Ren possuía em seu quadril. Mas mesmo com essa marca, ele era incrivelmente bonito.

—Fui convidado para vir aqui.

—Por quem?



—Artemis.

Ren trocou uma carranca perplexa com Kateri.

—Por que ela pediu isso pra você?

Um horrível sorriso irônico curvou seus lábios.

—Sou um mensageiro, depois de tudo. É o que fui criado para fazer.

A maneira como ele disse aquilo tremeu sobre ela. E nesse momento, ela vislumbrou a verdadeira forma de Nick. Sua pele deveria ser preta e vermelha, com olhos brilhantes e armadura de ouro. Em seu corpo verdadeiro, ele era um demônio alado. Um do mais alto nível. Ele era mau em sua forma mais pura, mais crua.

E ela não confiava nele nem mesmo um pouquinho.

Ash jogou o peso para um pé e assumiu uma postura totalmente poderosa que dizia, *rapaz, não me faça chutar seu traseiro todo o caminho até a fronteira estadual. Porque vou. E não, você não vai gostar.*

—Você ainda não respondeu à minha pergunta. O que você está fazendo aqui? E pare o jogo de semântica... em que missões ou mensagem Artie colocou você?

—Estou aqui para proteger o sangue de Artemis e certificar que os portões ficarão lacrados esta noite.

Acheron pareceu atordoado com essas palavras.

—Sério?— Seu tom gotejava com sarcasmo. —Acho que você tem interesse em vê-los abertos.

Nick bufou.

—Você não me conhece tão bem quanto você acha.

Acheron passou seu olhar sobre eles.

—Pessoal? Podem nos deixar a sala, por favor?

Um por um, eles saíram.

Ash não falou até que estava sozinho com Nick e teve certeza de que nenhum dos outros podia ouvir a conversa.

—Corte a merda, rapaz. Sei o que você quer, e por que você quer, e você não pode tê-lo.

Nick revirou os olhos.

—Estou cansado de lutar com você, Ash. Sei o que você pensa de mim, e *realmente* não me importo. Mas deixe-me dizer-lhe algumas coisas que você não saiba sobre mim, Senhor onisciente para a maioria. Você já perguntou por que estou com Artemis. É o único lugar para onde posso ir que Stryker não pode ver através dos meus olhos. Bem... ele *poderia* ver, se quisesse, mas, desde que a visão de sua tia o adoce, ele se retira de mim na hora que entro no templo dela. E finalmente tenho um pouco de paz.

Droga. Nick teria que fazer isso mau se lidasse com as birras e humores de Artemis era a ideia dele de serenidade. Ash quase se sentiu mal pelo Cajun.

—Existem maneiras de bloqueá-lo.

—Não, não existe. Não da forma como sua mãe o treinou. Obrigado por isso, a propósito. Você poderia ter matado Stryker e você passou.



Ash encolheu os ombros.

—Poderia ter matado você, também.

—Não é possível dizer o quanto aprecio *esta* bondade.

Ash deu um passo em direção a ele.

—Nick.

—Não venha com ‘Nick’ para mim. Você não tem direito. Você trouxe de volta Amanda e Kyrian. Você deixou minha mãe morrer.

Ash estremeceu com uma verdade que o queimou tanto quanto queimou Nick.

—Eu sei. Mas não podia trazê-la de volta, Nick. Não realmente.

—Porque ela não queria mais ficar aqui. Eu sei. Ela estava cansada de sua vida horrível e ficou feliz de estar morta. Você sentiu pena dela e por isso você a deixou morrer para mantê-la longe do sofrimento. Obrigado pela consideração. Aprecio profundamente isso, *cher*.

Ash ouviu a angústia sob aquelas palavras e aquilo o queimou. Por algum tempo, ele e Nick fora, os melhores amigos.

Não, eles foram mais do que isso. Ele considerou Nick, seu irmão, e ele odiava ver Nick nesta grande dor.

—Sua mãe o amava. Você era a vida dela.

—Aparentemente não. Mas aceito isso.

—Então por que você quer a pedra do tempo?

Mais rápido do que Ash pudesse reagir, o que dizia muito sobre as habilidades de Nick, Nick agarrou-o em uma chave de pescoço.

Ash começou a lutar até que percebeu o que Nick estava fazendo. Enquanto Ash pudesse ver o futuro, ele nunca poderia ver a vida de ninguém que se tornou próximo dele.

Mas Nick era capaz de usar seus poderes para lhe mostrar o que Nick se tornaria.

E era aterrorizante. Através dos olhos de Nick, Ash viu a verdadeira forma demoníaca de Nick e do exército, que ele guiaria contra o mundo. Acabou-se o menino divertido que costumava provocar Ash. Um que insinuou sua maneira estúpida no coração de Ash, e lhe ensinou muito sobre a vida humana e normalidade. Porra, como eles perderam a amizade.

—Minha mãe é a única coisa que me manteve humano, Acheron,— Nick rosnou em seu ouvido enquanto ele continuou a compartilhar seu destino sangrento e brutal com ele. —Todos os dias que vivo sem ela, perco mais da minha humanidade. Não há nada para me ancorar agora. Você entendeu? —Ele soltou.

Ash lutou para respirar, a medida que as imagens começaram desaparecer.

—Pensei que você me odiava.

—Odeio cada maldito corpo. Você não entende? Eu não posso ajudar. Bem-vindo ao clube. Agora vamos acender o sinal de que estamos abertos para negócios.— Ele passou um sorriso de escárnio sobre o corpo de Ash. —Últimas notícias, Atlante — você realmente não é nada especial para mim. O ódio é quem e o que sou agora. Rege-me inteiramente. Menyara tentou tudo, assim como Artemis. Nada funciona. Sem uma âncora, não posso parar a metamorfose.— Ele fez um gesto em direção à porta por onde os outros saíram. —Você tem medo dos portões? Peguei meus



dentes com os ossos do mal, melhores do que qualquer coisa para guardar aqueles portões. Quando me tornar o Malachai, não existirá nada que possa me parar.

—O Sephiroth.

Nick balançou a cabeça.

—Eu vi-me matando-o. Jared está enfraquecido por seu passado e culpa, e pelo peso de uma consciência que estou perdendo dia a dia. Quando já não tiver a minha e ele ainda terá a dele? — Ele deu de ombros. —Você não quer saber o quão fácil ele morre. Lembre-se, ele é como a minha mãe. Ele quer morrer. Ele tem feito muito neste mundo e tudo sobre ele. Ele ainda tentou me matar para que ele fosse liberado.

Ash engoliu enquanto se lembrava do passado. Nick estava certo. Jared não se colocaria uma luta, e sem isso...

Nick destruiria tudo.

Enquanto Ash estava considerando um deus do destino final, ele não era o único. Quase todos os panteões possuíam pelo menos um deus do destino. Eles todos estavam basicamente equilibrados uns aos outros. Mas Nick não era um deus. Enquanto os antecessores de Nick foram criados a partir de uma mesma fonte primária de energia que alimentava os deuses, as espécies de Nick foram criadas como servos para a mãe de Ash.

Para acabar com o mundo.

Ash era a única pessoa que andou entre os homens que conheciam as verdadeiras origens e o papel da raça demoníaca de Nick. Voltar antes do próprio tempo, havia seis deuses que surgiram a partir da fonte primitiva. Três que se apegavam ao bem e três que desejavam o mal. Três deuses da criação e três de completa destruição.

Depois que eles lutaram o *Primus Bellum* que quase destruiu a Terra e toda a humanidade, os deuses dormiram por um longo tempo. Até a ascensão prematura de Nick para seus poderes Malachai. Em seguida, dois dos escuros despertaram. Noir e Azura.

Eles estavam escavando a terra em busca de sua meia-irmã desaparecida, Braith, sem nunca saber que Braith estava preso no reino do inferno Atlante. Que ela havia dado à luz um filho...

—Posso ajudar você, Nick.

—É... em seguida, trazer minha mãe de volta.

Para aqueles que não soubessem da verdade, aquilo soaria como uma criança chorona. Mas isso não era o que Nick estava dizendo e Ash sabia. Nick era uma criatura da destruição. Enquanto seus poderes fossem virtualmente infinitos, não eram sem alguma limitação.

O Malachai, a bomba nuclear para o mal, era um instrumento de aniquilamento. Ele não poderia criar ou restaurar a vida. Ele só poderia levá-la.

Nick não poderia andar através do tempo, não sem uma ferramenta como a pedra do tempo. Nem poderia identificar um deus até que fosse enviado para matá-lo ou ele se revelasse para ele. Nick poderia dizer que era paranormal, mas não qual grau. No entanto, uma vez identificado como um deus, Nick tinha todo o poder que precisava para matá-lo e tomar seus poderes.

E Ártemis tinha enviado Nick para guardar o Ixkib...



Ele iria rir se não fosse tão típico dela. Como poderia a irmã gêmea de Apolo, um deus da profecia, captar tão mal ao ver o futuro?

—Eu não posso trazer sua mãe de volta agora, mas se você puder confiar em mim novamente...

Nick soltou um riso sinistro, de arrepiar.

—Confiar? Meu pai confiou e o que isso fez à ele?

Ash sacudiu a cabeça.

—Confiança não teve nada a ver com isso. Seu pai morreu porque gerou outro Malachai. Se você não tivesse nascido, ele ainda viveria.

—Ainda não confio em você.

—Tudo bem, apenas pare de tentar me matar.

Nick suspirou, e por um segundo, foi novamente o incrível garoto Cajun que Ash recebeu como um amigo.

—Eu não posso prometer nada, garoto... você não está me ouvindo? Estou falando Inglês aqui. Eu não posso parar minha verdadeira natureza. É como pedir a lua para não subir ou o oceano para parar de fazer ondas. —Ele cuspiu cada palavra separadamente. —Minha natureza é a morte. Você está vivo. Esse simples fato, independentemente de qualquer outro, me faz querer chutar seu traseiro e te matar. É por isso que preciso de ajuda, e não posso ir a um terapeuta. Só poderia comê-los e não gosto do sabor do ser humano... —Ash não queria nem saber como Nick sabia que não gostava do sabor de humano. —Pelo menos Artemis tem uma chance de lutar, se eu for mal com ela.

—Nós vamos passar por isso.

—É melhor estar certo, Ash. Porque se você não estiver...

Mãe de Ash finalmente ganharia e o mundo humano perderia tudo.

Capítulo 17

Ren tomou um momento para estudar Kateri enquanto ela dormia em sua cama. Uma cama que ele nunca compartilhou com ninguém antes. Uma que ele nunca sonhou compartilhar com o outra.

No entanto, ela estava lá, nua e entrelaçada em seus lençóis marrom escuro. O longo cabelo castanho escuro derramado sobre seus travesseiros. Ela estava com uma mão enrolada debaixo de seu queixo e uma perna dobrada e projetando-se por baixo do lençol.

O braço direito pendia sobre o lado da cama. Ajoelhando-se, tocou-lhe o pulso e se inclinou para inalar o precioso cheiro de valeriana que ela usava. Um perfume que iria assombrá-lo para sempre, junto com a suavidade do seu toque.



—Eu te amo, — ele sussurrou enquanto apertou os lábios no pulso dela, então acariciou sua bochecha contra a palma de sua mão. Eles passaram as últimas horas juntos, explorando cada centímetro do corpo um do outro.

E ele definitivamente tinha cócegas.

Ela pensava que isto era o início do futuro deles juntos.

Ele sabia que era o fim. Tinha que ser. Não havia escolha. Grizzly iria devorá-la e rir enquanto fazia isso. Pior, ele faria Ren assistir.

Vou sentir saudades. Sempre.

Sua única esperança era que um dia ela encontraria um homem digno do seu amor, e que ele a faria feliz como Ren teria tentado se tivesse tido a sorte de mantê-la com ele.

Mas não era para ser.

Você sabe, Ren.

Minha avó sempre dizia que a vida não é sobre saber quem você é, tanto quanto saber quem você não é. Quem você é sempre pode mudar. Nós nos esforçamos para sermos melhores, e devemos saudar cada dia que vivemos com o desejo de fazer melhor. Mas quem você não é nunca muda. E você, meu precioso, é um herói. Mesmo quando você estava magoado e irritado, você só foi atrás alguém que o feriu. Nunca os que não o fizeram. Porque você não é o homem que mata sem motivo. Você não é a pessoa que ataca o inocente e fere. Você nunca vai ser esse homem. E é por isso que você é um herói a meus olhos, e porque você vai ser sempre um.

Ele levaria essas palavras para o resto da eternidade e elas lhe ofereceriam conforto enquanto Grizzly derramaria miséria sobre ele.

Levantando-se, ele se inclinou sobre ela e beijou sua cabeça. Com um último olhar, ele mudou em sua forma de corvo e a deixou na proteção de seus amigos e aliados.

Devido às tempestades que chegavam, os ventos da noite estavam contra suas asas. Era como se eles também estivessem tentando destruí-lo, e levá-lo para o chão lá embaixo. Em pouco mais de 12 horas do equinócio chegaria e o caminho seria aberto e libertaria o inferno.

A menos que Kateri atingisse o Vale até as três horas da manhã.

Ela precisava fazer isso. Os outros se certificariam. Seu trabalho era fazer essa viagem o mais fácil possível para eles.

Temendo o que gostaria de encontrar em sua chegada, Ren voou para o lugar onde seu irmão se sentiria seguro. A caverna para onde Coyote se retirava sempre que precisava recuperar a força.

Ren veio por baixo para examinar a paisagem antes de fazer sua presença conhecida aos seus inimigos. O eixo estava vazio. Ele levou um segundo para se transformar em um homem e cobrir-se com sua armadura. O Coiote sempre foi um trapaceiro. Ele nunca deveria subestimá-lo.

Com o cuidado que ele mesmo uma vez usou para rastrear o jogo evasivo, Ren se arrastou para baixo no poço até que este se ampliou em uma sala de barro. As paredes vermelhas estavam decoradas com símbolos antigos. Alguns pareciam ser alienígenas, mas ele sabia que eram máscaras cerimoniais tomadas a partir da memória coletiva dos demônios que há muito tempo foram banidos deste reino.



Antes que o homem aprendesse sozinho ciência e razão, ele procurou se misturar com demonkyn, esperando que os demônios se iludissem pensando que ele era um deles e o deixassem sozinho.

Isso nunca funcionou, mas foi um esforço agradável e que deu aos demônios incontáveis horas de entretenimento enquanto riram para os estúpidos humanos que tentavam imitá-los.

Ren se aproximou um pouco quando viu Choo Co La Tah amarrado contra a parede. Graças aos deuses, seu amigo ainda estava vivo. Embora, a julgar pelo estado horrendo que Choo estava, Ren teve certeza de que seu amigo não estava agradecendo a todos pelo fato.

Ele menos do que todos.

Silencioso como um fantasma, Ren atravessou a sala e tocou a mão de Choo.

Choo Co La Tah vacilou e soltou um suspiro de alívio quando viu Ren em pé na frente dele.

—É você, não é?

Tão ridículo como esse sotaque de Inglês sempre soava saindo da boca de Choo, isso era dubio enquanto seu amigo parecia que tivesse tido algumas rodadas posando como saco de peso de Mike Tyson.

—Sou eu, Choo.

—É estranho como a vida continua, não é? Um dia você é o rei. No próximo, você é um peão descartado. Quem poderia ter sonhado todas as vezes que ri de você, e permitiu que Coyote e outros o atormentassem e humilhassem quando éramos crianças, que eu um dia seria dependente de sua graça e decência para salvar minha vida.

Ren cortou as cordas em torno dos pulsos dele.

—Porra, Choo. Só você pode ser este tagarela depois de ser espancado até a beira da morte.

Choo Co La Tah deu um sorriso sangrento para isso.

—Obrigado, Makah'Alay.

—Pelo quê?

—Ser o melhor homem. É preciso uma grande dose de coragem para salvar a vida de alguém por quem foi injustiçado. Incorretamente, às vezes. Obrigado por não guardar ressentimentos.

Ren zombou enquanto envolvia o braço de Choo ao redor de seus ombros.

—Eu não os guardo, Choo. Eu mato você todas as noites em meus pensamentos, e desejo bolhas purulentas fervendo em sua virilha.

Choo riu, então fez uma careta de dor.

Aplausos irromperam.

Ren congelou enquanto Coyote entrava na sala de um eixo diferente.

—Olha quem está b-b-b-brincando de herói.

Ren revirou os olhos.

—Quantas semanas você gastou pensando nisso?

—Engraçado, não me lembro de você ter a capacidade mental de evocar tais réplicas espirituosas. Foi um dos poderes que sugou da teta da sua cadela demônio?

Ren sorriu maldosamente.

—Oh, eu chupava um monte de coisas de um monte de gente.



Ele gentilmente baixou Choo Co La Tah no chão.

Choo vaiou de dor.

—Ele tem a intenção de matá-lo.

—Eu sei, Choo. Está tudo bem. Tenho a intenção de matá-lo primeiro.

Coyote arqueou uma sobrancelha.

—Você?

Ren assentiu enquanto olhava ao redor da pequena sala.

—Você está ferrado agora.

—Como assim? — Coyote perguntou em tom familiar excessivamente zombeteiro.

Ren revelou uma lança curta arremessando, semelhante a que o Espírito Vingador usou para matá-lo.

—Você não tem ninguém aqui para trocar de lugar. — Enquanto Ren poderia se teletransportar, Coyote só poderia transpor. —Eu realmente não posso me matar, e pobre Snake... o que o Pai costumava dizer? Cuidado com os copos de onde bebe, porque é provável que seja vítima de qualquer doença infecta daqueles que bebem com você.

—É o que ele gritou quando você cortou sua garganta?

Ren balançou a cabeça.

—Na verdade, ele morreu rindo.

—Posso ver por que. Os patéticos não podem atacar sem rodeios. Eles precisam recorrer a artifícios para vencer.

Agora *aquilo* era histérico.

—Eu não sou você, irmãozinho. Não houve trapaça envolvida. Eu lhe disse que ia matá-lo. Assim como estou lhe dizendo. Ele tomou a decisão de rir de mim, em vez de correr. Acho que a estupidez corre por nosso sangue depois de tudo.

Gritando indignado, Coyote correu para ele com um porrete levantado. Em vez de se manifestar, Ren se jogou para trás, fora do caminho.

—Por que você não está atacando?

—Você viveu comigo todos esses anos, Anukuwaya, e ainda assim você nunca me olhou uma vez, não é, irmão? Acho que é justo, como nunca vi você também. Não realmente.

Coyote puxou para trás.

—O que você quer dizer?

—Ele não vai lutar, — disse Choo do seu lugar no chão. —Ren fica abaixo e observa seu adversário esgotar-se com uma postura mesquinha. Então, uma vez que seu inimigo tiver exposto sua fragilidade, seu irmão atacará uma vez com precisão letal.

Coyote investiu contra ele.

—Você lutou com o Guardiã.

—Fiz isso. Mas isso porque, ao contrário de você, que me conhecia e sabia como atacar minhas fraquezas para incitar-me contra meu melhor julgamento.

—Conheço as tuas f-f-f-fraquezas, também!



—Não. Você conhece meus defeitos. Eles não são a mesma coisa. Na verdade, o Guardiã e sua filha me ensinaram muito sobre mim mesmo e os outros.— Ele girou para que o próximo golpe de Coyote falhasse.

—Algo diferente de como falar sem gaguejar?

—Não. Isso é algo que devo à Grizzly. O que o Guardiã me ensinou foi que crescer mais forte e mais inteligente à medida que aprendemos a compensar nossas falhas. Ao contrário de outros, temos que ensinar a nós mesmos a nos adaptar rapidamente, para que possamos, finalmente, dominar o que os outros tomam para garantido. Quando algo vem muito fácil para você, você nunca aprende a habilidade de melhoria ou flexibilidade. De pensar de uma maneira melhor e mais concisa para fazê-lo. Acima de tudo, você não aprende a determinação e como desviar com um soco. Isso foi o que me permitiu lutar com ele por um ano. Porque não podia falar sem sua zombaria, aprendi outras maneiras de comunicar. Porque você me alimentou com uma dose diária de dor, eu não sentia os golpes dele.

Ren esquivou-se de mais um golpe.

—E porque você me ensinou a me odiar, aprendi a valorizar os outros mais. Continuei lutando contra o Guardian, não para meu próprio bem-estar, mas para o de Buffalo. Se tivesse sido unicamente a minha morte que me preocupasse, lhe teria permitido levar minha cabeça e acabar com minha dor. Mas temia que se ele me vencesse, ele mataria o meu primeiro e único amigo, e me deixaria sozinho no mundo de novo. É *por isso* que lutei com ele tão implacavelmente. Meus defeitos tornaram-se minha força. Sua zombaria e crueldade foram o combustível para minha determinação necessária para me ver através das horas mais difíceis da minha vida. Por isso, meu irmão, estarei sempre em dívida com você.

Coyote esfaqueou-o.

Ren evitou o golpe e pegou o braço dele.

—Mas fraquezas... essas são as armas mais perigosas do Universo. Fraqueza não é uma característica física. Não é um gaguejar ou um lado ruim ou uma perna faltando. Fraquezas são aquelas que vivem em nossos corações. Elas podem nos motivar para o mais alto nível e só elas podem nos destruir totalmente. Houve um tempo, irmão, quando você era minha fraqueza. Quando ataquei precipitadamente um javali, sabendo que não possuía o equipamento para combatê-lo, *isso* era uma fraqueza. Eu me importava mais com sua vida do que com a minha.

Coyote zombou na cara dele.

—Você nunca me amou. Você fez isso para chamar a atenção. —Olhe para mim! Eu sou o herói. Sou o melhor guerreiro. —Tudo o que você fez, você fez para me mostrar, e você sabe disso. Mas não deixaria você roubar meu trovão. Mostrei-lhe que era o melhor homem.

Ren balançou a cabeça.

—Você me mostrou que era um garoto patético, chorando por cada gota de atenção que você poderia agarrar apesar de ter sido sempre derramada sobre você. Isso ainda não era suficiente. Todos esses anos, carrego a culpa em meu coração e me torturo sobre o que fiz para você. Alguma vez considerou o que uma vez fez para mim?



—Eu nunca fiz nada para justificar sua tortura. Eu era seu irmão e amava você. Sim, fiz uma brincadeira ou duas. Isso é o que as crianças fazem. Era tudo inofensivo.

Ren balançou a cabeça para seu irmão. Nunca houve nada de inofensivo sobre as ações de Coyote.

—Você mentiu e roubou tudo o que podia de mim. Quando isso não foi o suficiente, você insultou e escarneceu coisas que eu não poderia evitar.

—Você me torturou, seu desgraçado!

Ren agarrou o cabelo de Coyote e empurrou sua cabeça para trás.

—Veja o passado. Não através de suas mentiras, mas através da verdade.

Ele puxou Coyote de volta para a pequena casa que Ren tomou como sua sede. Ao contrário de seu irmão, que assumiu o palácio deles após a morte de seu pai, Ren não queria nada mais do que um lugar modesto para chamar de seu.

Assim que Coyote entrou em seu domínio, Ren suspeitou de sua intenção.

—O que você quer?

—Eu estou indo à frente com meu casamento com Butterfly e queria trazer-lhe minha oferta por seu comparecimento.— Coyote sorriu cativante. —Sinto falta do meu irmão. Costumávamos sentar e conversar todas as noites.

Não. Ren limparia as armas Coyote e as testaria, em seguida, prepararia a cama de seu irmão, enquanto Coyote conversava sobre a mulher com quem ele esteve mais recentemente com todas as mudanças e as que faria uma vez que fosse chefe. *Makah'Alay, traga-me vinho. Comida. Um penico.* Coyote o tratou como um escravo, enquanto zombava dele constantemente.

Mas Ren não se lembrou de nada disso quando viu o irmão.

—Pensei que você ficaria bravo comigo sobre o que fiz para o Pai.

—Você me fez chefe. Como poderia estar irritado com isso? Pai foi digno, ele teria matado você, ao invés disso.— Coyote havia trazido uma jarra de vinho para Ren. —Vamos beber por sua vitória e minha posição.— Ele indicou a Ren. —Você primeiro.

Sem pensar, Ren confiou nele. Mas o veneno atingiu seu sistema duramente e o enviou ao chão alguns segundos depois da “oferta” de Coyote. Doente e desorientado, Ren gemeu das câibras no estômago.

—O-o-o-o-que...

—O-o-o-o-que eu fiz? Envenenei você, seu idiota. Você realmente acha que eu deixaria você viver para tomar meu lugar? Não. — Coyote chutou por cima, nas costas dele. Então, depois o prendeu ao chão com um joelho, ele se moveu para esfaquear o coração de Ren.

Mas Grizzly não estava disposto a perder seu anfitrião. O pingente vermelho piscou e a faca foi incapaz de perfurar a carne de Ren. Melhor ainda, a pedra demônio havia absorvido o veneno em seu corpo, e dentro de alguns instantes, ele estava de volta de pé.

Ele agarrou Coyote por sua garganta.

—Como você se atreve!

—Liberte-me.

—Então você poderá me envenenar de novo?



—Não. Tenho a intenção de virar todos contra você. Isso não vai fazer bem para qualquer líder, quando todos morrerem.

Ren franziu a testa para o raciocínio de seu irmão psicótico.

—Por que você faria isso?

—Porque, se não posso governar, que se dane se meu irmão retardado puder.

—Eu não sou retardado!

Coyote enrolou o lábio para ele.

—Isso é porque você é muito retardado para saber o quão estúpido você realmente é.

Ren o atirou contra a parede.

Mesmo que ele estivesse mancando, Coyote se atrevia a rir dele.

—Você realmente acha que seus homens vão segui-lo? Eles seguem o Espírito Grizzly. Makah'Alay é uma piada. Eles zombam de você pelas costas.

Ren tinha agarrado novamente.

—Vá em frente e me bata. Te desafio. Você não é homem o suficiente. Nós dois sabemos disso.

—Cale a boca!

Coyote riu ainda mais.

—Você não manda em mim. Recuso-me a seguir alguém tão revoltante e estúpido que nem uma puta deixa você tocar os seios. Lembra-se? Nós oferecemos à ela quatro vezes a taxa e ela ainda nem sequer lhe mostrou um. Mas a fodi até que ela uivou como uma cadela desesperada por meu pau.

Sua ira queimava tão ferozmente agora que era quase palpável, Ren puxou Coyote de volta ao presente, onde estavam mais uma vez se enfrentando.

—Você me incitou. Toda vez que comecei a libertá-lo durante esse ano, você trabalhou sua boca e ameaçou, em seguida, insultou-me.

—Você era um covarde.

—Sim, eu *era* um covarde e um idiota patético que pensava que se obedecesse bem o suficiente e lambesse sua bunda o suficiente... se eu engolisse toda sua merda, sem queixa, que talvez, apenas talvez você me amaria de volta. Mas o que aprendi com a filha do Guardião é que o amor não acontece assim. O amor não é uma obrigação. Você não deve a alguém sua lealdade e você não deve a eles seu coração. É uma emoção, e é nascido de respeito mútuo e de generosidade. Não é cruel e não é julgamento. Ela vem de uma vontade de viver na miséria total e absoluta para o benefício de outro. Mas quando isso é real, você não sente a miséria em tudo. O pensamento de seu rosto, o cheiro da sua pele, traz uma luz para a escuridão tão brilhante que conduz todo o resto.

Coyote zombou ele.

—Parabéns, Makah'Alay. Você finalmente permitiu a uma prostituta transformá-lo em uma mulher.

Ren empurrou Coyote para longe dele. Então, enquanto ele se movia para tirar a vida de Coyote, ele ouviu o som de homens correndo na direção a eles.



Coyote riu.

—Obrigado irmão por esse discurso premiado de garota. Agora... deixe-me mostrar como um homem lida com as coisas. Acredito que você não conheceu meu novo amigo Chacu... mas você pode se lembrar destes homens que selou no inferno. Se não, posso assegurá-lo, eles se lembram de você.

Merda...

Desculpe, Grizzly. Seu irmão apenas desencadeou o exército que poderia matá-lo.

Com demonstone ou sem demonstone.

Capítulo 18

Nick jogou Kateri por cima do ombro enquanto caminhava através dos portões do inferno para encontrar a caverna correta que ninguém, além de Ren ou Co Choo La Tah, conhecia a localização exata.

—Ele está em apuros. Eu posso sentir isso.

Nick passou seu olhar ao redor do outros, Sundown, Cabeza e Sasha que estava mancando, mas que se recusava, como ele, de forma tão eloquente expressou, 'deitar e lambar sua virilha enquanto eles salvam ou condenam o mundo.

—Por que sou eu o que tem que segurar a mulher maravilha quando fora deste grupo, eu sou o único que realmente não tem que temer a abertura dos portões? — Sundown bateu-lhe no ombro. — Porque você é exatamente esse tipo de homem, Nick. E nós apreciamos isso.

Nick bufou de escárnio.

— Você é tão cheio de merda, Cowboy. Não é de admirar que você só use essa merda de kickers⁸⁸.

Sundown lançou-lhe um sorriso malicioso.

— Acontece que eu gosto de minhas botas de cowboy. Minha mulher diz que eles me fazem parecer sexy.

Nick soltou um som de 'heh'.

— Eu deveria ter indo com Andy comprar lã áspera para ceroulas quando eu era um escudeiro.

Kateri parou de se contorcer na palavra que ela não estava familiarizada... pelo menos não da forma como ele a estava usando.

—O que é um escudeiro?



88

Marca de botas.



—Os seres humanos que ajudam os Dark-Hunters, — disse Sundown. — Obviamente, o meu se chamava Andy.

Isso a fez ter um salto em seu coração.

—Chamava? Aconteceu alguma coisa com ele?

—Sim, o pequeno irritante se casou há alguns meses, e... bem, eu ia dizer que se mudou. Mas isso é apenas uma ilusão que eu tive uma vez. Eu não posso mandá-lo embora, não importa o que eu faça, mas eu continuo tentando. Felizmente a casa é tão grande que eu nunca realmente o vejo, a menos que ele esgote a comida ou o café, e tenha que passar de fininho por mim, no meio da noite para invadir meu armário ou a geladeira.

—Quão grande é esta casa? — Ela perguntou.

—Não pergunte, — os três homens, menos o Jess, disseram 'não' simultaneamente.

Ok, agora ela tinha que saber.

— Quão grande?

Sundown riu.

— Sessenta mil, ou um pouco mais.

—Você quer dizer seis mil.

—Não, — disse Sacha. — Sessenta. Você pode pousar um jato 747 em seu quintal.

Ela ficou boquiaberta.

— Onde você mora?

—Vegas.

Uau... ela não queria nem contemplar o quanto algo assim custaria em Las Vegas.

—Agora eu tenho que ser intrometida. Quanto custa para um Dark-Hunter fazer isso?

Nick riu.

— Deixe-me colocar desta forma. Aqueles botas que Jess é tão orgulhoso delas? Cinco mil.

O que a confundiu mais.

— Então por que a casa de Ren é tão pequena? — Enquanto era confortavelmente mobilada, não era elaborada. Seu tipo de mobília esparsa lembrava o monte de IKEA⁸⁹.

—Ele não tem cavalos para acomodar. — Jess faz parecer tão simples. Mas foi Nick que realmente disse a ela o que queria saber. — Ren não precisa de muito. Ele quer ainda menos. A maioria de seu salário é doado para a caridade. Inferno, ele não tem sequer um Escudeiro. E ele nunca teve um.

—Por que não?

—Cabe ao Dark-Hunter. Alguns, — Nick cortou seu olhar para Jess, — como eles, e outros, — ele olhou para Cabeza — não podem suportar seres humanos, de qualquer tipo. Tenho a sensação de que Ren cai nessa última categoria.

Não. Ninguém que doou a maior parte de seu dinheiro para caridade odiava as pessoas. Mas, dado o seu passado, fazia sentido que Ren não gostasse de alguém em lugares próximos a ele.

⁸⁹ **IKEA** é uma companhia privada de origem sueca controlada por uma série de corporações sediadas nos Países Baixos especializada na venda de móveis domésticos de baixo custo.



Nick torceu o olhar para Jess. — Para registro, Sundown não é mais um Dark-Hunter. — Isto a surpreendeu mais do que qualquer outra coisa. — Eu não sabia que podia parar.

Jess estalou a língua.

— Não é fácil deixar de ser um Hunter. Não facilmente. Mas de alguma forma, alguns de nós têm conseguido fazer.

Nick parou em sua trilha. Desta vez, quando ele falou, seu sotaque Cajun era tão grosso como sotaque sulista de Jess.

— Não é fácil? Cowboy, eu sei que você não precisa dizer isso a moi⁹⁰. Eu sou aquele que teve que ir até Artemis e pegar sua alma de volta pour tu⁹¹. Tendo a Abby espetando seu traseiro para colocar sua alma de volta em você, foi um carnaval, moleza. Confie em mim, cher⁹².

Sundown passou a mão na parte de trás de seu pescoço. — Bem, lá vai. Isso é basicamente como sai. Pessoalmente, eu ia ficar, mas nós decidimos que queríamos filhos, e uma vez que Dark-Hunters não podem ter filhos...

— Eles não podem? — ela perguntou.

— Não. — todos disseram em uníssono. Eles praticavam isso?

Mas pelo menos tinha uma preocupação a menos. Ren não a tinha deixado grávida.

Ela puxou suavemente a jaqueta de Nick.

— Você pode me soltar agora. Estou calma.

Com uma expressão cética, ele obedeceu e a colocou sobre seus pés na frente dele.

— Lembre-se, agora, cher. Eu posso te pegar e não suar uma gota. Portanto, sem mais correr atrás de Ren e arriscar seu pescoço. Pelo menos não até o calendário reiniciar. Então, você pode ser tão estúpida quanto queira, e eu vou deixar.

Ela deixou seu comentário ir enquanto se concentrava no que realmente importava para ela.

— Você poderia ter alma de Ren de volta?

Nick gemeu como se tivesse acabado de lhe pedir um rim.

— Eu malditamente certo não posso dizer não a essa cara. Pobre Ren. Você deve tê-lo fora de si quando você faz isso.

Não por isso... pelo menos não que ela soubesse. E uma vez que ela não conhecia Nick o suficiente, ela queria ter certeza de que ele não encontraria uma brecha nela.

— Será que você consegue sua alma de volta para nós?

Desta vez, ele rosnou.

— Ele tem que pedir isso, mas sim. Apesar dos rumores, eu não fui completamente para o lado escuro ainda. Mas, caramba, esses cookies⁹³ são bons. — Venha para o lado negro. Temos cookies.

⁹⁰ Mim em francês.

⁹¹ Para você em francês.

⁹² Querido em francês.



⁹³



Alguém gastava tempo demais na Internet. Sorrindo, ela levantou-se na ponta dos pés e deu um beijo casto na bochecha cicatrizada.

— Obrigada.

— Ah, cher, não está certo. Colocar esses lábios em mim para ajudar outro homem para você? Cruel, cher, cruel.

Ela franziu o cenho quando vislumbrou um Nick diferente. Aquele que era muito mais jovem e muito mais feliz. Era algo que a estava lembrando, também.

— Você não está tão longe como teme.

Nick zombou.

— É difícil saber quão baixo você está quando não há uma partícula de luz na escuridão para julgar.

— Mas a parte mais assustadora do escuro não é o que realmente está lá, mas sim o que imaginamos com nossos próprios medos.

— Então, cher, você nunca irá ver o meu armário. Eu juro a você, há muito mais do que apenas esqueletos pendurados nele.

Ela podia acreditar nisso. O que a trouxe de volta à certeza para o que começou tudo isso...

— Ren está em apuros. Eu sei disso... — Ela podia senti-lo com cada parte dela.

— Você leu a nota. — Sasha disse entre dentes. — Ele disse que nos encontraria na caverna. O bastardo poderia ter deixado um mapa ou um endereço, latitude ou longitude, ou algo assim, mas nãoooo... ele deixou um bilhete. Foda-se o resto do mundo. Vocês podem morrer se quiser. Só não deixe minha mulher se preocupar comigo.

Nick bufou.

— Você, obviamente, nunca teve uma mãe ou uma amiga. Você não pode ir ao banheiro sem deixar que elas saibam, porque a fúria infernal cairá sobre nós? Olhe em torno das rosas, querido. Eu prefiro enfrentar uma horda de demônios bêbados armados sobre o cheiro do meu sangue, do que uma mulher irada que está doente de preocupação sobre onde eu estive. Não há diamante grande o suficiente em todo o universo para fazer valer aquele sorriso besta e permitir que as suas joias realmente importantes sejam chutadas pelo seu nariz.

Cabeza congelou.

— Algo errado? — Jess perguntou.

— Não tenho certeza. É um sentimento... — Ele inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo alguma coisa. Depois de um segundo, ele indicou Kateri com um movimento de seu queixo. — Vá em frente. Eu já vou.

Seu coração batia com a trepidação. Por favor, Cabeza, seja o anjo que eu acho que você é...

— Você está indo atrás de Ren?

— Sim.

Por isso, ela poderia beijá-lo.

— Obrigada.

Ele piscou para ela.



— Ei, eu sou maia. Nós vivemos para lutar. Não se preocupe, menina. Eu o trarei para você antes que você sinta minha falta. — Então, ele se foi.

Kateri mordeu o lábio quando outra onda de preocupação caiu sobre ela. E com ela veio a ira em proporções das marés. Onde estavam esses poderes que a avó e o pai tinham prometido a ela? Eles disseram que iriam chutar traseiros quando ela precisasse.

Bem, eu preciso deles agora.

Infelizmente, nem os seus poderes, nem seus pais estavam ouvindo, e todos eles pareciam estar em sua própria programação. Ela queria correr. Como ela poderia salvar o mundo sem eles?

Mas essa não era sua maior preocupação.

Por favor, fique bem, Ren. Honestamente, ela não tinha certeza de que gostaria de salvar o mundo, se ele não estivesse mais nele.

Ren cuspiu o sangue de sua boca, um instante depois Chacu o agarrou de novo, e jogou-o de volta na parede, de cara. A boa notícia? Ele sofria tanto, que já não machucava. A má notícia? Ele sofria tanto, que já não feria ao ser batido, de cara, em uma parede.

Apenas me mate e tudo acaba.

Mas eles estavam tendo muita diversão com a surra dele. E enquanto ele estava forte contra o Guardiã mês após mês, ele só era um ser. Contra nove enormes, guerreiros imortais, quatro dos quais o seguravam, com milhares de anos de treinamento de combate cada um?

Preso hoje à noite, e ele estava começando a acreditar que apanharia para sempre. E se, por algum milagre, ele saísse daqui inteiro, ele iria, definitivamente, sentir isso mais tarde.

—Segure-o, — Coyote rosnou para seus atacantes.

Dois braços poderosos seguraram os braços e as pernas de Ren, enquanto uma bota hercúlea foi plantada direto em sua virilha para impedi-lo de resistir. O bastardo careca pressionava o suficiente para deixar Ren saber que ele queria fazer isso, mas não o suficiente para realmente prejudicá-lo.

Ainda.

Que os deuses ajudassem suas joias se o bastardo espirrasse.

Com a sua respiração difícil, Ren olhou para cima para ver Coyote com o porrete de guerra em suas mãos.

Ah, merda...

O desgraçado ia cortar a cabeça dele. *Sim, isso vai me matar.*

Pelo menos vai ser rápido.

Coyote torceu seu rosto em um sorriso sarcástico.

— Onde está seu *solilóquio* agora?

Ren riu dele, depois lambeu os lábios ensanguentados e feridos.

— É *monólogo*, idiota. E você se atreve a me chamar de estúpido? Agora estou insultado.



Coyote estreitou seu olhar em advertência: — Tudo bem, então. Pronto para o seu réquiem⁹⁴.

Rindo ainda com mais dificuldade, Ren cuspiu sangue, então amaldiçoou quando bateu o seu pênis contra a ponta da bota do bastardo. Com sua respiração irregular, ele olhou para seu irmão.

— Eu mal posso falar, não me importa uma pausa para uma canção. E a última vez que verifiquei, não era católico romano, por isso não há chance de um réquiem de mim. Porra, rapaz. Compre um dicionário. Ou melhor ainda, mate-me já. Eu não posso ter mais um minuto de seu abuso analfabeto do idioma Inglês.

O maior de seus atacantes agarrou o queixo de Ren e levantou-o tão alto quanto podia para que Coyote tivesse um tiro limpo da garganta de Ren. Tensionado pela dor que ele acumulava, Ren olhou para o idiota cuja aderência era dura em sua mandíbula.

— Eu sabia que deveria ter matado vocês filhos da puta, em vez de aprisioná-los. Isso vai me ensinar a não ser compassivo, hein?

Mesmo que ele soubesse que era completamente inútil, Ren tentou afastá-los dele.

Apertando os olhos fechados, ele se afastou mentalmente para longe da dor que eles causaram, de volta para a primeira vez que Kateri tinha sorrido para ele. A primeira vez em que seus lábios tinham acariciado sua pele e ela o chamou de bebê...

Coyote arrastou a borda irregular do vidro de obsidiana em sua garganta, cortando a sua carne apenas o suficiente para picar.

— À bientôt, mon frère⁹⁵ (até mais meu amigo, em francês).

Seu irmão levantou a espada para o golpe final.

Eu te amo, Kateri. Que os deuses cuidem de você sempre, e obrigado por ser a melhor coisa que eu já conheci. Se ele pudesse vê-la uma última vez...

Na próxima pulsação, Coyote saiu voando para a parede ao lado deles, e aquele que segurava sua mandíbula estava inconsciente no chão. Tossiu para limpar a garganta, Ren rolou para ver Cabeza fazendo um círculo da morte com Chacu.

Chacu deu a Cabeza um sorriso de escárnio.

— Como está sua esposa, Kukulkan?

Pela quantidade de raiva e severidade que o ataque a essa questão evocou em Cabeza, Ren apostaria que Chacu tinha alguma coisa a ver com a morte dela.

E espero que essa tenha sido a pior coisa que o bastardo fez a ela.

Ren colocou suas mãos contra o chão de terra e empurrou-se para cima. Um dos outros agarrou seu braço direito e quebrou o osso.

Ok, isto ele sentiu...

Antes que ele pudesse se recuperar, quatro dele estavam sobre ele.

⁹⁴ O **réquiem** é uma das várias missas – solenidades religiosas repletas de símbolos, nas quais o sacerdote reafirma o desejo de seguir a prescrição de Jesus na Última Ceia, de renovar a recepção de seu Corpo e de seu Sangue, representados pelo pão e pelo vinho – elaboradas pela Igreja Católica.

⁹⁵ Até logo, meu amigo. (Em francês).



—Nós não precisamos de Chacu ou Coyote para acabar com você. — Quando o atacante de Ren foi para pegar a espada do Coyote, um boom sônico atravessou a sala tão ferozmente, que todos tremeram sob seus pés.

Porra, eu estou no chão novamente. Ele estava ficando muito cansado desse ponto de vista.

No começo, ele não sabia o que tinha acontecido para derrubá-los. Não até que viu Ash pegar um dos Guardiões do Portão e bater sua cabeça na parede. *Sim, isso dói, não é mesmo, puta? Bata novamente, Ash.* Ele queria dizer isso em voz alta, mas o último que o tinha apreendido havia quebrado sua mandíbula.

Ash virou para os outros, e deixou Chacu para Cabeza terminar. Seus olhos prateados se moviam com fúria, Ash rosou para os Guardiões do Portão, expondo suas presas. — Vocês juraram proteger os inocentes.

O mais alto tentou a postura de Ash. Poderia ter funcionado, se Ash fosse alguns centímetros mais baixo. Mas com essas botas de combate, Ash superava os dois metros facilmente. Seria muito duro intimidar alguém deste tamanho se eles fossem humanos. Acrescente os poderes de deus, e as habilidades guerreiras loucas...

Vai em frente filho da puta, mantenha a postura. Ash provavelmente ria de alívio cômico.

Foi o careca que empurrou o queixo para Coyote, enquanto falava com o Acheron.

— Nós devíamos um favor a quem nos libertou. Estávamos aqui apenas para pagar a dívida.

Ash sacudiu a cabeça.

— Ah, vejo agora, qual foi o seu erro. Sua obrigação tropeçou no homem que eu considero um irmão. Um que eu não gosto de ver encurralado e espancado, quando eu sei que um-contrum, você estaria pegando seus dentes quebrados... então eu vou te dizer uma coisa... Que tal eu aumentar o nível do jogo um pouco?

Ainda assim, o imbecil vociferou. Talvez porque seus músculos fossem cinco vezes maiores do que os de Ash, ele pensou que tinha a vantagem. Mas uma das primeiras coisas que Ren tinha aprendido quando ele subiu à torre sobre seus adversários mais baixos, mais volumosos... musculatura magra não interferia com a técnica de luta. Ela faz você letal. E você era um inferno de muito mais forte do que parecia ser, assim as pessoas subestimam o poder de seus golpes. Enquanto um único golpe da montanha poderia deixar você inconsciente, você pode ter que dar 20 golpes nele para derrubá-lo, mas a montanha tinha de ser precisa.

Você? Não muito.

A montanha zombou de Acheron.

— Nós não temos medo de você.

Ash encolheu os ombros com indiferença.

— Isso seria exponencialmente uma tolice de sua parte. Mas não é de mim de quem você precisa ter medo. — Ash virou-se e se aproximou de Ren. — Você parece o inferno, amigo.

—Ah, droga. — Ren disse, tentando não mover o maxilar quebrado mais que o necessário.

—Todas àquelas horas no salão desperdiçadas. Eu fiz minhas unhas, também.

—Você é tão louco. — Ash estendeu a mão a ele para que pudesse puxar Ren para longe da parede, onde ele tinha se apoiado para não cair novamente.



Ele pegou a mão de Ash com o braço que não havia sido quebrado, e no momento em que ele fez, a dor desapareceu. O calor propagou em suas veias quando o que Ash estava fazendo com ele curou seu corpo completamente.

Dentro de poucos segundos, Ren se sentiu mais forte do que ele nunca foi antes. Mais do que isso, todo mundo na sala estava congelado como se alguém tivesse apertado o botão de pausa em um jogo.

Ash não pareceu notar.

— Você sabe, Ren, ocorre-me que você nunca teve seu ato de vingança quando Artemis o colocou a seu serviço.

— Eu não queria isso, então.

— E agora?

Ren olhou para Coyote, que foi congelado no meio de um grito furioso que fez os tendões em seu pescoço, salientes, e deixou seu rosto uma máscara de fúria.

Como Dark-Hunters, eles não eram autorizados a arbitrariamente matar ninguém. Havia muito rigor nos códigos que tinham que seguir. Alguém assassinado era um grande não-não.

— Você iria permitir isso?

Ash arqueou uma sobrancelha ironicamente.

— Você é parte demônio. Você realmente dar uma merda para o que eu acho?

— O demônio dentro de mim sabe que há um demônio em você que pode esfregar o chão com a minha bunda, portanto atrevo-me a dizer que sim. Eu me importo. Profundamente.

— Você é um mentiroso, — disse Ash, com uma risada. — E um gênio. — Ele empurrou o queixo em direção ao grupo. — Então, que tal a vingança?

Havia apenas uma pessoa na sala que ele realmente queria enterrar.

— Eu vou matar Coyote.

— Derrube todos se você quiser. Você merece.

Ren franziu a testa para a oferta. Ash não era normalmente sanguinário. Até que ele se casou, Acheron tinha sido todo Hare Krishna, todos não podem se dar bem? Paz e amor, irmão. Paz e amor. Mate os Daimons para libertar as almas humanas, mas jogue limpo com todo mundo.

No entanto, no momento que Ash tinha colocado o anel de casamento de titânio preto no dedo de sua esposa Tory, Ash tinha aprendido os benefícios do você bate em *minha* porta a procura de luta? Então venha, irmão, e eu vou acabar com o seu rabo raivoso hoje à noite. No entanto, dada as longas condenações passadas de Ash contra o derramamento de sangue, Ren queria ter dupla certeza de que eles estavam na mesma página.

— O que exatamente você quer dizer com isso? Enviá-los para casa intactos, um pouco quebrados, ou em sacos pretos?

Mal Ren fez a pergunta, e mais sete Rens apareceram na sala ao redor deles. Eles estavam diante dos Guardiões do Portão e também estavam congelados no lugar, ainda que parecessem como se estivessem prestes a espancar aqueles na frente deles.

Mas que diabos?

Ash cruzou os braços sobre o peito.



— Relaxe. Eles vão desaparecer, uma vez que dispense seu alvo atribuído... de qualquer maneira que você queira. E você não vai ficar mais fraco por isso. Seus poderes não vieram de você.

Ren ficou boquiaberto com as habilidades de Ash. Enquanto ele sabia que o homem tinha poderes loucos, ele não tinha ideia de que clone-instantâneo-de-guerreiro era um deles.

— Como você fez isso? — Ren respirou. — Por sinal, como você pode estar aqui? Eu pensei que você não pudesse ajudar-nos esta noite.

Ash encolheu os ombros.

— Espero que você não me leve a mal, mas o seu conjunto de genes é um pouco superficial quando se trata de inteligência. A parte sagrada do Vale não começa a não ser a mais de cinco quilômetros para dentro — Ele deu um sorriso com presas para Ren. — Ótimo lugar para montar acampamento, hein? Eu ria da idiotice arrogante de seu irmão, se não fosse tão patético. Enfim, eu pensei que você ia com os outros, não desviando por aqui. Se eu soubesse que este era o seu plano, eu teria estado a sua volta o tempo todo. Às vezes, Ren, você tem que lembrar que tem amigos agora. E alguns de nós, somos por um tempo muito longo. Como um furúnculo permanente em sua bunda, eu sou o tipo preso para todos vocês.

Ren riu.

— Eu vou me lembrar disso. Obrigado.

Ash inclinou a cabeça respeitosamente.

— Eu vou deixar você e Beza terem o seu divertimento. Eu vou cuidar de Choo Co La Tah para você, e continuar mantendo a linha contra o vermes quebrando as barreiras. — Ele se dirigiu até onde Choo estava inconsciente.

— Acheron? — Ren teve o cuidado de usar a pronúncia Atlante verdadeira de seu nome com um rígido C e um audível H. — *Herista — Obrigado.*

Ash tocou o coração duas vezes com o punho, que era um gesto de Atlântida para a família de sangue. — *Atee, mer, atee. — Sempre, irmão, a qualquer hora.* Então, voltando, ele pegou Choo e desapareceu com ele. Assim que Ash foi embora, todo mundo voltou ao normal.

Um dia, Ash realmente precisava ser honesto sobre a extensão de seus poderes.

Mas isso não seria esta noite.

Hoje à noite, Ren tinha um portão para selar, e um rato para pegar. Um cujos olhos estavam agora enormes pelo medo quando Coyote percebeu que havia oito Rens para lutar agora.

Um dos quais estava severamente chateado e queria o sangue de Coyote batendo como tinha encomendado.

Ren deixou seu exército de clones para lutar contra os outros, enquanto ele ia direto para Coyote. Assim quando o seu irmão o viu chegando para ele, Coyote fez o que fazia de melhor.

Ele correu.

Ren pegou o ritmo quando ele correu caminho abaixo, atrás de Coyote. Cansado de correr atrás da lebre, Ren se teletransportou na frente do Coyote.

Ainda olhando para trás, ele bateu no peito de Ren, então cambaleou para trás.



Ren deu-lhe um olhar impiedoso quando Coyote correu para trás no chão, como um ser humano contorcido assustado em um filme de terror. *Levante-se e me encare como o homem que alega ser...*

— Eu nunca vou entender como nosso pai era tão cego para sua verdadeira natureza.

Finalmente mostrando alguma aparência de coragem, Coyote se levantou e ergueu o queixo desafiadoramente.

— O que você vai fazer? Matar-me?

Ren puxou a faca de mão, forjada, de sua bota, e olhou para ele. Esse foi um dos poucos itens que ele conseguiu pegar de sua vida humana, uma das poucas coisas que tinha de propriedade como um ser humano. Simples e elegante, tinha um corvo gravado num dos lados da lâmina e uma pássaro no outro. Um pouco de capricho que ele tinha colocado lá uma noite, quando ele tinha sido incapaz de dormir. Muitas lembranças amargas, muitas vezes roubavam-lhe o descanso.

Mas ele sempre teve uma forte afeição por armamento.

Uma das coisas que ele aprendeu quando era um menino na metalurgia. Ele assistia aos ferreiros e cheirava diferentes compostos, fazendo anotações mentais sobre o que eles fizeram para que ele pudesse duplicá-lo em privado.

Quando ele estava com 20 anos, ele já fazia todas as suas próprias armas. Seu arco, flechas, espada e facas. E ele aprendeu, cortesia de Coyote, truques para que ao dormir soubesse se suas armas fossem tocadas ou adulteradas, instantaneamente.

Não havia sentimento pior do que confiar a sua vida a uma ferramenta que funcionasse mal ou quebrasse enquanto você estivesse sob ataque.

E ele tinha as cicatrizes para provar isso. Como um ser humano, suas armas tinham sido a única coisa pelas quais ele sentia orgulho. Ao contrário das pessoas, elas não zombavam dele. Eles não o deixavam, e elas o protegiam quando ninguém mais o faria.

Ele ainda se sentia assim em relação a elas.

Na verdade, a garagem em sua casa era uma forja. Desde que ele podia voar e se teletransportar, não tinha nenhuma utilidade ter um carro. Não havia necessidade de perder um bom espaço, quando ele poderia usá-lo para a única coisa que lhe dava conforto.

—Diga alguma coisa. — Coyote rosnou.

—Desculpe. Eu estava perdido em pensamentos por um momento.

—Você está louco?

Ren riu.

—Dado os nossos genes? É uma aposta segura. — Ele ficou sério e estreitou seu olhar sobre Coyote. — Diga-me uma coisa... você lembra quando eu tinha 19 anos e para o seu aniversário, fiz um conjunto de facas como um presente para você e o Pai?

—Sim? E daí?

—Você se lembra o que você fez?

—Não. Eu não lembro o que aconteceu com elas.

É claro que ele não se lembrava. Por que deveria?



— Eu me lembro delas. — Com uma clareza que daria qualquer coisa para purgar de sua memória. — Eu lhe dei a sua primeira, e você me convenceu de que o Pai não iria aceitar isso de mim. Que ele iria criticá-la como inferior. Então eu lhe permiti dar a ele enquanto eu observava. Ele assumiu que você tinha feito isso, e ele abraçou-lhe pelo presente.

—Pai era ruim assim mesmo.

—Não, Anukuwaya, você sempre foi ruim assim. Você é um caminhante da sombra. Uma criatura traiçoeira das sombras, que finge que é da luz. É brilhante e bonito, mas não tem substância. Sem lealdade. Quando éramos humanos, eu nunca vi isso em você, porque eu o amava como meu irmão. Eu não queria vê-lo. E o Pai, mesmo depois que Buffalo dissesse a ele que fui eu o criador da faca, disse que foi a melhor que ele já tinha visto. Foi a única vez na minha vida, que ele me olhou com outra coisa que não desprezo. Mas você não poderia suportar isso. O ciúme comeu em você. E você não pode me deixar ter aqueles dois minutos de sua afeição. Em vez disso, você deu um choque térmico na lâmina para que ela quebrasse, e depois a mostrou ao pai, que agradeceu por salvar a sua vida da minha incompetência. Com raiva de mim por ter dado a ele uma faca com defeito, ele a jogou em mim enquanto eu comia o jantar sozinho na cozinha.

Ren abriu a frente de sua camisa para que Coyote pudesse ver a cicatriz em seu ombro onde a faca tinha batido nele enquanto ele estava sentado inconsciente da raiva de seu pai. Seu pai havia jogado a faca com tanta força, que o tinha derrubado de sua cadeira, o jogando no chão. Atordoado, Ren tinha olhado com horror quando seu pai enrolou seu lábio e amaldiçoou.

— Era uma arma muito boa. Ela rasgou minha carne, nervos e músculos como se fosse manteiga, e a ponta furou o meu osso. Se nada mais, você deve se lembrar disso. Levou mais de um ano antes de eu ter de volta o completo movimento do braço novamente. — Embora, para ser honesto, ainda havia algumas coisas que ele não pudesse fazer com esse braço.

Ele segurava a faca para Coyote poder vê-la.

— Tem sido uma das melhores armas que eu já possuí. Onze mil anos, e a lâmina ainda está tão forte quanto sempre.

—Por que você a manteve, seu doente?

Sua ira se levantou em sua garganta a ponto de sufocá-lo, mas Ren empurrou-a longe. Não se tratava de fúria. Era sobre a retribuição por uma vida de miséria que Coyote tinha lhe servido.

— Porque eu queria fazer o nosso pai orgulhoso, e você feliz, eu derreti o colar de minha mãe, como parte das lâminas. O custo de um presente nunca é importante. O importante é que ele venha do coração, e que tenha valor sentimental para o doador. Não havia nada que eu prezasse mais do que o seu colar... exceto você e o pai. Então eu mantenho a faca para me lembrar de ser humilde e nunca, nunca confiar em outro com a minha vida. Para ter certeza de que eu sempre soubesse onde outras pessoas estavam em relação a minha posição a qualquer momento, de modo que ninguém jamais me apunhalasse novamente enquanto eu estivesse desatento ao meu redor.

Aproximando-se dele, Coyote revirou os olhos.

— Eu sinto falta dos dias em que você gaguejava. Você nunca divagava na época a cerca de besteiras.



—Depois de hoje, você nunca mais terá que sofrer pela minha presença novamente. E nunca mais vai tomar, prejudicar ou ameaçar aqueles que eu amo.

Coyote zombou enquanto ele parava bem na frente de Ren.

— Você não pode me matar. Eu sou seu irmão.

Ren puxou Coyote contra ele em um abraço fraternal, em seguida, no instante em que ele sentiu Coyote relaxar, ele o esfaqueou no coração.

— De outra mãe, — ele sussurrou no ouvido do Coyote quando ele segurou-o nos braços. — E o Keetoowah só contam as relações através da linhagem de sua mãe... Você não é meu irmão. E eu não lhe devo nada. — Aquelas tinham sido exatamente as palavras de Coyote para o sacerdote quando ele perguntou ao seu irmão como Ren queria ser enterrado.

Mais do que isso, Coyote tinha acrescentado: — Ele não é um Keetoowah de verdade e ele morreu sem honra. Eu não me importo com o que você faça com o seu corpo, mas não insulte ou profane nossos defuntos com restos de um estranho.

Em vez de ter um justo funeral para o filho de um chefe, o corpo de Ren tinha sido jogado no poço que eles usaram para o lixo. E Coyote nunca teria pensado nele novamente se Artemis não restaurasse a vida de Ren.

Com falta de ar, Coyote levantou as mãos, tentando sufocar Ren enquanto morria.

Ren empurrou seu irmão para longe, e o deixou cair no chão, onde ele se contorceu por mais alguns segundos. Uma vez que Coyote esteve morto, Ren fez o que Coyote lhe tinha feito todos àqueles séculos atrás. Ele passou por cima de seu corpo e foi tratar de seus assuntos.

Pelo menos tentou. Mas ele só tinha dado três passos quando seu colar aqueceu, queimando sua pele.

Merda...

Enquanto Coyote tentava sufocá-lo, o sangue deles misturado havia tocado a pedra demoníaca.

O Grizzly seria agora libertado.

E eu serei possuído. Para sempre.

Com o estômago se retorcendo, Ren correu de volta para onde ele tinha deixado Cabeza lutando com Chacu, para encontrar seu amigo de pé sozinho no centro da sala.

Ren desacelerou.

— Onde está Chacu?

—O pequeno filho da puta correu para casa, para sua mãe. Eu juro... um dia eu vou beber o sangue de seu coração e comê-lo... — Ele empurrou o queixo para o sangue na camisa de Ren. — E você?

—O Coyote não uiva mais. O bastardo está para sempre silenciado.

Ele acenou com a cabeça em compreensão.

— Eu sinto muito, e eu estou feliz por você.

Ren soltou uma risada curta.

—Sim, isso resume tudo, não é?

—Resume, de fato, meu irmão.



Ren tomou um momento para saborear a última parte. O Coyote uma única vez o tinha reivindicado como irmão para manipulá-lo. Mas aqueles que diziam isto a Ren com significado, não tinham nenhuma relação de sangue com ele.

Ele iria sentir falta deles enquanto servisse ao Grizzly.

Não querendo pensar sobre isso, ele bateu no braço de Cabeza.

— Vamos salvar o resto do mundo agora?

— Claro. Por que não? Se todo mundo morrer, eu teria que cozinhar minha própria comida, e eu cozinho como merda. E você?

Ren riu.

— Só pão assado e quiabo, e eu não faço nenhuma reivindicação sobre o estado comestível de qualquer um.

— Então seria melhor para nós salvarmos o resto do mundo.

Kateri amaldiçoou quando ela percebeu que estava sem munição. Novamente. O que ela não daria por uma arma de Hollywood que nunca secasse enquanto estavam tomando fogo.

Sasha estava fora, na escuridão, sozinho, lutando em forma de lobo, tentando manter, como pudesse, muitos deles afastados, enquanto estavam imobilizados, incapazes de ir a qualquer lugar perto da caverna tinham que andar logo, ou tudo isso seria para nada.

Desde que fosse realmente à caverna que eles precisavam. Houve ainda algum debate sobre a localização exata de onde o muro estava. Sem Ren... Sim, esta noite não pode ter o melhor final.

Ela disparou sua flecha trespassando um demônio que estava voando em linha reta para Sundown.

— Nick! Mais munição!

Elas apareceram instantaneamente na sua aljava. Ok, Nick era melhor do que Hollywood. Só que ele não podia conjurar C-4. Bem, ele poderia, em teoria, evocá-lo. O problema era que nenhum deles sabia como usá-lo.

— Obrigada.

Nick voltou o fogo para os seus atacantes. Ele atirou em tantos e tão rápido, que parecia a celebração do Quatro de julho.

Jess continuou a disparar contra os corvos zombeteiros e demônios tão rápido quanto sua espingarda recarregava, eficiente e objetivo, era surpreendentemente rápido com suas mãos. O barril da coisa tinha que estar quente o suficiente para levantar uma bolha.

Mas para cada demônio que eles destruíam, parecia que mais 10 chegavam para substituí-lo. Sundown lançou um olhar irritado para Nick.

— Você não pode comandar essas coisas a morrer, ou algo assim?

— Sim. Claro que posso, mas, aqui está o grande e verde picles... se eu usar esses poderes, eles vão perfurar as portas enfraquecidas, e abri-las instantaneamente. Eu sou a camada superior, Jess. O que pode tanto fazer alguns demônios de dançarinos de carnaval a animais de sarjeta, ou



dependendo do nível do demônio, pode até fortalecê-los. Pense em mim como um farol da casa dos condenados.

Jess recarregou.

— Isso não parece divertido.

—É uma porra de tambor alegre para macacos. — Nick enviou mais bolas de fogo nos demônios.

Divertindo-se com a natureza azeda de Nick, que poderia trazer a luz em uma situação muito perigosa, Kateri soprou ar através de seu pulso que foi picado, mesmo com uma proteção nele. Seus dedos estavam dormentes e ela tinha certeza que se ela sobrevivesse para dormir novamente, ia ter pesadelos sobre coisas fantasmagóricas com presas gritando para ela quando eles morriam.

Isso é impossível. Ela não disse isso em voz alta, mas ela sentiu. Ela tinha certeza de que eles sentiram, também.

Nenhum deles poderia avançar em direção às cavernas. Ela estava tão cansada de lutar contra tudo, que só queria deitar, e deixá-los fazer o que quisessem com ela. Em quinze minutos, não importaria de qualquer maneira.

Seria tarde demais.

Quinze minutos.

Estranho como, como uma estudante, especialmente em uma aula chata que ela odiava, quinze minutos parecia uma eternidade.

Agora...

Não era tempo suficiente para sua breve vida piscar diante de seus olhos.

Ela abaixou-se quando algo que lembrava um macaco voador passou sobre sua cabeça, cuspidando neles. Era saliva ácida, percebeu quando ela bateu na rocha alguns milímetros de sua mão e a dissolveu como açúcar em água quente.

Jess levantou-se e atirou três vezes. Ele recuou quando foi atingido, mas isto não matou a besta.

— Sua mãe nunca lhe ensinou boas maneiras? Você não pode cuspir em nenhuma mulher.

— Ele se ajoelhou para recarregar. — Fodidos animais.

—Demônios, Jess,— Nick o lembrou.

—Droga fodidos demônios.— Ele estreitou seu olhar para Nick. — Água benta funciona com eles?

—Apenas alguns. Lembre-se, eu ainda comungo aos domingos e era coroinha quando criança.

—Sim, isso não está certo.

—Não poderia concordar mais. — Nick a defendeu no momento em que teria sido atingida por uma nova onda de monstros voadores. Então, ele levantou-se para abrir fogo, literalmente, sobre aqueles que a tinham quase matado.

Nick teria teletransportado-os para as cavernas, mas desde que ele sabia muito pouco sobre elas, e absolutamente nada sobre o seu interior, ele poderia prendê-los em uma parede, e matá-



los na tentativa. Para não falar, que eles ficariam presos lá dentro, o que tornava mais fácil para os demônios matá-los.

Ela lançou outra flecha. Mas o que ela realmente queria fazer era cavar um buraco e esperar que tudo isso acabasse.

Vamos lá, Kateri. Isto não é apenas sobre você. Ela olhou em volta para os homens que arriscaram suas vidas para protegê-la. Jess com seu novo bebê. Ele não queria estar aqui. Mas ali estava ele, sem uma única queixa. Nick, que, bem de acordo com ele, só estava vivendo para irritar certas entidades. Sasha, que tinha uma queda por alguém que ele não dizia o nome, mas que tinha jurado que se vivesse a isso, ele iria chamá-la para sair. O medo que se dane. Cabeza que não diria nada sobre sua vida.

Acima de tudo, Ren. Ele tinha dado a ela o seu coração... a única parte de si mesmo que ainda lhe pertencia.

A parte que ele nunca tinha dado a ninguém.

Nesse instante, ela se viu como uma jovem adolescente no cemitério com sua avó no dia de finados. Elas sempre iam lá para colocar uma rosa vermelha, uma branca e uma azul na sepultura do avô de Kateri. E sua avó, que era mais forte que uma rocha, que nunca derramou uma lágrima por nada, poderia ficar lá e chorar pelo marido que ela amava tanto.

—Como vou saber quando eu amar alguém como você amou o vovô, vovó?

—Oh querida, — ela disse, afastando para trás o cabelo do rosto de Kateri, — essa é uma resposta fácil. Quando você souber que estaria disposta a dar sua vida para salvar a dele sem pensamento ou hesitação. Quando der cinco horas, e ele não está em casa, como disse que estaria, e você entra em pânico e não pode respirar por medo de que ele não entre por aquela porta, nunca mais. Quando a ideia de enterrá-lo dói tanto que você não pode respirar. Acima de tudo, quando algo de bom ou de ruim acontece com você, e ele é o primeiro com quem você deseja compartilhar essa notícia. É assim que você sabe que é amor, querida. Não vai haver qualquer dúvida.

Kateri nunca tinha compreendido a explicação de sua avó. Não até que ela olhou para um par de olhos azuis, que chocantemente esculpiram o nome de um homem em seu coração e alma, e a fez perceber que sua vida que parecia tão perfeita e feliz, tinha uma coisa faltando.

Ren.

E se ela não selasse os portões, as coisas com as quais lutava iriam atrás dele.

Esperando que ela vivesse para lamentar este ato de flagrante estupidez, ela se dirigiu para as cavernas. Ela achava que estava correndo sozinha, até que Nick a alcançou um instante antes de uma bola de fogo explodir próximo a ela.

Mais demônios vieram para eles, mate-os.

Porcaria. Não adiantava. Tudo o que ela tinha feito era movê-los de uma cobertura e deixá-los expostos para morrer.

Eu sinto muito.

—Precisa de uma mão?



Seu coração bateu forte com aquela voz profunda e familiar quando Ren apareceu ao lado dela.

— Você está aqui!

—Onde mais eu estaria? — Ren franziu a testa enquanto inspecionava a loucura em que estavam — Por que vocês estão sob fogo pesado?

Nick deu-lhe um olhar divertido.

—Ah, eu não sei. Mas estamos gostando muito. O medo tem um cheiro tão maravilhosamente romântico que eles deveriam transformá-lo em perfume e desodorante. Eau de Medo. Vamos todos tomar apenas um minuto, e vamos nos aquecer nele.

Enquanto ele podia ser irritante, Nick tinha momentos de um humor sarcástico profundo.

Cabeza limpou a garganta quando ele apareceu ao lado de Jess.

— Temos cinco minutos, pessoas. Então, isso vai ficar muito pior.

Ren estendeu a mão para ela.

— Você está pronta?

—Absolutamente.

Ela colocou a mão fria dentro da dele que estava tão quente, que enviou calafrios sobre ela. A força dele era eletrizante. E se tivesse que morrer hoje à noite, ela estava feliz que ele fosse o último rosto que visse.

Ren os teletransportou para a caverna sem esforço. Tendo passado séculos aqui, ele conhecia cada centímetro do vale, como a palma de sua mão, e ele sabia exatamente qual caverna tinha o muro que precisavam para o Reinício.

Mas dentro estava tão escuro, que não podia ver nada. Nem mesmo suas próprias mãos.

Até Ren usar suas bolas de fogo para acender as tochas, que estavam espaçadas a cada poucos metros, nas paredes de barro decorados com milhares de glifos pré-históricos. Eles eram lindos. Fernando estaria em sua glória por explorar algo como isto, intocado.

—A Thunderbird é aqui. — Ren a levou para o outro lado da caverna, para a mais plana parede de lá.

Toda a extensão havia sido pintada como um muro colorido, que contava toda a história de como o mundo foi salvo pela primeira Ixxib quando ela enfrentou um deus irado.

Ele mostrou Ahau e seus parentes dando o Kinichi para ela.

Mas Kateri não viu o que ela estava procurando. E o tempo estava passando muito rápido. Eles tinham meros segundos antes de os portões serem abertos.

— Para onde foi a Kinichi?

Ren apontou para o teto, onde um thunderbird gigante subia acima das cenas abaixo. Sobre a cabeça do thunderbird estava um beija-flor pequeno. Você não poderia dizer se o thunderbird estava seguindo ou perseguindo o beija-flor. Eram eles amigos ou inimigos? Era impossível dizer. Mas estava posicionado entre o bico aberto do Thunderbird.

Kateri sentia vontade de chorar de frustração.



—Bem, não é isso uma puta? Quanto tempo eles acham que meus braços levariam para chegar à boca do beija-flor? Eu não suponho que você tenha um tanque de isótopos radioativos que possam me fazer sofrer mutação rapidamente, não é? —Isso sempre funcionava nos filmes.

E, claro, havia outro problema óbvio.

— Onde exatamente eu devo colocar a pedra? — O muro era completamente plano sem uma fenda.

—Nós vamos encontrá-lo, não se preocupe.

Agora olha quem havia encontrado o seu otimismo. Grande momento, amigo.

Quando Ren se moveu em direção a ela, de repente, uma explosão atingiu-o com força o suficiente para mandá-lo direto para o chão.

Reagindo por instinto, ela pegou uma flecha, e virou-se para disparar. Mas no momento em que avistou seu alvo, ela congelou.

Não... Era impossível.

WTF⁹⁶?

Kateri não podia acreditar em seus olhos. Tinha que ser um sonho. A maior alucinação.

Qualquer coisa.

Ela baixou o arco.

— Enrique?

—Sim, Dra. Avani.

Boquiaberta, ela tentou dar sentido a isto quando ele se aproximou dela.

— O que você está fazendo aqui?

Ele sorriu friamente.

— Estou aqui para ver você, naturalmente.

Naturalmente?

—Eu não entendo. Como você sabia que eu estava aqui?

—Veneno, — ele disse simplesmente. — Eu o capturei quando ele atacou Chacu em seu laboratório... Eu não estava tão congelado como você e Cabeza pensavam. E eu escarrei sobre o pescoço de todos aqueles chamados peritos que dizem para as pessoas que a tortura não funciona. Por isso, eu digo que eles não sabem como fazê-lo direito. Eu, pessoalmente, nunca tive do que reclamar.

Levou um segundo para registrar o nome de sua vítima.

Ren foi para ela, mas Enrique jogou-o para a direção oposta.

— Se você quer que ela continue a respirar, fique longe.

Kateri ouviu o relógio quando começou a apitar para deixá-la saber que eles estavam na contagem regressiva final. Ela tinha que superar Enrique. Agora!

—O que você quer? — Ela perguntou a ele.

—Dê-me a sua pedra do tempo, ou eu vou lhe entregar as pedras de seu menino.

Ela olhou para Ren, ainda não tinha certeza se isto era um sonho.

⁹⁶ Expressão do inglês: *What the fuck?* – *Que porra está acontecendo?*



— Não faça isso, Kateri, — Ren disse com firmeza. — Ele não é humano. Faça o que fizer, não deixe que ele tenha a pedra.

Ela balançou a cabeça.

— Ele é o meu assistente de pós-graduação.

Enrique riu.

— Sim e não. Enrique era seu assistente de pós-graduação. Mas eu era realmente seu prisioneiro, Dra. Avani. Até Chacu inconscientemente me libertar.

Nada disso fazia sentido para ela. Ela fez uma careta para Ren.

— O que você quer dizer com que ele não é humano?

Enrique assobiou.

— Puta estúpida. Eu te disse... Eu sou *o peuchen*. Você me trouxe de volta de minha cela em sua primeira escavação com Fernando para que você pudesse testá-lo. Devido a esses testes que você fazia, eu fui capaz de me libertar da minha prisão. Mas eu não podia escapar, pois o campus tinha uma maldição. Nem mesmo depois que eu tomei o corpo de seu assistente. Sua bisavó era realmente poderosa. E eu gostei de devorar sua alma. Mas agora, eu estou pronto. Eu quero o que eu vim buscar.

Ele estendeu a mão para ela.

Ren virou-se para ele.

— Não se atreva a tocá-la!

Enrique atirou em Ren, algo que foi direto para o seu peito e se estilhaçou em fragmentos.

Ren gritou de dor, enquanto Kateri gritou de raiva. Ao som da voz de Ren, ela sabia como estava mal.

Ele nunca, jamais iria gritar assim.

Ela tentou pegá-lo, mas Enrique não a deixou ir.

— Dê-me *a pedra*! Agora!

Pela vida de Ren, ela estava disposta a dar-lhe qualquer coisa. Mas ela não era estúpida o suficiente para pensar por um minuto que esse demônio lhes permitiria sair vivos daqui.

Pense, Kateri, pense...

Ele foi até Ren para acabar com ele.

Nesse instante quando ela estava convencida de que iria perdê-lo para sempre, ela sentiu. Um estalo interior peculiar. Como uma pequena alfinetada em uma represa, que vinha logo antes que a força da água explodisse em uma inundação violenta. E quando a inundação interior chegou, saturou o quarto com luz brilhante que atirou para fora de seu corpo inteiro. Uma luz que perfurou Enrique. Gritando de dor, ele recuou e tentou novamente chegar a Ren.

No momento em que ele se moveu em direção a Ren, sua luz o esfaqueou, mais e mais.

Seu rosto se transformou em uma feia besta demoníaca, Enrique tentou alcançá-la. A luz se intensificou e, finalmente, explodiu-o em mil pedaços.

Horrorizada, aliviada e aterrorizada tudo de uma vez, ela correu para onde Ren estava no chão em uma poça de sangue. Tão gentilmente quanto podia, ela virou-o e segurou-o no colo.



Seu rosto pálido e úmido, ele mal podia respirar. Seus lábios estavam ficando azul. Deus, havia muito sangue...

Ren cobriu a mão dela com a sua.

— Você tem que reiniciar o calendário.

Dane-se o maldito calendário.

— Você está ferido. — Pior ainda, parecia que ele estava morrendo.

Ren lambeu os lábios. Cada respiração que ele tomava fazia um som oco, chacoalhando no peito.

— Não importa, Kateri. O calendário é mais importante. Vá, e eu vou esperar por você.

— Não se atreva a morrer aqui, — avisou. — Estou falando sério.

— Vá.

Balançando a cabeça, ela correu para os glifos novamente.

Desta vez, quando ela olhou para cima, viu algo diferente. Novos detalhes que ela tinha perdido antes. Detalhes que só eram evidentes agora que ela tinha os poderes de seu pai e avó.

Perspicácia. A capacidade de ver alguma coisa escondida ou mascarada.

Agora, a clareza total era dela. O Thunderbird era um símbolo para Ren e sua metamorfose de destruidor a protetor do mundo. O Thunderbird estava sendo sacrificado para que o beija-flor pudesse enviar o seu olho para o sol. O bico aberto que cercava o beija-flor fazia isso para protegê-lo com o seu último suspiro.

Mas ela ainda não sabia como chegar à maldita coisa do chão.

Acredite. A voz de em sua cabeça era tão forte.

Ela olhou para ele para ter certeza de que ele ainda estava com ela.

Eu sempre estarei com você, Waleli. Levei 11 mil anos para te encontrar. Você realmente acha que eu deixaria você agora?

Lágrimas se reuniram em seus olhos.

— Eu acredito. — E, pela primeira vez em sua vida, ela quis dizer isso. Mesmo que fosse loucura total e absoluta, ela acreditava no ridículo.

Ela acreditava no paranormal.

Tudo isso. E acima de tudo, ela acreditava em Ren. Seu amor em volta dela, dando-lhe força e determinação. Com ele ao seu lado, ela finalmente acreditava no impossível. *Eu sou o beija-flor, a ponte entre a noite e o dia. O mensageiro do sol, que carrega a esperança da humanidade.*

Quando os pensamentos encheram sua cabeça, ela sentiu como se um peso deixasse o seu corpo, e ela começasse a flutuar.

Não, não flutuar...

Ela voava.

Um momento, ela estava no chão, e no seguinte, ela estava muito acima do piso. Oh isso... isso era assustador.

E foi um lote inteiro de diversão.

De repente, Enrique reapareceu.

Eu não matei esse desgraçado?



—Dê-me a pedra ou eu vou matá-lo! — Enrique colocou uma faca na garganta de Ren.

Sem hesitar, ela começou a voltar, mas Ren jogou o braço para fora, e gentilmente empurrou-a com o vento, levantando-a mais.

Salve o mundo Kateri.

As lágrimas encheram seus olhos.

— Você é o meu mundo.

E você é o meu. Agora, por favor, Kateri, se você me ama, termine a tarefa que nos foi dada. Reinicie o calendário, e então vamos matar esse idiota.

Apenas Ren poderia fazê-la sorrir quando esta assustada e preocupada.

Balançando a cabeça, ela estendeu a mão e percebeu que desde o início a pintura tinha um relevo, que fazia com que parecesse plana. Daqui de cima, ela viu o pequeno espaço no coração do beija-flor, que havia sido cortado como uma peça de quebra-cabeça, especificamente para segurar seu colar.

Assim que ela tocou a pintura, ela teve total clareza de pensamento.

Olho. Coração. Alma. Eu sou o poder que expulsa o mal. Eu, sozinha, posso combatê-lo e mantê-lo a partir das partes mais vitais do meu ser.

O sol não era apenas a luz que bania a escuridão. Era o calor que mantinha longe o frio gelado de dor e dano. *Concentre-se nas coisas que te fazem feliz, que encham seu coração de alegria. Eles são tudo o que importa, e eles são o que vão mantê-la segura. Eles são o que irão mantê-la forte, mesmo na pior tempestade.*

E alegria foi o que deu a ela um coração. Com sua mão trêmula, ela colocou o colar dentro do beija-flor.

Relâmpagos ricocheteavam pela sala. O beija-flor caiu na boca do Thunderbird quando disparou uma luz laranja para cima através de um pequeno orifício na parte superior da caverna.

Ela virou o rosto para proteger sua visão do feixe escaldante que brilhava mais do que o meio-dia em um dia de verão.

—Não!— Enrique gritou em horror. Ele virou-se para jogar a faca para ela.

No momento em que o fez, Ren se levantou do chão, e pegou o colar de pedra vermelha em seu pescoço. Ele o enrolou em torno da garganta de Enrique, ao mesmo tempo em que Enrique deixava voar a sua faca.

Ela pegou a faca, e por um momento pensou que Ren estivesse usando o seu colar como um garrote. Até que ele o fixou em torno do pescoço de Enrique e recuou.

— *Aproveite a prisão do inferno, amigo.* — Dê a Grizzly e Windseer minhas lembranças.

Enrique gritou quando o chão se abriu e chupou-o. Ele tentou lutar, para se segurar a superfície. Mas foi inútil. A terra o engoliu completamente.

Assim que Enrique se foi, Ren bateu no chão. Duro.

Esquecendo seu próprio colar, Kateri teletransportou-se ao seu lado. Pavor e terror frio a encheram. Ele estava tão pálido. Sua respiração tão superficial.

Ela cuidadosamente colocou sua cabeça em seu colo e afastou o cabelo de seu rosto bonito.

— Bebê? Você não vai morrer, certo? Você é imortal.



Ele balançou a cabeça.

— A explosão perfurou meu coração. Eu estou morrendo, Kateri.

— Não! — Lágrimas a cegaram quando a agonia apertou seu peito. Ela não podia perdê-lo. Ela não podia. — Não me deixe, Ren. Por favor. Eu preciso de você.

Ren saboreou as palavras que ele nunca esperava ouvir da boca de outra pessoa. E tê-las vindo de alguém tão notável quanto a sua Kateri... Era mais do que ele poderia pedir. Mais do que ele merecia. Agradeceu por ouvi-las. Como ele gostaria de ficar com ela, mas o destino tinha outros planos para os dois.

— Você não precisa de mim, preciosa. Você se saiu bem sem mim.

— Eu posso ter ido muito bem. Mas eu não fui excelente. Não até que você invadiu meu mundo, e ficou ao meu lado enquanto eu estava sob fogo. Eu não quero ficar mais sozinha, Ren. Só porque eu posso estar sozinha não significa que eu queira.

Ele beijou sua bochecha.

— Não chore, Waleli... É melhor assim.

Ele estava louco? Como isso poderia ser melhor?

— Como?

Antes que Ren pudesse responder, um enorme homem apareceu diante deles. Vestido em camurça bronzeada, ele era feroz e bem musculoso. Com o lábio enrolado, ele olhou os dois com um sorriso cheio de ódio.

— Ele vendeu sua vida para mim, e esta é a sua tentativa de sair da sua escravidão.

— Deixe-a em paz! — Ren rosnou.

— Oh, por favor, Makah'Alay, não se incomode. Você não tem nada com o que negociar mais. Em poucos minutos, você não vai nem mesmo ter a sua vida.

Kateri ficou fria quando uma parte externa sua reconheceu este homem, embora ela nunca o tivesse visto antes.

Grizzly.

— Agora eu vim reivindicar a pouca vida que lhe resta. Ele deve-me muito.

Kateri recusou-se a deixar ir.

— Eu não entendo. Por que você faria isso? — Ela perguntou a ele.

Grizzly respondeu entre dentes.

— Por você. — Ele cuspiu isso o desgostasse. — Ele sempre foi estúpido.

— Não, — ela disse, ferozmente. — Ren nunca foi estúpido. Mas você... Você deveria ter tomado a sua oferta quando ele enviou Enrique em seu lugar.

Grizzly bufou.

— Uma substituição lamentável. — Ele se aproximou de Ren.

— Você não vai levá-lo, — ela resmungou, pronta para lutar até a morte por Ren. Evocando cada grama de poderes de seu pai e avó que podia, ela atacou Grizzly.

O peso e a força de seu ataque o atingiram. Mas já era tarde demais. Seus poderes eram muito fortes agora. E, vindo de Ren, ele enviou o espírito urso grizzly nela.

Ninguém tocava sua família.



Ninguém!

Levantando-se a seus pés, ela foi atrás dele com tudo o que tinha. Mais e mais, ela atacou Grizzly como toda sua fúria. Não apenas porque ele se atreveu a vir aqui agora. Por tudo o que ele tinha feito para Ren, por matar seu pai. Ele tinha tomado ou tentado tirar tudo dela.

E ele tinha tomado o suficiente.

—Você já fez todo o dano que você podia. O Grizzly para aqui.

Ele riu para ela.

— O que você poderia fazer para mim? Você não pode me matar. Eu sou imortal.

—Não, mas eu posso banir você de volta para a fonte de que nasceu. Tenho certeza de que você se lembra da dor em ebulição e agonia. Que você possa desfrutar de queimar lá para toda a eternidade.

Ele tentou correr, mas ela não iria deixá-lo. Ele não tinha dado a Ren ou ao pai dela qualquer misericórdia, e por isso ela lhe deu nenhuma.

Ela atacou-o mais duro. Mais rápido. Mortal.

Grizzly gritou quando ela o mandou para o pior destino imaginável para qualquer ser imortal.

—Que diabos aconteceu aqui?

Ela virou para a voz arrastada e espessa de Sundown.

—E o que diabos aconteceu com você, amigo? — Colocando sua espingarda de lado, ele sentou-se ao lado de Ren cuja pele tinha agora um tom azulado assustador para ela. As lágrimas encheram seus olhos quando Sundown se aproximou para verificar respiração do Ren.

Ren não respondeu.

Com medo de que ele já tivesse ido embora, que ele houvesse morrido sozinho, enquanto ela lutava com o Grizzly, ela correu de volta para ele.

— Ren?

Ele abriu os olhos, mas não conseguia concentrá-los sobre ela. Eles dançaram em torno de suas órbitas como se ele não pudesse controlá-los de todo.

— Obrigado, Kateri.

—Por quê?

—Por voltar por mim.

Isso abriu as comportas para as lágrimas.

— Eu sempre virei por você, Ren,— ela chorou. — Por meio do inferno, tempestades e demônios. Nada jamais me manterá afastada do seu lado. E eu não posso te perder. Não assim. Droga, lute por mim!

Ele lambeu os lábios.

— Eu estou tentando. É por isso que eu ainda estou aqui. Mas eu não acho que eles vão me deixar ganhar esta.

Desesperada para salvá-lo, ela começou a procurar em seus bolsos.

Sundown fez uma careta.

—O que você está fazendo?



—Eu estou olhando para o seu *degalodi nvwoti*. Sua bolsa de remédios.

Ren pegou a mão dela.

— *Osda*⁹⁷.

—Não está tudo bem, — ela respirou em contradição. Localizando sua bolsa no bolso da frente, ela puxou-o para fora, em seguida, abriu a bolsa de camurça vermelha, e começou a mexer nela, à procura de algo que pudesse curá-lo. Ela enxugou furiosamente suas malditas lágrimas inúteis. Eu tenho que salvá-lo.

Ela perdeu todos que amou, e se ele morresse, ela nunca se perdoaria. Eu estou amaldiçoada. Agora ela sabia disso com certeza. Toda vez que ela se atreveu a deixar alguém entrar em seu coração, eles pagaram o preço máximo por isso. Eu não vou perder de novo! Eu não vou. Porque ela sabia que, se ela perdesse Ren, ela morreria também.

Determinada a salvá-lo, não importa o que, ela buscou através de suas pedras e penas... itens espirituais que ele passou a vida reunindo. Assim como sua avó.

Assim como ela.

Itens que lhe deram força e coragem. Itens que o lembravam de quem ele era, e quem ele queria ser. Mexer no *degalodi nvwoti* de alguém era mais pessoal do que ler diário deles.

E quando ela tirou um amuleto de beija-flor que havia sido preso a um quartzo rosa em forma de coração pela pequena bandana vermelha que ela estava usando quando eles se conheceram, ela começou a soluçar tão forte, que não conseguia respirar.

Ren estendeu a mão para ela.

— Por favor, não chore, Kateri. Quebra meu coração ouvir suas lágrimas.

Mas ela não podia ajudá-lo. Com este item, ela compreendeu plenamente a profundidade do seu amor por ela. Ele havia criado um símbolo pessoal para ela, e colocou-o em sua bolsa de remédios a única coisa que ela sabia que ele nunca iria ficar sem.

De repente, outro relâmpago abalou o quarto, e pulverizou detritos sobre eles.

Merda! Furiosa e com a necessidade de fazer um sacrifício de sangue do coração de alguém sobre isso, ela ficou em seus pés, pronta para a batalha.

E desta vez, ela iria desfrutar do assassinato.

Mas, quando ela caiu em sua posição de combate, hesitou.

Nick ficou na frente dela em sua forma humana, mas ele tinha suas asas demônio negro abertas largamente. Seu cabelo escuro estava despenteado e a marca do arco e da flecha era tão fraca, que mal podia ser vista agora.

Ele veio para frente com um cristal.

Com uma respiração irregular, ela franziu a testa para ele.

— O que é isso? Uma pedra de cura? — Ela se aproximou para tocá-lo.

Nick pegou sua mão. Seus olhos ardiam em seu interior.

— É a alma de Ren. Quando eu vi que ele estava morrendo, eu fui pegá-la de Artemis. Se você restaurar a sua alma ao seu corpo em seu último suspiro, isto vai trazê-lo de volta e libertá-lo do serviço de Artemis.

⁹⁷ *Osda* significa bom em Cherokee.



Esperança a atravessou.

— Sérió?

Nick assentiu.

— Não! — Ren rosnou.

Ele estava louco? Kateri olhou boquiaberta para ele.

— Por que não?

— Porque isto vai queimar e machucar você. Muito. Diga a ela, Sundown.

Jess assentiu.

— Ele está certo. É uma cicatriz horrível, também. Quando Abigail pegou o meu, queimou dois de seus dedos. Toda vez que eu vejo, me mata, e eu odeio que tenha lhe causado tanta dor.

— Eu não me importo. — Ela chegou para o cristal novamente, mas Nick pegou sua mão.

— Se a dor fizer você soltá-lo antes de sua alma retornar ao seu corpo, você vai destruí-lo, e condená-lo a uma existência de agonia inacreditável. Portanto, antes de pegá-lo, compreenda que você não pode deixar cair, não importa o quanto você se queime.

— Eu nunca, nunca vou deixá-lo ir, — ela disse com todo o peso de sua convicção. Ajoelhou-se ao lado de Ren. — E se eu não fizer isso, eu vou condenar-me a um inferno muito pior.

O olhar de Ren finalmente parou de tremer e segurou o dela.

— Se você pudesse salvar a minha vida, você se importaria de ser marcado por isso? — Ela perguntou a ele.

— Não, — ele sussurrou enfaticamente.

Ela sorriu, depois olhou para Jess.

— Eu não conheço Abigail, mas eu tenho certeza que cada vez que ela vê a cicatriz, tudo o que ela pensa é em quanta sorte ela tem por compartilhar a vida com você. E estou certa de que nos dias em que ela quer bater em você por algo que você disse ou fez para aborrecê-la, isto salva o seu traseiro, porque a faz lembrar quão longe ela estava disposta a ir para tê-lo.

Jess engoliu em seco.

— Droga Ren, ela é uma defensora.

Ren cuspiu mais sangue.

— Espera aí, querido. — Ela foi para o cristal, mas Nick puxou-o para fora de seu alcance.

— Eu vou dar a você quando for a hora certa. Não há necessidade de você se machucar por mais tempo do que o necessário.

— Ok. — Kateri se moveu para colocar a cabeça de Ren no colo para que ela pudesse segurá-lo.

Ren se esticou para pegar a mão dela. — Se você deixar cair, eu não me importarei. Pois vou saber que pelo menos você tentou.

Ela riu através das lágrimas.

— Eu não vou abandoná-lo. Mas quando você estiver de volta ao normal, eu poderia bater em sua cabeça por pensar que eu faria uma coisa dessas.

Ele sorriu, então ficou tenso.

— Ren?



Sua mão caiu longe dela.

—Ren?

Não entre em pânico. Você vai trazê-lo de volta.

Mas era difícil.

Nick enfiou as asas para baixo ao redor de seu corpo.

— Você vai ter que colocar o cristal na marca do arco-e-flecha. Foi onde Artemis pegou sua alma. É onde ele vai tê-la de volta. — Ela tentou não olhar para a marca no rosto de Nick. Artemis deve ter envolvido seu rosto quando ela levou a sua.

—É em seu quadril. — Ela olhou para Jess.

—Por que vocês estão olhando para mim? Eu não irei tirar suas calças. Eu amo o homem. Mas eu não *amo* o homem... Isso aí é o seu trabalho, mulher, e eu não quero dizer isso de uma forma sexista ou homofóbica. Eu só não quero tocar o lixo de outro homem, se eu não puder ajudar. E isso é uma escolha pessoal garantida pela Constituição.

Sacudindo a cabeça para Sundown, ela cuidadosamente colocou a cabeça de Ren no chão, em seguida, foi para baixo para que ela pudesse abrir as calças de Ren o suficiente para expor a marca em seu quadril sem envergonhá-lo. Claro, que seria mais fácil se ele usasse cueca, mas... Quando sua missão foi cumprida, ela deslizou um sorriso provocante em Jess.

— Eu tenho certeza que Ren não quer que você toque seu lixo também.

Com uma risada curta, Sundown afastou-se para dar mais espaço para ela.

—Fodidamente certa. Literalmente.

Nick chegou mais perto. Ela estendeu a mão para ele, mas mais uma vez Nick a deteve.

— Espere por seu último suspiro.

Ele veio trinta segundos depois. E esse foi o pior momento de sua vida.

Ren expulsou o ar, e a luz se apagou daqueles olhos incrivelmente azuis.

Por favor, não estrague isso. Por favor, não estrague...

Nick deu-lhe o cristal.

— Agora.

Para sua surpresa, ela não sentiu dor alguma. Nenhuma.

Grata pela adrenalina ou o que quer que a poupou de se ferir, ela colocou o cristal sobre marca de Ren.

Nada aconteceu.

Pânico a atravessou. Era a pedra errada? Ela teria feito alguma coisa errada?

— Não está funcionando. O que eu fiz de errado?

Nick colocou uma mão reconfortante em seu ombro.

— Dê-lhe um segundo.

Ainda não estava funcionando. Ela queria gritar.

Mas então, quando ela estava prestes a atacar Nick por matá-lo quando deveriam ter tentado salvar a sua vida, aconteceu.



Ren sugou uma respiração dura e arqueou as costas. Pânico em suas feições contorcidas quando ele encontrou seu olhar, e segurou-a com aqueles olhos azuis que faiscavam com vida novamente.

E desta vez, com sua alma.

Colocando seu rosto na palma da mão, ela sorriu para ele.

— Hey, bebê. Bem-vindo de volta.

Nick pegou a mão que segurava o cristal e a afastou.

— Você pode deixar isto agora.

— Desculpe. Eu não queria correr nenhum risco.

Nick franziu o cenho quando viu a palma da mão sem cicatrizes.

— Você não está machucada?

Ela balançou a cabeça.

— Bem, bom. — Nick deu um sorriso para ela. — Mazel tov⁹⁸. Ele é todo seu agora. Cuide bem dele. — E com isso, Nick desapareceu.

Kateri apertou os dedos de Ren quando ele chegou a um acordo com o ser humano novamente.

Ele olhou para o mural no teto.

— Será que fizemos isto a tempo?

— Eu não tenho certeza. Eu acho que nós fizemos. — Mordendo os lábios, ela encontrou o olhar de Jess. — Será que nós conseguimos?

Ele empurrou seu chapéu de cowboy para trás em sua cabeça e encolheu os ombros.

— Nós não saberemos ao certo até 11:11, mas sim, eu acho que nós conseguimos. Com a pele dos nossos dentes.

Cabeza bocejou na sala e Kateri se sentiu mal por ela ter estado tão fixada em Ren que tivesse se esquecido deles.

— Eu não sei sobre o resto de vocês, mas eu preciso dormir um pouco, — disse Cabeza. Ele bateu nas costas de Sasha. — Ou me acorde para o Apocalipse, ou, se o mundo ainda estiver aqui e não invadido por demônios, eu vou te ver no pôr do sol. — Ele saudou-os, em seguida, desapareceu.

Sasha replicou seu bocejo.

— Sim, eu poderia ter um pouco de sono de beleza e um massagista. Vejo vocês mais tarde. Esperemos que em circunstâncias muito melhores.

— Tome cuidado. — Kateri avaliou os danos em torno deles, que os relâmpagos e a luta tinham causado. Embora fosse uma confusão impressionante, não parecia que tinham parado o fim do mundo.

Ren puxou sua mão para conseguir a sua atenção de volta para ele.

— O que, querido?

Ele levantou-se para dar-lhe o mais quente e mais sexy beijo da história da humanidade.

⁹⁸ Frase hebraica usada para dar felicitações/boa sorte.



E quando ele se afastou para esfregar o nariz contra o dela, ofereceu-lhe o sorriso mais doce que já tinha visto.

— Então me diga, Kateri. O que o futuro reserva para nós?

Nós...

Esta palavra e sua pergunta a encheram com o calor de um milhão de sóis.

Antes que ela pudesse responder, Jess se levantou e balançou a espingarda para descansar em cima de seu ombro.

— Ah inferno, garoto, eu posso responder essa. Uma leva toda de crianças, e uma vida que vale malditamente a pena viver.

Epílogo

28 jul 2061

— Está tudo pronto? — Kateri perguntou quando ela juntou-se ao lado de Ren na maior das fogueiras que tinham feito.

— Eu acho que sim. — Ren olhou em volta para o que equivalia o suor de um ano de preparação para esta noite.

Na verdade, isso não era verdade. Ele estava esperando por isso a sua vida inteira.

Em mais de um sentido.

— Waleli! — Ren gritou bruscamente. — Coloque o seu casaco, o ar do deserto está frio. Você poderia pegar um resfriado.

Sua filha mais nova revirou os olhos para ele.

— Pai, realmente? — Ela fez um gesto para seus quatro filhos, que saíram de sua figura esbelta. — Eu criei meus próprios filhos. Eu acho que eu sei quando eu preciso de um casaco. Além disso, seria a primeira vez na minha vida que eu ficaria doente.

Rindo, Kateri colocou um suéter sobre os ombros de Waleli, depois beijou sua bochecha. — Ele só reclama porque ele se preocupa com você.

— Eu sei, mãe. — Ela se aproximou e deu um beijo na bochecha de Ren. — Eu também te amo, papai.

Essas palavras nunca deixavam de fazer seus joelhos fracos ou seu coração disparar.

Quando Waleli começou a se afastar, Ren pegou sua mão e a parou. Sem dizer uma palavra, ele beijou os nós de seus dedos, e levou um momento para oferecer uma oração silenciosa de agradecimento por sua família. Sua filha apertou sua mão antes de ir ver seu marido.

— V-v-vovô! É h-ho! — Parker, seu neto de seis anos de idade, interrompeu em um grunhido irritado quando a palavra se recusou a sair de sua boca.

Ren o pegou e segurou firme.

— É hora?

Ele acenou com a cabeça.



—Tudo bem então, gostaria de fazer as honras, pequeno?

Parker assentiu com mais vigor.

Ren se afundou em um joelho e segurou Parker próximo dele.

— Você pode falar comigo, Parker. A qualquer momento. Eu não tenho pressa e não há som mais precioso para mim do que a sua voz. Então você não precisa se preocupar sobre como você soa, ok?

—Eu amo você, vovô.

Ren beijou-o no rosto, em seguida, pegou a tocha da mão de Kateri. Ele estendeu-a para Parker.

— Tenha cuidado. Não se machuque.

Parker correu para as linhas que tinham desenhado no deserto e acendeu-os. As chamas mostraram seu desenho enorme que fez as Linhas de Nasca⁹⁹, no Peru parecer modesto. Queimando mais e brilhando enquanto elas se espalham, o fogo iluminou a região do deserto inteiro. E essas chamas dançavam e brincavam com cores em fogo no colar opala de Kateri. Desde que eles tinham se recuperado naquela noite na caverna, ela nunca o tirou novamente.

Ren colocou seu braço ao redor de seus ombros. Com toda a sua família reunida em torno dele, olhou para o céu e esperou.

Dentro de alguns minutos, eles viram o cometa enquanto voava sobre suas cabeças.

—Acenem, todos! — Kateri gritou. — Deixe a sua avó saber o quanto nós a amamos, e como somos gratos por seu filho.

Teri, a sua neta de oito anos de idade, olhou para ela com os olhos arregalados.

— Você acha que ela nos vê, *Elisi*¹⁰⁰?

Ren balançou-a em seu ombro.

— Sim, eu acho, *sogainisi*¹⁰¹. Eu acho que nós construímos um monumento em sua honra tão grande, que mesmo os marcianos podem vê-lo.

Era um thunderbird de oito quilômetros de extensão, com um beija-flor sob a sua asa, não porque ele estava sendo protegido pelo thunderbird. Estava lá, porque era o vento que levava o thunderbird para os céus.

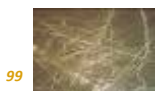
E no centro do Thunderbird, com a ajuda de Acheron e Tory, haviam escrito em grego antigo. — *S'agapo. Eu te amo.*

Ele esperava que sua mãe visse que ele conseguiu, e soubesse que ele ainda estava aqui, e que, embora nunca tivessem se encontrado, ele era grato a ela pela vida que ela havia lhe dado.

Teri suspirou quando ele a colocou de volta em seus pés.

— Não há marcianos, vovô. Cientistas derrubaram essa teoria há muito tempo atrás.

Trocando uma risada com Kateri, ele sorriu.



⁹⁹ As **Linhas de Nazca** ou **Nasca** são um conjunto de geoglifos antigos, localizada no deserto de Nazca, no sul do Peru.

¹⁰⁰ Quer dizer avó em Cherokee.

¹⁰¹ Quer dizer neta em Cherokee.



— Eu juro que há alguns traços que têm que ser genético, não importa o que eles dizem.

Kateri lhe deu o mais doce beijo, e o abraçou com força.

— Então me diga, bebê. Sundown estava certo sobre nós?

Ele olhou em volta para os seus quatro filhos e três filhas, seus cônjuges e os 20 netos que já tinham, e aquele que nasceria este ano, que estava sendo levado pela esposa de seu filho mais novo.

— Sim, ele estava. Mas é a você que eu tenho que agradecer.

— Por quê?

— Por compartilhar uma vida comigo, e fazer com que até mesmo os piores dias que tenho agora, sejam ainda os melhores dias que eu conheci.

Fim

TALIONIS

*Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://tiamat-world.blogspot.com.br/>